

O PRONOME SE: UMA PALAVRA OBLÍQUA E

DISSIMULADA

por

CASTELAR DE CARVALHO

Macroárea de Letras Vernáculas

Tese de Doutorado em Língua Portuguesa apresentada à Coordenação dos Programas de Pós-Graduação da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro Orientador acadêmico: Professor Doutor Wilton Cardoso de Sousa.

Rio de Janeiro  
1º semestre de 1990

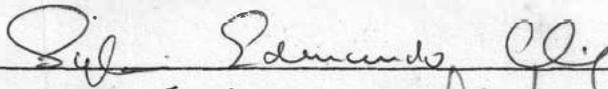
## DEFESA DE TESE

CARVALHO, Castelar de. O pronome se: uma palavra oblíqua e dissimulada. Tese de Doutorado em Língua Portuguesa apresentada à Coordenação dos Programas de Pós-Graduação da Faculdade de Letras da UFRJ. Rio de Janeiro, 1990. x, 373 fls.

## BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Wilton Cardoso de Sousa  
(Orientador)



Prof. Dr. Sílvio Edmundo Elia



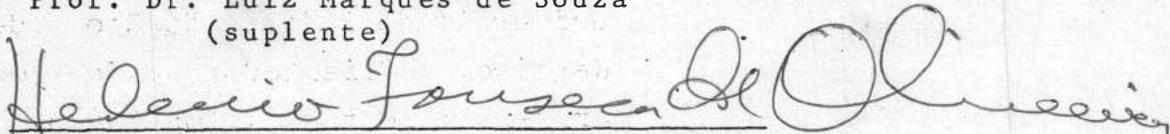
Prof. Dr. Antonio Hauila



Prof. Dr. Antonio Martins de Araujo

Prof. Dra. Ângela T. Vaz Leão

Prof. Dr. Luiz Marques de Souza  
(suplente)



Prof. Dr. Helênio Fonseca de Oliveira  
(suplente)

Examinada a Tese

Conceito: "EXCELENTE"

Em: 21/09/90

IN MEMORIAM

PROF. DR. CELSO CUNHA

## AGRADECIMENTOS

Agradecemos aos colegas cujos nomes vão relacionados em ordem alfabética.

Companheiros de jornada, amigos de sempre, sua solidariedade contribuiu para levarmos a cabo esta empresa.

A todos, nossa gratidão.

Antonio Martins de Araujo  
Helênio Fonseca de Oliveira  
Horácio Rolim de Freitas  
Jayr Calhau  
José Darcy de Carvalho  
Sílvio Elia

À

Dona Angela Escobar, responsável pela datilografia , profissional competente e séria, também deixamos consignados os nossos agradecimentos.

AGRADECIMENTO ESPECIAL

AO

PROF. DR. WILTON CARDOSO DE SOUSA

*Orientador e Mestre, amigo  
certo em hora incerta, amigo sem-  
pre,*

*nossa gratidão.*

## SINOPSE

Levantamento conceitual. Detecção de tendências. Apreciações críticas e reflexões pessoais sobre o assunto no âmbito da Gramática, Filologia Românica e Portuguesa e Linguística. A evolução do pronome se: no latim clássico, latim vulgar e português. Estudo diacrônico e sincrônico das funções e atribuições sintáticas do pronome se. Análise do corpus representado por textos de escritores brasileiros e portugueses, da imprensa escrita e pelos inquéritos do Projeto NURC.

FECI QUOD POTŪI,  
FACĪANT MELIORA  
POTENTES.

## SUMÁRIO

## 1. INTRODUÇÃO

## 2. DA DESCRIÇÃO GRAMATICAL

2.1. Sintaxe do pronome se

## 2.1.1. funções

a) se-ODb) se-OIc) se-SI

## 2.1.2. atribuições

a) se-PIVb) se-PRc) se-IISd) se-PA3. DA EVOLUÇÃO DO PRONOME SE

## 3.1. No Latim Clássico

3.1.1. se reflexivo

## 3.1.2. a indeterminação do sujeito

## 3.1.2.1. com a voz ativa

## 3.1.2.2. com a voz passiva

a) origem da passiva

b) a voz medial

- c) a passiva impessoal
  - sintética
  - analítica

Resumo

### 3.2. No Latim Vulgar

- 3.2.1. a racionalização analítica
  - 3.2.1.1. a passiva analítica
  - 3.2.1.2. a medial analítica
    - 1ª) dinâmica
    - 2ª) apassivante

Resumo

### 3.3. No Português

- 3.3.1. Medial Analítica
  - 3.3.1.1. reflexiva stricto sensu
    - a) objeto
    - b) sujeito de infinitivo
  - 3.3.1.2. dinâmica
    - a) se-PIV
    - b) se-PR
    - c) se-IIS
  - 3.3.1.3. passiva: se-PA
    - 3.3.1.3.1. a passiva pronominal
      - a) origens
      - b) desdobramentos
      - c) críticas/tendências

Resumo

#### 4. DAS LIÇÕES DO CORPUS

##### 4.1. Funções sintáticas

a) se-OD

b) se-OI

c) se-SI

##### 4.2. Atribuições sintáticas

a) se-PIV

b) se-PR

c) se-IIS

##### 4.3. Fronteiras ambíguas

Resumo

#### 5. CONCLUSÕES

5.1. Relativas ao latim

5.2. Relativas ao português

5.3. Reflexões finais

#### 6. BIBLIOGRAFIA

#### 7. APÊNDICE

## 1 - INTRODUÇÃO

## 1. INTRODUÇÃO

Esta tese de doutorado em língua portuguesa tem como título-tema O pronome "se": uma palavra oblíqua e dissimulada. A par da pesquisa lingüístico-filológica sobre o tema em questão, que por si mesma já justificaria um trabalho desta natureza, esta tese se propõe atingir três objetivos: o acadêmico, o didático e o recuperador.

O objetivo acadêmico visa a atender um rito de passagem na minha vida profissional. Em outras palavras, busca preencher um requisito acadêmico, qual seja, a obtenção do grau de doutor. Para tal, exige-se a elaboração e a defesa de uma tese. Aqui está ela. Trata-se, portanto, de um objetivo imediato, direto, urgente e inadiável. Nesse particular, a missão está cumprida.

Com relação ao tema escolhido, este recebeu tratamento teórico e prático. Para atingir o objetivo proposto, rastreamos na tradição gramatical e filológica brasileira a teoria disponível sobre o assunto. Desse modo, operamos uma espécie de síntese do que já se escreveu de relevante sobre o pronome se no âmbito da filologia portuguesa, com destaque para os autores brasileiros. Recorremos também à bibliografia estrangeira citada, e, nesse particular, os autores espanhóis foram valiosos. A par da pesquisa bibliográfica, reflexões pessoais e apreciações críticas nortearam todo o trabalho, especialmente nos capítulos referentes aos verbos pronominais e à

chamada passiva pronominal.

Quanto à parte prática, utilizamos como corpus textos da literatura brasileira e portuguesa, da imprensa escrita (principais jornais e revistas do eixo Rio-São Paulo) e dos inquéritos do Projeto NURC da Faculdade de Letras da UFRJ.

Na verdade, o espírito crítico presente em cada capítulo deste trabalho está a serviço da renovação do ensino de língua portuguesa no Brasil, nosso segundo objetivo. Nessa tensão dialética entre a pesquisa bibliográfica, a manipulação de dados e a apreciação crítica perseguimos, em cada etapa da tese, o equilíbrio, a síntese entre a informação e a interpretação, desafio maior para quem se abalança a escrever um trabalho desta natureza. Nesse sentido, ficaríamos felizes se o nosso esforço pudesse converter-se em um convite à reflexão sobre as funções e as atribuições sintáticas do pronome se, principalmente o se-PA (pronome apassivador) na questão polêmica da chamada passiva pronominal.

O segundo objetivo, o didático, é indireto e só será atingido a longo prazo. Explico-me. É que tenciono publicar este trabalho após a sua defesa, o que justifica um certo tom didático que permeia toda a obra. Neste sentido, o meu objetivo com esta pesquisa sobre o pronome se é servir ao ensino de português no Brasil, especificamente na área da sintaxe.

Há vinte e três anos dentro da sala de aula, tanto no nível médio como no superior, estamos bem conscientes da carência de estudos e de pesquisas sobre a língua portuguesa que

sejam acessíveis aos professores de português em geral. Digo acessível no sentido de leitura, compreensão e assimilação por parte do profissional médio de língua portuguesa. Penso naquele professor não familiarizado com o jargão e os tecnicismos da chamada "linguística moderna", mas interessado em ler e em se atualizar sobre a sua ferramenta de trabalho: a língua portuguesa. Esse profissional esbarra muitas vezes na algaravia esotérica de certos textos absolutamente ininteligíveis, impenetráveis até mesmo para nós outros que vivemos o dia-a-dia do ensino universitário. Certos manuais de linguística antes parecem tratados de mecânica. Nesse sentido, procuramos ser o mais claro e didático possível, sem perder de vista, contudo, o rigor e a coerência inerentes a um texto científico. Procuramos ser exaustivo, e não ser cansativo. Trata-se de uma contribuição pessoal à renovação do ensino de português, à revisão doutrinária dos postulados gramaticais vigentes, no que diz respeito especificamente à sintaxe evolutiva e sincrônica do pronome se.

Ainda uma palavra a respeito do didatismo da tese. Num momento em que a sociedade brasileira, através da imprensa e de outros organismos representativos, cobra da universidade a contrapartida em termos de produção docente e de prestação de serviços pelo que a universidade recebe dos cofres públicos, isto é, da sociedade, um trabalho como o nosso pode ser a resposta a essa cobrança, uma vez que ele faz a ligação entre universidade e sociedade. No nosso caso específico, na área de Letras, pensamos que cabe à universidade a tarefa de realiz

zar pesquisas que busquem a renovação da doutrina gramatical e do ensino de português. Esta tarefa não cabe ao professor de ensino médio, pois este não tem treinamento nem tempo para isso. É nesse contexto, portanto, que se insere a nossa tese, escrita para ser lida dentro da universidade e, principalmente, fora dela.

O terceiro e último objetivo do nosso trabalho também é indireto. É que pretendemos com esta tese resgatar a velha e boa tradição filológica brasileira, tão esquecida nesses tempos de transformacionalismos e gerativismos. Não que neguemos à lingüística moderna a importância de sua contribuição teórica e prática para a renovação dos estudos lingüísticos e literários em nosso país e no mundo. O resgate do velho não implica a negação do novo. Mas o resgate da história num país como o nosso, tido como sem memória, é tarefa da maior importância, a nosso ver, pelas lições de sabedoria e pelas advertências que a história - magistra vitae, como diziam os romanos - sempre nos oferece..

No caso da filologia brasileira, pensamos nas sementes generosas lançadas no passado por semeadores pioneiros, cujos nomes merecem ser lembrados, como Sotero dos Reis, Said Ali, Mário Barreto, Cândido Jucá (filho), Augusto Magne, Serafim da Silva Neto, José Oiticica, Sousa da Silveira, dentre outros.

Infelizmente, alguns são nomes praticamente desconhecidos das gerações mais recentes de estudantes de Letras, até nos cursos de pós-graduação, Aqui mesmo, na nossa UFRJ, con-

ta-se o caso de um certo candidato a uma vaga no curso de doutorado em língua portuguesa, o qual, após a entrega da prova, teria perguntado, perplexo, ao professor encarregado do concurso: "Quem é esse tal de Sousa da Silveira?"

Esse desditoso candidato, no entanto, provavelmente conhece na ponta da língua os nomes dos lingüistas americanos, ingleses, franceses mais incensados do momento, alguns deles a nos impingir coisas velhas como novidades e a rimar algargava com sensaboria; outros, ainda, o que dizem de bom nem sempre é novo, e o que dizem de novo nem sempre é bom.

O terceiro objetivo deste nosso trabalho é, portanto, recuperador, no sentido de justiça e no sentido de síntese. Justiça - e, de certa forma, homenagem - em relação aos nossos mestres do passado, sem os quais ainda estaríamos na idade da pedra em matéria de conhecimento lingüístico. E síntese no sentido de integração entre o que se produziu de melhor ontem e hoje no campo da filologia e da lingüística relativo à língua portuguesa, no caso específico desta tese, no âmbito da sintaxe do pronome se. Lembremos, a propósito, que, em termos dialéticos, síntese não implica destruição, mas renovação. In medio virtus. Ou, em termos machadianos,

Nem tudo tinham os antigos, nem tudo têm  
os modernos; com os haveres de uns e outros  
é que se enriquece o pecúlio comum.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> MACHADO DE ASSIS. "Instinto de nacionalidade", in *Obra completa*, III, p. 309.

Uma palavra especial merece o nosso Mattoso Câmara Jr. Maior lingüista brasileiro em seu tempo, igualmente pioneiro, reconhecido como o introdutor e o divulgador da lingüística em nosso país, Mattoso nos deixou obras fundamentais e ainda insuperadas. Foi lendo avidamente as páginas do seu Princípios de lingüística geral, espécie de Bíblia para a minha geração, que dei os primeiros passos nas árduas sendas do estudo científico da linguagem. Neste trabalho, meu velho exemplar dos Princípios, assim como o do Dicionário de lingüística e gramática revelaram-se insubstituíveis. Mais uma vez e ainda, pois a vitalidade do pensamento mattosiano parece estar sempre renascendo e, com o correr do tempo, só tem feito renovar a sua atualidade.

Outro lingüista brasileiro que merece referência especial neste trabalho é o Prof. Sílvio Elia, amigo e mestre, cujas lições tivemos o privilégio de haurir. De suas aulas de lingüística no curso de Mestrado da Universidade Federal Fluminense guardamos agradáveis recordações de convívio cordial, a par de ensinamentos que muito nos têm ajudado ao longo de nossa vida profissional. De sua extensa e importante obra destaca-se o livro Orientações da lingüística moderna, manual básico para o estudo científico da linguagem. À leitura de suas páginas devemos muito de nosso adensamento profissional e de nossa formação lingüística. Neste trabalho, revelou-se mais uma vez, à semelhança do Autor, amigo e mestre.

Quanto à metodologia empregada, ousaríamos afirmar que esta é uma tese em flashback: começa no presente com o rastre

amento da teoria gramatical vigente sobre o pronome se, opera uma retrospectiva do passado, espécie de insight filológico, e volta ao presente como que numa tentativa machadiano-filológica de atar as duas pontas da língua portuguesa. Possui este trabalho, portanto, uma estrutura circular, em coerência com o espírito de síntese pancrônica que o norteia.

Trilhamos o caminho da articulação pancrônica, mas sem perder de vista, contudo, a lição saussuriana, segundo a qual, diacronia é meio e não fim, e como tal é que ela foi usada neste trabalho. Não se fez diacronia pela diacronia. Mas também não se caiu no extremo oposto, a sincronia pela sincronia. Coerente com a nossa formação filológica, escolhemos possivelmente o caminho mais árduo, o da história, mas, a nosso ver, o mais seguro. Nesse ponto, fomos radicais no sentido etimológico do termo, isto é, procuramos ir à raiz do problema no que diz respeito ao pronome se, essa palavra oblíqua e dissimulada.

A abordagem diacrônica do assunto, indo à raiz do problema no latim clássico (onde estudamos as origens da voz medial e do pronome reflexivo se, assim como a questão da impessoalidade verbal), passando pelo latim vulgar e pelo português arcaico, até chegar aos nossos dias, propiciou uma introspecção (insight) filológica que cobre mais de vinte séculos. E filológica stricto sensu, já que este trabalho está todo ele calcado sobre textos, seja em latim, seja em língua portuguesa (à exceção dos Inquéritos NURC).

A abordagem puramente sincrônica num trabalho desta na

tureza nos pareceria superficial e periférica, para não dizer cômoda ou simplista. É que a intrincada questão do pronome se, com suas diversas atribuições e funções sintáticas em português, sempre nos espicou a curiosidade. Uma tese sobre o assunto que ficasse limitada à descrição sincrônica seria chover no molhado, seria repetir, em última análise, o que já se escreveu sobre o assunto. Escassa perspectiva de originalidade teria a nossa tese. E o que é pior, não satisfaria, de forma alguma, o nosso espírito, tamanha era a determinação de mergulharmos profundamente no assunto já há muito tempo. Desse forma, acabamos por conciliar aqui o útil com o agradável, por isso as canseiras e as preocupações naturais num trabalho desta natureza não nos pesaram absolutamente.

Não se pense, entretanto, que a sincronia está ausente destas páginas. Ela se encontra presente na bibliografia e-exaustivamente consultada, assim como no corpus utilizado, a saber, os inquéritos do Projeto NURC e os textos representativos da sintaxe viva do português do Brasil, encontrada na nossa literatura modernista e na melhor imprensa escrita do país. Para não sobrecarregar o desenvolvimento do texto teórico, parte desse corpus consta de um apêndice no final da tese.

Pensamos que em língua nada surge por geração espontânea. O flagrante registrado pela descrição sincrônica será sempre o resultado de um longo processo de maturação e de aprofundamento da deriva da língua, de continuidade e de tensão dialética entre conservação e renovação, entre inovação e permanência. A esse respeito, sábias e sensatas, como sempre,

as palavras do Prof. Sílvio Elia:

As línguas são estruturas, sim, mas não apenas isso. Pois as estruturas não surgiram do nada; ao contrário, brotaram das virtualidades psicofísicas do ser humano, histórica e geograficamente condicionado e inserido em determinado contexto social.<sup>2</sup>

Em coerência com o espírito que orienta este trabalho, baseamos o nosso estudo do pronome se no tripé latim clássico/latim vulgar/português, já que o objetivo, intencional e deliberado, era ir à raiz do problema, metodologia adotada como uma questão de opção pessoal.

Partindo-se da descrição apresentada pelas principais gramáticas de português, as chamadas gramáticas tradicionais (GT), tentou-se demonstrar as origens e as causas das atuais funções e atribuições do pronome se, a saber: funções sintáticas: objeto direto (se-OD), objeto indireto (se-OI) e sujeito de infinitivo (se-SI); atribuições sintáticas: parte integrante do verbo (se-PIV), partícula ou pronome de realce (se-PR), símbolo ou índice de indeterminação do sujeito (se-IIS) e partícula ou pronome passivador (se-PA). A terminologia empregada foi, sempre que possível, a mesma adotada pelas nossas gramáticas, na esteira da Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB). Fizemo-lo até por coerência com o espírito didático que norteia este trabalho.

<sup>2</sup> ELIA, Sílvio. *A língua portuguesa no mundo*, p. 5.

Já que falamos em gramática tradicional, aproveitemos para deixar clara a nossa posição em relação a essa Velha Senhora. Como calejado professor de português, temos consciência de que os nossos alunos, mormente no ensino médio, se sentem desestimulados, se desencantam enfim com um ensino que lhes mete na cabeça uma série de afirmações e de regras gramaticais aparentemente gratuitas, já que algumas delas não guardam nenhuma relação com os fatos lingüísticos observados e vividos pelos estudantes no seu dia-a-dia. Tal situação, entretanto, não autoriza ninguém de bom senso, e muito menos o professor de português, a fustigar a gramática como um todo e até, como querem espíritos mais extremados, a pedir a sua eliminação do ensino escolar. Neste ponto, louvamo-nos nas palavras prudentes do Prof. Sílvio Elia, o qual faz a seguinte advertência:

Antes, (...), de invectivar a Velha Senhora, cumpre conhecê-la para melhor avaliá-la.<sup>3</sup>

É o que tentamos fazer neste nosso trabalho. Evitamos posições radicais, avessas ao nosso temperamento. Desse modo, não nos referimos, em nossas críticas, à chamada gramática tradicional, mas sim à doutrina gramatical específica sobre o pronome se e, em particular, sobre o se-PA na chamada

---

<sup>3</sup> ELIA, Sílvio. "Em defesa da Velha Senhora", in *Língua & texto*, p. 18.

passiva pronominal. Nosso objetivo não é a crítica demolidora, indiscriminada e geral contra a GT, a crítica pela crítica, mas sim a reavaliação daquelas posições doutrinárias sabidamente ultrapassadas em relação aos estudos lingüísticos contemporâneos, e até mesmo em relação à própria realidade lingüística vivida pelos falantes. Como educadores que somos, nosso compromisso é com o ensino de língua portuguesa, por isso as nossas críticas visam antes à renovação e à permanência, e nunca à demolição. Nesse particular, seguimos o espírito cristão, que manda condenar o pecado, mas salvar o pecador.

Mas voltemos ao nosso pronome. A essa altura, poder-se-ia indagar a razão do título desta tese. Por que o se é uma palavra oblíqua e dissimulada? Pensamos que a resposta a esta pergunta se encontra na própria leitura do trabalho, e só uma visão de conjunto poderá satisfazer a curiosidade do leitor. Nesse sentido, o nosso título deve ser entendido como um convite, como uma espécie de aperitivo, de prelibação, que será tanto melhor quanto maior for o interesse e a boa vontade do leitor.

Antecipemos, entretanto, que o pronome se, como reflexivo, espelha, mais talvez do que qualquer outra palavra, o espírito humano, com toda a sua complexidade, com as suas contradições e tensões dialéticas, próprias do homem: razão/emoção, objetividade/subjetividade, lógica/intuição, etc. Neste trabalho, o tratamento introspectivo, no sentido histórico-filológico, dado ao tema permitiu, em grande medida, desvendar as causas da dissimulação e da obliquidade do nosso se, repre

sentadas, por exemplo, pelas fronteiras ambíguas existentes entre o se-PIV e o se-OD, o se-PIV e o se-PR e, principalmente, entre o se-IIS e o se-PA, esta a fronteira mais intrigante e mais polêmica e que, por isso, recebeu maior atenção de nossa parte.

Serviu-nos de ponto de partida o excelente texto de Said Ali intitulado "O pronome se", um dos capítulos do seu livro Dificuldades da língua portuguesa, cuja 5ª edição (1957) foi utilizada em nossa pesquisa. Também revelou-se de inestimável valia o capítulo XII do livro clássico de Mattoso Câmara, o Princípios de lingüística geral (4ª ed., 1972). Este capítulo trata da frase e de sua estrutura e contém valiosas informações sintáticas, principalmente sobre a categoria da voz verbal. Dentre os autores estrangeiros, merece referência o importante artigo "The passive voice in vulgar latin", de H. F. Muller, publicado no volume XV da The romanic review (1924) da Universidade de Colúmbia, Estados Unidos. Não disponível nas bibliotecas especializadas em lingüística e filologia do Rio de Janeiro, nós o obtivemos mediante contato direto com a referida Universidade.

Dentre as atribuições sintáticas do pronome reflexivo mereceu destaque neste estudo a de se-IIS, empregado na estrutura sintática impessoal [suj. Ø + vb. 3ª pes. sing. + se-IIS], seguida ou não de nome: vive-se, aluga-se (casa), precisa-se (de empregadas), é-se / está-se feliz, etc. Outra atribuição que recebeu cuidado especial foi a de se-PA na chamada passiva pronominal, um dos pontos mais polêmicos no âmbi

to da sintaxe portuguesa. Procuramos fazer um confronto entre as duas atribuições, a de se-IIS e a de se-PA, rastreando-lhes as origens e as tendências atuais no português do Brasil.

Aliás, a questão específica da chamada passiva pronominal acaba remetendo a uma outra questão maior, mais geral, e que tem preocupado lingüistas e professores de português nos últimos tempos: que modalidade de língua deve servir de base, de modelo ou referência para a descrição gramatical? A literária, como tem sido até aqui? Ou o português-padrão médio empregado na língua escrita, e em certa medida na língua oral, pelas camadas sociais urbanas consideradas cultas do ponto de vista lingüístico? Perini, sem desfazer da importância do estudo da literatura, prefere esta última opção. Diz esse Autor:

(...) gostaria de sugerir que a gramática seja (pelo menos em um primeiro momento) uma descrição do português-padrão tal como se manifesta na literatura técnica e jornalística.<sup>4</sup>

O conceito de norma culta ideal de Perini contém em si traços de dinamismo e de contemporaneidade, o que o aproxima do ponto de vista de Celso Cunha e Lindley Cintra, para os

---

<sup>4</sup> PERINI, Mário A. *Para uma nova gramática do português*, p. 88.

quais, nesta questão de correto e incorreto em linguagem, o que deve prevalecer é o critério da aceitabilidade social, como afirmam:

Com efeito, por cima de todos os critérios de correção — aplicáveis nuns casos, inaplicáveis noutros — paira o da aceitabilidade social, a consuetudo de Varrão, o único válido em qualquer circunstância.<sup>5</sup>  
(grifo do Autor)

Essas considerações vêm a propósito dos conceitos de sintaxe culta formal e de sintaxe viva, empregados neste trabalho. À semelhança de Antenor Nascentes, que estabeleceu uma diferença entre a regência clássica e a regência viva, trabalhamos aqui com os conceitos de sintaxe culta e de sintaxe viva. Entendemos a primeira como aquela de origem clássica, baseada na língua literária e preconizada pela norma gramatical em vigor; a segunda, a sintaxe viva, nós a concebemos como a modalidade praticada pelos falantes pertencentes às camadas sociais urbanas cultas, objeto das pesquisas do nosso Projecto NURC, as quais refletem justamente o português-padrão médio a que se refere Perini.

Sem desfazer da língua clássica, entendemos que esse português-padrão, por servir às comunicações mais elaboradas da vida social, é língua funcional e de cultura, sintó-

---

<sup>5</sup> CUNHA, Celso & CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*, p. 8.

pica e sinstrática e, ipso facto, corrente e coerente do ponto de vista sintático, sem afetações literárias e, ao mesmo tempo, isento de certos preciosismos gramaticais desnecessários à intercomunicação social. Além disso, por estar mais consentâneo com a deriva da língua portuguesa no Brasil, preenche o critério de aceitabilidade social a que se referem Cunha e Cintra.

Para o estudo dessas tendências atuais do português do Brasil foram de grande importância os textos dos inquéritos do Projeto NURC, gentilmente cedidos pela Prof.<sup>a</sup> Dinah Callou, a quem deixamos consignados os nossos agradecimentos. A par dos inquéritos NURC também nos serviram de corpus textos da imprensa escrita publicados nos principais jornais e revistas do país. Utilizamos também as obras literárias do nosso Modernismo. Esses três componentes do corpus revelaram-se representativos das tendências atuais de emprego do pronome se, principalmente no confronto entre o se-IIS e o se-PA.

Encerrando, gostaríamos de lembrar que em ciência não existem verdades definitivas. Mesmo no âmbito das ciências da natureza – as chamadas ciências exatas – qualquer verdade será sempre provisória e relativa. O que se dirá então das ciências humanas, dentre as quais se destaca a nossa lingüística?

Tal advertência vem a propósito do seguinte: fomos à raiz do problema e procuramos escrever obra de fôlego; advertimos, entretanto, que esta nossa tese não tem a preten-

são de eliminar ou de desfazer as ambigüidades e ambivalências da língua, especificamente no que tange a essa categoria verbal semovente chamada voz medial, objeto de nossas elucubrações. Que não cause estranheza, portanto, a referência neste trabalho a certas fronteitas ambíguas, espécie de esfinge algo zombeteira em que se transmuda por vezes o nosso pronome se. Nessas horas, mais do que nunca, uma palavra oblíqua e dissimulada.

Isto posto, esperamos, ao fim e ao cabo, atingir os objetivos propostos.

## 2. DA DESCRIÇÃO GRAMATICAL

### 2.1. Sintaxe do pronome se

#### 2.1.1. funções

- a) se-OD
- b) se-OI
- c) se-SI

#### 2.1.2. atribuições

- a) se-PIV
- b) se-PR
- c) se-IIS
- d) se-PA

## 2.1. Sintaxe do pronome "se"

A sintaxe do pronome se apresentada pela descrição gramatical sugere o desempenho de funções e de atribuições sintáticas diversas.

De um modo geral, as nossas gramáticas não fazem essa diferença entre função e atribuição sintática no que tange ao pronome se. Fomos encontrá-la no Método moderno e simples de análise sintática (1980, pp. 46/50), de Walmírio Macedo, e nós a adotamos aqui não só por conveniência metodológica, mas principalmente porque ela se presta a uma descrição mais rigorosa do comportamento sintático do nosso pronome reflexivo. Embora Macedo não explicita a diferença existente entre função e atribuição sintática, nós procuramos fazê-lo aqui, segundo o nosso entendimento.

Por função sintática entendemos o papel que os elementos gramaticais desempenham num enunciado lingüístico, tal como, por exemplo, as funções sintáticas de sujeito ou de objeto. Trata-se de relações sintáticas naturais, próprias da sintaxe de uma língua, e que as palavras contraem entre si na frase, no eixo sintagmático, portanto. No caso do pronome se, servem de exemplo as funções sintáticas de objeto direto (se-OD), objeto indireto (se-OI) e sujeito de infinitivo (se-SI).

Por atribuição sintática, no caso específico do pronome se, entendemos o papel que eventualmente lhe é conferido

pela convenção gramatical, fora das funções sintáticas acima mencionadas. Trata-se de desempenho que, embora realizado no nível da frase, ã semelhança da função sintática, desta se distingue pelo seu caráter eventual, assim como pela sua especificidade, uma vez que o referido desempenho não consta das chamadas funções sintáticas próprias da sintaxe de uma língua como, por exemplo, as de sujeito, objeto, adjunto, etc. No caso do pronome se, temos as seguintes atribuições sintáticas: parte integrante do verbo (se-PIV), partícula expletiva ou pronome de realce (se-PR), índice de indeterminação do sujeito (se-IIS) e partícula apassivadora ou pronome apassivador (se-PA).

Adotamos esta distinção porque não podemos aceitar que algo como "partícula de realce", ou "parte integrante do verbo", por exemplo; seja tratado como função sintática, em pé de igualdade com a função (esta sim) de sujeito ou de objeto. Aliás, no caso do se-PIV, as próprias gramáticas se encarregam de advertir que o pronome não desempenha nenhuma função sintática, uma vez que, integrado ao verbo, apresenta-se fossilizado. A nosso ver, falar em função sintática neste caso, como nos outros acima mencionados, implica incoerência. Por uma questão de conveniência (e de convicção) metodológica e de rigor descritivo, preferimos não misturar alhos com bugalhos.

Isto posto, façamos uma síntese da descrição apresentada pelas nossas gramáticas a respeito da sintaxe do pronome se.

### 2.1.1. funções

As funções sintáticas de objeto direto, objeto indireto e sujeito de infinitivo exercidas pelo pronome se são consequência natural do seu valor historicamente reflexivo e segundo velha lição gramatical de base lógica, só pode haver voz reflexiva com sujeito animado. Esta afirmação é encontrada com frequência em nossos manuais de sintaxe. Por exemplo, em trabalho escrito com finalidades didáticas, afirmam Dinamérico Pereira Pombo & Antonio Martins de Araujo:

Na voz reflexiva, o sujeito é sempre um ser, um ente animado.<sup>1</sup>

Esta é uma afirmação que será analisada criticamente ao longo da tese. Por ora, atenhamo-nos à descrição gramatical, objeto deste capítulo. Rocha Lima, por exemplo, assim descreve o comportamento sintático do pronome reflexivo:

São reflexivos os pronomes pessoais átonos (objeto direto e indireto) quando pertencem à mesma pessoa do sujeito da oração: o agente e o paciente são um só, porque o sujeito executa um ato reversivo sobre si mesmo:

Os empregados se despediram.

Eles se arrogam o direito de vetar.<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> ARAUJO, A. Martins de & POMBO, Dinamérico P. *Português 2*, p. 59.

<sup>2</sup> ROCHA LIMA, C. Henrique da. *Gramática normativa da língua portuguesa*, p. 286.

Começemos pela função de objeto direto.

a) se-OD

Segundo Bechara, o se-OD ocorre

(...) com verbo transitivo direto na voz reflexiva:

Ele se feriu.

Eles se cumprimentam.<sup>3</sup>

No segundo exemplo apresentado por Bechara, trata-se de se-OD com idéia de reciprocidade.

Em Walmírio Macedo, encontra-se idêntica lição, tendo este Autor o cuidado de explicitar que o sujeito do verbo na voz reflexiva deve ser um ente animado. Referindo-se ao pronome como "partícula", diz Macedo:

Para que a partícula "se" seja objeto, direto ou indireto, é preciso que o sujeito do verbo seja animado, isto é, capaz de praticar a ação verbal da oração.

Exs.: Ele se feriu.

Maria penteou-se.<sup>4</sup>

---

<sup>3</sup> BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*, p. 255.

<sup>4</sup> MACEDO, Walmírio. *Método moderno e simples de análise sintática*, p. 47.

b) se-OI

O se como objeto indireto ocorre, segundo Bechara,

(...) com verbo transitivo indireto na voz reflexiva, ou com verbo acompanhado de dois complementos:

Eles se correspondem frequentemente.

Ele se arroga esta liberdade.<sup>5</sup>

c) se-SI

O se pode desempenhar a função de sujeito de infinitivo quando, segundo Bechara, for usado

(...) com auxiliares causativos, mormente deixar:

Deixou-se ficar à janela.<sup>6</sup>

Macedo apresenta descrição um pouco mais ampliada:

Ocorre com os verbos "deixar, mandar, fazer, ver, ouvir, sentir" e seus sinônimos seguidos de infinitivo.

Ex.: Sofia deixou-se estar à janela.  
(Quincas Borba, M. de Assis)<sup>7</sup>

---

<sup>5</sup> BECHARA, E. Op. cit., p. 255.

<sup>6</sup> Idem, ibidem, p. 255.

<sup>7</sup> MACEDO, W. Op. cit., p. 47.

### 2.1.2. atribuições

#### a) se-PIV

O se como parte integrante do verbo ocorre junto aos chamados verbos pronominais. Segundo a descrição de Rocha Lima,

Há verbos a que se ligam pronomes átonos, inseparáveis, que se tornam parte integrante deles, como suicidar-se, condoer-se, apiedar-se, ufanar-se, queixar-se, vangloriar-se, etc. São pronomes sem função, fossilizados.<sup>8</sup> (grifos do Autor)

Chamamos a atenção para o fato de o Autor explicitar que o se-PIV é um pronome "sem função" (sintática), já que fossilizado. Tal circunstância confirma o acerto de nossa distinção terminológica entre função e atribuição sintática, no que diz respeito ao pronome se. Nos casos acima, por exemplo, afigura-se-nos como portador de maior rigor descritivo o termo atribuição sintática, como parece sugerir implicitamente a descrição de Rocha Lima.

Macedo apresenta a seguinte descrição:

Há verbos que são se empregam com o pronome átono correspondente. São os pronominais

---

<sup>8</sup> ROCHA LIMA, C. H. Op. cit., p. 286.

essenciais. A partícula "se" neste caso é parte integrante do verbo, não podendo, dissociar-se dele, nem sequer na conjugação.

Ex.: O aluno se queixou ao professor.<sup>9</sup>

Em seguida, Macedo oferece uma pequena lista dos chamados verbos pronominais, junto aos quais ocorre o se-PIV:

"Se" é também parte integrante, quando o verbo indica sentimento, estado de espírito, como indignar-se, ufanar-se, atrever-se, lembrar-se, esquecer-se, arrepender-se, orgulhar-se, aborrecer-se, enfadar-se, cansar-se, fatigar-se, chocar-se, derreter-se, congelar-se, etc.<sup>10</sup> (grifos nossos)

b) se-PR

O se como partícula expletiva ou pronome de realce ocorre, segundo Macedo,

(...) junto a verbos intransitivos que tenham sujeito.

Ex.: O padre riu-se da ingenuidade da moça.

"Vai-se a primeira pomba despertada."

(Raimundo Correia)<sup>11</sup>

---

<sup>9</sup> MACEDO, W. Op. cit., pp. 48-49.

<sup>10</sup> Idem, ibidem, p. 49.

<sup>11</sup> Idem, ibidem, p. 48.

Celso Cunha descreve o se-PR como

(...) palavra expletiva (para realçar, com verbos intransitivos, a espontaneidade de uma atitude ou de um movimento do sujeito):  
 "Carlos Maria consultou o relógio; eram duas horas, ia-se embora." (M. de Assis, OC, I, 579)<sup>12</sup>

Bechara descreve que o se-PR aparece junto a verbos que indicam

(...) movimento ou atitudes da pessoa em relação ao seu próprio corpo: ir-se, partir-se, sentar-se, sorrir-se.<sup>13</sup>

c) se-IIS

O pronome se recebe a atribuição de símbolo ou índice de indeterminação do sujeito quando usado junto a verbos impessoais na 3ª pessoa do singular, nas orações de sujeito indeterminado nos seguintes casos:

O pronome "se" serve também para indicar que o sujeito da oração é indeterminado. Ocorre com verbos intransitivos e transiti

---

<sup>12</sup> CUNHA, Celso. *Gramática da língua portuguesa*, p. 304.

<sup>13</sup> BECHARA, E. *Op. cit.*, p. 256.

vos indiretos.

Exs.: Dorme-se. Vive-se. Acorda-se.<sup>14</sup>

Macedo inclui neste caso também os verbos de ligação, além dos transitivos usados intransitivamente:

Encontra-se também essa atribuição da partícula "se" com verbos transitivos diretos to mados intransitivamente.

Ex.: Estuda-se muito aqui.

Junto aos verbos "ser" ou "estar", a partícula "se" é índice de indeterminação do sujeito.<sup>15</sup>

Celso Cunha, por sua vez, não menciona o emprego dos verbos transitivos indiretos nem dos verbos de ligação com o se-IIS, que, aliás, o Autor chama de

(...) símbolo de indeterminação do sujeito (junto à 3<sup>a</sup> pessoa do singular de verbos in transitivos, ou de transitivos tomados in transitivamente):

"Discutia-se, gritava-se, acenava-se." (A. Arinos, OC, 510)<sup>16</sup>

---

<sup>14</sup> MACEDO, W. Op. cit., p. 48.

<sup>15</sup> Idem, ibidem, p. 48.

<sup>16</sup> CUNHA, Celso. Op. cit., p. 304.

Bechara não faz qualquer referência à predicação do verbo empregado na estrutura sintática impessoal a que se refere Celso Cunha, ou seja, [ suj. Ø + vb. 3<sup>a</sup> p. s. + se-IIS ]. O Autor menciona apenas que o se-IIS ocorre

(...) junto a verbo de modo que a oração passe a equivaler a outra que tem por sujeito alguém, a gente ou expressão sinônima:

Vive-se bem aqui.

Precisa-se de bons empregados.

O pronome se nesta aplicação recebe o nome de índice de indeterminação do sujeito.<sup>17</sup>

Atente-se para a vacilação terminológica acima, devido a uma omissão da NGB. Alguns gramáticos chamam a este se de índice de indeterminação do sujeito; outros o classificam como símbolo de indeterminação do sujeito. Lembremos, a propósito, que na época da elaboração da Nomenclatura Gramatical Brasileira, tal questão foi levantada por instituições de ensino interessadas. É o que se lê, por exemplo, na correspondência enviada em 16/5/58 pelo Prof. Albino de Bem Veiga, titular de língua portuguesa da Universidade do Rio Grande do Sul, à Comissão designada pelo Ministério da Educação para elaborar a referida Nomenclatura. O Prof. Bem Veiga indaga que termo deveria ser usado no caso:

(...) símbolo, índice, sinal ou partícula

---

<sup>17</sup> BECHARA, E. Op. cit., pp. 200-201.

de indeterminação do sujeito?<sup>18</sup>

Neste trabalho, preferimos o termo "índice de indeterminação do sujeito", por nos parecer o mais usual no ensino de português.

d) se-PA

O se recebe a atribuição sintática de partícula apassivadora ou pronome apassivador quando usado na chamada passiva pronominal ou sintética, sempre com verbo transitivo direto. Segundo a descrição de Macedo,

O pronome "se" pode indicar simplesmente voz passiva - a chamada passiva sintética ou pronominal - quando o sujeito da oração for inanimado ou não praticar a ação verbal na frase.

Exs.: Alugam-se casas.

Consertam-se relógios.

Vendem-se livros usados.

Prevêem-se muitas coisas.<sup>19</sup>

Em Rocha Lima lê-se o seguinte:

Quando, (...), o ato não emana do sujeito,

---

<sup>18</sup> CHEDIAK, Antonio J. (organizador). *NGB e sua elaboração*, p. 215.

<sup>19</sup> MACEDO, W. Op. cit., pp. 47-48.

que é apenas o paciente, temos, no pronome que o representa, a partícula apassivadora:

Despediram-se os empregados faltosos e admitiram-se alguns dos antigos candidatos.<sup>20</sup>

Dinamérico Pereira & Antonio Martins acrescentam outras informações sintáticas:

A passiva com o pronome se, passiva pronomi-  
nal ou sintética:

a) limita-se à 3<sup>a</sup> pessoa:

"Tirou-se a panela do fogo"

"Tiraram-se as panelas do fogo";

b) só admite agente indeterminado:

"Aluga-se esta casa".<sup>21</sup>

Para Celso Cunha, a passiva pronominal ocorre

(...) com pronome apassivador se e uma terceira pessoa verbal, singular ou plural, em concordância com o sujeito:

Não se vê (= é vista) uma nuvem no céu.

Não se vêem (= são vistas) nuvens no céu.<sup>22</sup>

---

<sup>20</sup> ROCHA LIMA, A. H. Op. cit., p. 286.

<sup>21</sup> ARAUJO, A. Martins de & POMBO, Dinamérico P. Op. cit., p. 57.

<sup>22</sup> CUNHA, Celso. Op. cit., p. 370.

Como se vê pela descrição de Celso Cunha (e de outros gramáticos), a chamada passiva pronominal é considerada como equivalente à passiva analítica. Nesse sentido, sua frase-símbolo, aluga-se esta casa, é tida pela tradição gramatical como sucedâneo sintético da passiva analítica esta casa é alugada. Existe, entretanto, outra possibilidade de análise da referida frase-símbolo, qual seja a de **ver** em aluga-se esta casa, como em outras frases semelhantes, valor ativo e impessoal, recebendo, o pronome, neste caso, a atribuição de se-IIS.

Constitui a questão acima assunto polêmico, do qual se têm ocupado os estudiosos brasileiros e portugueses. Nesta tese dedicaremos atenção especial a este ponto. Quanto à classificação do pronome se nesses torneios, lembremos que já em 18/4/58 o Instituto de Educação de Porto Alegre apresentava à Comissão encarregada de elaborar a NGB a seguinte sugestão:

Sugeririam à Comissão que firmasse critério para designação deste se, que uns consideram como partícula apassivadora, e outros chamam partícula de indeterminação do sujeito, dando a voz como ativa.<sup>23</sup>

E com clarividência magistral, a referida instituição de ensino gaúcha fez uma espécie de cobrança-profecia:

---

<sup>23</sup> CHEDIK, A. J. (org.). Op. cit., p. 201.

E parece que seria esta a oportunidade única de uma definição decisiva da gramática nesse sentido.<sup>24</sup>

Enquanto cobrança, a observação dos professores sulistas continua até hoje sem resposta. E enquanto profecia, acabou virando realidade, no sentido de oportunidade perdida. Infelizmente, para o ensino de português.

Passemos agora ao estudo da evolução histórica do nosso pronome se. Quanto à apreciação crítica das descrições gramaticais aqui apresentadas, nós a faremos na parte referente ao estudo da língua portuguesa. Por ora, e para ir à raiz da questão, comecemos pelo latim clássico, em coerência com o espírito de introspecção diacrônica que orienta esta tese.

---

<sup>24</sup> CHEDIAK, A. J. (org.). Op. cit., p. 201.

### 3 - DA EVOLUÇÃO DO PRONOME SE

3.1 - No Latim Clássico

3.1.1 - SE reflexivo

3.1.2 - A indeterminação do sujeito

3.1.2.1 - Com a voz ativa

3.1.2.2. - Com a voz passiva

a) origem da passiva

b) a voz medial

c) a passiva impessoal

- sintética

- analítica

Resumo

### 3.1 - No Latim Clássico

#### 3.1.1 - SE reflexivo

O latim clássico dispunha dos seguintes pronomes reflexivos de 3<sup>a</sup> pessoa: em função substantiva, sui (genitivo) , sibi (dativo) e se (acusativo); em função adjetiva, empregava-se suus, acumulando os valores reflexivo e possessivo. Este último perdeu sua força reflexiva no latim vulgar, sobrevivendo apenas como possessivo.

O pronome reflexivo se em latim era reservado à 3<sup>a</sup> pessoa e remetia sempre ao sujeito. Diz Madvig:

Le pronom réfléchi se (soi) se rapporte à la troisième personne, c'est-à-dire à la personne ou à la chose de qui l'on parle.<sup>1</sup>

Mattoso Câmara, mais explícito, afirma:

A língua latina levava em conta a expressão por um pronome pessoal, ou um possessivo, de uma 3<sup>a</sup> pessoa que, como complemento, era a mesma que o sujeito. Ou, em outros termos, possuía um sistema de pronomes "reflexivos" de 3<sup>a</sup> pessoa; assim, temos o acusativo reflexivo se em - se quisque diligit "cada um" (quisque) "ama sua própria pessoa"; da

---

<sup>1</sup> MADVIG, J. R. *Grammaire latine*, p. 85.

mesma sorte, temos o possessivo reflexivo, no feminino ablativo, sua em - agit pro domo sua - "age em seu próprio proveito".<sup>2</sup>

Como no latim clássico a voz reflexiva tinha unicamente função reflexiva, o pronome se era usado apenas no caso acusativo como complemento do verbo e refletindo uma ação praticada pelo sujeito.

O termo "reflexivo" origina-se de re- (movimento para trás) + flecto (curvo, volto, dirijo) e indica que a ação verbal "volta para trás", isto é, repercute ou reflete sobre o próprio sujeito. Ex.: Puer se laudat; Agathinum ad se vocat (Cic., de jurisd. Siciliens., 38, 92)<sup>3</sup>; Quam quisque norit artem, in hac se exercent (Cic., Tusc., I, 41)<sup>4</sup>. Com verbos transitivos indiretos o reflexivo assumia a forma sibi do dativo. Ex.: Superbus sibi nocet.

O se podia ser usado também para expressar a idéia de reciprocidade. Ex.: Hostes se interficiunt; Inter se amant (Ter., Ad., 5, 3, 41)<sup>5</sup>; nos Commentarii de bello gallico, de Júlio César, encontramos o seguinte exemplo: Hi omnes lingua,

---

<sup>2</sup> CÂMARA JR., J. Mattoso. *História e estrutura da língua portuguesa*, p. 94.

<sup>3</sup> Apud MAGNE, A. *Grammatica latina*, p. 453.

<sup>4</sup> Idem, *ibidem*, p. 469.

<sup>5</sup> MAGNE, A. *Op. cit.*, p. 460.

institutis, legibus inter se differunt.<sup>6</sup> Podia o pronome se sofrer o redobro para sese com finalidade enfática, de realce. Ex.: Furtim nonnunquam inter sese aspiciabant. (Cic., Cat., 3, 13).<sup>7</sup>

No latim clássico o pronome reflexivo podia ter um emprego direto, ou indireto.

O uso direto ocorre sempre nas orações independentes, em que o pronome se reenvia a ação verbal para o sujeito da própria oração em que o pronome se encontra. Diz Ernout:

Le réfléchi est direct quand le pronom se et l'adjectif suus renvoient au sujet de la proposition où ils se trouvent: Cic., Tu. 4, 79: Alexander, cum interemisset Clitum, familiarem suum, uix a se manus abstinuit.<sup>8</sup>

Também sobre esse uso direto do se, ensina Bassols:

El reflexivo se usa para reproducir el sujeto gramatical o lógico de su oración (reflexivo direto): iustitia per se colenda est.<sup>9</sup>

---

<sup>6</sup> Apud ALMEIDA, Napoleão M. de. *Gramática Latina*, p. 351.

<sup>7</sup> Apud ERNOUT, A. et RIEMANN, O. *Syntaxe latine*, p. 31.

<sup>8</sup> ERNOUT, A. et THOMAS, F. *Syntaxe latine*, p. 182.

<sup>9</sup> BASSOLS DE CLIMENT, M. *Sintaxis latina*, I, p. 195.

Madvig nos oferece outro exemplo desse uso direto do pronome se:

Le pronom réfléchi et le pronom possessif suus, qui en est tiré, se rapportent toujours au sujet, comme en français soi, se. Ipse se quisque diligit, chacun s'aime soi-même.<sup>10</sup>

Curioso é o uso do se referindo-se a um sujeito indefinido, não expresso na oração, conforme ensina Ernout:

Le réfléchi, d'autre part, pouvait renvoyer à un sujet indéfini non exprimé: Cic., Of. I, 137: deforme etiam est de se ipso praedicare "il est laid de se vanter".<sup>11</sup>

Madvig também menciona esse uso do pronome se como elemento de referência a um sujeito fictício ou hipotético. Ou, como diz Ernout, "indéfini non exprimé". Vejamos Madvig:

SE, SUUS se trouvent quelquefois dans des énonciations générales, sans se rapporter à aucun sujet déterminé qui précède, dans le sens de "soi-même": Negligere, quid de se quisque sentiat, non solum arrogantis est, sed etiam omnino dissoluti, c'est le

---

<sup>10</sup> MADVIG, J. R. Op. cit., p. 557.

<sup>11</sup> ERNOUT, A. et THOMAS, F. Op. cit., p. 182.

fait non-seulement d'un arrogant, mais même d'un homme sans moeurs, de ne pas s'inquieter de ce qu'on pense de lui (Cic., Off., 1, 28).<sup>12</sup>

Esse uso indefinido do pronome reflexivo também pode ocorrer com verbos na voz passiva. O exemplo mais uma vez é de Cícero, citado por Bassols:

A veces el reflexivo va referido a un sujeto indefinido (= "uno, se") implícito, pero no expreso; así: quod sibi petitur... "lo que uno pide para sí" (Cic.).<sup>13</sup>

Nestes exemplos de Cícero citados por Ernout, Madvig e Bassols não se pode afirmar que o pronome reflexivo esteja sendo usado na função que nós, em português, chamamos hoje de "símbolo de indeterminação do sujeito". Tal afirmação não procederá, uma vez que no latim clássico essa indefinição ou indeterminação do sujeito é expressa, no caso, por verbos na 3ª pessoa do singular (est, no ex. de Ernout; sentiatur, no ex. de Madvig) e na voz médio-passiva (petitur, no ex. de Bassols). Mas a própria possibilidade de o pronome reflexivo poder se referir a um sujeito lógico indefinido e vago, sintaticamente não expreso, não representaria uma espécie de elo remoto entre o nosso se, "símbolo de indeterminação do sujeito",

---

<sup>12</sup> MADVIG, J. R. Op. cit., p. 561.

<sup>13</sup> BASSOLS DE CLIMENT, M. Op. cit., I, p. 195.

e um possível emprego impessoal da medial analítica no latim vulgar? Antecipemos aqui que a medial analítica vulgar viria a ter nas línguas românicas (port., esp., ital.), como um dos seus empregos, a função de expressar a impessoalidade verbal, à semelhança da médio-passiva clássica. E que essa medial analítica, na verdade, uma perífrase verbo-pronominal (verbo + pron. reflexivo), desenvolveu-se no latim vulgar para recobrir algumas das funções da extinta passiva sintética (ou médio-passiva) clássica.

A indagação acima justifica-se: sabemos que muitas das tendências embrionárias e latentes no próprio latim clássico puderam mais tarde se expandir livremente, através das inovações produzidas pelo latim vulgar, inovações essas que tiveram ressonância decisiva nos destinos das línguas românicas. Lembremos, a propósito, as palavras judiciosas de Sapir, para quem,

(...) as mudanças dos séculos próximos estão em certo sentido prefiguradas em algumas tendências obscuras do presente, e que tais mudanças, uma vez realizadas, provarão ser apenas continuações de outras mudanças que já se tinham verificado.<sup>14</sup>

Quanto ao uso indireto do reflexivo, este ocorre no período composto por subordinação nos seguintes casos:

a) quando o pronome reflexivo, na oração subordinada ,

---

<sup>14</sup> SAPIR, E. *A linguagem introd. ao est. da fala*, p. 156.

se refere ao sujeito da oração principal;

ex.: Misit qui vocarent Magium ad sese in castra.

(Liv., 23, 7, 7)<sup>15</sup>

Sentit animus se vi sua moveri. (Cic., Tusc.,

1, 55)<sup>16</sup>

- b) quando o pronome reflexivo pode se referir tanto ao sujeito da oração principal quanto ao sujeito da oração subordinada. Neste caso, pode ocorrer às vezes uma certa ambigüidade de sentido, como no seguinte exemplo: Antonius amico persuadet ut sibi defendat.<sup>17</sup> No caso, duas leituras são possíveis: "Antonio persuade o amigo para que o defenda"; e "Antonio persuade o amigo para que se defenda". Para desfazer a ambigüidade, os gramáticos latinos recomendavam, no caso, o uso de ipse junto ao sujeito do verbo principal, reservando-se o reflexivo para o sujeito da oração subordinada.

Como se vê, o pronome reflexivo se era usado no latim clássico com função exclusivamente reflexiva ou medial. A esse respeito, diz Veikko Väänänen:

El valor medio era expresado, fuera de la

---

<sup>15</sup> Apud MAGNE, A. Op. cit., p. 457.

<sup>16</sup> Apud MAGNE, A. Op. cit., p. 458.

<sup>17</sup> Apud BASSOLS DE CLIMENT, M. Op. cit., p. 196.

pasiva, por la forma reflexiva: se dedere "entregarse", se exercere "ejercitarse", se vertere "volverse", etc.<sup>18</sup>

Não tinha o pronome se, no latim clássico, função que pudesse aproximar-se daquilo que em português nós chamamos de "pronome passivador". Na língua clássica não era sequer empregado na formação da voz passiva. O se só vai adquirir a chamada função passivante mais tarde, nas línguas românicas, como veremos mais adiante. Tinha o se, entretanto, a possibilidade de se referir a um sujeito vago e indefinido, conforme já demonstraram Ernout, Madvig e Bassols com os exemplos de Cícero há pouco citados.

O que se entende por passiva sintética em latim é algo completamente diferente daquilo a que se referem as nossas gramáticas, a partir do século XVI, quando se referem à chamada passiva pronominal ou sintética. A passiva sintética do latim clássico existia apenas nos tempos do inflectum e através do acréscimo de morfemas aditivos específicos aos verbos da ativa, a saber, -ris e -mini à 2ª pessoa do singular e do plural respectivamente; -r à 1ª pessoa do singular e -ur às demais pessoas.

A voz verbal primitivamente existente em latim era a voz ativa. A propósito, diz Said Ali, referindo-se a Bréal:

---

<sup>18</sup> VÄÄNÄNEN, V. *Introducción al latín vulgar*, p. 205.

Bréal explica aquela primitiva fase, em que ainda se desconhecia a voz passiva, deste modo: As línguas indo-européias apresentavam a frase sob a forma de um pequeno drama em que o sujeito é sempre agente.<sup>19</sup>

Para poder expressar necessidades e situações novas, foi que o latim desenvolveu a sua voz passiva. E desenvolveu-a partindo da voz ativa, a qual, à semelhança do indo-europeu, apresentava o processo verbal como algo em si mesmo, como uma atividade partida sempre de um agente vivo e atuante. Tinha o latim clássico a sua passiva sintética limitada aos tempos do inflectum. Tomemos como exemplo o verbo amo e conjuguêmo-lo na voz passiva, no presente do indicativo:

amor = sou amado	amamur = somos amados
amaris = és amado	amamini = sois amados
amatur = é amado	amantur = são amados

O latim clássico desenvolveu três vozes ou aspectos verbais: a ativa, em que o sujeito realiza a ação; a passiva, em que o sujeito sofre a ação; e a média, que, como o próprio nome está dizendo, é um meio termo entre a ativa e a passiva, já que ela, a voz média (ou medial), contém em si, de certa forma, uma mistura das duas outras vozes. Na voz medial, o

---

<sup>19</sup> SAID ALI, M. *Dificuldades da língua portuguesa*, p. 96. O livro de Bréal a que se refere Said Ali é o clássico *Sémantique*, cap. "Acquisitions nouvelles". Não há menção de página.

sujeito apresenta-se interessado e integrado na ação verbal , uma vez que esta parte do sujeito e para ele retorna ou reflete, daí o fato de a voz medial ser também chamada de reflexiva. Aliás, a nossa NGB não agasalhou o termo "voz medial" , preferindo a este o termo "voz reflexiva", por sinal, menos preciso, menos abrangente e, portanto, mais limitado, como demonstraremos ao longo deste trabalho.

É importante registrar que a passiva sintética clássica tinha, na verdade, um valor duplo: medial e passivo ao mesmo tempo. Eis o que diz Väänänen:

En latín, la voz llamada pasiva es en realidad medio-pasiva, ya que sirve para expresar al mismo tiempo la pasiva propiamente dicha y la media: cingor significa "soy ceñido" y "me ciño", moveor "soy movido" y "me muevo", vehor "soy llevado" y "me hago llevar".<sup>20</sup>

Esta passiva clássica conseguiu elaborar uma síntese (não fosse ela sintética) na qual se abstraíam valores diversos, tais como:

a) impessoal, com um matiz ativo e a mensagem centrada exclusivamente em torno do verbo, a saber:

- intransitivos: Qua Romā itur? Sic petitur caelum.

(Ovídio)

---

<sup>20</sup> VÄÄNÄNEN, V. Op. cit., p. 205.

- trans. indiretos: Parentibus paretur.  
Parcitur pueris et senibus.

b) médio-passivo, a princípio com verbos

- depoentes: lavor; Castris effunduntur.

Este sentido médio e ao mesmo tempo passivo acabou por se generalizar a toda a categoria verbal da voz passiva sintética, de tal forma que verbos como amor ou laudor podiam se prestar a uma interpretação dupla, como menciona Väänänen: "sou amado"/"eu me amo" e "sou louvado"/"eu me louvo". Trataremos deste ponto mais adiante.

c) passivo stricto sensu, com verbos

- trans. diretos: Dolor lenitur tempore.

Superbus movetur tuis minis.

Boni libri leguntur in scholā.

Desconhecendo o latim clássico o chamado se "apassivador", por ser o emprego deste pronome exclusivamente reflexivo, algo como \*Boni libri se legunt in scholā soaria aos ouvidos de um romano culto como um absurdo do ponto de vista rigorosamente gramatical, isto é, o entendimento da oração seria literalmente "bons livros lêem a si próprios na escola". Mas isto no latim clássico, porque no latim vulgar a voz reflexiva ou medial acabou tomando o lugar dessa médio-passiva clássica, subvertendo valores e referências, como veremos mais à frente.

O se "pronome apassivador" é, portanto, uma criação românica. Merece reiteração, por outro lado, o uso do pronome

reflexivo referindo-se a um sujeito indefinido e vago. Sabendo-se que o latim vulgar e, posteriormente, as línguas românicas não fizeram mais do que acelerar e aprofundar certas tendências evolutivas latentes no próprio latim clássico, não estaria aí, nesse uso do pronome reflexivo como elemento "indefinidor", digamos assim, coadjuvante do verbo impessoal na frase clássica, o embrião remoto do nosso se índice de indeterminação do sujeito? E acrescente-se a esse fato histórico particular o valor médio-passivo que o pronome reflexivo viria a emprestar ao verbo nas línguas românicas (port., esp., ital.).

Mas vejamos, a vôo de pássaro, os principais processos de indeterminação do sujeito no latim clássico e, o que de fato interessa ao nosso trabalho, quais as suas ressonâncias na língua portuguesa.

### 3.1.2 - A indeterminação do sujeito

#### 3.1.2.1. Com a voz ativa

O latim clássico não dispunha de processos específicos para a indeterminação do sujeito. Usava para esse fim tanto a voz ativa como a voz passiva, explorando eventualmente processos sintáticos e morfossintáticos, alguns dos quais conseguiram sobreviver nas línguas românicas. A esse respeito, usando o francês e o provençal como ponto de referência, diz Ernout:

Le latin n'avait pas l'équivalent syntaxi-

que direct du pronom indéfini "on" (homo), tel qu'il s'est développé en français et en provençal. Divers tours de caractère plus ou moins approximatif en tiennent lieu.<sup>21</sup>

Vejam os então quais são os "divers tours" a que se refere o romanista francês. E comecemos pela voz ativa.

Na voz ativa a indeterminação do sujeito era conseguida com:

a) Verbo na 3ª pessoa do plural. Ainda Ernout:

(...) le sujet était laissé dans le vague comme dans les 3<sup>es</sup> personnes "indefinies" dicunt, ferunt, "on dit", "on rapporte".<sup>22</sup>

Os verbos mais usados neste caso eram: dicunt, ferunt, tradunt, aiunt, narrant, vocant, appelant, credunt. Esse processo morfossintático se conservou em algumas línguas românicas: port. dizem; fr. ils disent; esp. dicen.

Ex.: Dicunt eum esse sapientem.

Hoc vere dicunt. (Ter., Ad., 28)<sup>23</sup>

Exemplos equivalentes são encontrados em nossas gramáticas:

---

<sup>21</sup> ERNOUT, A. et THOMAS, F. Op. cit., p. 144.

<sup>22</sup> Idem, ibidem, p. 144.

<sup>23</sup> Apud MAGNE, A. Op. cit., p. 234.

Dizem que eles vão bem.<sup>24</sup>

Falam mal daquela moça.<sup>25</sup>

Mandaram chamar Isabela.<sup>26</sup>

b) Verbo na 3<sup>a</sup> pessoa do singular. Informa Väänänen:

(...) con la 3.<sup>a</sup> pers. sing. de la activa , uso primitivo del que persisten casos aislados: inquit (Cic., Sén.) "se dice", dicit, giro extendido sobre todo en latín eclesiástico con el sentido de "se ha dicho", "se trata de".<sup>27</sup>

Bassols faz também menção ao uso da 3<sup>a</sup> pessoa do singular para indeterminar o sujeito:

Formulando [o latim clássico] el verbo en tercera persona del singular (facit = se, uno hace).<sup>28</sup>

E, minucioso, adverte Bassols:

---

<sup>24</sup> BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*, p. 200.

<sup>25</sup> ROCHA LIMA, C. H. *Gramática normativa da língua portuguesa*, p. 206.

<sup>26</sup> CUNHA, Celso. *Gramática da língua portuguesa*, p. 141.

<sup>27</sup> VÄÄNÄNEN, V. *Op. cit.*, p. 207.

<sup>28</sup> BASSOLS DE CLIMENT, M. *Op. cit.*, II, p. 9.

Esta construcción, bastante frecuente en griego y sánscrito, queda en latín circunscrita a las obras técnicas y al lenguaje popular.<sup>29</sup>

Detendo-se especificamente no exemplo do verbo defectivo inquit, acrescenta Bassols:

Es frecuente, especialmente en las obras de carácter polémico, el uso de inquit sin sujeto. A veces puede deducirse del contexto o hay que suplir una palabra como lex. Otras veces es, en cambio, muy difícil determinar lo y, por tanto, puede afirmarse que inquit está usado sin sujeto definido. Cf. Cic., Leg. 2, 23, 59.<sup>30</sup>

Esse processo latino de indeterminar o sujeito está representado em português pela expressão fossilizada diz que; para uns, redução de dizem que; para outros, como Celso Luft,

(...) provável redução haplológica de diz-se que: Diz que ela anda por aí.<sup>31</sup>

c) A 2<sup>a</sup> pessoa do singular, especialmente do presente do subjuntivo. Conforme Ernout,

<sup>29</sup> Idem, ibidem, II, p. 9.

<sup>30</sup> Idem, ibidem, II, p. 9.

<sup>31</sup> LUFT, C. *Moderna gramática brasileira*, p. 25.

La 2.<sup>e</sup> personne du singulier, surtout au subjonctif potentiel: videas "vous pouvez voir, on voit"; scires "vous pouviez savoir" (= on voyait bien); memoria minuitur, nisi eam exerceas "la mémoire faiblit, si vous ne l'exercez" (eventualité).<sup>32</sup>

Outro exemplo, este colhido na Grammatica latina do Pe. Augusto Magne:

Licet lascivire, dum nihil metuas.  
(Cic., Rep., I, 63)<sup>33</sup>

O processo não se limitava ao presente do subjuntivo. A 2.<sup>a</sup> pessoa do singular do presente do indicativo também se prestava à indeterminação do sujeito. Voltemos a Ernout:

La 2.<sup>e</sup> personne de l'indicatif n'est pas du rest inconnue: Pl., Tru., 768: Si stimulos pugnīs caedis, manibus plus dolet "si tu frappes du poing l'aiguillon, ce sont tes mains qui souffriront".<sup>34</sup>

Este processo não sobreviveu em português. A 2.<sup>a</sup> pessoa em tu é de pouco uso no português do Brasil, limitado a

---

<sup>32</sup> ERNOUT, A. et THOMAS, F. Op. cit., p. 145.

<sup>33</sup> MAGNE, A. Op. cit., p. 234.

<sup>34</sup> ERNOUT, A. et THOMAS, F. Op. cit., p. 145.

certas regiões do país, e o emprego rigorosamente gramatical do verbo como forma marcada pelas desinências número-pessoais -s ou -ste, representativas da presença de um ouvinte determinado, 2<sup>a</sup> pessoa identificável e referencial, impede a indeterminação. O que acontece, isto sim, é a possibilidade de emprego do pronome tu, no português coloquial do Brasil, como forma não-marcada de 3<sup>a</sup> pessoa (tu estuda por tu estudas, em analogia a você estuda), esvaziado, portanto, de sua função referencial. Nesse caso, o tu adquire um sentido vago e generalizante, à semelhança do você, este de emprego corrente como indetermi-  
nador do sujeito em todas as classes sociais no Brasil. Reiteremos, a propósito, a reversibilidade no emprego dos dois pronomes, com o verbo sempre na 3<sup>a</sup> pessoa do singular, muito frequente na norma coloquial brasileira, principalmente a do Rio de Janeiro.

d) A 1<sup>a</sup> pessoa do plural, segundo o Pe. Magne, que oferece o seguinte exemplo, de César:

Quod volumus, ea libenter credimus. (Ces.,  
B. C., II, 27, 2)<sup>35</sup>

Mas Ernout, embora também mencione este processo, faz uma ressalva. Para o romanista francês, é possível vislumbrar-se, neste caso, a presença de um sujeito determinado, como acontece, aliás, em português, já que processo semelhante

---

<sup>35</sup> MAGNE, A. Op. cit., p. 234.

é usado em nossa língua. Nos inquéritos do Projeto NURC depa-  
ramos com muitos exemplos em que o sujeito de 1<sup>a</sup> pessoa do  
plural ora se apresenta com sentido vago e indeterminado, ora  
se oferece claramente determinado ou determinável. Sem falar  
nos numerosos casos de semi-indeterminação ou de determina-  
ção unilateral.

Estabelecendo uma distinção entre a 1<sup>a</sup> pessoa do plu-  
ral e os pronomes indefinidos, ambos os processos usados pelo  
latim clássico para indeterminar o sujeito, adverte Ernout:

(...) toutefois, ce dernier tour [o uso da  
1<sup>a</sup> pessoa do plural] est plus éloigné de  
l'indéfini, car ici le sujet s'applique à  
lui-même l'affirmation.<sup>36</sup>

e) Certos pronomes indefinidos, como quis, aliquis e  
nemo. Voltemos a Ernout:

Le latin dispose encore des pronoms indéfi-  
nis, surtout dans les tournures conditionnel-  
les ou éventuelles: si quis hoc fecerit...  
"si l'on fait cela", fortasse aliquis  
dixerit "peut-être dira-t-on".<sup>37</sup>

Outro exemplo do indefinido quis como sujeito indeter-

---

<sup>36</sup> ERNOUT, A. et THOMAS, F. Op. cit., p. 145.

<sup>37</sup> Idem, ibidem, p. 145.

minado Blatt foi buscá-lo em Cícero:

Filiam quis habet: pecunia est opus = quel-  
qu'un a-t-il une fille? il a besoin d'ar-  
gent. (Cic., Par. 44)<sup>38</sup>

Blatt menciona também o emprego enclítico do indefini-  
do quis, e o exemplo é de Terêncio:

Roget quis = on me demandera. (Ter., Eun.,  
511)<sup>39</sup>

Ainda a respeito de quis na função indeterminante, leia-  
mos Madvig:

QUIS s'emploie et substantivement et adjec-  
tivement et en général: dicat quis, que  
quelqu'un dise.<sup>40</sup>

Merece também citação o emprego de quis com valor de  
pronome interrogativo em sentido indefinido e na função de no-  
minativo, um nominativo indeterminado é vago, equivalente ao  
português quem em: "quem fez isto?" Voltemos a Madvig:

---

<sup>38</sup> BLATT, F. *Précis de syntaxe latine*, p. 148.

<sup>39</sup> BLATT, F. *Op. cit.*, p. 148.

<sup>40</sup> MADVIG, J. R. *Op. cit.*, p. 88.

Au masculin, quis s'emploie comme substantif: quis hoc fecit? qui a fait cela?<sup>41</sup>

Mais tarde, no latim vulgar, o relativo quis foi substituído por qui, cujo acusativo quem permanece no português.<sup>42</sup> Quanto a aliquis, através do acusativo aliquem, está representado em português pelo pronome indefinido alguém.

Com relação a nemo (em latim, ninguém), trata-se de um pronome indefinido derivado de homo (ne + homo) e, assim como o substantivo que lhe deu origem, pertence à 3ª declinação: nemo, neminis. Nemo é usado principalmente em função substantiva. Diz Blatt:

Nemo s'emploie surtout comme substantif.<sup>43</sup>

A respeito de homo (ac. hominem > homem), torna-se oportuno ressaltar que no latim clássico este substantivo não era usado com valor indefinido, sentido este que só mais tarde viria a ser-lhe superposto pelo latim vulgar e mantido na língua portuguesa até o século XVI. Alguns exemplos de homo no latim vulgar mostram esse valor indefinido:

Non in solo pane vivit homo. (Vulgata, S. Math., 4, 4)<sup>44</sup>

41 Idem, ibidem, p. 87.

42 COUTINHO, Ismael de L. *Gramática Histórica*, p. 260.

43 BLATT, F. Op. cit., p. 152.

44 Apud PEREIRA, E. Carlos. *Gramática Histórica*, p. 290.

A Vulgata, tradução da Bíblia em latim corrente aprova da pela Igreja, foi escrita por São Jerônimo no século IV. O preceito evangélico "Nem só de pão vive o homem" converte-se nessa versão popular do livro sagrado em non in solo pane vivit homo, onde o latim clássico, desconhecendo o uso de homo como pronome indefinido, provavelmente usaria a passiva impessoal: non in solo pane vivitur.

Väänänen nos oferece outro exemplo de homo como indefinido, este na Peregrinatio:

(...) con el sujeto indeterminado homo, vagamente apuntado en bajo latín, por ej. Peregr. 13, 1: ubi homo desiderium suum compleri videt.<sup>45</sup>

A respeito da inexistência de homo como indefinido no latim clássico, Blatt afirma o seguinte:

Le substantif homo, d'où est dérivé nemo, ne s'emploie jamais comme indéfini (cf. français = on) en latin classique; il est même difficile d'en trouver des exemples dans la littérature postclassique.<sup>46</sup>

Ainda sobre o uso de homo no latim clássico, diz Er-

---

45 VÄÄNÄNEN, V. Op. cit., p. 207.

46 BLATT, F. Op. cit., p. 152.

nout:

Il n'y a pas, dans la latinité proprement dite, d'exemples sûrs de homo au sens de "on"; mas cet emploi était annoncé de bonne heure par le tour négatif avec memo (< \*ne-hemo) souvent renforcé de homo: Pl., Am., 566-7: tunc id dicere audes quod nemo unquam homo antehac.<sup>47</sup>

Ernout completa a informação, descrevendo o uso de homo no latim vulgar, aqui sim, com valor indefinido:

Le tour positif commence à se rencontrer à basse époque: Peregr. Aeth. 13, I: ubi homo desiderium suum compleri videt.<sup>48</sup>

Theodoro Maurer Jr. questiona, entretanto, esta tese sobre o uso generalizado de homo no latim vulgar:

Omitimos homo (fr. on, etc.) desta lista de indefinidos, pois que não existe evidência românica antiga suficiente para demonstrar a sua origem no latim vulgar. O seu emprego na Peregrinatio e em outros textos mais ou menos populares não é prova do seu caráter vulgar comum. Hofmann (Stolz-Schmalz, 485)

---

<sup>47</sup> ERNOUT, A. et THOMAS, F. Op. cit., p. 145.

<sup>48</sup> Idem, ibidem, pp. 145-146.

registra este uso como tardio e raro em latim. Meillet (Linguistique historique et ling. générale, 227) coloca-o no romance.<sup>49</sup>

Seja como for, no português foi largamente usado o substantivo homem com valor de pronome indefinido e na indeterminação do sujeito durante todo o período arcaico e até o século XVI inclusive.<sup>50</sup> Segundo as palavras de Said Ali,

Homem era de uso comum no português primitivo; menos frequente no século XV, perdura, todavia, mormente na linguagem popular, deixando vestígios até o século XVI.<sup>51</sup>

O próprio Said Ali nos oferece exemplos de homem como pronome indefinido:

E aquel tempo nom podia homem achar em todo o regno de logres donzel tão fremoso nem tam bem feito. (Santo Gràal, 4); Eu perdi a mor ventura que homem nunca perdeo. (Gil Vicente 3, 293)<sup>52</sup>

Homem também aparece em Camões com a função de sujeito

---

<sup>49</sup> MAURER JR., T.H. *Gramática do latim vulgar*, p. 118.

<sup>50</sup> HUBER, J. *Gramática do português antigo*, p. 198.

<sup>51</sup> SAID ALI, M. *Gramática histórica da ling. port.*, p. 116.

<sup>52</sup> Apud SAID ALI, M. *Op. cit.*, p. 116.

indeterminado:

... por segundos que homem não conhece. (Os Lusíadas, III, 69)

Em Gil Vicente deparamos com o exemplo abaixo, em que homem, sujeito indeterminado, aparece seguido de um se expletivo junto a verbo intransitivo:

Homem que vai aonde eu vou  
não se deve de correr.<sup>53</sup>

f) O particípio presente no dativo também podia ser usado para indeterminar o sujeito no latim clássico. A informação é de Ernout:

Le latin dispose encore du participe présent au datif: oppidum Thessaliae primum venientibus ab Epiro (Cés.; B.C., 3, 80, I) " la première ville de Thessalie pour ceux qui viennent d'Épire", c.-à-d. "quand on vient..."<sup>54</sup>

Madvig lembra o valor circunstancial desse particípio:

---

<sup>53</sup> GIL VICENTE. "Farsa de Inês Pereira" in *Obras Completas*, V, p. 232.

<sup>54</sup> ERNOUT, A. et THOMAS, F. Op. cit., p. 145.

Le datif d'un participe s'emploie quelquefois pour indiquer QUAND (dans quelles circonstances) une chose a lieu: Sita Anticyra est in Locride, laeva parte sinum Corinthiacum intrantibus, Anticyre est située dans la Locride, à gauche pour ceux qui entrent dans le golfe de Corinthe (Liv., 26, 26)<sup>55</sup>

Este processo ficou circunscrito ao latim clássico. O participípio presente latino, substituído em português pelo gerúndio, passou para a nossa língua com função apenas nominal, perdendo o seu valor verbal primitivo. Em português, legou-nos alguns substantivos e adjetivos: ocidente, poente, doente, valente, regente, crente, ausente, amante, etc. No português arcaico, entretanto, ainda se percebiam vestígios do primitivo valor verbal, segundo Ismael de Lima Coutinho:

No antigo idioma, todavia, era empregado com força verbal: temente o dia de mia morte, lançantes bom cheiro..<sup>56</sup>

Ainda sobre o participípio presente latino, seu destino em português e sua substituição pelo gerúndio em nossa língua, esclarece Mattoso Câmara:

A conservação do gerúndio, em sua forma de

---

<sup>55</sup> MADVIG, J. R. Op. cit., p. 249.

<sup>56</sup> COUTINHO, I. L. Op. cit., p. 275.

ablativo, está assim ligada ao desaparecimento do particípio presente como forma verbal. O que se teve como reflexos de formas de particípio presente, em português, foram nomes substantivos e adjetivos, inteiramente dissociados do verbo respectivo: a amante, uma estante, um frequentador constante, o agente, os pedintes, etc. Só na língua literária, a partir do período clássico, foram reintroduzidos, por latinismo, alguns particípios presentes, com força verbal, e de forma marcadamente alatinada em contraste com a forma genuína portuguesa do verbo respectivo: superveniente (para sobrevir); mas mesmo esses empréstimos fixaram-se muito mais como puros nomes: o meu comitente (verbo cometer), uma medida conveniente (verbo convir).<sup>57</sup>

### 3.1.2.2 - Com a voz passiva

O adjetivo passivo(a) (< passivus, a, um) vem da mesma raiz de paixão, do latim passio, passionis. Tanto o adjetivo passivo como o substantivo paixão pertencem ao mesmo campo semântico dos verbos sofrer, padecer. Cf. a paixão de Cristo = o sofrimento de Cristo; a sexta-feira da paixão. A paixão amorosa, no sentido de sofrimento (a coyta d'amor) causado pelo amor a quem ama, é uma especialização de sentido.

---

<sup>57</sup> CÂMARA JR., J. Mattoso. *Hist. e estr. da ling. port.*, p. 139.

É dessa fonte que se origina a definição da voz verbal passiva apresentada pelas gramáticas: verbo cuja ação é sofrida pelo sujeito, um sujeito ausente de um processo verbal executado sobre ele por outrem (o agente da passiva). Por sofrer a ação, esse sujeito situa-se em posição interior em relação ao processo verbal. E pode até mesmo se apresentar indeterminado, como ocorre na passiva impessoal latina.

Em contraposição, na voz verbal ativa, o sujeito nada sofre, ao contrário, na voz ativa o sujeito pratica a ação verbal, ele é senhor da mesma, é exterior ao processo verbal, como diz Lázaro Carreter.<sup>58</sup>

Sabemos, contudo, que na prática a coisa não é bem assim. Há orações de voz ativa que apresentam um sentido nitidamente passivo. Nessas, o sujeito é mais paciente do que propriamente agente, o que levou Mattoso Câmara a estabelecer até uma distinção entre voz passiva e passividade. Na própria voz ativa essa passividade se manifesta com certos verbos: O meliante apanhou uma surra; o funcionário recebeu uma censura. Por isso, conclui Mattoso:

Não há, portanto, coincidência absoluta entre passividade e construção passiva.<sup>59</sup>

---

<sup>58</sup> CARRETER, F. Lázaro. *Diccionario de términos filológicos*, p. 412.

<sup>59</sup> CÂMARA JR., J. Mattoso. *Dic. de lingüística e gramática*, p. 189.

Semelhante à de Mattoso Câmara é a opinião de Said Ali. Referindo-se à precariedade de uma distinção absoluta entre as vozes ativa e passiva, adverte o filólogo:

Esta classificação facilita o estudo das formas, mas nem por isso se harmoniza sempre com a significação do verbo. Andar, fugir, ir, voar e outros intransitivos representam atividade em que o sujeito é, como nos transitivos ativos, verdadeiro agente; porém em padecer, adoecer, morrer, envelhecer, durar, não se revela nenhuma atividade da parte do sujeito. São atos que nele se consomem, estados pelos quais passa, sem que para isso concorra o seu esforço. A condição do sujeito aqui é a de paciente.<sup>60</sup>

a) Origem da passiva

No indo-europeu prevalecia a voz ativa, tendo a passiva, como categoria gramatical, se desenvolvido posteriormente para preencher uma necessidade das próprias línguas dele derivadas. Bréal, citado por Said Ali<sup>61</sup>, ensina que a frase do indo-europeu é uma espécie de pequeno drama em que prevalece a idéia de atividade verbal, da qual o sujeito é sempre agente e nunca paciente.

A esse respeito, são oportunas as palavras de Meillet:

---

<sup>60</sup> SAID ALI, M. *Gram. histórica da ling. port.*, p. 177.

<sup>61</sup> \_\_\_\_\_ . *Dificuldades da língua port.*, p. 96.

(...) l'indo-européen est un type linguistique où ce qui se passe est exprimé au point de vue d'êtres qui agissent: le verbe indo-européen est normalement actif, au sens plein de ce terme.<sup>62</sup>

Referindo-se especificamente à ~~origem~~ da passiva, acrescenta Meillet:

Comme l'expression passive, c'est-à-dire, l'expression du procès considéré en lui-même, et non au point de vue de l'agent, répond souvent à un besoin, ou du moins est souvent commode, les langues indo-européennes ont développé des passifs.<sup>63</sup>

No caso do latim, a passiva em -r (sintética) tem sua origem na voz medial do indo-europeu. Essa desinência -r foi acrescentada às desinências mediais herdadas do indo-europeu pelo latim e teve originalmente a finalidade de indicar um tipo de passiva privativamente impessoal. Na origem, o que havia era vivitur vitam, que evoluiu mais tarde, analogicamente, para vivitur vita<sup>64</sup>, conforme explicaremos mais adiante, ao tratarmos da passiva pessoal.

---

<sup>62</sup> MEILLET, A. *Esquisse d'une histoire de la langue latine*, p. 258.

<sup>63</sup> Idem, *ibidem*, p. 258.

<sup>64</sup> CÂMARA JR., J. Mattoso. *Princípios de Lingüística geral*, p. 186.

Na verdade, a passiva sintética latina, em sua origem, era usada para expressar impessoalidade com qualquer verbo, fosse ele intransitivo ou transitivo. Depois é que esse uso impessoal ficou limitado aos verbos intransitivos e, com menos frequência, aos transitivos indiretos, uma vez que a passiva com verbos transitivos diretos tornou-se uma construção necessariamente pessoal. Naturalmente a impessoalidade deixa de existir sempre que ocorrer a presença de um sujeito-paciente.

Quanto à passiva pessoal com verbos transitivos diretos, entende-se: é que, com esses verbos, a ação verbal, na voz ativa, tem seu ponto de partida em um sujeito-agente, e o seu ponto de chegada em um objeto-paciente. A ação extrapola o âmbito do sujeito para se consumir externamente na figura do objeto. Mas isto na voz ativa (Petrus Mariam amat). Na transposição para a passiva, invertem-se as funções, e o que era objeto-paciente passa a ser sujeito-paciente. Quanto ao sujeito da ativa, este, ainda no papel de agente, passa agora a funcionar como agente da passiva, ou, na terminologia pré-NGB, complemento de causa eficiente. Esse agente da passiva era representado em latim pelo ablativo preposicionado (Petrus amatur a Mariā). Ora, a presença, na passiva, de um sujeito-paciente força a concordância verbal, desfazendo a impessoalidade original da passiva em -r. Mas vale ressaltar que o agente da passiva era geralmente omitido na língua oral, reservando-se o seu emprego mais frequentemente à língua literária.

b) A voz medial

O indo-europeu conheceu as vozes ativa e medial.

A ativa em nada se diferenciava da sua congênere latina ou românica. Transmitida depois às línguas indo-europeias, tratava-se de uma voz ativa stricto sensu, em que o sujeito existe como um agente exterior à ação verbal, praticante e senhor da mesma. As desinências dessa voz ativa indo-européia dão ênfase ao processo verbal considerado em si mesmo ou, no caso da transitividade verbal, extrapolando para um complemento objetivo.

A voz medial, ao contrário da ativa, tinha como ponto de partida o sujeito, elemento interior em relação ao processo verbal, integrado e interessado ele mesmo nesse processo. E as desinências dessa voz medial indo-européia serviam justamente para traduzir a ação, o processo verbal reportado sempre ao sujeito, tomado como princípio, meio e fim desse mesmo processo. Como ensina Mattoso Câmara,

A noção gramatical, que carrega a voz medial, é a de uma integração do sujeito na ação que dele parte.<sup>65</sup>

Essa medial do indo-europeu tinha três valores distintos enquanto voz verbal: medial dinâmica, medial reflexiva e

---

<sup>65</sup> CÂMARA JR., J. Mattoso. *Dic. de ling. e gram.*, p. 164.

medial recíproca. Estes três valores foram transmitidos ao latim e, através deste, chegaram ao português.

Voltemos a Mattoso Câmara:

- 1) A medial dinâmica, que exprime de maneira toda particular a parte pessoal que toma o sujeito no fato expresso. Em grego, (...) mostra a participação do corpo ou da alma do falante, conforme o caso, na ação que ele pratica.<sup>66</sup>

Em latim, a medial dinâmica irá se confundir com a medial reflexiva propriamente dita. A par da construção reflexiva, a passiva sintética também podia expressar o sentido medial, uma vez que a mesma era, na verdade, u'a médio-passiva (lavor = "sou lavado" e "me lavo"). Certos verbos tornados pronominais também servem de exemplo, em latim, da medial dinâmica. São verbos que expressam cuidados corporais (se vestire, se adornare), estados de espírito (se indignare), movimento (se volvere, se vertere), ocultamento (se abscondere), conscientização (se videre), afastamento (se eximire), extinção (se finire), etc. Com verbos intransitivos de movimento a presença do pronome reflexivo serve

(...) para atribuir una mayor fuerza a la acción: vadent se unusquisque ad hospitium

---

<sup>66</sup> CÂMARA JR., J. Mattoso. *Princípios de ling. geral*, p. 182.

suum (Peregr. Aeth.)<sup>67</sup>

Este uso do se junto ao verbo vado lembra o nosso ir-se, em que o pronome reflexivo, pelo seu valor mais estilístico do que propriamente gramatical, recebe de nossas gramáticas a atribuição de "partícula de realce". É um bom exemplo da medial dinâmica em latim, aquilo que Mattoso Câmara chamou de "medial expletiva". Embora o exemplo apresentado por Bassols seja da Peregrinatio, o mesmo é válido, uma vez que o texto da monja conserva certas reminiscências literárias.

É a medial dinâmica também, construída pronominalmente, que irá permitir, no próprio latim clássico, o uso da reflexiva com sujeitos inanimados, envoltos aqui numa espécie de personificação metafórica. Os exemplos são citados por Muller:

tamen ipsa virtus se sustentare posse videatur (Cic., Epist. Fam., VI, I, 4)

negotia se nostra sic habent (Cic., ad Fratrem, III, II, 2)

inter duo brachia, qua se dividit vitis (Columella, Re rust., IV, XXIV)

quum sudor se remisit (Celsus, Medicina, I, III, 17)<sup>68</sup>

<sup>67</sup> BASSOLS DE CLIMENT, M. Op. cit., I, p. 282.

<sup>68</sup> Apud MULLER, H. F. "The passive voice in vulgar latin", in *The romanic review*, vol. XV, p. 88.

A essa medial dinâmica do latim corresponderiam, em português, construções pronominalizadas do tipo Ele se levantou (cf. Ele o levantou, com um objeto diferente do sujeito e, portanto, exterior à ação verbal, o que muda o sentido da oração para ele suspendeu alguém).

Em português, o sujeito, na medial dinâmica, encontra-se de tal maneira integrado e interessado na ação verbal que a nossa gramática chega a chamar esse pronome reflexivo fossilizado ou esvaziado de "parte integrante do verbo". E tais verbos são classificados como "verbos pronominais" (levantar-se, deitar-se, esquecer-se, lembrar-se, queixar-se, indignar-se, etc.). Com verbos de movimento (ir-se, chegar-se) ou denotativos de ações espontâneas (rir-se), as nossas gramáticas classificam o pronome reflexivo de "partícula de realce". Para Mattoso Câmara, ir-se, chegar-se, rir-se e outros semelhantes são exemplos de uma "medial expletiva"<sup>69</sup>.

Em latim, essa medial dinâmica irá se confundir com a medial reflexiva propriamente dita, como se verá mais adiante.

É também a medial dinâmica que permite em português a personificação de objetos inanimados tomados como sujeito em orações do tipo o mar se agita, ou a estrada se estende, equivalentes mediais de orações ativas como o mar murmura, ou a estrada avança.

---

<sup>69</sup> CÂMARA JR., J. Mattoso. *Dic. de ling. e gram.*, p. 164.

2) A medial reflexiva era usada no indo-europeu sempre que se queria frisar que

(...) o agente fica encerrado em si próprio, durante a atividade, e não passa para o mundo exterior.<sup>70</sup>

Em outras palavras, na medial reflexiva, o próprio sujeito é o destinatário certo da ação verbal, uma vez que ele é, a um só tempo, agente e paciente. Em latim, Petrus se laudat, a medial reflexiva típica, a par de Petrus laudatur, que tanto podia ser entendido como Pedro se louva quanto Pedro é louvado, devido ao valor médio-passivo da passiva sintética.

Em português, como exemplo da medial reflexiva, diríamos Pedro se feriu. Confrontando-se com a medial dinâmica, e, ao contrário desta, a existência eventual de um objeto diferente do sujeito não alteraria, neste caso, o sentido do verbo. Cf. Pedro o feriu = Pedro feriu (machucou) alguém. O verbo nessas construções não é privatamente reflexivo, e, ao contrário do que acontece com os verbos pronominais, o sujeito pode eventualmente estar situado em posição exterior ao processo verbal sempre que o objeto deixar de representar (ou refletir) ele mesmo, o sujeito. Quer dizer, na medial reflexiva há algo de ativo (Pedro se feriu = Pedro feriu Pedro) e, ao mesmo tempo, de passivo (Pedro foi ferido por Pedro), uma

---

<sup>70</sup> CÂMARA JR., J. Mattoso. *Princípios de Ling. geral*, p. 182.

vez que o sujeito pratica (ativa) e, ao mesmo tempo, sofre (passiva) a ação verbal. Nada mais apropriado, portanto, para o caso, do que o termo "voz média" (ou "medial"), termo esse, diga-se em boa hora, da lavra dos gramáticos gregos. Mas rejeitado pela nossa NGB.

### 3) A voz medial recíproca

Esta representa uma consequência natural da medial reflexiva propriamente dita e, em indo-europeu, tem o mesmo valor da sua equivalente portuguesa. Por exemplo, Eles se beijam; eles se abraçam, etc. Em latim, Hostes se interficiunt; Petrus et Maria se amant, ou enfaticamente, Petrus et Maria inter se amant. É o que Mattoso Câmara chama de "reflexividade de cruzada" (v. Dicionário, 164).

Em resumo, o sentido da voz medial é nitidamente retroativo ou reflexivo, sentido esse incorporado à passiva latina, justamente considerada pelos estudiosos do assunto como médio-passiva. Em português, foram conservados os três valores básicos da voz medial, a saber:

#### a) valor dinâmico

ex.: Ele se levantou.

O mar se agita.

Riu-se meu pai, e depois de rir, tornou a falar sério.<sup>71</sup>

---

<sup>71</sup> MACHADO DE ASSIS. *Memórias póstumas de Brás Cubas*, XXVI.

b) valor reflexivo

ex.: Pedro se feriu.

c) valor recíproco

ex.: Pedro e Maria se abraçaram.

Voltemos ao Lácio. Foi dessa voz medial indo-européia que se originou a voz passiva latina, segundo já comentamos. Acrescentemos ainda as palavras de Mattoso Câmara:

(...) a forma passiva do infectum latino  
 (...) decorre da forma medial: da participação intensa do sujeito no que o verbo expressa, passou-se por extensão à idéia de um sujeito paciente.<sup>72</sup>

Estamos agora em condição de chegar a algumas conclusões. A medial indo-européia, meio ativa, meio passiva e, ao mesmo tempo, meio reflexiva pode explicar em parte a depoência de certos verbos latinos, nos quais o valor médio-passivo acabou se apagando em benefício do valor ativo. Em português, confronte-se com o exemplo de certos verbos originalmente pro nominais, cujo emprego na língua corrente aponta na direção da voz ativa: eu levanto (em lugar de eu me levanto), eu lembro (em lugar de eu me lembro). No Jornal do Brasil de 26/3/89 lê-se a seguinte manchete: "Sarney encontra com gover

---

<sup>72</sup> CÂMARA JR., J. Mattoso. *Hist. e estrut. da líng. port.*, p. 175.

nadores", onde a tradição gramatical recomendaria "Sarney se encontra com governadores".

Entende-se também por que a chamada voz passiva latina é, na verdade, médio-passiva, presa que está, pela raiz, à medial indo-européia. Passiva propriamente dita enquanto criação latina, e média (ou reflexiva) pela sua origem indo-européia. É por isso que moveor pode significar, ao mesmo tempo, sou movido e me movo; vehor implica duplamente sou levado e faço-me levar.<sup>73</sup> A propósito, observa Cláudio Brandão:

Eu me exercito verte-se facultativamente por exerceo me ou exerceor, podendo esta última forma ser também passiva: eu sou exercitado (por alguém ou por alguma coisa).<sup>74</sup>

Quando o latim dizia, por ex.: laudo (eu louvo), na voz ativa e pressupondo um objeto direto latente, o verbo apresentava um valor transitivo, ou melhor, relativo, com o processo verbal voltado para fora de si mesmo, extrapolando o âmbito do sujeito e projetando-se para o objeto. Já em laudor, na passiva, o verbo, despido de valor relativo, adquire

---

<sup>73</sup> Essa passiva, medial e ao mesmo tempo passiva, no início, estava limitada a um número reduzido de verbos. Posteriormente é que essa médio-passiva se generalizou. Bassols enumera esses verbos. (Vd. BASSOLS, op. cit., I, pp. 268/9).

<sup>74</sup> BRANDÃO, C. *Síntaxe clássica portuguesa*, p. 374.

um sentido absoluto, o que pode conduzir tanto a uma interpretação passiva (eu sou louvado), como medial (eu me louvo) no sentido dinâmico a que se refere Mattoso Câmara.

A desinência -r, médio-passiva, serve para enfatizar esse valor absoluto, para indicar que o processo verbal está voltado para dentro de si mesmo, para um sujeito agente-paciente, interessado ele mesmo na ação verbal, uma ação, portanto, retroativa. E, às vezes, esse valor verbal absoluto é tão intenso, tão concentrado no próprio predicado verbal, que este, abstraindo a expressão de um agente, pode se prestar à indeterminação do sujeito. É o que acontece na chamada passiva impessoal com verbos intransitivos (itur = vai-se), dormitur (dorme-se), vivitur (vive-se) e, com menos frequência, com os transitivos indiretos (invidetur potentibus = inveja-se aos poderosos).

Por isso, não foi por acaso que o valor medial também pôde ser expresso, além da passiva, pela forma verbal reflexiva, embora, a princípio, com um certo matiz ativo em relação à médio-passiva: se dedere (entregar-se), se exercere (exercitar-se), se vertere (virar-se, transformar-se). Said Ali oferece exemplos com verbos depoentes. Os verbos depoentes acabaram tornando-se ativos, o que possibilitou a ampliação do seu uso reflexivo. Mas vejamos os exemplos de Said Ali:

castris effunduntur ao lado de castris  
se effundunt, relaxat se e relaxa-

tur.<sup>75</sup>

Essa diferença sutil entre a medial passiva e a medial reflexiva (ou medial propriamente dita) acabou sendo eliminada no latim vulgar, em detrimento da passiva sintética. Quer dizer, a médio-passiva lavatur ("se lava" ou "é lavado") e a medial ativo-reflexiva se lavat ("se lava") confundiram-se no latim vulgar, e esta última acabou por se prestar também a uma interpretação passiva, superposta, a essa altura, ao valor propriamente reflexivo original. Tal fato se dá principalmente quando o sujeito da oração é tido como inanimado. É o caso do conhecido exemplo de Plínio:

Myrina quae Sebastopolim se vocat (Plin., Nat., 5, 121).<sup>76</sup>

No exemplo acima, Väänänen considera a reflexiva se vocat como sinônimo perfeito de vocatur<sup>77</sup>. Mas qual vocatur? O vocatur passivo ou o vocatur medial dinâmico? Väänänen quando fez a sua afirmação devia estar pensando no sentido

---

<sup>75</sup> SAID ALI, M. *Dificuldades da ling. port.*, p. 90. Os verbos depoentes passaram a ativos. Além disso, perderam a flexão passiva em -r, no latim vulgar, e tomaram a flexão ativa + pronome reflexivo: em vez de hortor, me horto, em vez de vertor, me verto.

<sup>76</sup> VÄÄNÄNEN, V. Op. cit., p. 205.

<sup>77</sup> Idem, ibidem, p. 205.

passivo por causa do sujeito Myrina. Mas no próprio latim clássico existia a possibilidade de personificação de sujeitos inanimados, como vimos há pouco, daí a nossa indagação. Sinônimo, vá lá; quanto a perfeito,... Bem, já dizia Rodrigues Lapa, o adjetivo pode se tornar às vezes o pior inimigo de um substantivo.

A opinião de Väänänen não é voz isolada. Outros romancistas pensam como ele. Não é o caso dos nossos Said Ali e Mattoso Câmara. H. F. Muller<sup>78</sup> também destoa da tendência geral entre os estudiosos do assunto, os quais costumam apresentar a reflexiva como sinônimo "perfeito" da passiva sintética. Segundo essa corrente de pensamento, a forma reflexiva teria acabado por chamar a si uma função que lhe era originalmente estranha. E com o desaparecimento da passiva sintética no latim vulgar, essa deriva teria podido se expandir, se aprofundar e produzir conseqüências plenas nas línguas românicas. Mas essas conseqüências vamos deixar para estudá-las quando tratarmos do latim vulgar. Por ora, voltemos ao latim clássico e à sua passiva.

### c) A passiva impessoal

Em latim, a impessoalidade verbal podia ser expressa tanto pela passiva sintética quanto pela passiva analítica. Naturalmente, muito mais pela primeira do que pela segunda,

---

<sup>78</sup> MULLER, H. F. "The passive voice in vulgar latin", in *The romanic review*, vol. XV.

já que a passiva analítica, circunscrita aos tempos do perfectum (particípio passado + esse), pressupunha necessariamente a existência de um sujeito-agente e de sua concordância com o verbo auxiliar esse.

Começemos pela passiva sintética.

Como já comentamos, a passiva sintética latina, pelas circunstâncias de sua origem indo-européia, servia para enfatizar o processo verbal, independente do agente. Quer dizer, concebia-se o processo verbal em si mesmo, sendo o pensamento expresso apenas por meio do predicado.<sup>79</sup> Por isso, os verbos, quando empregados impessoalmente por essa passiva, atendiam a uma intenção específica do falante ou do escritor, que era a de não marcar o agente, de deixá-lo incôgnito, sem rosto semântico, isto é, indeterminado. Formalmente, esses verbos tornados impessoais deveriam aparecer na 3.<sup>a</sup> pessoa do singular. Os intransitivos apassivados eram os mais frequentes : curritur (corre-se), vivitur (vive-se), itur (vai-se), dormitur (dorme-se), traditur (conta-se), etc.

Sobre essa especificidade da passiva impessoal, Meillet ensina que

Au passif latin, figure un élément -r qui,

---

<sup>79</sup> Na origem da linguagem, as frases teriam sido monômias, i. e., constituídas apenas de predicado: "O sujeito, que hoje se considera termo e noção primacial, deve ter sido uma invenção mais recente e é um parvenu" (Fritz Mauthner, 1923, III, p. 253). Apud CÂMARA JR., J. Mattoso. *Princ. de ling. geral*, p. 180.

anciennement, suffisait à indiquer un passif impersonnel et qui a été combiné avec les désinences dites moyennes pour fournir le passif.<sup>80</sup>

Essa passiva sintética em -r representava, portanto, uma adaptação da voz medial do indo-europeu (mais interessada no processo verbal do que no sujeito-agente) e, por esse motivo, foi que ela se prestou tão bem à indeterminação do sujeito. Pode-se afirmar que, enquanto a passiva sintética está para a medial, a analítica está para a passiva stricto sensu, centrada que está a analítica na figura de um sujeito-paciente representado formalmente na oração pela concordância imposta ao verbo auxiliar esse.

É importante reiterar que a passiva latina era usada com verbos de qualquer predicação, ao contrário do português, que a limita aos transitivos diretos. No caso da passiva sintética impessoal, esta só ocorria com os verbos intransitivos e os transitivos indiretos. Aliás, na língua oral, essa impessoalidade não admitia meio termo, pois os falantes geralmente omitiam não só o sujeito-paciente como também o próprio agente da passiva. Segundo a descrição de Bassols,

En el habla popular es muy poco frecuente que los verbos en pasiva lleven expreso el sujeto agente (formulado normalmente en abla

---

<sup>80</sup> MEILLET, A. *Esquisse*, p. 22.

tivo), pues precisamente una de las razones de más peso que justifica esta construcción es la posibilidad de dejar así en el aire el sujeto agente de la acción.<sup>81</sup>

Já na língua escrita, acontecia justamente o contrário:

Por el contrario, en el lenguaje literario es bastante frecuente la expresión del sujeto agente.<sup>82</sup>

Quanto aos verbos transitivos diretos, não admitiam a impessoalidade pelas razões já expostas anteriormente neste trabalho.

Com o tempo, ao lado da passiva primitivamente impessoal do inflectum, acabou por se desenvolver uma construção pessoal, tomando-se como ponto de partida o sujeito, e não apenas o processo verbal em si mesmo. Lembremos que no perfectum a passiva já era pessoal. Desse modo, estendeu-se a possibilidade da conjugação passiva a todas as pessoas do discurso. A propósito, observa Mattoso Câmara:

(...) foi de frases do tipo vivitur vitam de Enio que se evoluiu para o tipo vivitur

---

<sup>81</sup> BASSOLS DE CLIMENT, M. Op. cit., I, p. 271.

<sup>82</sup> Idem, ibidem, p. 272.

vita, (...) reservou-se assim a forma impessoal para os verbos intransitivos (ex.: itur).<sup>83</sup>

Meillet explica que a passiva pessoal surgiu como consequência da analogia:

(...) comme on avait vector, verteris, vertitur, etc., avec un nom de personne pour su jet, on a été conduit à poser un passif du type dicor, dicere, dicitur, etc. Le passif latin a cessé d'être uniquement impersonnel.<sup>84</sup>

Agora uma palavra a respeito dos verbos transitivos di retos. Estes raramente eram usados com valor impessoal. Só quando eram empregados eventualmente como intransitivos é que podiam expressar impessoalidade. Diz Ernout:

Avec les verbes transitifs, le passif impersonnel ne se trouve guère que dans quelques tournures absolues: Tér., An., 403: curabitur "ony veillera"; Vg., B. I, 12: turbatur agris "il y a du trouble dans les campagnes".<sup>85</sup>

---

<sup>83</sup> CÂMARA JR., J. Mattoso. *Princ. de ling. geral*, p. 186.

<sup>84</sup> MEILLET, A. *Esquisse*, p. 150.

<sup>85</sup> ERNOUT, A. et THOMAS, F. *Op. cit.*, p. 205.

Com os transitivos diretos, a passiva sintética tinha necessariamente de apresentar um sujeito, e a concordância tornava-a uma construção obrigatoriamente pessoal. O elemento omitido frequentemente era o agente da passiva (em latim, um ablativo preposicionado), mas não o sujeito. Em português também ocorre essa omissão do agente, principalmente na fala coloquial. Vejamos alguns exemplos em latim:

Latro timetur. / Latrones timentur.

Sic petitur caelum. (Ovídio)

Bonus liber legitur in schola. /

Boni libri leguntur in schola.

Superbus movetur tuis minis. (tuis minis = abl. de coisa, sem preposição)

Libertas a populo servabitur. (a populo = abl. de pessoa, preposicionado)

A emergência da pessoalidade verbal não retirou da passiva sintética suas duas características marcantes: a possibilidade do emprego impessoal sempre que necessário ou conveniente; e o valor médio-passivo. Este foi antes ampliado, estendendo-se a todas as pessoas do discurso.

#### - A passiva analítica

No latim clássico, a passiva analítica pode ser considerada como passiva stricto sensu, em oposição à passiva sintética, que era, na verdade, u'a médio-passiva. Essa passiva analítica era empregada nos tempos do perfectum, formada pelo

particípio passado (ou particípio perfeito) + verbo auxiliar esse. Trata-se já de criação latina, ao contrário da passiva sintética, e era uma construção necessariamente pessoal, com um sujeito-agente a exigir concordância do verbo auxiliar. Assim, conjugava-se amatus sum, amatus es, amatus est, amati sumus, amati estis, amati sunt. Nessa construção, a noção de tempo passado estava centrada no particípio passado (também chamado, por isso, de particípio perfeito), e não no verbo auxiliar, particularidade que causa estranheza aos nossos estudantes de latim, quando se vêem obrigados a traduzir amatus sum como fui amado, e não como sou amado, conforme sugere à primeira vista a construção analítica clássica.

A pessoalidade verbal, marca dessa passiva analítica, não lhe impediu, contudo, o emprego impessoal. Com a forma neutra do particípio (em -um) + est, indicando que a mensagem estava centrada no predicado verbal em si mesmo, e não em um agente, esta construção analítica prestava-se, igualmente, a par da sintética, à indeterminação do sujeito. É bem verdade que este emprego impessoal era menos frequente do que o da forma sintética. Além disso, era reservado apenas para expressar as noções de passado ou de futuro.

Sobre a impessoalidade da passiva analítica, observa Ernout:

(...) au perfectum le neutre du participe, de lui-même, prenait une valeur indéfinie:

dictum est "chose a été dite".<sup>86</sup>

Ernout aproveita para estabelecer um contraste entre a impessoal analítica e a impessoal sintética:

A l'infectum, le sens impersonnel paraît avoir été très anciennement attaché à l'élément -r de la 3<sup>e</sup> pers.; peut-être itur "on va" recouvre-t-il un substantif (cf. iter), propt "marche (est)".<sup>87</sup>

Outros exemplos da passiva analítica impessoal:

Diu atque acriter pugnatum est. (César)<sup>88</sup>

In medio nihil relictum est.<sup>89</sup>

Traditum est Homerum fuisse caecum.

Em certas expressões dicendi fossilizadas e com valor de passado ou de futuro:

Scriptum est = escreveu-se

Scriptum erat = tinha-se escrito

Scriptum erit = ter-se-á escrito

---

<sup>86</sup> ERNOUT, A. et THOMAS, F. Op. cit., p. 204.

<sup>87</sup> Idem, ibidem, p. 205.

<sup>88</sup> Apud CÂMARA JR., J. Mattoso. *Hist. e estrut. da lĩng. port.*, p. 239.

<sup>89</sup> TORRINHA, F. *Dicionário Latino Português*, p. 509.

Traditum est = diz-se (foi dito), contou-se

Nuntiatum est = anunciou-se

Acrescentemos que a forma neutra do gerundivo também podia ser empregada impessoalmente em locuções verbais passivas com o auxiliar esse. Essas perífrases tinham valor de futuro, pois o gerundivo era uma espécie de participio futuro.

Segundo Ernout,

(...) aussi l'adjectif en -ndus au neutre sing. + sum, soit comme passif: audiendum est "il faut écouter", soit comme déponent: profiscendum est "il faut partir".<sup>90</sup>

Madvig apresenta outras informações:

Les verbes intransitifs ont un gérondif neutre construit avec est, comme expression impersonnelle (analogue à venitur, on vient, ventum est, on est venu); pour indiquer que l'action doit avoir lieu.<sup>91</sup>

Outros exemplos:

Tacendum est = deve-se calar

Pugnandum est = deve-se lutar (lutar-se-á)

Obtemperandum est legibus = deve-se obedecer às leis

---

<sup>90</sup> ERNOUT, A. et THOMAS, F. Op. cit., p. 205.

<sup>91</sup> MADVIG, J. R. Op. cit., p. 454.

Legendum est = deve-se ler (ler-se-á)

Nenhuma das construções passivas impessoais do latim passou ao português. A sintética desapareceu, tragada que foi pelo analitismo dominante no latim vulgar. E a passiva transmitida ao português pelo latim corrente é analítica demais para admitir a impessoalidade verbal. Costuma omitir, isto sim, o chamado agente da passiva, mas nunca o seu sujeito-paciente, reversível em objeto direto na voz ativa, condição esta sine qua non para a existência da passiva românica típica: sujeito + aux. ser + particípio passado. Nesta perífrase, como sabemos, o latim vulgar transferiu a noção de tempo para o verbo ser, enquanto o particípio passado, esvaziado do seu valor aspectual e temporal, passou a indicar apenas a categoria verbal passiva. Na verdade, verbo-nominal, já que o particípio passado românico é um doublé de verbo e de adjetivo. Ou um adjetivo verbal como querem alguns. Mattoso Câmara<sup>92</sup> e Emilio Alarcos<sup>93</sup>, por exemplo, chegam até a negar a própria existência da voz passiva românica.

Além da passiva analítica (a casa foi vendida) herdada do latim vulgar, desenvolveu-se em nossa língua uma outra perífrase, esta verbo-pronominal (vendeu-se a casa), a que a

---

<sup>92</sup> CÂMARA JR., J. Mattoso. *Hist. e estrut. da líng. port.*, p. 167.

<sup>93</sup> LLORACH, Emilio A. *Estudios de gram. func. del español*, p. 163.

tradição gramatical portuguesa tem chamado de passiva pronominal. Não sem contestação, como veremos oportunamente.

Voltando ao latim clássico, diríamos, concluindo, que, como se viu, tanto a voz ativa como a passiva podiam ser usadas impessoalmente com a finalidade de indeterminar o sujeito. Centrando a comunicação no predicado e não no sujeito, o latim clássico preserva e resgata, desse modo, a gênese essencialmente verbal da própria frase no indo-europeu. Segundo alguns lingüistas (Trombetti, Schuchardt, Mauthner)<sup>94</sup>, a presença de um agente-sujeito como tema, como ponto de partida da frase verbal representa uma criação posterior na gênese da frase. No início era o verbo, isto é, era o predicado. E o predicado a si mesmo se bastava. Nesse sentido, o lingüista alemão Fritz Mauthner faz curiosa observação:

O sujeito, que hoje se considera termo e noção primacial, deve ter sido uma invenção mais recente e é um parvenm.<sup>95</sup> (grifo do Autor)

O variado número de processos usados pelo latim clássico para a impessoalização verbal parece dar sustentação e coerência à afirmação do lingüista alemão. Isto sem falarmos

---

<sup>94</sup> CÂMARA JR., J. Mattoso. *Princípios de ling. geral*, p.180.

<sup>95</sup> MAUTHNER, F. *Beiträge zur einer kritik der Sprache*, I, Leipzig, 1923, pp. 253. Apud CÂMARA JR., J. Mattoso, *Princípios de ling. geral*, p. 180.

nas chamadas orações sem sujeito com verbos essencialmente im pessoais do tipo: tronat, pluit, ningit, etc.

Antes de passarmos ao latim vulgar, façamos uma síntese do estudado até aqui, numa espécie de resumo didático.

### Resumo

Processos de indeterminação do sujeito no latim clássico:

voz ativa	}	vb. na 3 <sup>a</sup> pes. do plural
		vb. na 3 <sup>a</sup> pes. do singular
		vb. na 1 <sup>a</sup> pes. do plural
		vb. na 2 <sup>a</sup> pes. do singular
		pron. indef. ( <u>aliquis</u> , <u>quis</u> , <u>nemo</u> )
		partic. pres. no dativo
voz passiva	}	sintética → vb. intrans. e trans. indir. na 3 <sup>a</sup> pes. do sing.
		analítica → partic. passado + <u>esse</u> gerundivo neutro + <u>est</u>

Passaram ao português: na voz ativa, os três primeiros e o quinto (ampliado); da voz passiva, nada restou: a sintética desapareceu, e a analítica não se presta à indeterminação do sujeito.

Quanto ao pronome se, não era usado para indeterminar o sujeito, embora pudesse se referir a um sujeito lógico vago e indefinido, não expresso sintaticamente; o chamado se "pronome apassivador" é uma criação românica. O se clássico era apenas pronome reflexivo e sua função sintática, a de acusativo (obj. direto).

3.2 - No Latim Vulgar

3.2.1 - A Racionalização Analítica

3.2.1.1 - A Passiva Analítica

3.2.1.2 - A Medial Analítica

1<sup>a</sup>) dinâmica

2<sup>a</sup>) apassivante

### 3.2 - No Latim Vulgar

#### 3.2.1 - A Racionalização Analítica

No latim corrente, o povo romano repudiava de forma sistemática o sintetismo da língua clássica. E por duas razões principais: uma certa incapacidade (ou dificuldade) de abstração, de um lado; e a busca de clareza, por outro lado. As formas sintéticas em geral pareciam-lhe de frágil contorno morfofonêmico e morfossintático, algo como que débeis em termos de imagem acústica, pouco vigorosas, portanto, para traduzir com a devida intensidade sentimentos, juízos subjetivos e mesmo a comunicação em geral.<sup>96</sup> O imediatismo e a espontaneidade próprios da língua oral, a imprevisibilidade da comunicação direta, coloquial e íntima, não podiam caber nos limites racionais e rígidos do sintetismo clássico. Além disso, ou por isso mesmo, as formas sintéticas apresentavam aos olhos, e principalmente aos ouvidos, da massa falante um certo hermetismo, o que lhes obliterava a compreensão imediata por parte das camadas sociais médias e populares do império romano, estes os usuários típicos do chamado latim vulgar (ou latim corrente, no dizer de Serafim da Silva Neto).

Pelas razões acima citadas, preferia o povo romano lançar mão das construções analíticas, das perífrases nominais e verbais. Essas construções lhe pareciam mais encorpa-

---

<sup>96</sup> CARVALHO, Castelar de. *Ensaio graciliano*, p. 71.

das, mais enfáticas, de vigor fônico e morfossintático mais acentuado, prestando-se assim a uma compreensão mais segura e imediata, além de traduzir com mais clareza, no entendimento popular, seus estados de espírito e suas mensagens, principalmente as mais subjetivas. Esta tendência é, aliás, natural e espontânea na fala popular, uma espécie de "terapia lingüística", na expressão apropriada de Gilliéron.<sup>97</sup> Cf. o português popular mais grande (por maior), mais pequeno (por menor), havia chegado (por chegara), pobre à beça, pobre pra burro (por paupérrimo), etc.

Foi, por exemplo, a busca da clareza que decretou a morte da passiva sintética. Em seu lugar, reina soberana, nas línguas românicas, a passiva analítica. Referindo-se a este fato, comenta Meillet:

Ce présent passif n'a pas vécu. La seule forme passive qui était fréquente était celle de l'adjectif en -tus, du type lectus, dictus, amatus, etc., qui, de plus, fournissait le perfectum tout entier, et qui avait le mérite d'être claire: dictus est est un passif immédiatement analysable, clair au premier abord. Et l'on s'explique ainsi que ce soit le seul type qui ait survécu.<sup>98</sup>

---

<sup>97</sup> Apud VÄÄNÄNEN, V. Op. cit., p. 128.

<sup>98</sup> MEILLET, A. *Esquisse*, p. 259.

Idêntica informação nos é fornecida por H. F. Muller:

The cause of the rapid extension, by analogy of the analytical construction to the whole passive system, is apparently the general tendency to use auxiliaries instead of inflexions or desinences, which characterizes the transformation of Latin into Romance.<sup>99</sup>

Essa busca da clareza por parte do povo romano levou certo autor, de cujo nome não nos recordamos, a classificar o latim clássico de egoísta, devido ao fato de sua mensagem estar centrada muito mais no emissor do que no receptor. Em oposição, o latim vulgar é classificado de altruísta, já que neste a comunicação está muito mais voltada para a compreensão por parte do receptor do que propriamente para o emissor da mensagem. Daí o analitismo dominante em todo o sistema gramatical do latim vulgar. Esse analitismo representa um dos aspectos mais importantes da busca de clareza a que se refere Meillet.

Mas voltemos ao nosso ponto, que é a questão do pronome se. Para tanto, retomemos o exame da voz verbal em latim.

---

<sup>99</sup> MULLER, H. F. "The passive voice in vulgar latin", in *The romanic review*, vol. XV, p. 85.

### 3.2.1.1 - A Passiva Analítica

Na língua portuguesa, o pronome reflexivo se chamou a si as duas funções de complemento objetivo: a de objeto direto, que já exercia no latim clássico, e a **de** objeto indireto. Em ambas as funções, em português, o pronome reflexivo se coloca sempre em posição átona em relação ao verbo. Ao nosso si ficou reservada a função sintática de objeto indireto e de complemento nominal, já exercida em latim pelo dativo sibi. Em oposição ao se, o nosso si é usado sempre em posição tônica, uma vez que seu emprego agora se apresenta regido de preposição. Ambos, tanto o se como o si, conservam o mesmo valor reflexivo ou medial trazido do latim clássico.<sup>100</sup>

Como foi então o reflexivo se adquirir as atribuições sintáticas que tem hoje em português? A saber, as de parte integrante do verbo, partícula de realce, símbolo de indeterminação do sujeito e pronome apassivador. Vamos tentar responder a essa indagação retomando as nossas considerações a respeito da voz passiva latina.

Já vimos anteriormente que os valores medial e passivo faziam parte da passiva sintética clássica, por isso mesmo chamada de médio-passiva. Nesse sentido, esclarece Väänänen:

---

<sup>100</sup> O dativo sibi deu si por analogia com mi (< mihi). A forma arcaica átona si deu se, o que explica o seu emprego como objeto indireto. Em posição tônica, si permaneceu inalterado, mantendo a sua fisionomia original, analógica a mi.

En latín, la voz llamada pasiva es en realidad medio-pasiva, ya que sirve para expresar al mismo tiempo la pasiva propiamente dicha y la media: cingor significa "soy ceñido" y "me ciño", moveor, "soy movido" y "me muevo".<sup>101</sup>

Vimos também que a passiva sintética em -r possuía duas características marcantes:

- a) a possibilidade de emprego impessoal sempre que necessário ou conveniente;
- b) e esse valor médio-passivo a que se refere Väänänen.

O emprego impessoal implica a mensagem centrada no verbo, isto é, unicamente no predicado. O exemplo típico é o conhecido sic itur ad astra (Vergílio), sendo itur equivalente ao português vai-se, com sujeito indeterminado. Chamamos a atenção para o sentido ativo dessa construção impessoal representada pela forma sintética do verbo. Forma passiva, mas sentido ativo sempre que essa médio-passiva tinha por finalidade indeterminar o sujeito. Comparando o latim itur com o português vai-se, ambas as orações sem sujeito gramatical, no dizer de Said Ali, conclui este filólogo:

A mesma ausência no exemplo latino: o verbo, na forma médio-passiva, tem o mesmo sentido ativo (medial sintético).<sup>102</sup>

<sup>101</sup> VÄÄNÄNEN, V. Op. cit., p. 205.

<sup>102</sup> SAID ALI, M. *Dificuldades da ling. port.*, p. 93.

É compreensível, se levarmos em conta que a reflexiva ou média tem, na origem, um sentido ativo e que esse valor ativo será retomado pela medial analítica, uma perífrase verbo-pronominal reflexiva revalorizada pelo latim vulgar para substituir a medial sintética da língua clássica. Daí a equivalência em português, para a qual Said Ali chama a atenção: medial sintética (vivitur, itur) = medial analítica (vive-se, vai-se), onde se conserva o mesmo sentido ativo e impessoal do original latino.

Quanto ao uso médio-passivo propriamente dito, este implica a existência de um sujeito interessado e integrado na ação verbal, tema ou ponto de partida e, ao mesmo tempo, ponto de chegada do processo verbal. Como mostra o exemplo de Väänänen, moveor, que tanto pode ser interpretado como sou movido (passiva) como me movo (medial).

Acontece que no latim vulgar os limites sutis entre o valor medial e o valor passivo se romperam com o desaparecimento da forma sintética. A língua popular realoca então formalmente, e a seu modo, aqueles dois valores antes concentrados simultaneamente na antiga passiva sintética em -r. Mas como isso foi feito? Said Ali nos ensina como:

(...) esta dupla função [a medial e a passiva] desdobrou-se nas línguas românicas: de um lado, pelo uso do verbo seguido do pronome reflexivo; do outro, pelo verbo ser mais o particípio do pretérito.<sup>103</sup>

<sup>103</sup> SAID ALI, M. *Dificuldades da líng. port.*, p. 90.

Em outras palavras, para ambos os valores (o medial e o passivo) uma solução analítica, ou melhor, uma racionalização analítica.

Para expressar a passiva propriamente dita, o latim vulgar recorreu às formas do perfectum, revalorizando-as e generalizando o seu emprego a todos os tempos verbais. Já analisamos esse recurso em outra parte deste trabalho. Trata-se da passiva românica típica e geral: amatus sum (sou amado, e não mais fui amado no sentido clássico), amatus es (és amado), amatus est (é amado), etc. Nada a acrescentar ao que já dissemos. E além disso, não é esta que está a nos causar problemas. Deixemo-la em paz e vamos tratar agora da outra face da moeda: o valor médio.

### 3.2.1.2 - A Medial Analítica

Para expressar o valor médio o latim vulgar revalorizou e ampliou o uso da medial analítica já empregada no latim clássico. E como era essa nova medial? Era, na verdade, uma perífrase verbo-pronominal, uma construção reflexiva, que passou assim a sucedâneo analítico, de acordo com a índole do latim vulgar, da construção sintética clássica. Agora, em vez de moveor, o que se tem é me moveo. A vocatur sucede se vocat. Essa construção reflexiva com valor medial dinâmico não era estranha ao latim clássico, que a empregava até mesmo com sujeitos inanimados. O que o latim vulgar fez foi ampliar e aprofundar o seu emprego. Há dois exemplos representativos dessa medial dinâmica no latim clássico, um de Plínio, ou

tro de Vergílio.

Myrina quae Sebastopolim se vocat. (Plínio, Nat., 5. 121)<sup>104</sup>

Clamor se tollit in auras. (verg. Aen., II, 455)<sup>105</sup>

A tradição filológica românica vê em se vocat e se tollit sinônimos de vocatur e tollitur, respectivamente. Entendem alguns romanistas que essas construções reflexivas estão sendo usadas para expressar o lado passivo das formas médio-passivas vocatur e tollitur. Não pensamos assim e oportunamente apresentaremos nossos argumentos. Por ora, reiteremos o seguinte: a medial analítica já existia no latim clássico, usada até mesmo com sujeitos inanimados (embora este uso fosse menos frequente); o latim vulgar revalorizou e ampliou o emprego dessa medial analítica como alternativa à extinta medial sintética. A esse respeito, vejamos o que diz Said Ali:

O que houve portanto foi simplesmente isto: ao lado do medial sintético existiu desde tempos imemoriais o medial analítico, e este, longe de extinguir-se, perdurou sem solução de continuidade, atravessando o latim

---

<sup>104</sup> Apud VÄÄNÄNEN, V. Op. cit., p. 205.

<sup>105</sup> Apud BOURCIEZ, E. *Éléments de linguistique romane*, p. 116.

para vir ter às línguas românicas. Coube-lhe a princípio um papel limitado; mas, so-  
brevindo por fim ao medial sintético, que  
 seguira o destino de outras formas análogas  
 no período da formação das línguas novo-la-  
 tinas, absorveu necessariamente as funções  
primárias da forma rival e desenvolveu-se  
 em breve à custa dela. Era a lei das com-  
 pensações que se verificava.<sup>106</sup> (grifo nos  
 so)

Desaparecida a forma sintética, essa perífrase verbo-  
 pronominal, ou medial analítica, como a chama Said Ali, gene-  
 ralizou-se rápida e completamente por toda a língua popular  
 do império, sendo empregada com verbos intransitivos e transi-  
 tivos.

Mas como o povo romano, os usuários do latim vulgar ,  
 sentiam, na linguagem corrente do dia-a-dia, essa construção  
 medial analítica? A pergunta se justifica a essa altura: é  
 que a extinta passiva sintética tinha um valor ativo quando  
 usada impessoalmente e, ao mesmo tempo, um valor duplo médio-  
 passivo quando seu uso era pessoal. Qual desses três valores  
 estava representado nessa nova medial analítica da língua po-  
 pular?

À primeira vista, a resposta parece simples. Afinal ,  
 o valor puramente passivo da antiga forma sintética não fora

---

<sup>106</sup> SAID ALI, M. *Dificuldades da ling. port.*, p. 90.

transferido para a construção analítica (particípio passado + esse), reformulada para esse fim pelo latim vulgar e para indicar exclusivamente a voz verbal passiva? Depurada de seu valor medial, essa nova passiva analítica apresentava-se mais clara, mais fácil de ser entendida pelo povo, mais consentânea com o espírito e a índole do latim corrente. Um terço do problema estaria assim resolvido: voz passiva stricto sensu no latim vulgar, e por extensão nas línguas românicas, portanto, só a analítica. Em outras palavras, para o povo, o verdadeiro substituto do vocatur passivo (no exemplo de Plínio) seria vocata est, e não se vocat. Por esse raciocínio, se vocat corresponderia à face medial da forma médio-passiva vocatur. É medial dinâmica, como pensamos ser o caso no exemplo de Plínio e no de Vergílio há pouco citados, com a personificação dos sujeitos inanimados Myrina e clamor.

Lembremos que a passiva sintética não era de uso corrente na fala popular.<sup>107</sup> Era uma construção restrita quase que exclusivamente à língua literária; tanto assim que continuou presente até mesmo em textos representativos do latim vulgar até o século VIII, segundo informações de Grandgent<sup>108</sup> e de H. F. Muller<sup>109</sup>. Ficamos, portanto, com os outros dois terços do problema.

---

<sup>107</sup> GRANDGENT, C. H. *Introducción al latín vulgar*, p. 93.

<sup>108</sup> Idem, *ibidem*, p. 93.

<sup>109</sup> MULLER, H. F. "The passive voice in vulgar latin", in *The romanic review*, vol. XV, pp. 78-79.

Ora, por esse raciocínio, já temos a resposta. A nova medial analítica desenvolvida pelo latim vulgar para substituir a medial sintética do latim clássico teria assumido desta os seus dois valores restantes ("absorveu as funções primárias da forma rival", como afirma Said Ali): o medial, incluindo-se nesse medial o emprego reflexivo propriamente dito; e o impessoal, este como uma extensão da chamada medial dinâmica empregada impessoalmente, cuja ressonância em português en contra-se em construções impessoais do tipo ama-se, vai-se, vive-se, etc. (cf. amatur, itur, vivitur, etc.).<sup>110</sup>

Temos assim um panorama da reviravolta geral promovida pelo latim vulgar na categoria verbal da voz passiva clássica. Sempre obcecada pela clareza da forma, a língua popular promoveu uma racionalização analitizante geral no sistema morfossintático do latim clássico. Nada escapou, e muito menos as vozes verbais.

No caso da voz passiva, o latim vulgar não só manteve essa categoria verbal, como também a ampliou. E ampliou no sentido de que operou sobre a antiga passiva clássica uma ação planificadora e coerente, tornando-a mais clara e, em consequência, linguisticamente mais democrática, mais acessível aos falantes em geral, de todas as camadas sociais, e não apenas a uma minoria de letrados.

---

<sup>110</sup> Sobre a medial dinâmica e seu emprego impessoal, v. CÂMARA JR., J. Mattoso, *Hist. e estr. da líng. port.*, p. 175.

Mas como o latim vulgar conseguiu essa revolução? Primeiro, revalorizando o analitismo latente no latim clássico e estendendo-o a todo o sistema da conjugação passiva. E estamos nos referindo aqui apenas à passiva stricto sensu, isto é, aquela em que o sujeito-paciente sofre a ação praticada sobre ele por um agente externo, e não à ambivalência médio-passiva entranhada na forma sintética.

Num primeiro momento, portanto, agiu o latim vulgar reformulando semanticamente a perífrase participio passado + esse do perfectum; a seguir, assimilou nessa perífrase os tempos do inflectum. Com isso, essa nova passiva popular e pré-românica, depurada de seu valor medial, ganhou em extensão, em especificidade e em coerência. E principalmente em clareza, ansiedade comunicatória primeira e última da grande massa de iletrados do império romano, aqueles que aprendiam a língua de oitiva e a falavam por intuição. Cegos culturalmente, porque iletrados, mas jamais surdos ou mudos. Para compensar a cegueira alfabética, o povo romano teve de apurar os ouvidos, de analisar a fala e de acender a intuição para poder explorar e revalorizar ao máximo, e em proveito de suas conveniências, os recursos previstos e disponíveis no latim clássico. Digressão machadiana à parte, voltemos à nossa passiva.

Em segundo lugar, o latim vulgar, ainda e sempre em nome da clareza, levou a sua racionalização analítica às últimas consequências, desentranhando da antiga forma sintética médio-passiva os seus dois outros valores (já excluído o valor passivo, transferido in totum para a passiva analítica) :

o medial e o impessoal, valores esses que já se encontravam nas próprias raízes indo-européias da passiva sintética.

O desdobramento da medial sintética em medial analítica com pronome reflexivo também é coerente e faz sentido. Coerente porque se a voz medial do indo-europeu, da qual se origina a médio-passiva latina, apresenta justamente um sujeito envolvido e integrado na ação verbal, nada melhor para representar analiticamente essa medial do que a construção reflexiva, exatamente pela sua natureza retroativa e integradora do sujeito na ação que dele parte. Mesmo que esse sujeito seja uma incógnita semântica, uma entidade fictícia e hipotética, como ocorre na construção de valor impessoal, ou melhor, de sujeito indeterminado, com verbo usado impessoalmente na 3ª pessoa do singular (a não-pessoa, como diz Benveniste) + se.

Diríamos a essa altura, permitindo-nos uma licença nada acadêmica, que, no caso da voz médio-passiva, o que o latim vulgar fez foi colocar cada macaco no seu galho. Segundo as suas intuições e conveniências, é claro. Todos, galhos da mesma árvore, uma árvore chamada tendência analítica. Mas não importa. Ou até importa. No fim, isto é, nas línguas românicas, cada coisa acabou ficando no seu lugar. É bem verdade que alguns galhos supérfluos tiveram de ser podados. Mas, ao fim e ao cabo, nenhum macaco ficou sem o seu, tão frondosa e acolhedora era a árvore da língua latina.

É bem verdade também que algumas rearrumações foram promovidas pelas línguas românicas à revelia da matriz popular latina. Na língua portuguesa, a controvérsia a respeito

do polêmico se apassivante é um exemplo típico. São contingências do fluir temporal, acidentes diacrônicos mais ou menos previsíveis na deriva do latim vulgar, que, a bem da verdade, não podia fazer muita força para permanecer inteiriço e imutável per omnia secula seculorum. Isso de inteireza e imutabilidade não lhe quadrava muito bem, era coisa lá para o seu vetusto irmão, o latim clássico.

Mas voltemos aos macacos e aos galhos. O que queremos dizer é que, desmembrando a passiva sintética em duas perífrases analíticas (perdoem-nos a redundância, irresistível), pôde o latim vulgar situar cada valor em seu espaço expressional próprio. A língua popular desfez assim a aparente unidade da forma sintética, sob a qual contrapunham-se, latentes, valores tão diversos quanto o ativo impessoal, o medial e o passivo. Todos cingidos pela camisa de força da desinência -r, contraditoriamente frágil porque átona e final, de tênue contorno mórfico e fonêmico, suscetível, portanto, de esmaecimento na língua oral.

Quebrado o gelo da passiva sintética, as águas do analitismo puderam aflorar caudalosas e dinâmicas, a levar de roldão os últimos vestígios do sintetismo clássico. Aqui a metáfora não é nossa. Encontramo-la em Serafim da Silva Neto, que, por sua vez, cita como criador da mesma o lingüista alemão Skuttch. A leitura dos textos do nosso saudoso Serafim é sempre agradável. Eis suas palavras a respeito da antinomia língua escrita x língua oral:

A única espécie de língua que realmente e-

xiste é a falada. A língua culta, literária é artisticificação dessa matéria prima. (...) A camada de gelo é a língua escrita. O frio que a produz e quisera estacionar a corrente é o esforço dos artistas e dos gramáticos.<sup>111</sup> (grifo do Autor)

Ora, parece que estamos agora em condições de responder à nossa questão central, objeto deste capítulo. Afinal, como o reflexivo se foi adquirir, em português, atribuições sintáticas tão diversas como "símbolo de indeterminação do sujeito", "parte integrante do verbo", "partícula de realce" e, principalmente, como se criou essa fronteira ambígua chamada "pronomes apassivador", objeto de tantas polêmicas entre os nossos filólogos ?

Por falar em polêmicas, lembremos que as duas teses, a do se indeterminante e a do se apassivante, têm tido defensores ardorosos e apaixonados entre os filólogos patricios. A propósito, consta, segundo uma certa tradição oral, ter o filólogo Said Ali, partidário do se indeterminante, recebido vigorosa bengalada, desferida sobre sua cabeça pelo gramático Maximino Maciel, partidário do se apassivante. É que Maximino, inconformado com as posições irredutíveis de Said Ali, ter-lhe-ia vibrado o golpe como tentativa extrema de convencimento após acalorada altercação.

Bengaladas à parte, voltemos ao ponto. Pensamos que

---

111

SILVA NETO, Serafim da. *Hist. do latim vulgar*, p. 16.

a resposta à nossa pergunta se encontra em dois momentos sincrônicos diferentes na trajetória evolutiva da medial analítica. E em causas outras, nem sempre propriamente lingüísticas.

A nosso ver, a medial analítica revalorizada pelo latim vulgar para substituir a medial sintética da língua clássica passou por duas fases: 1<sup>a</sup>) ainda no latim vulgar e com os valores reflexivo propriamente dito e medial dinâmico ; 2<sup>a</sup>) nas línguas românicas, como uma extensão do emprego medial dinâmico, a medial analítica recebe atribuição apassivante (cf. port., esp., ital.). Pretendemos apresentar uma síntese do que se encontra nos manuais de filologia românica sobre o assunto, a visão crítica a respeito, assim como os nossos pontos de vista. Começemos pela 1<sup>a</sup> fase.

### 1<sup>a</sup>) A Medial Dinâmica

Num primeiro momento, ainda no latim vulgar, a medial analítica não teria valor passivo. Seus valores seriam unicamente reflexivo stricto sensu e medial dinâmico. No valor reflexivo propriamente dito está contida, como uma extensão natural, a idéia de reciprocidade. Este valor reflexivo é uma das facetas da voz medial. Não é deste valor exatamente que trataremos aqui. Empregado sempre com verbos transitivos, como em latim, o se reflexivo stricto sensu manteve em suas linhas gerais a mesma fisionomia sintática herdada da matriz latina. Para a sintaxe portuguesa, este se não trouxe contribuição nova: complemento objetivo em latim, complemento obje-

tivo em português.

A medial dinâmica, entretanto, irá produzir fatos novos para a sintaxe portuguesa. Como já dissemos, ao tratarmos da origem da passiva clássica, é dessa voz medial dinâmica que se origina, em português, o nosso se como parte integrante do verbo (com verbos pronominais: queixar-se, sentar-se, etc.) e como partícula de realce (com verbos intransitivos: ir-se, rir-se, etc.). Pensamos que também as construções impessoais com verbo na 3ª pessoa do singular + se do tipo vende-se, precisa-se de, é-se / está-se feliz, vive-se, vai-se, etc. têm sua origem numa extensão de emprego da medial dinâmica. Nessas construções o se é classificado pelas nossas gramáticas de símbolo (ou índice) de indeterminação do sujeito. Quanto ao chamado se pronome apassivador, essa já é uma outra história. Dela trataremos na 2ª fase. Por ora, começamos pelo papel desempenhado por essa medial dinâmica no latim vulgar.

O exemplo de Vergílio, clamor se tollit in auras, pode nos servir de ponto de partida. Note-se a personificação do sujeito inanimado clamor. O latim vulgar irá prolongar e preservar esse recurso já existente no próprio latim clássico, segundo já vimos. Trata-se de um exemplo típico da medial dinâmica, com um sujeito integrado e interessado na ação verbal. Aqui a medial analítica se tollit é, a nosso ver, sinônimo parcial da medial sintética tollitur. Parcial por estar representando apenas uma das faces da forma sintética: justamente o seu lado medial. Senão vejamos.

Teria Vergílio realmente usado se tollit como sinônimo do tollitur passivo stricto sensu? Vergílio é um autor clássico, e, para os clássicos, a reflexiva não tinha valor passivo. Para a língua clássica, como já vimos, a construção reflexiva só tinha dois valores: ou o reflexivo propriamente dito, ou o medial lato sensu. O que na prática vinha a dar no mesmo, já que reflexivo e medial são valores historicamente imbricados, sutil e tênue é a fronteira entre ambos. Segundo essa linha de raciocínio, pensamos que a construção reflexiva se tollit foi empregada por Vergílio com valor medial dinâmico, com a personificação do sujeito inanimado clamor. Tal construção não era estranha ao latim clássico, como o comprova o próprio exemplo do poeta latino, além de outros já citados por nós neste trabalho. É bem verdade que a reflexiva com sujeitos inanimados não era muito frequente nos autores clássicos. É que para a mentalidade clássica, só o homem, só o ser humano podia ser o agente da ação verbal. Exceção feita aos deuses, é claro. Chamamos a atenção para essa visão antropocêntrica dos autores clássicos. A ela retornaremos quando tratarmos do português renascentista.

Agora vejamos a opinião dos romanistas. Bourciez, por exemplo, parece não ter dúvidas sobre o valor passivo da perífrase se tollit. Para esse Autor francês, como, de resto, para a maioria dos autores consultados, a reflexiva (medial analítico, para Said Ali) era usada pelo povo romano como sucedâneo da passiva sintética, a par da passiva analítica. Ou melhor, como forma intermediária entre a passiva sintética clássica e a analítica popular. Mas vejamos as pró-

prias palavras de Bourciez:

La forme réfléchie a pu de bonne heure servir d'équivalent au passif, et déjà chez Virgile, Aen. II, 455: clamor se tollit in auras.<sup>112</sup>

Bourciez, citando outros exemplos, informa ainda que essa "reflexivo-passiva" sabia bem ao gosto popular:

Ce procédé fit de grands progrès dans l'usage populaire: cum se coxerit (Apic., 8, 8); Myrina quae Sebastopolim ce vocat (Plin., 5, 30); morbis se abscondit (Mulom., 174).<sup>113</sup>

Com o devido respeito, a nós nos parece que nenhum dos exemplos citados pelo ilustre romanista francês possa ser classificado indiscutivelmente como portador de sentido passivo. Vejamos um por um.

O primeiro exemplo - clamor se tollit in auras - já o analisamos há pouco. Gostaríamos apenas de acrescentar às nossas as palavras de Mattoso Câmara, para o qual, neste caso como em outros semelhantes, não existe sentido passivo. Ensi-  
na Mattoso:

O padrão de um verbo combinado com o acusa-

---

<sup>112</sup> BOURCIEZ, E. Op. cit., p. 116.

<sup>113</sup> Idem, ibidem, p. 116.

tivo do pronome reflexivo já aparece no latim clássico literário e teve grande aceitação em latim vulgar. Um bom exemplo é a frase de Virgílio: "Clamor se tollit in auras", "Um clamor se ergue aos céus".<sup>114</sup>

Agora, a crítica de Mattoso Câmara:

Em regra, interpreta-se como uma modalidade de "voz passiva" (Cf. Bourciez, 1930, 116); mas na realidade a noção gramatical é outra. É uma extensão da construção ativa, acrescida da participação intensa do sujeito no que se expressa: "um clamor se ergue", da mesma sorte que "sobe aos céus".<sup>115</sup> (grifos nossos)

Quer dizer, para o nosso Mattoso Câmara, o sentido da frase vergiliana é nitidamente medial, e medial dinâmico. Na da de passiva pronominal, como quer Bourciez. Tanto que, em seguida, Mattoso estabelece uma comparação entre a frase de Vergílio e as vozes medial dinâmica e ativa:

Analogamente, dizemos em português: "a estrada avança" ou "se estende"; "a casa desaba" ou "se esboroa"; e assim por diante.<sup>116</sup>

---

<sup>114</sup> CÂMARA JR., J. Mattoso. *Hist. e estrut. da ling. port.*, p. 174.

<sup>115</sup> Idem, *ibidem*, pp. 174-175.

<sup>116</sup> Idem, *ibidem*, p. 175.

Chamamos a atenção para a última frase do Autor: "e as sim por diante", isto é, todos os casos semelhantes devem ser enquadrados na mesma interpretação, a seu ver.

Ora, pelo raciocínio mattosiano, que também é o mesmo de Said Ali, segundo já vimos, os demais exemplos fornecidos por Bourciez apresentariam igualmente valor antes medial que passivo. Ou, concederíamos nós, oscilariam entre esses dois valores, numa espécie de fronteira ambígua e indefinida própria desse tipo de construção, mormente com sujeitos inanimados. Aqui, para a solução do dilema, mais do que nunca, vale o ditado: "Tudo é uma questão de ponto de vista". Para um romanista de linhagem clássica como Bourciez, reflexiva com sujeito inanimado = voz passiva. Afinal, sujeitos inanimados não podem praticar a ação verbal e sim sofrê-la. Concilia-se assim a lógica com o fato lingüístico. Já para um lingüista como Mattoso Câmara, ou para Said Ali, lingüista avant la lettre, descomprometidos ambos com uma transcendência logicista, mais voltados que estão para as motivações imanentes da própria língua, forma reflexiva é sinônimo de conteúdo reflexivo (ou medial), seja o sujeito animado (humano) ou inanimado (não-humano). De nossa parte, o ponto de vista que mais satisfaz ao nosso espírito é o de Mattoso e o de Said Ali. Como boa companhia, não é pouca coisa (com todo o respeito aos partidários da interpretação passiva).

Voltemos ao latim vulgar e à medial analítica. O segundo exemplo apresentado por Bourciez - cum se coxerit - apresenta-se ambíguo. Pelo menos, do jeito como é citado pe-

lo Autor, o excerto sugere ambigüidade. Cum se coxerit (cuja tradução aproximada seria "quando (ou enquanto) se cozinhar") poderia ser interpretada como uma oração de sujeito indeterminado. Lembremos que o pronome reflexivo de 3ª pessoa podia ser usado no latim clássico em referência a um sujeito lógico vago e indefinido, e no caso, talvez coubesse a interpretação: "quando se cozinhar (algo)", isto é, "quando alguém cozinhar (algo)". A aceitar-se esta interpretação, cum se coxerit apresentaria um valor ativo impessoal. Por outro lado, não está excluída a possibilidade de se subentender aí um sujeito elíptico ("quando (algo) se cozinhar"), admitindo o excerto então uma interpretação medial, com a personificação desse sujeito elíptico. A interpretação passiva, portanto, como quer Bourciez, não nos parece tão pacífica.

O terceiro exemplo - Myrina quae Sebastopolim se vocat - nos parece o mais discutível dos quatro. A forma medial analítica se vocat ("se chama") é tida e havida como de sentido passivo. Em português, a tradição gramatical fixou se chama = é chamado(a). Pensamos, entretanto, que o verdadeiro sucedâneo popular do passivo vocatur seria, no caso, vocata est, e não se vocat, reescrevendo-se a oração da seguinte maneira: Myrina quae Sebastopolis vocata est, em que Sebastopolis, no nominativo, funcionaria como predicativo do sujeito Myrina. Esta, sim, seria a versão passiva popular da oração. Tratando-se de Plínio, no entanto, não nos parece ser o caso. A nosso ver, a forma se vocat apresenta valor

medial dinâmico, e não passivo.<sup>117</sup> E valor medial por duas razões.

Primeira razão, de natureza semântica. O sujeito Myrina (= quae) estaria aí personificado, num processo de animização integrador do mesmo no fato verbal, processo esse típico da medial dinâmica. Trata-se daquilo que Mattoso Câmara

---

<sup>117</sup> Cf. no português coloquial, uma certa tendência à despronominalização dos chamados verbos pronominais, deslocando a voz verbal do eixo médio para o pólo ativo:

"Sarney encontra (em vez de se encontra) com governadores." (*Jornal do Brasil*, 26/3/89).

No caso de chamar-se, já se ouve com ~~uma~~ certa frequência a seguinte construção: "Como é que ele chama? Ele chama Paulo." E até mesmo na 1<sup>a</sup> pessoa: "Como é que você chama? Eu chamo Paulo." É uma construção que causa repugnância aos nossos ouvidos (os deste Autor), mas ela existe, e ao estudioso da língua só lhe resta descrevê-la e buscar-lhe as motivações mais íntimas.

Aqui, neste caso, a despronominalização representa, a nosso ver, uma elipse do pronome-objeto como que para deixá-lo subentendido. E essa elipse só é possível justamente porque o pronome reflexivo já se acha fossilizado e esvaaziado de sua função objetiva. O fato é que essa possibilidade de uso despronominalizado desfaz a fronteira ambígua existente entre a interpretação passiva e a interpretação medial do verbo chamar-se. Curioso é que a despronominalização, afastando do verbo ~~uma~~ possível interpretação passiva, afasta dele também, de certo modo, a interpretação medial, o que acaba por aproximá-lo do outro pólo, o da categoria verbal da voz ativa.

chamou, por outras palavras, de impressionismo (cf. Câmara Jr., Dicionário, 56).

Segunda razão, de natureza sintática. A comprovar essa razão sintática, está Sebastopolim no acusativo, em concordância com outro acusativo, o pronome se. Ora, a função sintática de Sebastopolim é a de predicativo do objeto se, daí a concordância com o mesmo. Lembremos que em latim o predicativo do sujeito, ou do objeto, concorda com estes em gênero, número e caso.

Encerremos com o último exemplo apresentado por Bourciez como modelo da "reflexiva-passiva": morbis se abscondit. De todos, parece-nos exatamente o mais representativo da voz medial dinâmica. Em morbis se abscondit ("a doença se oculta"), morbis se oferece, a nosso ver, como exemplo típico de um sujeito inanimado não-humano que, sob a forma dinâmica da personificação, recurso linguístico imanente ao próprio latim clássico, se apresenta como interessado e integrado intensamente na ação verbal. Em outras palavras, "a doença se oculta" quer dizer "a doença dissimula", "a doença engana" (o doente). Não conseguimos, portanto, fazer a leitura pretendida por Bourciez, isto é, "a doença é ocultada", na voz passiva. Por enquanto, preferimos continuar seguindo a lição dos nossos Said Ali e Mattoso Câmara.<sup>118</sup>

---

<sup>118</sup> Curioso é que esta é também a visão de H. F. Muller. No seu artigo "The passive voice in vulgar latin", lido por nós após a redação deste capítulo sobre se, constatamos

Mas o romanista francês não é voz isolada. Vamos encontrar o mesmo ponto de vista em Grandgent:

En el período intermedio la pasiva era a menudo sustituida por construcciones reflexivas y activas. En realidad, la reflexiva habia estado siempre en uso en latín, especialmente en autores como Catón, Varrón, Vitrubio y Cicerón en sus cartas. En vez de littera scribitur, pues, antes que littera scripta est estuviese bien establecido, el pueblo decia frecuentemente littera se scribit; (...) así, facit se hora quinta.<sup>119</sup>

O nosso Ismael de Lima Coutinho, na esteira de Grandgent, diz a mesma coisa:

Assim, em lugar de littera scribitur pas-

---

118 (cont.)

que, por coincidência, o Autor tem o mesmo pensamento de Said Ali e Mattoso Câmara. Só que o artigo de Muller foi escrito em 1924. E, justiça seja feita ao nosso Said Ali, a 1<sup>a</sup> edição do seu *Dificuldades* é de 1958. Mas vale a pena ler o que diz Muller a respeito da personificação de sujeitos inanimados na voz medial dinâmica: "In fact, this use of the reflexive with inanimate objects, which is made so much of by some scholars, is but in conformity with popular usage, which the purest classics, as we have seen, do not always disdain: it is metaphorical and has nothing to do with morphology." (*The romanic review*, vol. XV, 1924, p. 89) (grifos nossos).

119 GRANDGENT, C. H. Op. cit., p. 94.

sou-se a dizer littera scripta est. Entre estes dois usos, houve um intermediário littera se scribit, que explica a nossa passiva com se.<sup>120</sup>

As palavras de Grandgent merecem alguns comentários. Diz o Autor que a reflexiva sempre esteve presente em latim, principalmente em Catão, Varrão, Vitrúbio e Cícero. Este a usava em suas cartas. Ora, que a reflexiva frequentava a pena dos melhores autores latinos disso sabemos nós. Mas certamente nenhum dos autores aí mencionados usava a reflexiva com valor passivo.

Quanto ao povo, Grandgent informa que este usava uma construção reflexiva do tipo littera se scribit com valor passivo, em vez de littera scribitur, "antes que littera scripta est estivesse bien establecido", conforme a tradução espanhola.

O que o Autor quer dizer com "antes que littera scripta est estivesse bien establecido"? A afirmação de Grandgent induz o leitor a pensar que a perífrase reflexiva com valor passivo é cronologicamente anterior à passiva analítica na fala popular. Grandgent parece estabelecer um escalonamento cronológico na evolução da voz passiva: primeiro, a passiva sintética; depois, a reflexiva com valor passivo; e por fim, a passiva propriamente dita sob a forma analítica.

---

<sup>120</sup> COUTINHO, I. L. Op. cit., p. 278.

Ora, não foi exatamente essa a evolução da passiva. A preferência generalizada do povo romano, na língua oral, pela passiva analítica, quer nos tempos do infectum, quer nos do perfectum, demonstra que a construção reflexiva não pode ter sido cronologicamente intermediária entre a forma sintética e a forma analítica. As evidências históricas demonstram que a passiva sintética era pouco usada pelo povo, e que a passiva analítica, ao contrário, sempre esteve presente na boca do falante inculto do orbis romano. E muito antes de ser atribuído à reflexiva valor passivo. Cronologicamente antes. É o próprio Grandgent quem o diz:

La pasiva latina probablemente no fué nunca popular en realidad. (...) Las antiguas formas de pasiva (...) desaparecieron gradualmente por completo del lenguaje ordinario.<sup>121</sup>

À luz dos textos em latim vulgar por nós pesquisados<sup>122</sup>, concluimos que a reflexiva (medial analítica) só foi adquirir valor passivo, ou melhor, só pôde se prestar a uma interpretação passiva bem mais tarde. O que pudemos constatar nos textos em latim vulgar, desde os seus primórdios até o século VIII, no período pré-romance, é o uso da reflexiva

---

<sup>121</sup> GRANDGENT, C. H. Op. cit., p. 93.

<sup>122</sup> Consulte-se, a propósito, *Antología del latín vulgar*, de Manuel C. Díaz y Díaz, Gredos, 1985.

com valor medial, muito próximo ainda de sua origem clássica. Pensamos que a reflexiva só pôde se prestar a uma interpretação passiva já nas línguas românicas (port., ital., esp.) , quando a mesma já se encontrava cronologicamente muito distante de sua fonte clássica (e mesmo popular), seguindo a sua derivativa própria, a qual viria a desaguar nos diversos romances espalhados pelo universo românico. Quanto aos motivos que levaram a reflexiva a adquirir esse valor passivo, valor esse em muitos casos discutível, este é assunto para um segundo momento na evolução da medial analítica. Lá chegaremos.

Não entendemos, portanto, a afirmativa de Grandgent , segundo a qual, a reflexiva com valor passivo seria anterior à passiva analítica no latim vulgar. Mas analisemos agora os dois exemplos apresentados pelo Autor. O primeiro - littera se scribit - parece ser de sua própria lavra, uma vez que não há remissão a qualquer texto em latim vulgar. Trata-se , portanto, de um exemplo sem abonação.<sup>123</sup> O segundo exemplo -

---

123 Curiosamente, as mesmas objeções ao exemplo de Grandgent e à sua tese "reflexivo-passiva", por nós apresentadas neste trabalho, fazem parte do artigo "The passive voice in vulgar latin", de H. F. Muller, já citado. Chamamos a atenção para o fato de que o referido artigo só nos chegou às mãos após a redação deste capítulo sobre o pronome se. Ignorando os pontos de vista do Autor, chegamos coincidentemente ao mesmo fim por outros caminhos, e caminhos próprios: os da reflexão pessoal, da pesquisa na bibliografia disponível em língua portuguesa (cf. Said Ali e Mattoso Câmara) e de uma boa dose de intuição e de bom senso lingüísticos. Mas vale a pena ler o pensamento de

facit se hora quinta - é da Peregrinatio.

Littera se scribit parece-nos um exemplo talhado, feito sob medida para provar a tese da "reflexiva-passiva". Tem-se aí um sujeito littera incapaz de praticar a ação verbal, logo só pode sofrê-la. Vai daí que littera se scribit = littera scripta est e, portanto, voz passiva.

Mas, ainda assim, algumas questões se apresentam. Numa modalidade de língua - a oral - em que a noção de caso se apresentava bastante esmaecida, para não dizer obliterada, que garantia segura nos apresenta o exemplo forjado por Grandgent para o mesmo afirmar, sem sombra de dúvida, que littera se scribit é modelo acabado de voz passiva? Littera seria sujeito-paciente apenas por estar antes do verbo? E se colocássemos o substantivo littera depois do verbo, na posição românica de objeto, dirigindo para ele a ação verbal? Se scribit littera não poderia ser sentido pelo falante de latim vulgar como uma oração impessoal, ou melhor, de sujeito indeterminado? Não era este um dos usos da passiva clássica, a chamada passiva impessoal? A medial analítica vulgar poderia poten-

---

123 (cont.)

Muller, radicalmente contra a tese de Grandgent: "First let us eliminate from this statement [o de Grandgent] whatever is unwarranted - not only unproved but disproved by the documents, viz., that littera scribitur was archaic and littera scripta est vulgar in the fourth century! There is not a shadow of proof or even likelihood for such a statement." (grifos nossos) V. *The romanian review*, vol. XV, 1924, pp. 85-86.

cialmente assumir também esse valor impessoal, já que ela veio para recobrir as funções da extinta medial sintética da língua clássica. O que aliás poderia de fato acontecer como uma extensão da medial dinâmica usada impessoalmente<sup>124</sup> (v. pp.

Voltando a Grandgent e para encerrar, acrescentaríamos o seguinte: mesmo com o substantivo littera antes do verbo, a interpretação impessoal não estaria excluída, como acontece, aliás, em português.

Quanto ao segundo exemplo apresentado por Grandgent, pertence ele ao texto da Peregrinatio. O excerto completo é o seguinte, conforme citação de Väänänen:

Haec ergo dum aguntur, facit se hora quinta  
(Peregr., 27, 3), "con estas cerimoniae se alcanza la hora quinta".<sup>125</sup>

Väänänen acrescenta que facit se é, no caso, "perfeitamente sinônimo de lo pasivo fit", presente do indicativo de facit. O mesmo ponto de vista de Grandgent.

No entanto, este é outro exemplo que se apresenta ambíguo, a nosso ver. A interpretação passiva só é possível na

---

<sup>124</sup> CÂMARA JR., J. Mattoso. *Hist. e estrut. da líng. port.*, p. 175.

<sup>125</sup> VÄÄNÄNEN, V. *Op. cit.*, p. 205.

medida em que aceitarmos o argumento metafísico anti-impressionista, segundo o qual "hora quinta", sujeito inanimado não-humano só pode sofrer a ação, e jamais praticá-la, logo o sentido lógico seria "a hora quinta é alcançada". O segundo argumento em favor da interpretação passiva seria de natureza sintática: "hora quinta" se encontra no nominativo, na função de sujeito, e sujeito da passiva naturalmente, ou melhor, da passiva-reflexiva (ou vice-versa).

Ora, teria a monja Egéria usado a construção reflexiva facit se com valor realmente passivo? E estaria hora quinta no nominativo de fato? As nossas dúvidas têm sua razão de ser. É que a Peregrinatio situa-se entre os séculos IV e V, época em que a consciência da função sintática dos casos latinos já estava bastante enfraquecida. Prova disso é que a confusão no uso dos casos pela própria Egéria é comum ao longo da Peregrinatio. Veja-se o exemplo seguinte, no qual a Autora emprega o acusativo orationem como objeto (ou seria sujeito?) do verbo fit na voz passiva:

Primum aguntur gratiae Deo, et sic fit orationem pro omnibus.<sup>126</sup>

Teria Egéria usado a forma verbal fit em fit orationem com valor passivo pessoal ("a oração é feita")? Ou teria a Autora empregado fit com valor de passiva impessoal seguida

---

<sup>126</sup> Apud DIAZ Y DIAZ, M. *Antología del latín vulgar*, p. 84.

de acusativo ("faz-se a oração")? O nosso Said Ali, com base em Löfstedt, prefere a segunda interpretação:

Vem aqui a propósito uma observação interessante feita por E. Löfstedt quanto ao latim vulgar. No manuscrito da  Peregrinatio Aetheriae  existe este trecho  Primum aguntur gratiae Deo, et sic fit orationem pro omnibus.  A maior parte dos editores emendaram  fit oratio  como o estava a pedir a gramática. Löfstedt restabelece a lição primitiva e mostra em outros escritores vestígios de que em latim vulgar se praticava a construção das formas passivas impessoais com acusativo objeto. Em Petrónio (nas edições de Bücheler e Friedländer, de acordo com os manuscritos) ocorre  faciatur, si tibi videtur, et triclinia.  Em latim da Idade Média aparece  Matthaeum legitur, psalmos erat ante legendum. <sup>127</sup>

Num texto que se apresenta tão precário, tão inseguro no que diz respeito ao uso dos casos latinos, afigura-se-nos discutível a rotulação tranqüila de voz passiva para uma construção como  facit se hora quinta.  Não admitiria esse passo também uma interpretação como voz ativa com sentido impessoal? Algo como "alcança-se a hora quinta", entendendo-se o seu sujeito, neste caso, como indeterminado. Como, aliás, parece sugerir a versão espanhola do texto de Väänänen.

---

<sup>127</sup> SAID ALI, M. *Gramática histórica*, p. 270.

A verdade é que a interpretação de construções reflexivas como facit se hora quinta e outras semelhantes não é tão tranqüila assim como fazem supor alguns manuais de filologia românica. Lembremos, a propósito, as palavras ponderadas de Evanildo Bechara. Comentando o mesmo exemplo da Peregrinatio (fit orationem) por nós analisado, observa Bechara:

O inusitado de uma forma em acusativo como objeto para o verbo na passiva levou muitos editores a propor modificações para esta passagem da Peregrinatio. A maioria, entre eles Geyer, está acorde em que a melhor solução é ler-se o nominativo oratio, exigido pelo rigor gramatical.<sup>128</sup>

Analogamente, foi o que se fez em facit se hora quinta, ao se optar pela interpretação de hora quinta como do caso nominativo. Obedeceu-se também, neste caso, à lógica gramatical. A solução não é absurda. Ela é até possível, para não se dizer viável. Mas nem por isso ela deixa de ser uma solução discutível. Afinal, se onde estava orationem leu-se oratio, não se poderia ler horam quintam onde estava hora quinta?

De fato, a solução gramatical não elimina a ambigüidade de semântico-interpretativa dessas perífrases verbo-pronomi-

---

<sup>128</sup> BECHARA, E. *Estudos sobre a sintaxe nominal na Peregrinatio*. Tese de concurso para provimento da cátedra de Filologia Românica da Fac. de Letras da UERJ, Rio , 1963. p. 35.

nais. Ambigüidade que tem sua ressonância, em português, na contradição existente entre a norma gramatical e o uso corrente, a saber: aluga-se casas (uso geral, verbo impessoal na 3ª pes. do sing., sujeito indeterminado, objeto direto = casas, voz medial com a informação centrada no predicado) x alugam-se casas (uso gramatical, sujeito = casas, voz passiva pronominal com a informação centrada no sujeito).

Essa contradição, motivo de tantas polêmicas entre os estudiosos do assunto, não é privilégio do português. Vamos encontrá-la também em espanhol.<sup>129</sup> Ainda a propósito, Bechara adverte com palavras prudentes:

A questão, entretanto, não se resolve tão facilmente e não tem na Peregrinatio sua única ressonância, o que nos leva a indagações mais demoradas.<sup>130</sup>

As "indagações mais demoradas" de Evanildo Bechara nós as fazemos nossas. Desde o início deste capítulo sobre o pronome se não temos feito outra coisa. Mas vale a pena acompanhar as indagações de Bechara:

Sabemos da precariedade da passiva na história do latim, principalmente nos casos em

---

<sup>129</sup> GILI GAYA, S. *Curso superior de sintaxis española*, cap. IX.

<sup>130</sup> BECHARA, E. Tese cit., p. 35.

que se aproxima da idéia de sujeito indefinido, onde uma forma como amatur não só podia ser interpretada como é amado (passiva pessoal), mas também como ama-se, alguém ama (passiva impessoal).<sup>131</sup>

Ora, essa "precariedade da passiva" a que se refere o Autor era muito maior ainda na língua popular e coloquial, no chamado latim vulgar, onde os limites sutis entre o valor medial e o valor passivo se romperam com o desaparecimento da passiva sintética. É o que lembra Bechara também em seguida:

Se a lógica gramatical impedia o aparecimento de um complemento direto na primeira aceção [na passiva pessoal], a língua familiar desde cedo fez-lhe concessões flagrantes no segundo emprego [na passiva impessoal].<sup>132</sup>

As palavras do Autor nos fazem entender melhor o fit orationem da Peregrinatio. Se o latim vulgar se permitia, como diz Bechara, o uso da passiva impessoal com acusativo (por ex., amatur vitam, no sentido generalizante de "ama-se a vida", onde o latim clássico usaria a passiva pessoal amatur vita, "a vida é amada")<sup>133</sup>, não seria absurdo o entendimento

---

131 Idem, ibidem, p. 35.

132 Idem, ibidem, p. 35.

133 Não podemos esquecer que, em sua origem, a passiva em -r era primitivamente impessoal, com qualquer verbo, fosse

de orationem tal qual foi escrito pela monja, isto é, como acusativo mesmo, como objeto direto da forma passiva impessoal fit (port. faz-se). A forma sintética fit tem sua justificativa: é que o texto da Peregrinatio, apesar das vacilações naturais àquela altura (séc. V), conserva certas reminiscências clássicas. Além disso, a passiva sintética esteve presente na língua escrita até o século VIII, segundo as informações de Muller e de Grandgent já citadas. Mas na língua oral do dia-a-dia, descuidada e espontânea, é possível que a medial sintética fit orationem se transmudasse na medial analítica facit se orationem (ou oratio), com valor impessoal. Afinal, a medial analítica não teve o seu emprego ampliado pelo latim vulgar para substituir as funções da medial sintética? E uma das funções da medial sintética não era justamente a de expressar a impessoalidade verbal como se vê pelo próprio exemplo fit orationem? Além disso, não nos esqueçamos de que, já no próprio latim clássico, o pronome reflexivo se podia ser usado em referência a um sujeito lógico vago e indefinido, não expresso sintaticamente na oração. Não representaria esse fato uma espécie de elo remoto entre o nosso se, símbolo de indeterminação do sujeito, e um possível emprego impessoal da medial analítica no latim vulgar?

---

133 (cont.)

o mesmo intransitivo ou transitivo. Depois é que ela evoluiu analogicamente para o uso pessoal. Cf. Mattoso Câmara: "Geneticamente, foi de frases do tipo vivitur vitam de Ênio que se evoluiu para o tipo de vivitur vita". (Princípios, p. 186).

Nessa contradição a que se refere Bechara entre a lógica gramatical e o coloquialismo espontâneo e livre do latim vulgar os dois lados têm razão para proclamar vitória. Afinal, essa contradição entre a interpretação passiva dessas construções com pronome se (port. culto: faz-se a oração = a oração é feita, v. passiva) e a interpretação impessoal faz-se a oração = alguém faz, fazem a oração, port. corrente, v. ativa) permanece viva e vigorosa ainda hoje, quase vinte séculos depois. As causas desta ambivalência já foram mais ou menos esboçadas ao longo da análise desta 1ª fase da medial analítica vulgar. Nós as aprofundaremos a seguir, ao estudarmos a 2ª fase da nossa medial, o momento da medial apasivante.

Por ora, à guisa de resumo, concluiríamos dizendo o seguinte: a medial analítica do latim vulgar tinha dois valores: o reflexivo stricto sensu e o dinâmico. Do primeiro, temos o nosso se na função de objeto direto e indireto. Do segundo, a medial dinâmica, herdou o se português as seguintes atribuições: parte integrante do verbo (se-PIV, com verbos pronominais), partícula expletiva ou de realce (se-PR, na medial expletiva, como a chama Mattoso Câmara)<sup>134</sup> e símbolo ou índice de indeterminação do sujeito (se-IIS).

O emprego do se-PR junto a verbo intransitivo de movimento já aparece na Peregrinatio com valor expletivo:

---

<sup>134</sup> CÂMARA JR., J. Mattoso. *Dicionário*, p. 164.

vadent se unusquisque ad hospitium suum.<sup>135</sup>

A respeito do se-IIS como consequência do uso impessoal da medial dinâmica, Mattoso Câmara aponta sua ressonância na língua portuguesa:

Uma extensão [da medial dinâmica] consistiu na supressão de qualquer sujeito individualizado, para indicar uma atividade em desdobramento, sem ponto de partida determinado: Vive-se, vai-se, falou-se, combatia-se, e assim por diante. Aí tem-se um segundo modelo do padrão geral da perífrase verbo-pronominal, que é típico, entre as línguas românicas, do português, espanhol e italiano.<sup>136</sup>

As palavras de Mattoso Câmara parecem sugerir que as origens do se indeterminante remontam ao próprio latim vulgar, já que o mesmo "é típico entre as línguas românicas", não sendo, por isso, exclusividade da língua portuguesa.

Com efeito, não se exclui a possibilidade de o nosso se-IIS (índice de indeterminação do sujeito) ter sua origem no latim vulgar a partir do emprego impessoal de verbos transitivos em construções do tipo facit se hora quinta, facit se

---

<sup>135</sup> Apud BASSOLS DE CLIMENT, M. Op. cit., I, p. 282.

<sup>136</sup> CÂMARA JR., J. Mattoso. *Hist. e estr. da líng. port.*, p. 175.

(por fit) oratio(nem). Reconhece-se nesta construção a matriz [∅ + vb. 3<sup>a</sup> p.s. + se + (nome)] geradora da nossa construção sintática impessoal do tipo vende-se casa, aluga-se apartamento, etc. (v. Said Ali, Dificuldades, 97).

Quanto ao se pronome apassivador, discutido e discutível, trata-se, a nosso ver, de criação românica. É dele que trataremos a seguir.

## 2<sup>a</sup>) A Medial Apassivante

Num segundo momento, a medial analítica adquire valor passivo, paralelamente ao seu valor medial lato sensu. Instalou-se aí a ambigüidade que já vinha latente desde o surgimento, no latim vulgar, da medial analítica como um dos sucedâneos da passiva sintética clássica.

As causas dessa ambivalência já foram esboçadas ao longo de todo este capítulo sobre a história da passiva latina. Causas remotas, de um lado, e imediatas, de outro.

Tornada herdeira da maior parte do espólio da falecida passiva sintética, a medial analítica herdou também a ambivalência da antecessora: prestou-se ao uso reflexivo, por um lado, e, por outro, ao emprego medial lato sensu. Este, reforçado e ampliado pela tendência animista ou impressionista presente na língua popular.

Mas não satisfeita com aqueles dois valores (o reflexivo e o medial lato sensu), a nossa medial analítica acaba por ampliar o seu raio de ação também sobre o valor passivo, va-

lor este, a princípio, privativo da passiva analítica no latim vulgar. Como o valor passivo veio a se superpor ao reflexivo e ao medial lato sensu isto se deve, a nosso ver, também a causas mais imediatas, já latentes nas causas remotas há pouco esboçadas e desenvolvidas ao longo de todo este capítulo. É que o chamado se apassivador, sem deixar de ser uma inovação românica, tem suas raízes virtuais no latim vulgar.

Antes de passarmos, contudo, à análise do segundo momento e de suas motivações imediatas, relembremos mais uma vez que a passiva clássica latina teve sua origem na voz medial do indo-europeu, que era, ao mesmo tempo, meio ativa e meio passiva, sem deixar de ser reflexiva. Lembremos igualmente que, se a forma médio-passiva podia ter um sentido reflexivo, nada mais natural, em consequência, do que a forma reflexiva (ou medial analítica) abrigar a potencialidade de assumir um significado ou uma interpretação passivos. Com a medial voltando a ser passiva, nada é mais apropriado ao caso do que a epígrafe bíblica: Revertere ad locum tuum.

Mas vamos ao segundo momento da medial analítica. O que aconteceu nesta segunda etapa evolutiva parece ter sido o seguinte: sempre que o sujeito dessas perífrases verbo-pronominais era um ser animado (pessoa ou animal, mas geralmente um agente humano), capaz, portanto, de praticar a ação verbal, ficava resguardado, nesses casos, o valor medial da construção perifrástica. Vejamos alguns exemplos em latim vulgar:

Mox autem recipit se episcopus in domum suam. (Peregrinatio)

Cathecuminus se dirigat. (Peregr.)<sup>137</sup>

Com os sujeitos episcopus e cathecuminus (animados ambos), não há espaço para dúvidas sobre o valor medial das perífrases recipit se e se dirigat. No entanto, quando o sujeito é um ser inanimado, incapaz, do ponto de vista lógico, de praticar a ação verbal, criam-se as condições para o rompimento dos limites sutis entre o valor medial e o valor passivo latente na construção reflexiva. E essa ruptura é que possibilita uma interpretação ambivalente e ambígua da construção reflexiva. A essa altura, fazem-se oportunas as palavras de Bassols:

Cuando el sujeto no es considerado apto para realizar acción verbal, adquiere ésta una acepción pasiva, por ej., "se levantó el telón" = "el telón fué levantado". No es siempre fácil discriminar cuando en estos giros prevalece la acepción reflexiva o la pasiva, pues es muy frecuente la personificación de las cosas, con lo cual pueden éstas ser sujetos agentes y el verbo conserva su acepción reflexiva; así, fores se aperiant, "las puertas se abren (ellas mismas)", y no "las puertas son abiertas por otro".<sup>138</sup>

---

<sup>137</sup> Apud GRANDGENT, C. H. Op. cit., pp. 304, 306.

<sup>138</sup> BASSOLS DE CLIMENT, M. Op. cit., I, p. 283.

Chamamos a atenção para o fato de Bassols haver traduzido a construção pronominal fores se aperiunt por "as portas se abrem", emprestando-lhe um nítido valor medial, e medial dinâmico. Outros, entretanto, talvez preferissem optar pela segunda interpretação, a passiva: "as portas são abertas" (por alguém). Afinal, diriam estes, porta é um sujeito inanimado. E esta é a interpretação exigida pelo rigor gramatical nas línguas românicas, pelo menos em português, espanhol e italiano.

Em casos semelhantes a este, os partidários intransigentes da interpretação passiva deixam de levar em conta três pontos importantes, a nosso ver: 1º) a existência da medial dinâmica desde tempos imemoriais; 2º) sujeito é uma categoria da língua, e não da lógica; 3º) a personificação de objetos inanimados é um recurso estilístico-sintático tão legítimo quanto qualquer outro. De nossa parte, e sem deixar de reconhecer a ambivalência dessas construções pronominais, concedores que somos de suas motivações diacrônicas, a solução que mais satisfaz ao nosso espírito, neste caso, é aquela dada por Bassols, por ela ser imanente e coerente, numa palavra, linguística.

E já que se falou na ambigüidade da perífrase verbo-pronominal, vêm bem ao caso as palavras do Prof. Rosalvo do Valle:

Trata-se da forma pronominal, que no latim tardio se desenvolveu enormemente, aplican-

do-se a verbos transitivos e intransitivos. Então criou-se uma situação extremamente complexa em que ora à construção pronominal equivale à passiva (se vocat = vocatur), ora o pronome é um complemento verbal em acusativo, ora é um elemento estilístico de matizes muito variados.<sup>139</sup>

Os professores Evanildo Bechara e Rosalvo do Valle, pioneiros que se abalancaram, entre nós, ao estudo da Peregrinatio, coincidem na constatação da ambigüidade da construção pronominal já no próprio latim vulgar. A esse respeito, voltemos ao texto da monja , de onde extrairemos um exemplo que se presta bem à aplicação da tese anti-animista (ou anti-impressionista, para Mattoso Câmara) e à conseqüente interpretação passiva:

Hic autem locus, ubi se montes aperiebant.<sup>140</sup>

Neste caso, o sujeito montes, no plural, levou o verbo também ao plural, e essa concordância afasta qualquer dúvida a respeito de sua função nominativa. Mas, do ponto de vista de uma lógica estritamente formal, deveria essa construção

---

<sup>139</sup> VALLE, Rosalvo do. *Considerações sobre a "Peregrinatio Aetheriae"*. Tese de livre-docência, Instituto de Letras, UFF, Niterói, 1975. p. 110.

<sup>140</sup> Apud GRANDGENT, C. H. Op. cit., p. 296.

ser interpretada como de valor medial? A resposta é não, ainda segundo essa mesma lógica, uma vez que montes, sujeito inanimado, só poderia exercer a função de paciente, e não de agente. Foi daí, dessa percepção lógico-filosófica do fenômeno lingüístico, que se abriu a porta, nas línguas românicas, para a interpretação passiva de construções pronominais semelhantes à da Peregrinatio acima citada.

Segundo o raciocínio lógico-filosófico, se montes aperiebant (ao pé da letra, "os montes se abriam"; metaforicamente, como medial lato sensu, "os montes se mostravam, se deixavam ver") só pode ser interpretado com sentido passivo, isto é, "os montes eram avistados, eram mostrados, eram descobertos ou revelados", como ensinam hoje as gramáticas portuguesa e de outras línguas românicas: algo como "avistavam-se os montes" = "os montes eram avistados". E a reforçar essa argumentação filosófica, a lógica gramatical aponta para um argumento sintático: a concordância do verbo no plural (aperiebant) com o sujeito (montes) também no plural.

A verdade, entretanto, é que argumentos são discutíveis. Said Ali que o diga. E a complexidade da análise de certas construções pronominais preserva em português uma situação trazida do latim vulgar. Rosalvo e Bechara que o digam. Seja como for, o que a tradição gramatical fixou no português e em outras línguas românicas (esp., ital.) é o que aí se descreveu.

Enfim, todos esses casos em que o sujeito é tido como ser inanimado passaram a ser interpretados como exemplos de

voz passiva, a chamada passiva pronominal românica. Como a medial analítica do latim vulgar acabou por se prestar a uma interpretação ambígua - medial lato sensu e passiva - , op-  
 tou-se, nos casos acima descritos, pela segunda interpretação. Por esse motivo, a tradição filológica românica, de base clás-  
 sica, apresenta exemplos como littera se scribit, morbus se  
abscondit, Myrina quae Sebastopolim se vocat, facit se hora  
quinta, clamor se tollit in auras, montes se aperiebant, etc.,  
 como modelos de passiva pronominal. Fez-se coincidir assim a  
 metafísica com a sintaxe.

Seja como for, a tese ou o sentimento da passiva prono-  
 minal acabou por se irradiar também para as construções refle-  
 xivas com sujeito animado, fazendo escola e criando doutrina  
 gramatical em português e em outras línguas românicas, como  
 foi o caso em italiano e espanhol. Mas não pacificamente, co-  
 mo se verá mais adiante. De qualquer forma, o que aí se esbo-  
 çou pode ser considerada como a origem, a raiz latina do nos-  
 so se como pronome apassivador. Trataremos deste ponto mais  
 detidamente na parte deste trabalho referente à língua portu-  
 guesa.

### Resumo

O latim vulgar reformulou a voz médio-passiva clássica  
 de forma sintética, através de uma racionalização analítica.

Para expressar o valor passivo stricto sensu, revalori-  
 zou a perífrase partic. passado + esse do perfectum, estenden-

do-a também aos tempos do inflectum. Generalizou-se assim a chamada passiva analítica na língua popular.

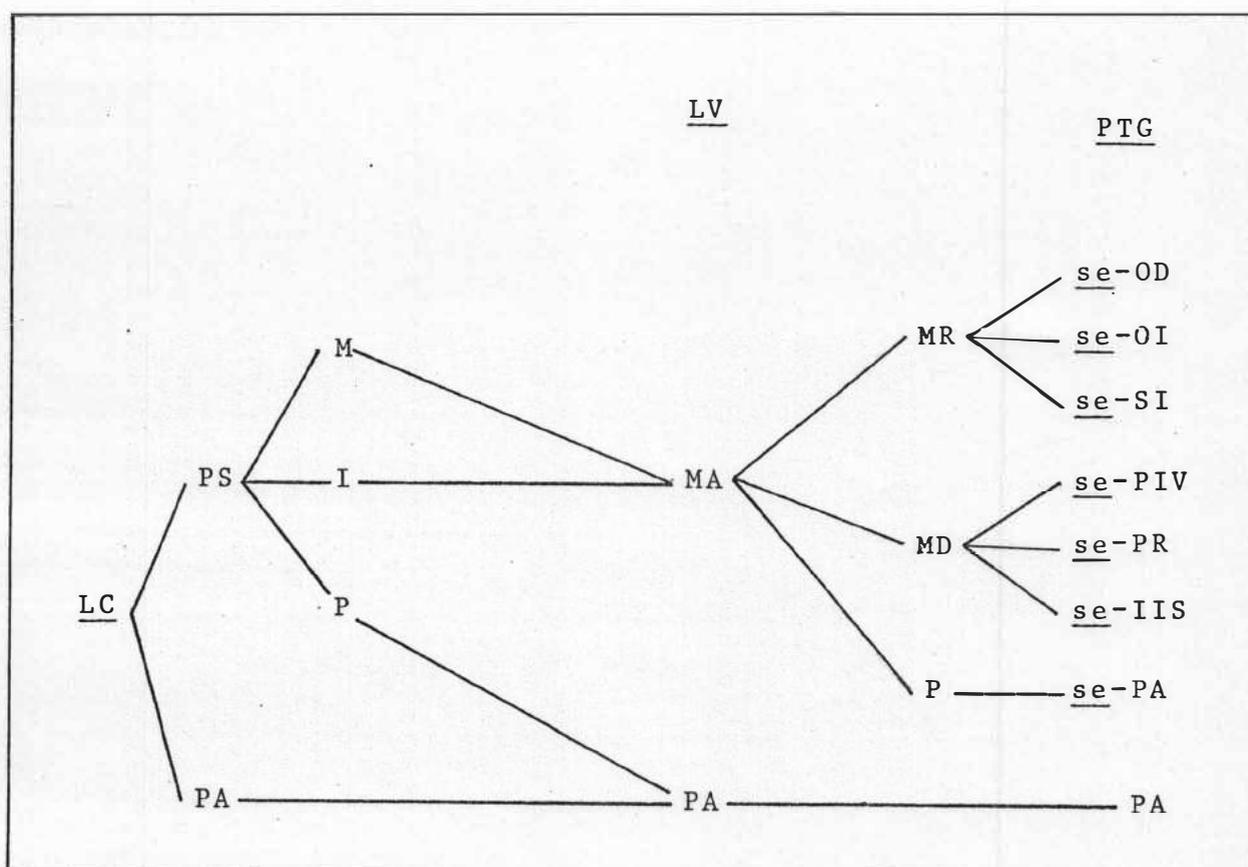
Para expressar o valor medial contido na antiga forma sintética, o latim vulgar lançou mão de outra perífrase, esta verbo-pronominal, a chamada medial analítica. A esta atribuiu-lhe dois valores: o reflexivo stricto sensu e o medial dinâmico ou medial lato sensu. Do primeiro, temos o nosso se na função de objeto direto (se-OD), indireto (se-OI) e sujeito de infinitivo (se-SI). Do segundo, o se português herdou as atribuições de parte integrante do verbo (se-PIV), partícula de realce (se-PR) ou expletiva e, por extensão, índice de indeterminação do sujeito (se-IIS) com verbos usados impersonalmente.

Quanto ao se pronome apassivador (se-PA), tem sua origem no uso da perífrase verbo-pronominal com sujeitos inanimados, construção que acabou por se prestar a uma interpretação ambígua: de um lado, como medial dinâmica com a personificação do sujeito; e de outro, como voz passiva, a chamada passiva pronominal românica, interpretação que veio a prevalecer no registro culto da língua portuguesa.

Esquemáticamente, teríamos o seguinte quadro (v. legenda):

LC = latim clássico  
 LV = latim vulgar  
 PS = passiva sintética  
 PA = passiva analítica  
 M = medial

I = impessoal  
 P = passivo(a)  
 MA = medial analítica  
 MR = medial reflexiva  
 MD = medial dinâmica  
 PTG = português



### 3.3.- No Português

#### 3.3.1 - A Medial Analítica

##### 3.3.1.1 - reflexivo stricto sensu

- a) objeto
- b) sujeito de infinitivo

##### 3.3.1.2 - dinâmica

- a) se-PIV
- b) se-PR
- c) se-IIS

##### 3.3.1.3 - passiva: se-PA

###### 3.3.1.3.1 - a passiva pronominal

- a) origens
- b) desdobramentos
- c) críticas/tendências

Resumo

### 3.3 - No Português

#### 3.3.1 - A Medial Analítica

Estudadas as bases diacrônicas da medial analítica latina, estamos agora em condições de melhor acompanhar-lhe a trajetória na língua portuguesa.

Em português, a voz medial (ou reflexiva, como sugere a NGB ) irá conservar e ampliar os valores herdados do latim vulgar. Terá ressonância também em português a ambigüidade interpretativa resultante da chamada passiva pronominal, por isso mesmo uma questão polêmica entre os nossos estudiosos. Analisemos então cada um dos três valores da medial analítica em português: o reflexivo stricto sensu, o dinâmico (medial lato sensu) e o passivo.

##### 3.3.1.1 - Reflexivo stricto sensu

Este emprego da medial analítica diz respeito ao uso do pronome se como reflexivo puro ou propriamente dito junto a verbos transitivos diretos, o que representa a continuidade de uma situação existente no latim clássico, onde, aliás, o se era privativamente reflexivo, conforme já vimos.

##### a) objeto

Embora, na prática, nem sempre seja muito fácil desfazer-se a fronteira ambígua que pode se criar entre um se reflexivo puro e um se parte integrante do verbo (se-PIV), con-

vencionemos aqui que o se reflexivo stricto sensu é aquele que exerce a função sintática de objeto junto a verbos não privativamente pronominais. Objeto direto com verbos transitivos diretos (Pedro feriu-se; Pedro e Sérgio abraçaram-se) e, com menos frequência, indireto com verbos biobjetivos (Minha mulher jamais se permitiu esses desfrutes.<sup>141</sup>).

b) sujeito de infinitivo

No português moderno o se também pode funcionar como sujeito de um infinitivo quando este vier depois de verbos como mandar, fazer, deixar, permitir (causativos) e ver, sentir, ouvir (sensitivos), desde que o infinitivo não forme locução verbal com esses verbos. Ex.: O reitor fez-se representar na cerimônia; Sofia deixou-se ficar na sala. (M. de Assis, Quincas Borba, CIV).

Vale ressaltar que esta é a única ocasião em que o se pode funcionar como sujeito. É o que os gramáticos latinos chamavam de accusativus cum infinitivo: uma palavra no acusativo (objeto direto) servindo cumulativamente de sujeito a um infinitivo. O nosso se, neste caso, desempenha, ao mesmo tempo, as funções de agente em relação ao infinitivo e de paciente em relação ao verbo causativo, ou sensitivo.

Na prática, reconhece-se a medial reflexiva propriamen

---

<sup>141</sup> ANDRADE, Carlos Drummond de. "Aquele casal" (crônica), in *O poder ultrajovem*, p. 45. Em Camões lê-se: "Que mais o Persa fez naquela empresa / onde rosto e narizes se cortava?" (Lus. III, 41), com o refl. = se-OI.

te dita da seguinte maneira:

- a) o pronome se pode ser substituído por a si mesmo:  
Pedro se feriu = feriu a si mesmo; ou vir reforçado por a si mesmo: Para um homem se ver a si mesmo são necessárias três coisas: olhos, espelho e luz.<sup>142</sup>
- b) no caso da reflexiva recíproca ("reflexividade cruzada" para Mattoso, *Dic.*, 164), o se pode ser substituído por um ao outro: Pedro e Sérgio se abraçaram = abraçaram um ao outro;
- c) o se pode ser substituído por outros objetos diretos não-reflexivos: Pedro se feriu/Pedro me feriu;
- d) o pronome se é sentido pelo falante como um objeto direto vivo, não-fossilizado, ao contrário do que acontece com o se nos chamados verbos pronominais, em que o pronome reflexivo se apresenta esvaziado, sem função sintática, e por isso é chamado de parte integrante do verbo (o se-PIV).

Aqui cabe também ressaltar uma tradição doutrinária fixada nas nossas gramáticas, segundo a qual, a função de sujeito na voz reflexiva só pode ser desempenhada por seres animados.

Na voz reflexiva, o sujeito é sempre um ser animado.<sup>143</sup>

<sup>142</sup> Pe. VIEIRA, A. "Sermão da sexagésima", III, in *Sermões*, Cultrix, 1981, p. 28.

<sup>143</sup> MACEDO, Walmírio de. *Dicionário de gramática*, p. 222.

Como já vimos, esta visão logicista do fato lingüístico é que abriu as portas para o surgimento na língua culta da chamada passiva pronominal. Dela trataremos mais adiante.

### 3.3.1.2 - Medial Dinâmica

Desta medial dinâmica (ou medial lato sensu), como já vimos, o se português herdou as atribuições de parte integrante do verbo (se-PIV), partícula expletiva ou de realce (se-PR) e índice de indeterminação do sujeito (se-IIS).

A medial dinâmica é, como se vê pelas várias atribuições do pronome se, o lado mais vivo, mais produtivo da medial analítica a nós transmitida pelo latim vulgar. Estudemos individualmente cada atribuição.

#### a) se-PIV

Ocorre com os chamados verbos pronominais, construção na qual o se é considerado como um objeto direto fossilizado, ou obliterado, sem função sintática e já integrado ao verbo, daí as nossas gramáticas terem considerado o pronome como parte integrante do verbo, não podendo dissociar-se do mesmo na conjugação. O verbo nessas perífrases tem valor ativo, com um certo matiz medial.

Adriano da Gama Kury chama essas construções com se-PIV de mediais pronominais. Diz o eminente sintaticista:

Voz medial pronominal, em que aparece, inte

grado no verbo, que nunca se conjuga sem ele, um pronome fossilizado sem função sintática: "Queixas-te sem razão". E assim arrepender-se de, orgulhar-se de, atrever-se a, lembrar-se de, etc., verbos que, por se usarem sempre conjugados com pronome, denominam-se pronominais.<sup>144</sup> (grifos do Autor)

O se, apesar de considerado esvaziado de seu valor reflexivo, estilisticamente assinala que o sujeito está intensamente envolvido na ação verbal, integrado e interessado na mesma, a qual pode dele partir ou, causada por circunstâncias externas, nele repercutir, afetando-o tão profundamente como se dele partisse e a ele atingisse reflexivamente.

Said Ali descreve deste modo a voz medial dinâmica em que aparece o se-PIV:

Ato material ou movimento que o sujeito executa em sua própria pessoa, idêntico ao que executa em cousas ou outras pessoas, sem haver propriamente a idéia de direção reflexa:

Afastei-me do fogo (ã semelhança de: Afastei a criança, o livro do fogo).

Ele arremessou-se sobre o inimigo (ã semelhança de: arremessou uma pedra).

---

<sup>144</sup> KURY, A. G. *Novas lições de análise sintática*, pp. 39-40.

A mãe deitou-se na cama (ã semelhança de: deitou a criança na cama).<sup>145</sup>

E, ressaltando o caráter integrador do sujeito na ação verbal, complementa Said Ali:

Ato em que o sujeito aparece vivamente afetado:

Ufano-me de ser brasileiro.

Todos se queixaram da grave injustiça.

Colombo atreveu-se a empreender viagem tão arriscada.<sup>146</sup>

Mattoso Câmara também chama a atenção para o envolvimento e a integração do sujeito na ação verbal, fato típico da medial dinâmica, representado pelo se-PIV e pelo se-PR, assim como pelo se-OD no caso da medial stricto sensu, já que em ambas o que existe é uma afinidade e uma integração intensas entre sujeito e objeto, duas faces de uma mesma moeda. Por isso, ensina Mattoso Câmara:

(...) a pessoa do sujeito, sob o aspecto de pronome adverbial átono incorporado no verbo, reaparece no predicado como o centro de uma ação verbal transitiva, que parte dele mas não sai do seu âmbito, eliminando-se as

---

<sup>145</sup> SAID ALI, M. *Gramática secundária*, p. 96.

<sup>146</sup> Idem, *ibidem*, p. 96.

sim o objeto sobre que ela recairia (medial dinâmica).<sup>147</sup>

Apesar de as gramáticas tratarem o pronome reflexivo , quando fossilizado, como parte integrante do verbo, não nos esqueçamos de que esse pronome é, em sua origem, um objeto direto. Isto porque, na voz medial dinâmica, o reflexivo aparece integrado ao verbo até por uma questão de coerência sintática, já que o pronome, ao refletir um sujeito integrado na ação verbal, remete retroativamente a esse mesmo sujeito integrando-se ao verbo, tal qual o sujeito, agente ou paciente , que serve de tema ou de ponto de partida para o predicado. Por isso, há quem considere o se-PIV como um pseudo-reflexivo.

A ênfase nos casos de voz medial dinâmica é mais para a ação, para o acontecimento verbal integrador do sujeito no mesmo, e esse acontecimento verbal não tem necessariamente de partir do sujeito. Em tais casos, este pode representar, muitas vezes, apenas um tema sintático para o predicado, com o traço "agente" atenuado ou neutralizado.

Representantes típicos da voz medial dinâmica, os verbos pronominais eram em número muito grande no português antigo, na verdade, em número muito maior do que o existente no português de nossos dias. É que vem ocorrendo há muito um processo gradual, mas constante, de despronominalização des-

---

<sup>147</sup> CÂMARA JR., J. Mattoso. *Dicionário*, p. 164.

ses verbos pronominais. Trataremos deste ponto no lugar adequado.

A respeito da presença desses verbos no português arcaico e de suas raízes históricas, informa Epifânio Dias:

Alguns verbos empregam-se unicamente na conjugação reflexa; v. g.: abster-se, jactar-se, gloriar-se, arrepender-se: Taes verbos representam verbos latinos reflexos (se abstinere, se jactare: poenitebis te nas Sortes Sangallenses ap. Löffst., Komm., 142), ou depoentes (gloriar).<sup>148</sup>

Mais adiante, Epifânio inclui entre os pronominais os verbos doer e ir, ambos usados atualmente como intransitivos e, portanto, já despronominalizados. Ir-se em nossos dias é usado com finalidade estilística, tendo o se, neste caso, valor de partícula de realce (se-PR) ou expletiva e não de parte integrante do verbo (se-PIV). Quanto a doer, o seu emprego como transitivo pronominal (doer-se de, por alguém = apiedar-se de, sentir dó de) limita-se praticamente à língua literária no português do Brasil. O que se ouve na língua coloquial, entre nós, é doer-se por alguém no sentido de "tomar as dores ou a defesa de alguém". Aliás, no século XVI doer já era usado como intransitivo e não-pronominal, como o comprovam os conhecidos versos de Camões: [Amor] é ferida que

---

<sup>148</sup> DIAS, Epifânio. *Sintaxe histórica portuguesa*, p. 104.

dói e não se sente / é dor que desatina sem doer. Mas voltemos a Epifânio:

Alguns verbos em certa significação só se empregam na conjugação reflexa; v.g.: lembrar-se de, doer-se de, ir-se (embora).<sup>149</sup>

Trata-se, portanto, de modelo típico da voz medial dinâmica, representada, do ponto de vista morfosintático, pelos verbos chamados essencialmente pronominais (valores subjetivos: queixar-se, arrepender-se, etc.), assim como por aqueles eventualmente pronominais (gestos, ações: levantar-se, sentar-se, etc.). Como acontecia, aliás, em latim.

Do ponto de vista sintático, isto é, em termos de regência, Antenor Nascentes os chama a todos de transitivos pronominais (v. O problema da regência, Freitas Bastos, 1967). Celso Luft (v. Dicionário prático de regência verbal, Ática, 1987), seguindo a lição do velho mestre, adota idêntica classificação. Esses transitivos pronominais são usados para expressar os seguintes valores:

a) sentimentos, estados de espírito, impulsos, valores subjetivos, zanga, medo, vergonha, piedade, arrependimento, lembrança, esquecimento, mudanças de estado, opiniões, etc.

Ex.: angustiar-se, arrepender-se, aborrecer-se, ame-

---

<sup>149</sup> DIAS, Epifânio. Op. cit., p. 104.

drontar-se, apaixonar-se, apiedar-se, afeiçoar-se, atrever-se, conformar-se, condoer-se, converter-se, desabafar-se, enfurecer-se, envergonhar-se, entusiasmar-se, espantar-se, esquecer-se, enganar-se, gabar-se, gloriar-se, irar-se, impacientar-se, indignar-se, lamentar-se, lembrar-se, lastimar-se, manifestar-se, orgulhar-se, obstinar-se, queixar-se, revelar-se, revoltar-se, sentir-se, tornar-se, transformar-se, ufanar-se, vangloriar-se, zangar-se, etc.

b) gestos, ações, movimentos, atitudes, comportamentos, classificações, chamamentos, posturas, etc.

Ex.: atirar-se, afogar-se, afastar-se, abaixar-se, ajoelhar-se, benzer-se, chamar-se, casar-se, cobrir-se, comportar-se, cansar-se, classificar-se, congelar-se, coçar-se, derreter-se, desfazer-se, deitar-se, despir-se, dirigir-se, divorciar-se, esforçar-se, estender-se, encaminhar-se, esticar-se, encolher-se, exercitar-se, erguer-se, esgueirar-se, encobrir-se, fazer-se, firmar-se, formar-se, guardar-se, incendiar-se, jogar-se, levantar-se, lançar-se, manter-se, mudar-se, movimentar-se, preparar-se, perder-se, postar-se, prostrar-se, pentear-se, rasgar-se, reservar-se, romper-se, recolher-se, salvar-se, sentar-se, separar-se, suicidar-se, tratar-se, vestir-se, etc.

As duas listas não esgotam, evidentemente, o repertório dos chamados verbos pronominais e nem correspondem respectivamente e de forma rigorosa à divisão essencialmente pronominais/acidentalmente pronominais. Foram apresentadas antes à guisa de referência, de balizamento. O que chama a atenção em todos esses verbos ditos pronominais é a possibilidade de o sujeito executar a ação sobre si mesmo, ou melhor, desencadeá-la sobre si mesmo; ou que a ação, acontecendo por circunstâncias fortuitas ou alheias à vontade do sujeito, pode acabar repercutindo sobre o mesmo como se dele partisse, numa espécie de reflexividade involuntária na qual o sujeito pode ver-se envolvido. Como, por exemplo, em casos como estes:

O ferido se internou no hospital.

Os pássaros se assustaram com o barulho.

Ele se afogou no mar.

Ela se operou e passa bem, etc.

Como diz Said Ali,

Em afligir-se, aborrecer-se, excitar-se e tantos outros, não concebemos a pessoa como agindo ou praticando tal ou tal ato sobre si; o que aí se enuncia é um estado d'alma, um afeto, um sentimento, do mesmo modo que nos verbos ufanar-se, arrepende-se, admirar-se, etc.<sup>150</sup> (grifos do Autor)

Quer dizer, nos verbos pronominais (ou eventualmente

---

<sup>150</sup> SAID ALI, M. *Dificuldades*, p. 91.

pronominalizados) não há propriamente reflexividade no sentido rigorosamente gramatical do termo (medial stricto sensu). O que existe é uma espécie de "reflexividade" psicológica, metaforizada, de natureza mais subjetiva do que propriamente sintática, mais para a estilística, portanto, do que para a gramática. Daí serem os verbos pronominais representantes típicos da voz medial dinâmica (a medial lato sensu). Daí também o fato de alguns autores chamarem o reflexivo, nesses casos, de objeto direto metafórico ou figurado.

Em tese, esses verbos essencialmente pronominais distinguem-se dos acidentalmente pronominais (reflexivos propriamente ditos) da seguinte maneira:

- a) o reflexivo se, fossilizado, integrado ao verbo, não tem função sintática;
- b) o reflexivo se não pode ser substituído por a si mesmo.

Na prática, entretanto, há casos em que nem sempre é fácil distinguir um se reflexivo propriamente dito de um se-PIV. Isto se deve à origem medial comum a ambos. Por isso, Nascentes e Luft preferem classificar os verbos chamados pronominais de transitivos pronominais, terminologia que espelha mais fielmente a realidade tanto diacrônica quanto sincrônica desses verbos.

Em outra parte deste trabalho, tivemos oportunidade de demonstrar que a medial dinâmica já era usada em latim, tanto no clássico como no vulgar, com sujeitos inanimados metafori-

camente personificados, situação essa que se conservou e se ampliou em português, sendo o número de verbos pronominais muito maior no português arcaico do que o é hoje. Sobre esse emprego da medial dinâmica com sujeitos inanimados, Said Ali observa o seguinte:

(...) a voz medial significa que a ação se executa por si mesma no objeto de que se fala: o prédio incendiou-se, a luz apagou-se, a flor abriu-se, etc.<sup>151</sup>

Em casos como esses, as ações verbais apresentam-se ora como fatos espontâneos, sem um agente ou causa aparente, com a informação centrada antes no predicado, no acontecimento verbal, do que propriamente na figura de um sujeito (a flor abriu-se, o prédio incendiou-se); ora com a personificação deliberada do sujeito inanimado por parte do falante, com intenções animistas ou literárias, como acontece, por exemplo, com o verbo escancarar-se, usado pronominalmente pelo poeta parnasiano Alberto de Oliveira no soneto A vingança da porta:

Nisso nos gonzos range a velha porta,  
ri-se, escancara-se,...<sup>152</sup>

---

<sup>151</sup> SAID ALI, M. *Gramática histórica*, p. 179.

<sup>152</sup> Apud WERNECK, Eugenio. *Anthologia brasileira*, p. 48.

No exemplo acima, pensamos não haver sentido numa interpretação passiva da construção pronominal escancara-se, algo como "a porta é escancarada". O que prevalece no soneto de Alberto de Oliveira é a idéia de atividade e não de passividade. Não fora ele intitulado A vingança da porta.

Em Gil Vicente há um curioso exemplo do verbo ter usado pronominalmente (ter-se) com o sentido de sustentar-se, firmar-se, e acompanhado do sujeito inanimado cadeira (citamos pela 2ª edição das Obras completas, Sá da Costa, 1951):

Digo a Deus e ã ventura,  
 não é melhor esta cadeira  
 que tem pele e tem madeira  
 e tem-se bem e é segura?  
 (O juiz da Beira, V, 278)

A propósito do emprego da voz medial dinâmica com sujeitos inanimados, merecem citação as palavras de Mattoso Câmara:

A voz medial, especialmente quando dinâmica, pode figurar com sujeitos de 3ª pessoa que, embora na realidade seres inanimados, são na representação lingüística tratados como sujeitos ativos; ex.: a árvore se agita, "a estrada se desdobra, como uma imensa e rutilante cobra" (Anjos, Eu, 152). É a contraparte, na voz medial, do que se encontra na voz ativa (ex.: a árvore murmura, a estrada sobe pela encosta).<sup>153</sup>

Ainda sobre a personificação de sujeitos inanimados na medial dinâmica, Sotero dos Reis, respeitado gramático maranhense do século passado, faz valiosa observação:

Cumprе ainda notar que muitos sujeitos, que representam cousas ou objectos inanimados, achão-se personificados nos bons autores, não só poetas, como prosadores; e que nestes casos, se, é pronome reflexivo: "O orgulho offende-se com pouca cousa, a paixão irrita-se com os obstáculos, a virtude compraz-se nas boas obras"; estas proposições são justamente o equivalente dest'outras: "O orgulho offende a si, ou dá-se por offendido com, ou por pouca cousa; a paixão irrita a si, ou mostra-se irritada com os obstáculos; a virtude compraz a si, ou revê-se complacente nas boas obras." O orgulho está aqui pelo orgulhoso, a paixão pelo apaixonado, a virtude pelo virtuoso, tomando-se o termo abstracto pelo concreto.<sup>154</sup>

As palavras de Sotero dos Reis têm um certo sabor de atualidade. O velho gramático não vai buscar fora da língua a explicação para um fato eminentemente linguístico, a personificação de sujeitos inanimados, recurso tão antigo quanto as próprias línguas. Hoje, diríamos que o ponto de vista de Sotero dos Reis é imanente, e não transcendente. Ao afirmar que o orgulho (substantivo abstrato) está por o orgulhoso

---

<sup>154</sup> REIS, Sotero dos. *Postillas de grammatíca geral*, p. 65.

(substantivo concreto), o Autor nos oferece uma explicação convincente por sua coerência do ponto de vista lingüístico. Sem apelar para transcendências lógico-filosóficas, Sotero estuda a língua "en elle-même", como diria Saussure no seu Cours, quarenta e oito anos depois (é que a 1ª ed. do Cours é de 1916, enquanto que Sotero escreveu suas Postillas em 1868).

Said Ali também chama a atenção para o dinamismo próprio da voz medial, justamente, por isso, chamada de dinâmica. Diz o respeitado filólogo:

Os atos expressos pelos verbos na forma reflexa referem-se, uns unicamente a pessoas, outros a pessoas ou a animais, outros a entes animados ou inanimados, outros, finalmente, só a entes inanimados. Merece, além disso, atenção a linguagem figurada, em que nos referimos a plantas e a seres inertes como se fossem dotados de vida animal e executassem movimentos próprios de homens e animais. Neste exemplo de Herculano o rio cobre-se com o seu manto de névoas, o sujeito rio está personificado, e o verbo tem rigorosamente o mesmo sentido que teria se falássemos de um rei que se cobre com o seu manto de arminho. Nem menos audaciosa se revela a imaginação nest'outra frase a palmeira ergue-se altiva, onde se troca um verbo de situação vulgar por outro de movimento para produzir a impressão de altura grandiosa.<sup>155</sup>

---

<sup>155</sup> SAID ALI, M. *Gramática histórica da lãng. port.*, pp. 178-179.

As palavras de Saïd Ali representam uma verdadeira aula sobre o assunto e têm o mérito de advertir os estudiosos dos fenômenos lingüísticos para os aspectos psicológicos e intuitivos, para a afetividade criativa existente na linguagem humana. Nesse sentido, são palavras vosslerianas as do nosso mestre Saïd Ali, a lembrar (sempre é bom lembrar) que as línguas não são feitas apenas de razão, mas principalmente de emoção, à semelhança dos seres humanos que as falam. E muitas vezes é o lado subjetivo da linguagem que condiciona o seu lado objetivo. Afinal, em última instância e, em certos casos, apesar das aparências, o que não é subjetivo no ser humano?

A verdade é que as línguas são ricas em processos de animização e de dinamismo imagístico. Tanto na língua viva como na literária, encontram-se a todo instante metáforas, metonímias, catacreses, enfim, as chamadas figuras de linguagem. Buscar uma lógica formal nessas construções, algo como "reflexiva só com sujeitos animados", é admitir a interferência de elementos estranhos à língua, perturbadores da exata descrição lingüística. Ignorando a advertência dos gramáticos, a língua oral, assim como a escrita, está cheia de frases reflexivas (ou mediais dinâmicas) com sujeitos ditos inanimados. Por exemplo, na imprensa escrita, depara-se com manchets como esta do Jornal do Brasil de 12/3/89: "Ponta de estoque firma-se como opção."

Que lógica, a não ser lingüística, daria conta de explicar uma frase como essa do Jornal do Brasil? Ou ainda es-

ta outra: Essa chuva é fogo!, ouvida por este Autor, pronunciada por um aluno seu, molhado como um pinto, num dia de tempo tipicamente carioca?

A verdade é que, em termos rigorosos, não seria exagero afirmar-se que a língua não é lógica nem alógica. Isto porque ela tem a sua lógica própria, imanente, só dela, isto é, uma lógica lingüística representada por mecanismos de coerência interna que lhe garantem o funcionamento. E entre esses mecanismos inclui-se a personificação de sujeitos inanimados.

Mas voltemos ao nosso se-PIV. Queremos chamar a atenção também para um outro ponto que reputamos importante. É que, no português do Brasil, verifica-se uma certa tendência à despronominalização dos verbos pronominais, não só na língua oral como também na literária pós-modernista, onde já avultam os exemplos. Ouve-se e lê-se com frequência o seguinte: ele levanta (por se levanta), ela ajoelha (por se ajoelha), ele chama Pedro (por se chama), o pai zangou com o filho (por se zangou), Sarney encontra com governadores (por se encontra, Jornal do Brasil, 26/3/89).

Salvo melhor juízo, o uso do reflexivo nesses casos parece rece estar se tornando facultativo, o que levaria o pronome, quando usado, a adquirir características quase de uma partícula expletiva ou de realce, semelhante ao que ocorre com verbos intransitivos do tipo rir-se, ir-se, chegar-se, etc.

Parece que está a se criar aí uma outra fronteira ambí

gua. Esses verbos despronominalizados mudam de regência, passando de transitivos pronominais a intransitivos. A omissão do pronome reflexivo também desloca a voz verbal do ponto médio para o pólo ativo (v. nossa observação a respeito do verbo chamar-(se)). Como na perífrase verbo intrans. + se o pronome, facultativo, funciona como uma partícula expletiva ou de realce (se-PR), cabe a pergunta: será que já se poderia falar numa diferença estilística entre, por exemplo, ela ajoelha e ela se ajoelha? Na hipótese de uma resposta afirmativa, isto significaria que o se-PIV, no caso, já teria sido abandonado pelos falantes "como um trambolho", como diz Sousa da Silveira (Fonética sintática, 92). O verbo ajoelhar, tornado intransitivo, admitiria o uso do se apenas com finalidades estilísticas e não gramaticais. Aí sim, estaríamos diante de um se-PR. Mas isto só o tempo e o uso é que irão fixar. Por ora, neste caso e em outros semelhantes, convive-se com a indefinição.

Aliás, essa tendência à despronominalização já vem de longe. No português antigo, o número de verbos pronominais era muito maior do que hoje. A esse respeito, ensina Sousa da Silveira:

Em português pode citar-se bom número de verbos que, até na língua literária, aparecem ora com a forma ativa absoluta, ora com a forma reflexa, afigurando-se-me que, se para alguns se poderá admitir como anterior a forma ativa, para outros esta é a posterior e resulta da conjugação reflexa à qual

se tirou, como um trambolho, o 'pronome ãto  
no.<sup>156</sup>

A seguir, Sousa da Silveira oferece extensa lista de exemplos, todos extraídos das obras de autores considerados clássicos. Vale a pena conferir. São os seguintes os verbos despronominalizados ou com tendência à despronominalização (em alguns casos, hoje já consolidada):

estribar-(se), multiplicar-(se), enfiar-(se),  
retrair-(se), vestir-(se), enfileirar-(se),  
encaminhar-(se), aproximar-(se), casar-(se),  
recordar-(se), lembrar-(se), dirigir-(se),  
curvar-(se), vergar-(se), inclinare-(se) ,  
recolher-(se), quebrar-(se), abrir-(se), me-  
xer-(se), mover-(se), enroscar-(se), dis-  
persar-(se), levantar-(se), sentar-(se), as-  
sentar-(se), queixar-(se), precipitar-(se),  
deitar-(se), ajoelhar-(se), murchar-(se) ,  
passar-(se), avançar-(se), deslizar-(se) ,  
desabar-(se), secar-(se), esquecer-(se) ,  
destacar-(se), rachar-(se), findar-(se), a-  
cabar-(se), abrandar-(se), partir-(se), em-  
barcar-(se), calar-(se), cansar-(se), mor-  
rer-(se), afundar-(se), demorar-(se), deri-  
var-(se), virar-(se), etc.<sup>157</sup>

Raimundo Barbadinho Neto oferece outra relação de ver-

---

<sup>156</sup> SOUSA DA SILVEIRA. *Fonética sintática*, p. 92.

<sup>157</sup> Idem, *ibidem*, pp. 92-111.

dos tradicionalmente empregados como transitivos pronominais, tornados intransitivos por força da despronominalização. Esses verbos freqüentam as obras dos melhores autores modernistas brasileiros, que parecem demonstrar uma certa preferência pela construção despronominalizada. Em alguns casos sente-se ainda uma certa ressonância reflexiva (ou medial dinâmica), apesar da ausência do pronome. Ou são os nossos ouvidos, acostumados ao uso pronominal desses verbos, que guardam essa impressão. Eis alguns exemplos apontados por Barbadinho:

confessar-(se), enconstar-(se), acostumar-(se), desencadear-(se), engajar-(se), enraizar-(se),  fingir-(se), espreguiçar-(se), irradiar-(se), apagar-(se), zangar-(se), desencantar-(se), juntar-(se), aproximar-(se), apressar-(se), etc.<sup>158</sup>

Lemos com cuidado todos os exemplos fornecidos pelo Autor, e a impressão que tivemos é a de que tais verbos, embora usados intransitivamente, parecem insistir em evocar no nosso espírito a sua origem medial e a sua primitiva forma pronominal, ainda muito próximas de nós. Em outras palavras, quando lemos ou ouvimos algo como "ele chama Pedro", os nossos ouvidos entendem ou têm a impressão de ter ouvido, na verdade, "ele se chama Pedro". Ao nosso espírito, certos verbos usados sem o pronome reflexivo, o se-PIV, mas tradicionalmente

---

<sup>158</sup> BARBADINHO NETO, R. *Sobre a norma literária do modernismo*, pp. 40-41.

pronominais, afiguram-se como tendo adquirido uma espécie de reflexividade própria, algo como uma reflexividade lexical. Dizemos lexical na falta de outro termo melhor e pensando na reflexividade a que estão habituados os nossos ouvidos e os nossos olhos: a sintática, a da perífrase verbo transitivo + se. Mas provavelmente tudo não passa de uma impressão, de um decalque auditivo de calejado professor de português.

No fundo, Sousa da Silveira é que está com a razão: o chamado se-PIV tende a ser tratado "como um trambolho", algo sem serventia, tanto pela língua viva do cotidiano como pela própria língua literária. A tendência à despronominalização é fato antigo em português, e, em alguns verbos, já se tornou irreversível. Em outros, a convivência entre a forma pronominal transitiva e a forma não-pronominal intransitiva conduz a uma oscilação entre o uso obrigatório e o uso facultativo do pronome reflexivo. Ao fixar-se como definitiva a despronominalização, o uso facultativo do se, nesses casos, pode vir a ser sentido como de valor estilístico ou expletivo. Por exemplo, no português antigo, onde era muito maior o número de verbos pronominais, dizia-se normalmente morrer-se, finar-se, ressuscitar-se. Em "O Cristo ressuscitou-se"<sup>159</sup>, o se tinha nítido valor de parte integrante do verbo (PIV). Hoje, fixada como definitiva a forma ressuscitar, não-pronominal e intransitiva, o uso eventual do se, neste caso, só pode ser entendido como estilístico, recebendo o pronome a classificação

---

<sup>159</sup> NUNES, J. J. *Crestomatia arcaica*, p. 7.

de partícula expletiva ou de realce (o se-PR).

Em casos como o acima citado, de verbo cuja despronomi-  
nalização já foi definida e fixada pelo uso, esse mesmo uso  
se encarregou de desfazer uma possível fronteira ambígua en-  
tre o se-PIV e o se-PR. É a terapêutica lingüística operada  
pelos falantes e à qual se referia Gilliéron.

Entretanto, nos casos em que persiste a vacilação en-  
tre o uso pronominal e o despronominalizado de um verbo tido  
tradicionalmente como pronominal, que critérios poderão asse-  
gurar uma distinção segura entre um se-PIV e um se-PR? Isto  
sem falar na fronteira às vezes ambígua entre um se reflexivo  
propriamente dito e um se-PIV. Em ambos os casos, as solu-  
ções serão dadas pelo uso e pelo tempo. Por ora, cabe aos  
estudiosos do problema, por um lado, seguir a orientação ofe-  
recida pelas nossas gramáticas; e, por outro, acompanhar-lhe  
a deriva evolutiva, tanto na língua viva como na literária,  
como o fizeram Sousa da Silveira, Said Ali, Barbadinho Neto e  
outros. E como o fazemos nós neste nosso modesto trabalho.  
Avancemos, portanto. Passemos ao estudo do se-PR, após o que  
estaremos em condição de melhor confrontar esta atribuição do  
pronomine reflexivo com o se-PIV até aqui tratado, ambos mani-  
festações vivas da nossa medial dinâmica (ou medial lato sensu,  
como diz Mattoso Câmara).

#### b) se-PR

O se como partícula de realce ou expletiva aparece jun-  
to a verbos intransitivos, e seu emprego obedece a motivações

de natureza estilística e não gramatical. Por isso, pode ser retirado da frase sem causar prejuízo ao entendimento, singularidade que o distingue, em tese, do se-PIV. Na prática, entretanto, essa distinção pode esbarrar numa certa fronteira ambígua entre ambos.

O uso do pronome reflexivo como partícula expletiva ou de realce, com finalidade estilística, já ocorria em latim com verbos intransitivos de movimento, conforme vimos anteriormente. Trata-se de uma outra faceta da voz medial: a medial expletiva, no dizer de Mattoso Câmara (Dicionário, 164), que teve largo emprego no português arcaico e nos primeiros tempos do moderno.

O emprego do se-PR serve para enfatizar, para realçar a participação intensa do sujeito na ação verbal que dele parte. Pelas suas motivações estilísticas, o se-PR pode também emprestar ao fato verbal matizes de espontaneidade e dinamismo em alguns casos; em outros, realça aspectos subjetivos, sentimentos e emoções.

Referindo-se à posição do sujeito na medial expletiva, Mattoso Câmara faz a seguinte descrição, usando como exemplo o verbo rir-se:

(...) a pessoa do sujeito (...) reaparece no predicado como o centro de uma ação verbal intransitiva, que dessa maneira fica mais intensamente relacionada ao sujeito de

que parte (medial expletiva): eu me ri.<sup>160</sup>

Já com referência ao português antigo, Epifânio Dias informa o seguinte:

Alguns verbos intransitivos também se empregam no port. arch. medio, na conjugação reflexa, muitas vezes sem diferença sensível de sentido.<sup>161</sup>

Epifânio cita exemplos com os verbos estar-se, ficar-se, jazer-se, todos intransitivos, junto aos quais o nosso se-PR aparece com finalidade estilística ou de realce. O Autor observa também que este emprego do reflexivo como partícula expletiva remonta ao próprio latim vulgar<sup>162</sup>, segundo já tivemos oportunidade de mostrar na primeira parte deste trabalho.

Além do intransitivo ir-se, cujo emprego já apontamos na Peregrinatio, o português antigo empregava também rir-se, partir-se, chegar-se, descer-se, subir-se, começar-se, volver-se, passar-se, andar-se, sair-se, aportar-se, vir-se, correr-se, etc. Todos verbos intransitivos, todos de movimento ou indicadores de ações espontâneas.

---

<sup>160</sup> CÂMARA JR., J. Mattoso. *Dicionário*, p. 164.

<sup>161</sup> DIAS, Epifânio. *Op. cit.*, p. 104.

<sup>162</sup> *Idem*, *ibidem*, p. 105.

Com o próprio verbo ser, de ligação, encontram-se exemplos do uso pronominalizado no português antigo. A forma ser-se, medial dinâmica, não é de emprego tão frequente quanto o dos verbos intransitivos + se-PR, mas ela pode ser encontrada, com o reflexivo funcionando como uma espécie de "predicativo figurado" com nítido valor expletivo ou de realce. Encontramos exemplos em Gil Vicente, tanto em português como em espanhol (Obras completas, III, 34):

Feiticeira: E que cantiga cantais?  
 Ama: A criancinha despida –  
Eu me sam Dona Giralda.  
 (Comédia de Rubena, III, 34)

Melícia: Oh como es tan placentero!  
 Rosvel: Juan de las Brozas Juan  
me soy yo.  
 (Comédia do Viúvo, III, 107)

Uma palavra especial merece o verbo ir-se. Este remonta ao latim vulgar e já aparece nos mais antigos documentos da língua portuguesa, presente que está em textos do século XIII. A propósito, afirmam Celso Cunha e Wilton Cardoso:

Os primeiros textos inteiramente redigidos na nova língua datam de princípios do séc. XIII.<sup>163</sup>

D. Carolina Michaëlis registra o emprego de ir-se no Cancioneiro da Ajuda em texto da autoria de Paio Soares Taveiros: " Quando se ffoy meu amigo, / jurou que cedo verria."<sup>164</sup>

<sup>163</sup> CARDOSO, W. & CUNHA, Celso. *Estilística e gram. hist.*, p. 139.

<sup>164</sup> VASCONCELLOS, J. Leite de. *Textos arcaicos*, p. 20.

Em Gil Vicente aparece não só ir-se como também a sua contraparte semântica, vir-se:

E pois o nojo se vem  
sem o ir buscar ninguém.  
(Farsa do Juiz da Beira, V, 307)

A vitalidade do expletivo ir-se tem ressonância na língua viva e na língua literária do Brasil e de Portugal. Entre nós, imortalizou-o o poeta Raimundo Correia no conhecido verso "Vai-se a primeira pomba despertada..."

Outro exemplo da medial expletiva é o do verbo rir-se. E até com sujeito ímanimado, como se lê nos versos de Alberto de Oliveira há pouco citados:

Nisso nos gonzos range a velha porta,  
ri-se, escancara-se...

A Carta de Pero Vaz de Caminha, que está mais para o português arcaico do que para o moderno, por ser um texto descritivo, é rico nesse tipo de verbo intransitivo de movimento seguido de se-PR. Vejamos alguns exemplos (a edição é a de Leonardo Arroyo, Melhoramentos/MEC, 1971):

E então se começaram de chegar muitos. (49)

Dali se partiram os outros. (49)

E então o degredado veio-se, e nós levamo-lo. (50)

E tanto que ele começou a ir-se para lá, acudiram pela praia homens. (45)

Acenamos que se fossem. (50)

Com isso se volveu Bartolomeu Dias ao capitão. (52)

Vieram todos os capitães a esta nau, por ordem do capitão-mor, com os quais ele se aportou. (52)

Alguns se chegaram a ele. (53)

Passou-se então para a outra banda do rio Diogo Dias. (54)

Andando-se ali nisto, viriam bem como cinquenta, ou mais. (61)

Tirou o padre a vestimenta e assim se subiu (...) em uma cadeira. (62)

Com estes dois degredados ficarão mais dois grumetes, que esta noite se saíram em terra. (63)

Alguns vinham e outros iam-se. (62)

Em Gil Vicente deparamos com este exemplo do verbo correr-se:

Tu não teurras de mi.  
(Auto da feira, I, 220)

Não poderíamos deixar de mencionar também os conhecidos versos de Camões "Alma minha gentil que te partiste" e "Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades", em que os reflexivos te e se, usados ambos com finalidade estilística, representam exemplos consagrados do valor expressivo desses pronomes no português quinhentista.

A quantidade de verbos pronominais no português arcaico era muito maior do que hoje, o que nos leva a indagar se o

reflexivo, nos casos acima, não poderia ser considerado antes um se-PIV do que propriamente um se-PR. Parece estar o pronome integrado ao verbo, daí a razão de nossa indagação. Como distinguir um se-PIV de um se-PR em textos de português antigo? Por conveniência de ordem didática e prática, tratemos o se nos casos acima, como nos seguintes, como PR, já que o me vem sempre junto a verbos hoje intransitivos. Mas estamos consciente da precariedade terminológica em casos como esses.

Nos exemplos apresentados acima, nota-se que o pronome reflexivo, como partícula expletiva, além de representar um indício de integração intensa do sujeito na ação verbal que dele parte, empresta também ao verbo algo de espontâneo e de dinâmico, o que levou os gramáticos antigos a chamá-lo de objeto direto de espontaneidade.<sup>165</sup> Cláudio Brandão chama o se-PR de reflexivo dinâmico ou reflexivo de interesse.<sup>166</sup> Para Celso Luft, trata-se de um objeto direto metafórico ou figurado.<sup>167</sup>

Este emprego expletivo da medial dinâmica era tão produtivo no português antigo que ocorria até mesmo com o verbo estar. Há exemplos em textos do Pe. Antônio Vieira, no século XVII:

---

<sup>165</sup> LAPA, Rodrigues. *Estilística*, p. 148.

<sup>166</sup> BRANDÃO, Cláudio. *Sintaxe clássica*, p. 310.

<sup>167</sup> LUFT, Celso. *Dicionário*, p. 12.

Porém Elias (...) estava-se no seu paraíso.  
(Serm., 1. 1112)

estou-me na minha cella.  
(Cartas, 2, 158)<sup>168</sup>

E até mesmo com o verbo intransitivo viver e o transitivo indireto mergulhar Vieira emprega a medial dinâmica expletiva:

Os peixes lá se vivem nos seus mares e rios,  
lá se mergulham nas suas grutas. (Serm., 2,  
315)<sup>169</sup>

Com relação ao se-PR junto a verbo de ligação, a lírica de Camões nos oferece um exemplo com o verbo ficar. Trata-se do soneto De frescas belvederes rodeadas (Imprensa Nacional, 1980, ed. de Maria de Lourdes Saraiva):

Amor, já não sofrendo este desprezo,  
.....  
e ficou-se com elas [as ninfas] desarmado.  
(Lírica II, 68)

Rodrigues Lapa cita um outro exemplo do se-PR, este com o verbo morrer-(se), usado pronominalmente com um certo matiz afetivo e ao mesmo tempo de ação progressiva, suave e len

---

<sup>168</sup> Apud SAID ALI, M. *Gramática histórica*, p. 180.

<sup>169</sup> Idem, *ibidem*, p. 180.

ta. O exemplo é de Fialho de Almeida: "Tinha alinhavado este livro nos ócios da bela estação que se morria." (Apud op. cit., p. 148).

Outro exemplo do verbo morrer-(se), carregado de emoção e de belo efeito estilístico, aparece no seguinte verso de Vinícius de Moraes:

Quem pagará o enterro e as flores  
Se eu me morrer de amores?<sup>170</sup>

Em resumo, o se-PR é aquele "elemento estilístico de matizes muito variados" ao qual se refere Rosalvo do Valle, situando o fato já no próprio latim vulgar, em sua tese sobre a Peregrinatio citada neste trabalho.

Em contraste com o português arcaico e o clássico, o uso contemporâneo, ao menos no Brasil, limita o emprego do se-PR a uns poucos verbos intransitivos: de movimento (ir-se, chegar-se, sair-se) ou denotativos de ações espontâneas (rir-se - ou rir-se de, trans. ind. - sorrir-se), os dois casos em que o se-PR ocorre com mais frequência no português do Brasil. Machado de Assis o emprega junto ao verbo sorrir nos Contos fluminenses (Garnier, 1989):

Adelaide sorriu-se e disse: (p. 160)

O mesmo Machado, agora viúvo, em carta a Joaquim Nabuco datada de 20/11/1904, dá conta ao amigo da solidão e da saudade que o abatem pela perda de sua "meiga Carolina" nos seguintes termos:

Aqui me fico, por ora na mesma casa, no mes

<sup>170</sup> Apud CUNHA, Celso. *Gram. do port. contemporâneo*, 1970, p. 217.

mo aposento, com os mesmos adornos seus.

(OC, III, 1071)

O verbo intransitivo ficar revela o estado de espírito desolado e abatido do nosso Machado de Assis. Mais que isso, revela a sua impotência diante do "fundo golpe" (palavras suas na mesma carta) que representou para ele o desaparecimento de sua dedicada companheira durante trinta e cinco anos. O reflexivo me, para além de sua presença marcadamente expletiva, realça e denuncia a dor e a solidão em que o nosso maior escritor se ficou. Não, Machado, naquela hora, jamais poderia ter escrito um simples Aqui fico.

Encerrando esses comentários sobre o emprego expletivo do nosso reflexivo, acrescentaríamos que, fora dos casos aqui descritos, a língua literária tem liberdade para usar o se-PR de acordo com as suas necessidades e conveniências estilísticas.

Passemos agora à terceira atribuição do nosso se na medial dinâmica: o se como símbolo ou índice de indeterminação do sujeito, o se-IIS.

c) se-IIS

O uso do reflexivo se como índice de indeterminação do sujeito já é citado por Duarte Nunes de Leão em seu Origem da língua portuguesa, cuja 1ª edição é de 1606. Demonstrando clara compreensão do conceito de impessoalidade verbal, diz Duarte:

A [voz] impessoal é quando não se faz menção de pessoa algũa e dizemos: ama-se, ensina-se.<sup>171</sup> (grifos do Autor)

Mais adiante, o Autor faz uma descrição sincrônica do processo de indeterminação do sujeito tal como já ocorria em sua época:

(...) o impessoal suprem [os portugueses] com as terceiras pessoas do verbo activo do mesmo tempo e modo e com este pronome, se, dizendo, sem demonstração de pessoa algũa, ama-se, corre-se.<sup>172</sup> (grifos do Autor)

Só faltou a Duarte Nunes de Leão, em pleno século XVII, mencionar a não-pessoa ou o sujeito  $\emptyset$ , tão linguisticamente precisa é a sua descrição. Chamamos a atenção também para a predicação dos verbos usados como exemplos: um intransitivo, corre-se, e dois transitivos diretos usados intransitivamente, ama-se e ensina-se.

Epifânio Dias também descreve o emprego do se-IIS:

Os verbos intransitivos (e os transitivos empregados intransitivamente) podem empre-

---

<sup>171</sup> LEÃO, Duarte N. de. *Ortografia e origem da l'ng. port.*, p. 297.

<sup>172</sup> Idem, *ibidem*, p. 297.

gar-se na conjugação reflexa, na 3.<sup>a</sup> pess. do singular, em sentido impessoal, v.g.: combate-se, estuda-se.<sup>173</sup>

A confirmar as palavras de Epifânio Dias, Gil Vicente apresenta exemplos de verbos transitivos usados intransitivamente com valor impessoal e seguidos de se-IIS:

Gabei-vos ontem a El-Rei  
quanto se pode gabar.  
(Farsa dos almocreves, V, 341)

eu sou fino da pessoa,  
e por não se duvidar  
fiz uma coisa muito boa:  
leixei crescer a coroa,  
sem nunca a mandar rapar.  
(Romagem de agravados, V, 2)

O qual Príncipe virá  
em pessoa aqui com elle,  
que sabe as virtudes delle,  
e como e quem o trouxe cá,  
e quando se monta nelle.  
(Triunfo do inverno, IV, 327)

Entre nós, Mattoso Câmara faz a seguinte descrição do processo sintático de indeterminação do sujeito com o se-IIS:

Uma extensão [da medial dinâmica] consistiu

---

<sup>173</sup> DIAS, Epifânio. Op. cit., p. 106.

na supressão de qualquer sujeito individualizado, para indicar uma atividade em desdobramento, sem ponto de partida determinado: vive-se, vai-se, falou-se, combatia-se, e assim por diante.<sup>174</sup>

Em outras palavras, o "sem ponto de partida determinado" de Mattoso quer dizer a mesma coisa que o "sem demonstração de pessoa algũa" de Duarte Nunes, isto é, sujeito indeterminado através de um processo exclusivamente sintático, a saber: [Ø + vb. 3<sup>a</sup> p. s. + se], estrutura já fossilizada na época de Duarte Nunes, e até bem antes, conforme teremos oportunidade de demonstrar mais à frente.

Vejamos agora alguns exemplos na Carta de Caminha. Nesta, já se encontra o nosso se-IIS junto a verbos intransitivos. A edição é de Leonardo Arroyo (1971).

E com isto se volveu às naus por ser tarde. (46)

E quando se veio ao Evangelho, (...), eles se levantaram conosco, e alçaram as mãos, estando assim até se chegar ao fim. (61)

Numa outra carta, datada de 19/5/1500, escrita ao rei de Portugal por um piloto anônimo que participou da descoberta do Brasil, encontramos outro exemplo do se-IIS, agora jun-

---

<sup>174</sup> CÂMARA JR., J. Mattoso. *História e estr. da líng. port.*, p. 175.

to a verbo transitivo indireto. Citamos pela edição de Leonardo Arroyo.

(...) e no dia seguinte esgarrou-se humana não da Armada, por forma tal, que não se soube mais dela. (158)

Já que falamos em verbo transitivo indireto usado impessoalmente, merece citação o conhecido verso de Camões:

(...) é fraqueza desistir-se da cousa começada. (Os Lusíadas, I, 40)

Também em Gil Vicente há exemplo de verbo transitivo indireto impessoal + se-IIS:

eu mando per meu mandado  
que até esse pão ser segado  
que se não fale mais nisso.  
(O juiz da Beira, V, 286)

Outro exemplo representativo da medial dinâmica usada impessoalmente ocorre com o verbo pronominal dirigir-se no in finitivo, na estrutura [∅ + infinitivo + se], presente na carta do bacharel mestre João ao rei de Portugal. O bacharel também participou da descoberta do Brasil, e a sua carta tem a mesma data de 19/5/1500. Ainda segundo a edição de Leonardo Arroyo:

Para o mar, melhor é dirigir-se pela altura do sol. (157)

No século XVII, um texto do Pe. Vieira nos oferece exemplos do se-IIS com verbos intransitivos:

Por isso nos púlpitos se trabalha tanto e se navega tão pouco. (Sermão da Sexagésima, VI)<sup>175</sup>

Ainda em Vieira, encontramos exemplos do se-IIS junto a verbos transitivos diretos, uns usados intransitivamente, outros seguidos de nomes que se nos afiguram como objeto direto e não como sujeito, já que ao nosso espírito tais construções se apresentam com sentido ativo e impessoal, conforme argumentação desenvolvida ao longo deste trabalho. Citamos pela edição preparada para a Ed. Cultrix por Antônio Soares Amora (1981).

Esta é a razão por que os escravos entre os gregos se chamavam corpos. (...) O mesmo diz Sêneca, que se usava entre os romanos. (Serm. vigés. sét., II, 61)

Falo do que ordinariamente se ouve. (Serm. da sexag., IX, 43)

Como se faz uma rede? (Serm. da sexag., VII, 40)

Este [o corpo] é o que sô se cativa, este o que sô se compra e vende. (Serm. vigés. sét., II, 62)

---

<sup>175</sup> Pe. VIEIRA, A. *Sermões*, p. 37.

Na música tudo se faz por compasso. (Serm. da sexag., V, 34)

Nos Textos arcaicos de José Leite de Vasconcellos exemplos há do se-IIS junto a verbos transitivos diretos, em tudo semelhantes aos encontrados em Vieira. Tanto num caso como no outro, a construção verbo-pronominal + (nome) remete, a nosso ver, a um sujeito indeterminado, sendo o sentido da mesma, portanto, ativo e impessoal. Relacionamos aqui apenas os casos que se enquadram na estrutura [∅ + vb. 3<sup>a</sup> p. s. + se]. Os casos em que o verbo, na 3<sup>a</sup> pessoa do plural, concorda com a expressão pluralizada que se lhe segue (tipo alugam-se casas, impessoal com concordância, segundo Pottier)<sup>176</sup> deixamos para tratar mais adiante, quando nos ocuparmos do chamado se pronome apassivador, o se-PA.

Mas vamos aos Textos arcaicos. Os números entre parênteses referem-se às páginas.

Exs. do século XV:

Tudo se pode perder,  
naada nam pode duraar. (Cantigua, Luís da  
Silveira, 94)

e começarom damdar o mais calladamente que  
sse fazer pode. (Crônica de D. João I, Fer-  
nãõ Lopes, 78)

---

<sup>176</sup> POTTIER, Bernard. *Linguística geral*, p. 120.

e assi deue dizer primeiro o que apraza en como se deue filhar aquelle porco, (...) e por tanto lhe he mister de conhescer bem todallas cousas per que se deue a filhar melhor. (Livro da montaria, D. João I, 73)

Em todos os exemplos acima, o se-IIS poderia ser substituído pelo indefinido arcaico homem, pronome de 3<sup>a</sup> pessoa e de sentido vago, generalizante e arreferencial. E tão não-pessoa quanto o sujeito  $\emptyset$  das construções acima, reiterado pela reflexividade neutra do nosso se-IIS.

Ex. do século XIV:

Eu digo que homem deue d'auer paz: (...) E se algũa d'estas pazes fallece, mal se pode edeficar castello que dure. (Castello perigoso, 49)

Como já mencionamos há pouco, homem e se-IIS são permutáveis no português arcaico, o que ocorre no exemplo acima. Isto reafirma o valor ativo e impessoal da construção perifrástica "mal se pode edeficar castello". Pensamos ser possível aqui uma permuta entre os dois processos de indeterminação do sujeito: o lexical, com homem, e o sintático, com se-IIS. Se não vejamos: "Eu digo que se deue d'auer paz" e "mal homem pode edeficar castello que dure". Não vemos diferença semântica entre ambas as frases. A diferença é apenas formal. Na primeira, a indeterminação do sujeito se faz sob forma sintática, com a "não-expressão do actante"; na segunda, essa mes-

ma indeterminação está presente, só que sob a forma lexical, com o actante expresso pelo indefinido homem, que no português arcaico tinha valor de actante neutro, vazio, não-marcado, conforme explicamos acima.

O indefinido homem desaparece no final do século XVI, substituído pela construção sintática impessoal com se-IIS, construção essa mais "arreferencial", mais "indeterminadora", digamos assim, do que o processo lexical com o indefinido homem. Já nos textos do teatro de Gil Vicente, cuja obra em seis volumes tivemos o cuidado de pesquisar de ponta a ponta, o emprego do indefinido homem é pouco frequente, sobrepujado pela presença marcante do se-IIS junto a verbos usados impessoalmente, tanto intransitivos como transitivos.

Mas voltemos ao século XVI, à Carta de Caminha. Na verdade, século XV, já que ela é datada de 19/5/1500. Nesse documento, a nosso ver, bastante representativo da língua viva da época, pelo seu caráter não-literário, vamos encontrar igualmente exemplos do se-IIS junto a verbos transitivos diretos. Para nós, trata-se, também aqui, de orações de sujeito indeterminado. Eis os exemplos:

Acabado isto, disse o Capitão que fôssemos nos batéis em terra. E ver-se-ia bem, que-jando era o rio. (53)

E enquanto fazíamos a lenha, construíram dois carpinteiros uma grande cruz de um

pau que se ontem para isso cortara. (57)<sup>177</sup>

Ainda no século XVI, Gil Vicente também apresenta exemplos de verbos transitivos diretos impessoais + se-IIS:

Só em Barquarena havia  
 tambor em cada moinho,  
 e no mais triste ratinho  
s'enxergava uma alegria  
 que agora não tem caminho.  
 (Triunfo do inverno, IV, 262)

Em outra passagem Gil Vicente faz um trocadilho com o substantivo ussa (ursa = dança) e os verbos usa e escusa, transitivos diretos empregados impessoalmente:

e a ussa não se usa,  
 e a festa não se escusa.  
 (Auto da Lusitânia, VI, 62)

Merece referência também o emprego impessoal de verbos transitivos diretos acompanhados de objeto direto preposicionado, comum na sintaxe clássica, como o demonstra o conhecido

---

<sup>177</sup> A edição é a de Leonardo Arroyo, e os números entre parênteses remetem às páginas da mesma. Observe-se a sintaxe arcaica do verbo ir + preposição em ("fôssemos em terra"), hoje usual entre os nossos autores modernistas e uma das marcas do português coloquial do Brasil.

passo de Castilho: "Por tudo isto se admira a Vieira; a Bernardes admira-se e ama-se."<sup>178</sup> Iremos nos ocupar mais detidamente deste uso quando tratarmos do se pronome apassivador (se-PA).

Quanto à indeterminação do sujeito com verbos de ligação na estrutura [ suj. Ø + vb. 3<sup>a</sup> p.s. + se-IIS + predicativo ], tipo é-se feliz, está-se contente, etc., não a encontramos em textos do século XVI, nem nos de séculos anteriores. Encontramos, isto sim, o se-IIS junto ao verbo estar com valor de intransitivo, mas não como verbo de ligação. E isto já no século XVI, pois o exemplo é de Sá de Miranda:

I que encontre cum leão,  
 Cum usso que se erga em pé,  
 Certo que menos mal é,  
 Que onde eles tão bastos são  
 Que entre eles se durma, e estê.

(Sá de Miranda, Obras, I, 226)<sup>179</sup>

É interessante notar, no exemplo acima, o paralelismo existente entre dormir e estar, ambos com a mesma predicção verbal intransitiva, ambos prestando-se à indeterminação do sujeito, já que o mesmo se que serve de índice de indeterminação do sujeito de durma também se aplica a estê. E desse em-

---

<sup>178</sup> CASTILHO, A. F. *Vida e obra de M. Bernardes*, II, p. 285.  
 Apud SAID ALI, M. *Dificuldades*, p. 14.

<sup>179</sup> Apud SOUSA DA SILVEIRA. *Trechos seletos*, p. 90.

prego impessoal do estar intransitivo é que deve ter se originado, por analogia, o emprego impessoal do estar verbo de ligação, ou transitivo predicativo, como diz Luft em seu Dicionário de regência. Em outras palavras, de "entre eles se este" passou-se a dizer, por exemplo, "entre eles se este feliz", com o acréscimo do predicativo do sujeito indeterminado. De estar + se + predicativo a impessoalidade irradiou-se para outros verbos de ligação como ser (é-se feliz), ficar (fica-se feliz), etc. Naturalmente, isto aconteceu primeiro na língua popular, tendo a língua literária referendado este emprego impessoal do verbo de ligação só posteriormente. Para Said Ali, isto só aconteceu a partir do século XIX:

Houve durante muito tempo relutância em aceitar na linguagem literária os populares é-se, está-se, mas desde o século passado a hesitação tende a desaparecer. CASTILHO, no teatro de MOLIÈRE, põe tais modos de dizer até mesmo na boca de personagens que não costumam exprimir-se incorretamente: Quando SE É desprezado ingratamente, creio ser um dever honroso o procurar fugir (Tart., 65, cf. ed. 1870); Aqui, senhor Pancrácio, ESTÁ-SE optimamente (Sabichonas, 89, cf. ed. 1872). Nas obras de GARRET, de CAMILO e de RAMALHO ORTIGÃO são frequentes os exemplos. <sup>180</sup>

---

<sup>180</sup> SAID ALI, M. *Dificuldades*, p. 99.

O fato é que já no século XVI é possível encontrar-se o verbo ser usado impessoalmente e acompanhado do se-IIS, mas o mesmo aparece no infinitivo e formando locução verbal com um verbo auxiliar na 3ª pessoa do singular (pode), e não na estrutura é-se / está-se como descreve Said Ali. É o que acontece, por exemplo, no seguinte passo de Camões, no soneto Leda serenidade deleitosa:

Presença moderada e graciosa,  
 onde ensinando estão despejo e siso  
 que se pode por arte e por aviso,  
 como por natureza, ser fermosa.  
 (Lírica II, 75)<sup>181</sup>

Essa locução verbal em que aparece o verbo ser no infinitivo empregado impessoalmente e acompanhado do se-IIS deve ter se formado por analogia a outras locuções verbais impessoais, comuns já no português arcaico.

Um pouco mais tarde, no século XVII, o Padre Vieira nos oferece outro exemplo do ser impessoal + se-IIS:

---

181 Chama a atenção nesta estrofe de Camões a presença de um sujeito indeterminado do gênero feminino com cujo atributo — graciosa — o poeta faz concordar o adjetivo fermosa. Tal concordância nos faz pensar, no caso, em algo como um sujeito semi-indeterminado. Ou, quem sabe, numa indeterminação unilateral, já que ela existe apenas para o leitor, e não para Camões. Este sabe perfeitamente quem é a sua amada, a "presença moderada e graciosa" a quem se refere.

Onde Deus é primeiro, bem se pode ser segundo. (Vieira, 9:361)<sup>182</sup>

Vimos, portanto, que o reflexivo se tem se prestado à indeterminação do sujeito junto a verbos impessoais desde os mais remotos tempos da língua. E a essa altura, duas perguntas importantes se impõem. Trata-se de indagações vitais para o desenvolvimento deste trabalho. São elas:

- a) como o se pôde passar de pronome reflexivo a símbolo ou índice de indeterminação do sujeito? Em outras palavras, como o reflexivo se pôde passar de objeto direto (se-OD) a se-IIS?
- b) como surgiu e se desenvolveu na língua portuguesa a indeterminação do sujeito através da estrutura sintática impessoal [  $\emptyset$  + vb. 3<sup>a</sup> p.s. + se + IIS ]? Como sabemos, essa estrutura é uma espécie de arquétipo sintático da impessoalização verbal, usada com verbos de todas as predicções. Como teria a mesma surgido em nossa língua?

A bibliografia disponível sobre o assunto, por nós pesquisada, não oferece respostas seguras e satisfatórias para as duas perguntas acima. O que encontramos foram tentativas de explicação, que nós preferimos chamar de hipóteses, cujos esboços já foram delineados por nós na primeira parte deste

---

<sup>182</sup> Apud Cônego BUENO DE SEQUEIRA, F. M. *A ação da analogia no português*, p. 84.

trabalho referente ao latim. Tentemos agora aprofundar a análise dessas hipóteses no que diz respeito ao português.

Através de nossas pesquisas na bibliografia citada, chegamos à conclusão de que duas hipóteses, pelo menos, podem ser invocadas para responder às indagações acima. E ambas têm sua fonte na medial dinâmica.

A primeira hipótese tem como ponto de partida a chamada passiva pronominal.<sup>183</sup> Por essa teoria, cuja fonte se encontra na filologia clássica de base lógico-filosófica, construções reflexivas com sujeito inanimado do tipo esta casa se vende / vende-se esta casa devem ser consideradas como de valor passivo, equivalentes, por esse raciocínio, a esta casa é vendida. Nessas construções, o se-OD converte-se em partícula apassivadora do verbo, o se-PA. E desse se-PA é que teria se originado o se-IIS, assim como dessa passiva pronominal é que teria surgido a construção sintática impessoal e ativa [ suj. Ø + vb. 3<sup>a</sup> p.s. + se-IIS ], circunscrita a verbos não transitivos diretos. Isto é o que diz, por exemplo, um sintaticista de linhagem clássica como Cláudio Brandão:

---

183

Cf. em espanhol o mesmo ponto de vista, consoante o espírito da filologia clássica: LAPESA, R. *Historia de la lengua española*, Gredos, 1986, pp. 401-402. Sobre o português, v. AGUIAR, Martins de. *Notas e estudos de português*, 1971, p. 132.

Como, na passiva pronominal, em regra se ca la o autor da ação (terminativo do agente e da causa eficiente), passou o pronome se a empregar-se, junto a verbos intransitivos e relativos, como simples índice de indeterminação do sujeito.<sup>184</sup>

Nessa mesma linha de raciocínio, posiciona-se o Cônego Bueno de Sequeira. No excerto abaixo, o Autor explicita a passagem da passiva pronominal para a ativa impessoal com se-IIS:

Generalizado o uso da terceira pessoa com o pronome se, indicando a passiva, perdeu-se logo a consciência do agente e não foi preciso mais empregar-se o complemento de causa eficiente. Em consequência, não se pensou mais no sujeito da oração, o qual era paciente, e a frase ficou indicando apenas o efeito da ação verbal. Daqui surgiu a idéia de um sujeito vago ou indeterminado. De fato, a sentença de Vieira (6:194)

"Para o banquete da glória matou-se alguma coisa?"

equivale a est'outra

"Para o banquete da glória mataram alguma coisa?"<sup>185</sup> (grifos do Autor)

---

184 BRANDÃO, Cláudio. *Sintaxe clássica*, p. 318.

185 Cônego BUENO DE SEQUEIRA, F. M. *A ação da analogia no português*, p. 83.

A explicação é engenhosa, para não dizer sofismática. E, embora respeitando a posição do Autor, com ela não concordamos em absoluto. Quer dizer, da voz passiva (pronominal, embora) é que teria se originado a voz ativa impessoal. E o se-IIS teria sua origem no se-PA, como uma extensão ou uma "fatalidade sintática" do mesmo.

Ora, supor que da voz passiva tenha se derivado a voz ativa é uma inversão de valores sintáticos que vai contra todas as evidências históricas. Vai contra a gênese da própria frase no indo-europeu, conforme demonstramos na primeira parte deste trabalho. Tal ponto de vista é algo como uma "contramão sintática".

Além disso, a construção reflexiva, nela predomina antes a idéia de atividade, e não de passividade. Veja-se, por exemplo, o caso dos verbos pronominais já comentado por nós. Estes verbos, representantes da voz medial dinâmica (ou medial lato sensu, como diz Mattoso Câmara), quando despronominalizados, definem-se pela voz ativa, e não pela passiva. Aliás, na própria passiva impessoal latina, cujo sucedâneo português, via latim vulgar, é a construção reflexiva impessoal com o se-IIS, predominava a idéia de atividade, expressa em latim por um sujeito  $\emptyset$  + verbo na 3<sup>a</sup> pessoa do singular (itur, vivitur, etc.); e em português, suj.  $\emptyset$  + vb. na 3<sup>a</sup> pes. do sing. + se-IIS (vai-se, vive-se, etc.).

Descartamos, portanto, essa primeira explicação por inviável sintaticamente. Passemos então à análise da hipótese seguinte.

A segunda hipótese tem como ponto de partida a medial dinâmica empregada com sujeitos inanimados junto a verbos transitivos diretos. Sua autoria pode ser atribuída a Said Ali, que a desenvolveu no capítulo "O pronome se", incluído no seu livro Dificuldades da língua portuguesa, cuja 1ª edição é de 1908, ano da morte de Machado de Assis. O texto do filólogo patricio pode ser considerado um clássico da sintaxe portuguesa e é de fundamental importância para a compreensão da trajetória evolutiva da voz medial e do pronome se em nossa língua.

Inferre-se do texto de Said Ali que o reflexivo se teria evoluído sintaticamente de objeto direto (OD) para índice de indeterminação do sujeito (IIS) a partir de seu emprego em construções mediais dinâmicas de verbo transitivo direto e com sujeito inanimado. Nessas construções, o sujeito, sob a forma da personificação metafórica (cf. o "pequeno drama" a que se referia Bréal), é considerado pelos falantes como agente da ação verbal.

Tal fato ocorre, por exemplo, em frases do tipo esta casa se vende fácil. A anteposição do substantivo casa e a personificação desta, nessa frase típica da medial dinâmica, conferem a casa a condição de sujeito-agente. Nesse caso, o reflexivo se estaria aí desempenhando a função de objeto direto figurado ou metafórico, já que retroativo a um sujeito igualmente metaforizado. Como explica Said Ali,

Ações praticadas por seres humanos não po-

diam ser enunciadas pela linguagem sem a indicação do agente. Quando, porém, o agente humano era desconhecido ou não convinha mencioná-lo, a linguagem servia-se deste expediente: personalizava o objeto se era ente inanimado, e fingia-o a praticar a ação sobre si mesmo. Certa mercadoria, por exemplo, devia ser vendida, ignorando-se o vendedor; dizia-se simplesmente: tal mercadoria vende-se a si própria.<sup>186</sup>

Acontece que, com a eventual posposição do substantivo casa em relação ao verbo, na posição românica de objeto (a posição é um marcador sintático em português), os falantes acabaram por ver nesse substantivo um complemento objetivo, e não mais o sujeito-agente, dirigindo para casa o efeito da ação verbal, numa espécie de topicalização às avessas. O resultado dessa inversão sintática é descrito por Said Ali da seguinte maneira:

E se primitivamente o substantivo [casa] foi de fato o sujeito, como parece ter sido junto a verbos transitivos, também nessa época andava necessariamente anteposto ao predicado; mas desde o dia em que a sua posição se fixou depois do verbo, fixou-se também a sua função de objeto.<sup>187</sup>

---

186 SAID ALI, M. *Dificuldades*, pp. 95-96.

187 Idem, *ibidem*, p. 95. Como sintaticista que era, o Autor procura demonstrar a proeminência da sintaxe sobre a semântica em casos como este, nos quais vê a primeira como determinante da segunda.

Com isso, a frase vende-se esta casa tem a sua mensagem centrada unicamente no predicado, no acontecimento em si, no fato verbal em si mesmo, isto é, uma casa está à venda, e isso é o que interessa. Quem a está vendendo, o agente indeterminado, incógnito e anônimo, que está por trás desse fato torna-se secundário, é de somenos importância. Que fique indeterminado, pois. Ou, em termos sintáticos, que seja expresso por um  $\emptyset$ .

O sujeito  $\emptyset$  (ou "a não-expressão do actante", como diz Bernard Pottier<sup>188</sup>) enfatiza o valor absoluto do processo verbal. E revela, no caso, que esse valor verbal absoluto é tão intenso, tão concentrado no próprio predicado, que este, abstraído a expressão de um agente, pode se prestar à indeterminação do sujeito. Lembremos, a propósito, as palavras do linguista alemão Franz Mauthner, citadas por Mattoso Câmara:

Pensamos por meio de predicados. Este conceito essencial apareceu originariamente isolado. O processo pode ser concebido em si mesmo, como ainda vemos nas frases sem sujeito.<sup>189</sup>

A gênese dessa impessoalidade verbal, no caso, é expli

---

188 POTTIER, Bernard. *Linguística geral*, p. 120.

189 MAUTHNER, Franz. *Beiträge zur einer Kritik der Sprache* (1923), Leipzig, III, p. 253. Apud CÂMARA JR., J. Mattoso. *Princípios*, p. 180.

cada por Said Ali da seguinte maneira:

Pouco a pouco, porém, a mera forma reflexa em casos deste gênero começou a sugerir a idéia de um agente humano indeterminado. Não foi preciso alterar profundamente o enunciado; mas o substantivo, que até então figurara na categoria de sujeito, teve de abandonar este posto e passar para o lugar de objeto, que já agora lhe era designado. O pensamento não comportava dois agentes; a ação de vender não podia ser praticada por certa pessoa e, ao mesmo tempo, pela própria coisa.<sup>190</sup>

Mais adiante, e ainda com referência ao padrão sintático impessoal vende-se esta casa, reitera Said Ali:

Naquelas frases, dissemos nós, em que é de uso pospor o substantivo, a ação é psicologicamente atribuída a ente humano que não podemos ou não queremos nomear, ao passo que o substantivo se acha degradado ao papel de regímen ou paciente.<sup>191</sup>

Quanto ao pronome se, que na frase esta casa se vende era um reflexivo pleno na função sintática de objeto direto, vê-se assim transformado em reflexivo vazio, ou melhor, refle

---

<sup>190</sup> SAID ALI, M. *Dificuldades*, p. 96.

<sup>191</sup> Idem, *ibidem*, p. 97.

xivo  $\emptyset$  de um sujeito igualmente  $\emptyset$  na frase impessoal vende-se esta casa. Entende-se assim a sua passagem de objeto direto (se-OD) a índice de indeterminação do sujeito (se-IIS) e, ao mesmo tempo, parte integrante e indissociável do predicado, numa espécie de sincretismo sintático. Aliás, a capacidade de uso sincrético não é estranha ao nosso se, que já a exerce em certas construções reflexivas stricto sensu do tipo Sofia deixou-se ficar na sala, o reitor fez-se representar na cerimônia, nas quais o reflexivo desempenha cumulativamente as funções sintáticas de objeto direto e de sujeito do infinitivo.

Percebe-se também em frases impessoais como vende-se esta casa a gênese provável e possível da estrutura sintática impessoal [suj.  $\emptyset$  + vb. 3<sup>a</sup> p.s. + se-IIS + «nome»], usada com verbos transitivos diretos, a saber: aluga-se apartamento, escuta-se boa música, lê-se um bom livro, etc. (Cf. latim vulgar, facit se hora quinta, fit/facit se oratio(nem));

A respeito da função indeterminadora do pronome se, esclarece Said Ali:

(...) emerge, de entre as dúvidas, esta verdade incontestável: em compra-se o palácio e morre-se de fome, o pronome se sugere, na consciência de todo o mundo, a idéia de alguém que compra, de alguém que morre, mas que não conhecemos ou não queremos nomear.<sup>192</sup>

<sup>192</sup> SAID ALI, M. *Dificuldades*, p. 93.

É importante ressaltar que Said Ali vê em todas as frases acima um sentido ativo e impessoal, rejeitando a possibilidade de sua interpretação passiva, como tem ensinado a nossa tradição gramatical no caso dos verbos transitivos diretos. O exemplo clássico é o da frase aluga-se esta casa, vista pela tradição gramatical como sucedâneo sintético ou pronominal da passiva analítica esta casa é alugada. O próprio exemplo oferecido por Said Ali (compra-se o palácio), com verbo transitivo direto, demonstra o seu ponto de vista contrário ao da tradição gramatical vigente (cf. se-PA).

O modelo impessoal vende-se esta casa, usado a princípio com verbos transitivos diretos, ter-se-ia irradiado em seguida para os transitivos indiretos motivando construções como: precisa-se de secretárias, obedece-se aos pais, etc. Eis as palavras de Said Ali a esse respeito:

Se esta doutrina é verdadeira, o processo muito cedo se estendeu a verbos que demandavam um régimen indireto.<sup>193</sup>

Dos transitivos a construção sintática impessoal com o se-IIS ter-se-ia estendido aos intransitivos, generalizando-se, desse modo, a praticamente todo o sistema da predicação verbal portuguesa e dando origem a construções impessoais do tipo vive-se mal no Rio, morre-se de fome, etc. Lembremos, a

---

<sup>193</sup> SAID ALI, M. *Dificuldades*, p. 97.

propósito, que os próprios verbos transitivos podem ser usados intransitivamente, como demonstram os exemplos citados por nós, especialmente no tópico referente à despronominalização.

A generalização da construção sintática impessoal com o se-IIS, a que se refere Said Ali, ter-se-ia consolidado no século XVI, desbancando o pronome indefinido homem, usual em todo o período arcaico. Sobre esse desaparecimento de homem e a expansão da construção impessoal com se-IIS, afirma o nosso filólogo:

Por fim foi-lhe desaparecendo a vitalidade e na era quinhentista sucumbia de todo afogado pela expansão do pronome se que, como vimos anteriormente, já então se usava quer em verbos transitivos, quer com os intransitivos.<sup>194</sup>

Quanto ao emprego do se-IIS junto a verbos de ligação usados impessoalmente (é-se feliz / está-se alegre, etc.), trata-se de estrutura referendada pela língua literária somente a partir do século XIX, segundo Said Ali (v. Dificuldades, 99), o que não exclui a possibilidade de seu emprego antes do século passado na língua coloquial. Já tratamos deste assunto neste trabalho.

Um ponto que merece destaque na tese de Said Ali é a

---

<sup>194</sup> SAID ALI, M. *Dificuldades*, p. 100.

questão da concordância entre o verbo e o substantivo que se lhe segue, exigida pelo rigor gramatical: vendem-se casas, alugam-se apartamentos, etc. Tal concordância é usada como argumento pela tradição gramatical para tentar provar a tese da chamada passiva pronominal, segundo a qual, uma frase como vendem-se casas deve ser interpretada como de valor passivo e em tudo equivalente a casas são vendidas. Segundo essa interpretação, o substantivo casas, no plural, tem a sua condição de sujeito-paciente comprovada, na construção pronominal, pela concordância do verbo com o mesmo, já que vendem-se também se encontra no plural.

Como já vimos, para Said Ali, tais construções devem ser entendidas como de valor ativo e impessoal, devendo o substantivo casa(s), nesses casos, ser classificado como objeto, e não como sujeito de uma suposta passiva pronominal. Segundo essa linha de raciocínio, a concordância acima mencionada deve ser entendida como um caso de contaminação sintática do verbo pelo substantivo eventualmente plural que lhe sucede. Vejamos o que diz o Autor das Dificuldades a respeito do primeiro ponto, isto é, o do valor ativo impessoal da construção reflexiva vende(m)-se casa(s):

Quando não queremos ou não podemos mencionar quem pratica a ação, servimo-nos do verbo na forma reflexiva, colocando-o no princípio da oração.<sup>195</sup>

---

<sup>195</sup> SAID ALI, M. *Dificuldades*, p. 98.

Com relação ao segundo ponto, o da "concordância" (a essa altura, permitimo-nos as aspas) entre o verbo e o substantivo que se lhe segue, esclarece Said Ali:

O verbo é usado na 3.<sup>a</sup> pessoa do singular, quer esteja acompanhado de objeto indireto, quer de objeto direto precedido da preposição a. Se porém o regímen direto não tiver preposição e se achar no plural, o verbo irá igualmente para o plural, por falsa concordância.<sup>196</sup> (grifos nossos)

Convém atentar-se para dois fatos importantes contidos no pensamento do Autor. Primeiro, é que Said Ali rejeita a tese da chamada passiva pronominal estribada no argumento da "concordância" entre um suposto sujeito-paciente casas e o verbo no plural vendem-se. Said Ali contra-argumenta com a tese da "falsa concordância", ou, como dissemos nós, da contaminação sintática. Além disso, o ilustre filólogo, ao mesmo tempo em que marca a sua posição contrária à da doutrina gramatical vigente, aproveita para enfatizar o caráter ativo e impessoal da referida construção pronominal. É o que faz Said Ali quando afirma que "o verbo é usado na 3.<sup>a</sup> pessoa do singular", isto é, na não-pessoa, como diria hoje o lingüista francês Émile Benveniste.

Trata-se, portanto, em construções do tipo vendem-se

---

<sup>196</sup> SAID ALI, M. *Dificuldades*, p. 99.

casas, alugam-se imóveis, de uma questão de eufonia, ou de coesão frasal, e não de subordinação hierárquica do verbo a um suposto sujeito-paciente, que, no caso, não passa, na verdade, de uma abstração formal, ou melhor, de um  $\emptyset$ , já que indeterminado.

Lembremos ainda, a confirmar a tese de Said Ali, que esse tipo de concordância atrativa ou ideológica é uma questão antes de estilística do que propriamente de sintaxe. Espécie de terapêutica linguística operada pelos falantes, como diria Gilliéron. Conceda-se então chamá-la de sintaxe ideológica. E essa sintaxe ideológica nem é privilégio de construções pronominais do tipo vendem-se casas ("impessoal com concordância", segundo Pottier<sup>197</sup>). Vamos encontrá-la com uma certa frequência em construções espontâneas do tipo fazem dez anos, haviam quatro alunos. E até mesmo na língua culta, onde existem exemplos como: tudo são flores, são duas horas. No primeiro caso, o verbo ser concorda atrativamente com o predicativo flores e não com o sujeito tudo; e no segundo caso, o verbo ser concorda também atrativamente com o predicativo duas horas, predicativo, aliás, de um sujeito  $\emptyset$ , já que a oração é considerada sem sujeito. Outro exemplo importante da concordância atrativa com outro elemento que não o próprio sujeito é o da concordância do verbo com o aposto recapitulativo ou sintético, do tipo: "Livros, cadernos, borrachas, tudo foi comprado na papelaria". Em Camões, existem passos em que o advérbio meio aparece flexionado, concordando atrativamente com o adjetivo por ele determinado: "Uns ~~cam~~ meios mortos" (Lus., III, 50). Em Garrett, também se lê: "vê-se (...) a janela meia aberta de uma habitação antiga." (Viag., 10, p.49).

---

197 POTTIER, Bernard. *Linguística geral*, p. 120.



gem do nosso se-IIS, verificamos que nenhuma das duas hipóteses aqui expostas oferece respostas seguras, prontas e acabadas para as questões por nós levantadas neste trabalho. Não fossem elas hipóteses, propostas de solução. Na verdade, certas, dados concretos que possam satisfazer os romanistas ainda não estão disponíveis. Arriscamo-nos a afirmar que talvez a origem da estrutura sintática impessoal de que estamos tratando se perca nas brumas do período proto-histórico da língua (ou — quem sabe? — no próprio latim vulgar tardio), entre os séculos IX e XI, período por enquanto não-documentado.

Entretanto, hipótese por hipótese, a solução apresentada por Said Ali parece ser a mais próxima da realidade, justamente por se apresentar como a mais viável e a mais verossímil sintaticamente, tanto do ponto de vista diacrônico quanto do sincrônico. Com relação a este último, o ponto de vista do nosso eminente filólogo encontra respaldo na sintaxe viva praticada pelos falantes de português no Brasil. Tanto na língua oral como na escrita, construções do tipo vende-se casas, aceita-se encomendas, submetidas ao julgamento de gramaticalidade por parte dos falantes, são por estes aceitas como gramaticais e, nessa condição, como portadoras de valor ativo e impessoal, segundo preconizava Said Ali. Tal é o que se ouve e o que já se lê no português do Brasil.

Ainda sobre a gramaticalidade de construções impessoais do tipo aluga-se casas, aceita-se encomendas, lembremos que no espanhol, língua irmã do português, frases semelhantes como se vende objetos usados, se condone paraguas, etc., com

valor ativo e impessoal, são usuais tanto na Espanha como na América hispânica. O próprio Said Ali já havia chamado a atenção para esse fato, ao escrever:

Os gramáticos espanhóis reconhecem a correção das frases do reflexivo se com o verbo no singular acompanhado de substantivo no plural.<sup>198</sup>

Confirmemos as palavras de Said Ali consultando Samuel Gili Gaya, um dos maiores sintaticistas da língua espanhola. Diz Gaya o seguinte:

En se desea informes sobre el paradero de Fulano, en lugar de se desean, es evidente que informes es complemento directo, y se sujeto. Se queda convertido en expresión del sujeto impersonal. (...) La impersonal activa es moderna y frecuente en el habla usual. Es de suponer que en la mente de los que dicen se desea informes, el singular se desea información tendrá también sentido activo impersonal.<sup>199</sup>

Outro lingüista espanhol de peso, J. A. de Molina Rondo, em livro recente sobre o pronome se, afirma enfática-

---

<sup>198</sup> SAID ALI, M. *Dificuldades*, p. 97.

<sup>199</sup> GILI GAYA, S. *Curso superior de sintaxis española*, p. 128.

mente a legitimidade de construções impessoais do tipo se vende objetos usados, em português vende-se objetos usados, com o verbo no singular seguido de nome (objeto direto) no plural. Molina Redondo é muito claro na defesa de seu ponto de vista:

(...) aunque la norma "oficial" se muestre reacia a aceptarlas, creemos que las construcciones con verbo en singular y nombre en plural son legítimas, en el sentido de que manifiestan una posibilidad sistemática latente del español — que, según una opinión a la cual nos sumamos, está convirtiéndose de modo acelerado en una realidad patente.<sup>200</sup>

Em coerência com o seu ponto de vista, Said Ali justifica sintaticamente a ausência de "concordância" entre o verbo e o nome que se lhe segue, argumentando que o verbo não pode concordar com o seu objeto, a não ser por "falsa concordância", como a que ocorre na língua culta em construções do tipo vendem-se casas. Vejamos as palavras do mestre:

Consequência natural da transformação do sujeito em objeto é a desnecessidade de concordância; o verbo, quer intransitivo, quer transitivo, tenderá a ser usado uniformemen

te no singular, ainda quando o nome esteja no plural.<sup>201</sup>

É ainda com argumentação sintática que nosso sintaticista rejeita a classificação de sujeito para o nome que se segue ao verbo transitivo direto na 3ª pessoa + se nas construções do tipo vende(m)-se casa(s). Alega o filólogo que a própria possibilidade de o nome que se segue ao verbo nessas construções poder aparecer preposicionado demonstra que esse nome desempenha de fato a função de objeto (o chamado objeto direto preposicionado), e não a de sujeito. Tal é o que acontece no conhecido exemplo de Castilho já citado: Por tudo isto se admira a Vieira; a Bernardes admira-se e ama-se. Afirma Said Ali:

Aqui absolutamente não podem ser sujeitos a Vieira, a Bernardes; pois não existe regra de sintaxe nenhuma que admita como sujeito um substantivo regido de preposição.<sup>202</sup>

Cobrando coerência da gramática tradicional, que vê, por exemplo, o substantivo Brasil como sujeito em ama-se o Brasil, e como objeto em ama-se ao Brasil, Said Ali, do alto de sua autoridade como um dos maiores sintaticistas da língua portuguesa, arremata sua argumentação com um ensinamento lapí-

---

<sup>201</sup> SAID ALI, M. *Dificuldades*, p. 97.

<sup>202</sup> Idem, *ibidem*, p. 94.

dar, definitivo:

O fato de vir, ou poder vir, um nome ou um pronome regido de preposição, dissipa a mais tênue dúvida sobre o verdadeiro papel do termo na oração. Não é, nem pode ser outro - frisemos bem este ponto - senão o de regímen.<sup>203</sup>

As soluções propostas por Said Ali ajudam a desfazer muitas das ambigüidades inerentes a certas construções pronominais com o reflexivo se (v. se-PA, assim como a parte referente às lições do corpus ). Não fossem essas construções, em sua origem, mediais, isto é, intermediárias, oscilantes entre o pólo verbal ativo e o passivo, à semelhança de um pêndulo. E não fosse o nosso pronome se uma palavra oblíqua e dissimulada.

Agora, traçada a trajetória evolutiva do nosso se-IIS, assim como a da estrutura sintática (ou arquétipo sintático) impessoal [  $\emptyset$  + vb. 3<sup>a</sup> p.s. + se-IIS ], gostaríamos de arrematar este capítulo chamando a atenção para alguns pontos de natureza lingüística que consideramos da maior relevância no tratamento deste assunto.

1?) Pensamos que pelo fato de o reflexivo se ser um pronome de 3<sup>a</sup> pessoa é que ele pôde se prestar a essa função

---

<sup>203</sup> SAID ALI, M. *Dificuldades*, p. 94.

indeterminadora. Embora a 3<sup>a</sup> pessoa não seja necessariamente sinônimo de sujeito indeterminado, entendemos que por ela ser uma pessoa estranha ao circuito da fala (emissor/receptor) , fora da unicidade específica eu-tu, é que ela pôde se tornar "disponível" para expressar a indeterminação.

Nesse sentido, a 3<sup>a</sup> pessoa, a "não-pessoa", pode se apresentar como uma entidade vaga, generalizante, imprecisa , nebulosa, despersonalizada e despersonalizante, numa palavra, arreferencial. Por isso, a 3<sup>a</sup> pessoa é a única que pode dispensar o contexto, justamente por ela se realizar sintaticamente e, portanto, acima das contingências da contextualidade, em oposição à permutabilidade pessoal marcada, existente no eixo especificador eu-tu, de fácil determinação semântica e referencial, já que necessariamente contextual.<sup>204</sup>

Mas vejamos o pensamento de Émile Benveniste a respeito dessa "não-pessoa":

(...) a "terceira pessoa" não é uma "pessoa"; é inclusive a forma verbal que tem por função exprimir a "não-pessoa".<sup>205</sup>

---

204 Apesar da unicidade específica existente no eixo eu-tu a que se refere Benveniste, percebe-se, no português do Brasil, o emprego de uma 1<sup>a</sup> e de uma 2<sup>a</sup> pessoa esvaziadas , sem marca (cf. eu e você empregados com sentido vago e generalizante), muito próximas da 3<sup>a</sup> pessoa arreferencial. Trata-se de fato relativamente recente e que está a merecer a atenção dos pesquisadores.

205 BENVENISTE, E. *Problemas de lingüística geral*, pp. 250-251.

A respeito da impessoalidade verbal, diz Benveniste:

A terceira pessoa é, em virtude de sua própria estrutura, a forma não pessoal da flexão verbal.

De fato, serve sempre quando a pessoa não é designada e principalmente na expressão dita impessoal.<sup>206</sup>

Em português, as formas verbais de 3<sup>a</sup> pessoa são justamente as usadas para a indeterminação do sujeito, tanto no singular (diz-se, vive-se, conta-se, é-se) como no plural (dizem, contam, falam). Aliás, o uso da não-pessoa como elemento indeterminador do sujeito remonta ao próprio latim, como já tivemos oportunidade de demonstrar na primeira parte deste trabalho.<sup>207</sup>

Advirta-se, contudo, que os mesmos índices que servem para indeterminar o sujeito, entre eles o nosso se-IIS, prestam-se também para lembrar que ele, o sujeito, existe, embora arreferencial e despersonalizado, não-identificável sob a ausência de marca, ou melhor, sob a marca  $\emptyset$  da não-pessoa. Algo como um sujeito anônimo, sem rosto semântico, já que sem

---

<sup>206</sup> BENVENISTE, E. Op. cit., p. 252.

<sup>207</sup> O latim confirma a concepção de Benveniste, que vê a 3<sup>a</sup> pessoa como não-pessoa, pois, como diz Mattoso Câmara, "a língua latina não levava em conta no sistema de pronomes pessoais uma 3<sup>a</sup> pessoa, fora do eixo falante-ouvinte". (*Hist. e estr. da líng. port.*, p. 93).

marca formal.

Nessa 3<sup>a</sup> pessoa arreferencial podem estar diluídas a 1<sup>a</sup> e a 2<sup>a</sup> pessoa. Quando se diz vive-se mal no Rio, essa perífrase verbo-pronominal vive-se, além de se bastar a si mesma<sup>208</sup>, pode estar se referindo a todos os cariocas, ao próprio autor da frase ou a ninguém em particular. Nesse vive-se estão incluídas as três pessoas do discurso: eu/nós (1<sup>a</sup>), tu/você (2<sup>a</sup>), ele/eles (3<sup>a</sup>). Todas diluídas sob a referência  $\emptyset$  da não-pessoa.

2º) Chamamos a atenção também para o fato de que a 3<sup>a</sup> pessoa já era usada em latim para indeterminar o sujeito, tanto na voz ativa como na passiva (a passiva impessoal). Isto sem falar nos verbos exclusivamente impessoais que descrevem fenômenos atmosféricos (a nossa oração sem sujeito): pluit, tronat, etc. Lembremos ainda que, no latim clássico, o pronome reflexivo se podia ser usado para se referir a um sujeito lógico, vago e indefinido, não-expresso na sentença.

O nosso se-IIS, por seu turno, expressa uma espécie de reflexividade neutralizada, de retroatividade  $\emptyset$ , já que ele "reflete" um sujeito igualmente  $\emptyset$ , devido à sua natureza arreferencial.

3º) Tem-se hoje, em nossa norma culta, o prolongamento

---

<sup>208</sup> "Pensamos por meio de predicados". (MAUTHNER, F. Apud CÂMARA JR., J. Mattoso. *Princípios*, p. 180).

de uma situação histórica, pois o que a doutrina gramatical fixou em português foi que a indeterminação sintática com o se-IIS só pode ser realizada quando o pronome vier junto a verbos intransitivos (vive-se, morre-se), transitivos indiretos (necessita-se de tempo), de ligação (é-se / está-se feliz) e transitivos diretos usados intransitivamente (aqui estuda-se muito).

A tradição gramatical exclui a possibilidade de indeterminação com verbos transitivos diretos na estrutura [  $\emptyset$  + vb. 3<sup>a</sup> p.s.+ se + (nome) ], a única que admite a conversão para a voz passiva, a chamada passiva pronominal (aluga-se esta casa > esta casa é alugada), da qual nos ocuparemos oportunamente. Concede, entretanto, a possibilidade de emprego pessoal dos transitivos diretos nos casos em que os mesmos estejam sendo usados: a) intransitivamente (estuda-se muito aqui); b) seguidos de objeto direto preposicionado (ama-se a Bernardes). Isto porque no 1º caso não existe um objeto direto que possa ser transformado em sujeito na conversão para a voz passiva analítica; quanto ao 2º caso, a preposição impede a conversão do objeto em sujeito da passiva, uma vez que inexiste na sintaxe portuguesa a possibilidade de o sujeito aparecer regido de preposição.

Mais adiante, faremos a análise crítica do assunto acima, quando tratarmos do se-PA. Por ora, antecipemos que, para nós, pelas razões expostas ao longo deste trabalho, a indeterminação sintática do sujeito se realiza através da estrutura [  $\emptyset$  + vb. 3<sup>a</sup> p.s. + se-IIS ], seguida ou não de nome, inde

pendente, portanto, da predicação do verbo que nela aparece.

Naturalmente, os verbos ditos essencialmente pronominais, como arrepender-se, apaixonar-se, queixar-se, etc., não se prestam à indeterminação do sujeito através da referida estrutura sintática impessoal. Como nesses verbos o pronome reflexivo esvaziado exerce a atribuição de parte integrante do verbo (se-PIV), a presença do se-IIS levaria à reiteração do reflexivo e criaria uma construção agramatical, inconcebível do ponto de vista sintático: algo como \*arrepende-se-se, \*apaixona-se-se, \*queixa-se-se. Semelhantes construções tornam-se inviáveis por uma tríplice incompatibilidade: fônica, sintática e, principalmente, de uso. Mais uma idiossincrasia da língua.

Ainda com relação à mencionada estrutura sintática impessoal (espécie de arquétipo sintático da impessoalização verbal), torna-se oportuno, a essa altura, ler-se a opinião do lingüista francês Bernard Pottier:

A não-expressão de actantes.

Se na base se atribui um valor genérico, pode-se recorrer a se:

ele / bebe muito

∅ / bebe-se muito

ele / fala francês

∅ / fala-se francês

ele / vendeu carros

∅ / vendeu-se carros (impessoal)

∅ / venderam-se carros (impessoal  
com concordância)<sup>209</sup>

Como se vê pela descrição acima, Pottier inclui na estrutura [∅ + vb. 3<sup>a</sup> p.s. + se], usada em português para a indeterminação sintática do sujeito (ou "a não-expressão de actantes"), os verbos transitivos diretos. Aliás, todos os exemplos apresentados pelo lingüista francês são com verbos transitivos diretos. O Autor só não explica por que o pronome se acabou se prestando ao papel de índice de indeterminação do sujeito. Tampouco explica a construção "impessoal com concordância" venderam-se carros. Mas também não é este o objetivo de Pottier. O seu ponto de vista é estritamente sincrônico, não comprometido com explicações, mas com descrições.

Chamamos agora a atenção para um fato interessante. É que o nosso Cândido Jucá (filho), quarenta e dois anos antes de Pottier, já havia antecipado a descrição feita pelo lingüista francês para demonstrar a impessoalidade verbal com o se-IIS. A tese de Jucá (filho) se encontra em seu livro Novo método de análise da linguagem, publicado em 1936, ao passo que o Lingüística geral de Pottier é de 1978.

A descrição de Jucá (filho) é simples e didática, sem os tecnicismos da lingüística atual, mas acerta no alvo, antecipando soluções com eficiência e competência. Leiamo-las:

---

<sup>209</sup> POTTIER, Bernard. *Lingüística geral*, p. 120

Nas sentenças, muitas vezes falta a integração principal [sujeito; actante, para Pottier]. Isso porque não podemos ou não queremos enunciá-la. Como porém ela é essencial para a própria existência da sentença, necessário é que por um Denotativo salientemos essa omissão. Esse Denotativo de Indeterminação, como um zero (sic!), serve apenas para encher a lacuna existente. Assim, em lugar de: Alguém matou uma lebre hoje, dizemos calando a Integração Principal, que aliás é indefinida: Matou-se uma lebre hoje. (p. 102, grifos do Autor)

Qualquer semelhança terá sido mera coincidência. Se não, vejamos: alguém matou uma lebre >  $\emptyset$  matou-se uma lebre.

Chamamos também a atenção para a predicação do verbo usado por Jucá (filho) como exemplo: matar, transitivo direto. E o Autor ainda oferece outros exemplos, fechando o quadro da predicação verbal com os intransitivos e os de ligação:

Vive-se bem aqui, rola-se por aí, é-se estimado pelos mestres. (p. 102)

A estes também se pode aplicar o mesmo raciocínio pré-pottieriano de Jucá (filho): "calando a Integração Principal" (a "não-expressão de actantes" de Pottier) e usando o se-IIS como "Denotativo de Indeterminação zero", ter-se-ia: alguém vive bem >  $\emptyset$  vive-se bem, alguém rola por aí >  $\emptyset$  rola-se por aí, alguém é estimado >  $\emptyset$  é-se estimado.

Jucá (filho) só não esclarece como o se pôde passar de reflexivo a "denotativo de indeterminação". Assim, até na omissão antecipou-se a Pottier. Nihil novum sub sole. Pelo menos, neste caso.

Como estamos vendo, o processo de indeterminação do su jeito de que estamos tratando aqui é, portanto, exclusivamente sintático. E, por ser sintático e arreferencial, esse processo não depende de contexto para cumprir a sua missão. Além disso, ele é coerente diacronicamente com a origem da medial analítica no latim vulgar. Já mostramos, na primeira parte deste trabalho, que a construção reflexiva (a perífrase verbo-pronominal) veio para recobrir, no latim vulgar, o valor medial da passiva sintética clássica. Ora, um dos empregos dessa passiva sintética era justamente o impessoal (itur = vai-se, vivitur = vive-se). O latim vulgar já usava até as formas passivas impessoais seguidas de acusativo (cf. fit orationem). Absorvendo a medial analítica vulgar as funções da medial sintética clássica (v. Said Ali, Dificuldades, 90), uma forma sintética como fit orationem poderia desdobrar-se analiticamente em \*facit se oratio(nem), com valor igualmente impessoal, e tornar-se a matriz diacrônica que potencializa sincronicamente as nossas construções sintáticas impessoais e de valor ativo do tipo vende-se esta casa ou matou-se uma lebre, como ensinam Cândido Jucá (filho) e Said Ali. Desse modo, essas construções impessoais ativas de expressão medial ou reflexiva, que eram uma possibilidade latente no latim vulgar, acabaram se transformando em

uma realidade patente no português. Dizemos possibilidade la tente no latim vulgar, já que este substituiu, como diz Said Ali,

(...) a forma mediopassiva [impessoal], que desapareceu, pela forma média ou reflexiva, mantendo porém nesta o mesmo sentido ativo que era indicado em latim.<sup>210</sup> (grifos do Au tor)

Nada mais natural, portanto, que a medial analítica viesse a assumir também valor impessoal, expressando-o em por tuguês pela construção reflexiva a que já nos referimos, na qual o se-IIS junto a verbo na 3ª pessoa (a não-pessoa) do singular, desprovido de sujeito lexical, funciona como uma es pécie de reflexivo  $\emptyset$ , já que retroativo igualmente a um sujei to  $\emptyset$ .

Em resumo, com base nas pesquisas por nós desenvolvi das por força deste trabalho, adquirimos a convicção de que o se de vende-se esta casa é tão se-IIS quanto o de vive-se, necessita-se de tempo ou é-se/está-se feliz. Em todas essas construções reflexivas impessoais o que acontece é o seguin te:

- a) o que nelas predomina é a idéia de atividade; e o mais importante é o fato em si, o acontecimento ver

---

<sup>210</sup> SAID ALI, M. *Dificuldades*, p. 97.

bal, e não o agente humano anônimo desencadeador desse fato, centrada que está a mensagem no predicado, e não na figura de um sujeito-tema, já que o mesmo se apresenta indeterminado ou, em termos opostos, como  $\emptyset$ ;

- b) essa atividade é atribuída a uma 3<sup>a</sup> pessoa vaga e generalizante, uma não-pessoa arreferencial, ou melhor, um sujeito  $\emptyset$ , que se convencionou chamar de sujeito indeterminado;
- c) essa atividade de origem indeterminada tem, por isso mesmo, o seu actante não expresso, ora por conveniência, ora por desconhecimento;
- d) essa atividade, cujo autor existe, mas não pode ou não convém ser expresso, tem como veículo de realização sintática a estrutura fossilizada [ $\emptyset$  + vb. 3<sup>a</sup> pessoa do singular + se-IIS]; ou ainda, [ $\emptyset$  + vb. no infinitivo + se-IIS];
- e) essa atividade produzida por um sujeito indeterminado é expressa por um predicado verbal que se basta a si mesmo, centrada que está a mensagem no acontecimento verbal intransitivo: dorme-se, vive-se, vai-se, etc.;
- f) essa atividade verbal pode também projetar-se para fora de si mesma para se consumir transitivamente

- num objeto direto: vende-se esta casa  
aceita-se encomendas<sup>211</sup>
- num objeto indireto: precisa-se de tempo
- num predicativo: é-se feliz / está-se feliz

- g) o se-IIS é um reflexivo esvaziado, um reflexivo  $\emptyset$  retroativo a um sujeito também  $\emptyset$  e, ao mesmo tempo, é parte integrante e indissociável do predicado, numa espécie de sincretismo sintático;
- h) criada e estabelecida na língua a construção sintática impessoal [ $\emptyset$  + vb. 3<sup>a</sup> p.s. + se-IIS], originalmente com verbos transitivos diretos, esta acabou por se irradiar, por analogia, para os transitivos indiretos, depois para os intransitivos (ou transitivos usados intransitivamente) e, por fim, para os verbos de ligação, tornando-se assim uma espécie de arquétipo sintático da impessoalização verbal, caso típico de fato devido à analogia sintática;
- i) a estrutura [ $\emptyset$  + vb. 3<sup>a</sup> p.s. + se-IIS + (nome)], por sua natureza exclusivamente sintática, não depende de contexto para a indeterminação do sujeito.

---

<sup>211</sup> O tipo aceitam-se encomendas, alugam-se casas, tratado por Pottier como "impessoal com concordância", será analisado a seguir, quando tratarmos do se-PA na chamada passiva pronominal.

Finalizando este capítulo sobre a medial dinâmica, diríamos o seguinte: em todas as perífrases verbo-pronominais com se, tanto as pessoais quanto as impessoais, o que existe de fato é a noção de atividade verbal.

A propósito, são oportunas neste momento as sábias palavras de Said Ali. O douto filólogo estabelece um paralelismo entre o emprego impessoal da passiva latina e o uso impessoal da construção reflexiva em português, já que esta, por contingências de evolução sintática, veio a desempenhar em nossa língua o mesmo papel daquela em latim. Em ambas, predomina a noção de atividade impessoal, como ensina Said Ali:

(...) em latim, a forma passiva (ou antes mediopassiva) vem exprimindo, sem definir, sem mencionar o sujeito, uma noção de atividade extraordinariamente intensa, a mais intensa talvez de que pode a humana creatura ser capaz; enquanto em português foi enunciada pela forma reflexiva a mesmíssima atividade, o mesmo esforço e energia, a mesma negação absoluta de uma condição passiva.<sup>212</sup> (grifos do Autor)

E com a segurança do grande sintaticista que é, de quem sabe do que está falando, arremata o mestre:

Por outras palavras: formas não-ativas

---

<sup>212</sup> SAID ALI, M. *Dificuldades*, p. 104.

(passiva em latim, reflexiva em português)  
 têm significação ativa nos verbos sem sujei-  
 to.<sup>213</sup> (grifos do Autor)

Fixemos bem as palavras de Said Ali. Elas nos serão úteis mais à frente, quando tratarmos da chamada passiva pronominal. Prossigamos, pois. Tratemos agora da última atribuição do nosso se, a de pronome apassivador (se-PA), que lhe é conferida pela tradição gramatical portuguesa.

### 3.3.1.3 - passivo: se-PA

#### 3.3.1.3.1 - a passiva pronominal

Como já vimos, a medial analítica herdada do latim vulgar desdobrou-se em português com três valores: o reflexivo stricto sensu, o medial dinâmico e o passivo.

Do reflexivo stricto sensu temos o nosso se nas funções sintáticas de objeto direto e, com menos frequência, indireto. Além dessas, pode o reflexivo se desempenhar também, eventualmente, a função sintática de sujeito de um infinitivo.

---

<sup>213</sup> SAID ALI, M. *Dificuldades*, p. 104. O que o A. chama de "verbos sem sujeito" corresponde, neste trabalho, aos verbos impessoais que aparecem na estrutura [sujeito  $\emptyset$  + vb. 3<sup>a</sup> p.s. + se-IIS] .

Da medial dinâmica (ou medial lato sensu) herdou o nosso pronome reflexivo as atribuições de se-PIV, se-PR e se-IIS, todas já analisadas aqui.

Passemos agora ao estudo do valor passivo, ou melhor, da interpretação passiva da medial analítica. Dessa interpretação é que resulta a atribuição de pronome apassivador, ou partícula apassivadora, o se-PA, conferida ao nosso pronome reflexivo.

A chamada passiva pronominal é uma categoria verbal da língua culta e como tal se acha registrada nas mais antigas gramáticas da língua portuguesa. Duarte Nunes de Leão, por exemplo, em sua Ortografia da língua portuguesa, cuja 1ª edição é de 1576, descreve-a da seguinte maneira:

(...) em lugar de amatur, da voz passiva, dizemos também ama-se, em lugar de é amado, como dizemos, a virtude ama-se dos bons.<sup>214</sup>

Chamamos a atenção no exemplo oferecido pelo Autor para a presença do termo dos bons, considerado, no caso, como agente da passiva. Esse emprego era comum nas construções pronominais interpretadas como de valor passivo na língua literária do português quinhentista. O exemplo de Duarte Nunes de Leão é representativo da língua culta do século XVI e deve ter a leitura a que nos habituaram as nossas gramáticas, isto

---

<sup>214</sup> LEÃO, Duarte N. de. Op. cit., p. 138.

é, a virtude ama-se dos bons = a virtude é amada pelos bons. A única diferença entre a sintaxe culta do português quinhentista e a do português atual é a ausência neste último do agente da passiva dos bons. Hoje, como ~~ontem~~, a frase a virtude ama-se/ama-se a virtude continua a ~~ser~~ lida, em termos rigorosamente gramaticais, como a virtude é amada. E o nosso se, tanto no tempo de Duarte Nunes como ~~hoje~~, continua a receber da tradição gramatical a atribuição de apassivar o verbo transitivo direto amar a que se acha ligado.

Epifânio Dias também menciona o ~~emprego~~ da construção pronominal com valor passivo e chama a ~~atenção~~ para a necessidade da presença do chamado agente da ~~passiva~~ nesse tipo de construção. Afirma Epifânio:

A conjugação reflexa, na 3<sup>a</sup> pess., também serve de voz passiva; ~~no port. moderno~~, porém, em geral, só quando se designa o agente: Por elle o mar remoto navegamos, / Que sô dos feios focas se navega (Lus., I, 52).<sup>215</sup>

A preocupação de Epifânio Dias ~~em enfatizar~~ a necessidade do emprego do agente da passiva nessas construções pronominais nos chamou a atenção. Ao ressaltar que "a conjugação reflexa serve de voz passiva (...) só quando se designa o agente", teria em mente o Autor a ~~ambigüidade~~ interpretativa

---

<sup>215</sup> DIAS, A. Epifânio da S. *Sintaxe histórica*, p. 106.

inerente a construções do tipo ama-se a virtude, oscilante entre o pólo verbal ativo e impessoal (a gente, alguém ama a virtude) e o pólo verbal passivo e pessoal (a virtude é amada)? É que a presença do agente nesse tipo de construção pronominal parecia à língua literária dos quinhentos um artifício seguro capaz de desfazer ou de impedir a ambigüidade interpretativa a que nos referimos acima. Era um artifício sintático para marcar aquilo que o rigor gramatical de base lógico-filosófica exigia, isto é, o presumido valor passivo da perífrase verbo-pronominal (ama-se) seguida de nome referente a ser inanimado, incapaz de praticar a ação verbal (no caso, a virtude).

O fato é que a presença do chamado agente da passiva nessas construções pronominais quinhentistas, por artificial, pode acabar se tornando uma faca de dois gumes, reforçando ainda mais a ambigüidade interpretativa inerente a elas. Por exemplo, em ama-se a virtude dos bons, o termo dos bons pode ser entendido também como um adjunto adnominal do substantivo virtude, no caso da interpretação ativa e impessoal da frase de Duarte Nunes. Isto não só em termos do português atual como também do próprio português quinhentista, se levarmos em conta a sintaxe viva praticada, ontem como hoje, pela massa falante em geral e até mesmo pelos falantes considerados cultos, mas não profundamente familiarizados com as exegeses e os rigorismos da doutrina gramatical vigente.

O mesmo se aplica ao exemplo de Camões citado por Epifânio Dias. Said Ali, por exemplo, vê no termo dos feios fo-

cas um adjunto adverbial de meio ou de instrumento, e não o agente da passiva de uma suposta passiva pronominal.<sup>216</sup> Mas voltaremos a esse ponto mais adiante, quando tratarmos das críticas à chamada passiva pronominal. Por ora, deixemo-lo em suspenso e retomemos o nosso estudo do se-PA nas gramáticas do português antigo. Joseph Huber, por exemplo, diz o seguinte:

Muitas vezes exprime-se a passiva por uma construção reflexa; por exemplo: As duas partes... departiã-se entre eles igualmente. Cada dia se poynhã tres mesas.<sup>217</sup>

Outro Autor que merece referência no trato da passiva pronominal é Jerônimo Soares Barbosa, representante em Portugal das chamadas gramáticas filosóficas ou raisonnées, em voga durante o século XVIII e consoante o espírito racionalista da Grammaire de Port-Royal (França, 1660). Barbosa representa a visão do gramático-filósofo a respeito da chamada passiva pronominal. Destacando o fato de o termo tido como sujeito dessas construções pronominais ter de ser necessariamente um substantivo designativo de coisas inanimadas, o Autor faz a seguinte descrição:

Além desta passiva ordinaria e geral feita

---

<sup>216</sup> SAID ALI, M. *Dificuldades*, p. 102.

<sup>217</sup> HUBER, J. *Gramática do português antigo*, p. 254.

do verbo substantivo e seus auxiliares com os participios perfeitos passivos, ha outro modo particular mais breve de formar a voz passiva das terceiras pessoas principalmente, quando os sujeitos das linguagens são couzas inanimadas, que he ajuntar o recíproco se às terceiras pessoas tanto do singular, como do plural do verbo adjectivo deste modo: Neste paiz estima-se a virtude, e premea-se o merecimento. Isto entende-se muito bem. Quando as guerras são justas, applaudem-se as victorias; onde Estima-se, Premea-se, Entende-se, Applaudem-se, estão no lugar de He estimada, He premiada, He entendido, São applaudidas.<sup>218</sup>

A descrição de Soares Barbosa é minuciosa e se pretende lógica e racional, já que filosófica. E nela três afirmativas nos chamam a atenção.

A primeira diz respeito ao fato de que a chamada passiva pronominal é "mais breve" do que a "passiva ordinaria". Teria vindo daí provavelmente o costume de as nossas gramáticas tratarem a chamada passiva pronominal como sintética, em opposição à "passiva ordinaria", apresentada como analítica.

Em segundo lugar, o Autor reitera lição já consagrada em sua época, a de que o "recíproco se" se presta a apassivar

---

<sup>218</sup> BARBOSA, J. S. *Grammatica philosophica da lingua portu-  
gueza*, p. 256.

o verbo dessas construções pronominais com sujeito inanimado, o que leva uma perífrase verbal como estima-se a ser interpretada como equivalente da forma "passiva ordinária e geral" é estimada. Como se essa pretendida equivalência fosse um fato morfosintático monossêmico e indiscutível.

Por fim, chama-nos a atenção a referência ao fato de o suposto sujeito da chamada passiva pronominal ter de ser uma "couza inanimada". O Autor insiste indiretamente na tese racionalista segundo a qual, "voz reflexiva só com sujeito animado". Já tratamos deste ponto em outra parte deste trabalho.

A tese, ou o sentimento, da chamada passiva pronominal não ficou circunscrita, entretanto, apenas aos casos em que o sujeito é tido como inanimado. A interpretação passiva dessas construções pronominais acabou se irradiando para os casos em que o sujeito é uma pessoa, ser animado, portanto. É o que afirma ainda Soares Barbosa:

Algumas vezes mesmo, bem mais raras, tem a dicta significação passiva, ainda quando o sujeito he hum nome de pessoas, como: No juízo de Deos até hum ladrão se salva; no juízo dos homens S. João Baptista se condemna.<sup>219</sup>

A sintaxe clássica confirma as palavras de Soares Bar-

---

219 BARBOSA, J. S. Op. cit., p. 260.

bosa, pois os exemplos de passiva pronominal com sujeito animado, embora pouco frequentes, podem ser encontrados na língua literária. Como, por exemplo, neste passo de Camões, em que o rigor gramatical recomenda que a construção pronominal Tomé não se ouça seja interpretada como equivalente da passiva analítica Tomé não seja ouvido:

Buscam maneiras mil, buscam desvios,  
Com que Tomé não se ouça ou morto seja.  
(Lus., X, 113)

Entre nós, Santa Rita Durão, no século XVIII, imita a sintaxe camoniana e escreve o verso Catarina dos seus se reconhece, isto é, Catarina é reconhecida pelos seus:

A ver na estranha nau que gente aporte,  
Desde o interior sertão turba recresce,  
E bem que diferente em traje e porte,  
Catarina dos seus se reconhece.  
(Caramuru, X, 40)

A extensão da chamada passiva pronominal aos sujeitos animados deve ter contaminado construções com verbos pronominais (ou pronominalizados) como batizar-se, chamar-se, operar-se, etc., nas quais o logicismo gramatical de base filosófica passou a ver igualmente um sentido passivo. Por exemplo:

João se batizou = João foi batizado.  
Ele se chama José = Ele é chamado (de) José.  
Antônio se operou = Antônio foi operado.

A lógica gramatical recusa aos casos acima a possibilidade de interpretá-los como exemplos da voz medial dinâmica, segundo já vimos neste trabalho.

Como se constata, a existência da chamada passiva pronominal na língua culta vem de longe, registrada que está nas mais antigas gramáticas da língua portuguesa. Cláudio Brandão, um sintaticista de linhagem clássica, afirma, por exemplo, que a reflexiva com valor passivo remonta ao próprio latim imperial<sup>220</sup>, tese que já tivemos oportunidade de refutar na primeira parte deste trabalho. Voltemos então as nossas vistas para as origens remotas dessa categoria verbal a que a tradição filológico-gramatical românica (port., esp., ital.) tem chamado de passiva pronominal, em oposição à passiva analítica ou passiva propriamente dita. E, principalmente, retomemos a questão central deste capítulo: como o pronome se, de reflexivo, passou a apassivador ou, em termos de NGB, a partícula apassivadora (se-PA)?

Pela importância do assunto, pelas polêmicas que tem suscitado ao longo dos anos entre os nossos filólogos, vamos dedicar uma atenção especial a esta parte do nosso trabalho, como numa espécie de coroamento, de arremate final a tudo o que já escrevemos até aqui sobre o pronome se, essa palavrinha mágica, oblíqua e dissimulada.

Sendo assim, vamos desdobrar as respostas às perguntas

---

220 BRANDÃO, Cláudio. Op. cit., p. 318.

acima em três partes: origens, causas da chamada passiva pronominal na língua portuguesa; desdobramentos trazidos pela interpretação passiva das construções reflexivas; as críticas à tese da passiva pronominal; e, por fim, as tendências que a sintaxe viva do português do Brasil apontam para esse tipo de construção, arquitetada pelo rigorismo gramatical de base lógico-filosófica como portadora de valor passivo.

a) origens

Anteriormente neste trabalho, dissemos que o se-PA e a chamada passiva pronominal têm sua origem no emprego da medial dinâmica com sujeitos inanimados. Tentemos agora aprofundar a nossa afirmativa.

Mattoso Câmara atribui essa interpretação passiva da medial dinâmica a uma reação anti-impressionista da tradição gramatical de base filosófica, inconformada com a antropomorfização de sujeitos inanimados por parte dos falantes nas construções mediais.

De acordo com o ponto de vista mattosiano, o animismo, ou impressionismo, como diz o Autor, presente na língua popular teve, no caso, como reação retificadora por parte dos gramáticos e, acrescentaríamos nós, também de uma lógica gramatical até certo ponto inconsciente, a tese da chamada passiva pronominal. Tese, aliás, que acabou por se erigir em uma espécie de dogma no âmbito da filologia românica, e como tal, tem suscitado críticas e contestações. Entre nós, alguns ex-

poentes da tradição filológica brasileira não a vêem com bons olhos, como por exemplo, Sotero dos Reis, Said' Ali, Cândido Jucá (filho) e Antenor Nascentes, conforme demonstraremos oportunamente. O nosso Mattoso Câmara também não endossa a tese da interpretação passiva das construções reflexivas, pelo que se depreende de suas obras por nós consultadas. Quanto à origem da chamada passiva pronominal, Mattoso faz a seguinte observação:

Foi o emprego impressionístico da voz reflexiva que preparou o caminho, em português e em outras línguas românicas, para a voz passiva de forma pronominal com o pronome passivador se.<sup>221</sup>

A tentativa de interpretação passiva das construções mediais com sujeito inanimado é postura entranhada na filologia clássica. Como já demonstramos anteriormente, a maior parte dos romanistas interpreta essas construções como portadoras de valor passivo já no próprio latim vulgar. Entretanto, o romanista H. F. Muller, voz destoante no caso, adverte para os riscos da interpretação passiva dessas construções reflexivas, afirmando que o suposto valor passivo desse uso é mais aparente do que real. Diz Muller o seguinte:

This extension is more apparent than real  
if one remembers that the passive form had

---

<sup>221</sup> CÂMARA JR., J. Mattoso. *Dicionário*, p. 144.

a reflexive meaning and that by a natural consequence the reflexive form could take a passive meaning.<sup>222</sup>

Muller rejeita com veemência a tese segundo a qual, a passiva pronominal românica teria sua origem no uso da voz reflexiva no próprio latim vulgar como recurso intermediário entre a passiva sintética clássica e a passiva analítica vulgar. Afirma o Autor:

The assumption that the reflexive construction was used as a sort of makeshift to avoid both a synthetic archaic passive and a vulgar analytical one is absolutely gratuitous and useless.<sup>223</sup>

Muller chama a atenção também para a legitimidade das construções mediais com sujeito inanimado. Mostra que as referidas construções já existiam no próprio latim clássico e estão mais para a estilística do que propriamente para a gramática. Em outras palavras, estão mais para metáfora do que para sintaxe, nada tendo a ver, portanto, com voz passiva, nem no latim vulgar, nem nas línguas românicas. E metáfora de expressão medial, acrescentaríamos nós. Afirma o Autor:

---

222 MULLER, H. F. "The passive voice in vulgar latin", in *The romanic review* XV, p. 86.

223 Idem, *ibidem*, p. 90.

In fact, this use of the reflexive with inanimate objects, which is made so much of by some scholars, is but in conformity with popular usage, which the purest classics, as we have seen, do not always disdain: it is metaphorical and has nothing to do with morphology.<sup>224</sup>

Aqui neste trabalho já nos referimos à existência de uma espécie de preconceito da tradição gramatical clássica contra a personificação de sujeitos inanimados nas construções mediais. E essa postura representa, a nosso ver, uma das causas que justificariam a existência da chamada passiva pronominal nas línguas românicas, nomeadamente, o português, o espanhol e o italiano. Trata-se de uma causa de natureza lógico-filosófica, exterior, portanto, ao âmbito da língua e, por isso, nós a chamaremos de transcendente.

Além da transcendente, outras causas há, entretanto, que são decorrentes da própria ambivalência inerente a certas construções mediais. Não nos esqueçamos de que a voz medial incorpora traços sêmicos tanto da voz ativa como da passiva, daí a sua possibilidade potencial de oscilar, à semelhança de um pêndulo, entre os dois pólos da voz verbal, o ativo e o passivo. Não fora ela, afinal de contas, voz medial. A essas causas internas de natureza morfossintática chamaremos de imanentes. Analisemos agora cada uma das causas de per si,

---

224 MULLER, H. F. Artigo cit., p. 89.

assim como as suas imbricações mútuas.

1) a causa transcendente

Como já mencionamos, esta causa situa-se fora da língua. Ela representa a forte influência da lógica filosófica sobre a filologia, seja a clássica, seja a românica, esta continuadora daquela no âmbito neolatino.

Como sabemos, a filologia veio ao mundo pelas mãos dos filósofos gregos, tendo Platão e Aristóteles sido os primeiros a documentarem o termo, cuja origem vem do grego  $\varphi\iota\lambda\acute{o}\lambda\omicron\gamma\omicron\varsigma$ , em latim philologus, que quer dizer "amigo das letras", das obras literárias, da linguagem. A respeito da época em que teria surgido o termo, Sílvio Elia informa:

No séc. II a.C. houve um grego erudito que aplicou a si próprio, com orgulho, o epíteto "filólogo": foi Eratóstenes, famoso também porque inventou o conhecido crivo para a identificação dos números primos.<sup>225</sup> (grifos do Autor)

Da Grécia a filologia chega a Roma, através de Cratos de Malo (séc. II a.C.), atravessa a Idade Média e o Renascimento e vai encontrar o seu apogeu no séc. XIX com o advento do comparativismo indo-europeu. No século XX, principalmente

---

<sup>225</sup> ELIA, Sílvio. *Preparação à lingüística românica*, p. 1.

nesta segunda metade, filologia e lingüística tendem a se confundir. Bourciez, por exemplo, deu ao seu manual de estudos românicos o título de Eléments de linguistique romane, o que, em certo sentido, pode revelar também a prevalência desta última sobre a filologia.

O extraordinário desenvolvimento da lingüística como que relegou a um segundo plano a filologia, e isto sem razão de ser, porque ambas mantêm implicações e dependências mútuas. Lingüistas e filólogos deviam andar juntos, e não em rota de colisão. Como adverte o lingüista brasileiro acima citado,

A lingüística é a ciência dos fatos da linguagem, estudados em todos os seus aspectos. Logo, todo filólogo é ipso facto lingüista, em sentido lato.<sup>226</sup>

Diante do que dissemos acima, ficamos imaginando se o grego Eratóstenes, se vivo fosse neste limiar do século XXI, ainda sentiria orgulho em se intitular filólogo. Mas voltemos à Antiguidade.

Igualmente grega e também filosófica é a origem da gramática. Relembremos que a primeira gramática do mundo ocidental foi escrita por um grego, Dionísio da Trácia, que elaborou a sua Tékné Grammatiké no século I a.C. com base nas especulações filosóficas a respeito da origem e da descrição do

---

<sup>226</sup> ELIA, Sílvio. Op. cit., p. 3.

funcionamento da língua grega. A escola filosófica que mais se destacou, nesse sentido, foi a dos estóicos, fundada por Zenão no século IV a.C., e as implicações mútuas existentes entre gramática e filosofia na Grécia antiga são conhecidas, a ponto de uma ser praticamente sinônimo da outra até o advento dos estudos "lingüísticos" realizados pelos estóicos. A esse respeito, R. H. Robins oferece a seguinte informação:

The term grammatiké meant no more at first than the understanding of letters, and much of what one thinks of today as early linguistic enquiries fell under the general heading of philosophía (φιλοσοφία).<sup>227</sup>

A Tékhne Grammatiké grega foi adotada e adaptada pelos romanos com o nome de Ars Grammatica, cujo modelo, atravessando séculos, permanece até hoje, de uma forma ou de outra, a base sobre a qual se assentam as gramáticas do mundo ocidental. A esse respeito, R. H. Robins faz a seguinte observação:

It was in the field of grammar that the Greek (and the Roman) world did its best work. In this we not only see the purposeful and fruitful building of later generations on their predecessors' results, but we know of authoritative books written on Greek and on Latin grammar, several of

---

<sup>227</sup> ROBINS, R. H. *A short history of linguistics*, p. 13.

which are extant, and the grammatical descriptions provided in them were maintained by a continuous tradition through the Middle Ages and the modern world to become the basis of the standard grammars of these languages today. Moreover the theories, categories, and terminology evolved by ancient scholars in relation to the grammar of their own languages have become part of the general grammatical equipment of descriptive linguists of our own day.<sup>228</sup>

Como se vê pelas palavras de Robins, a gramática ocidental conserva ainda, em seu arcabouço doutrinário, muito viva e muito forte a presença da filosofia. Lembremos, a propósito, que há relativamente pouco tempo a análise sintática era chamada de análise lógica. A terminologia e a mentalidade que ainda norteiam, em sua maior parte, a doutrina gramatical vigente nos fazem lembrar essa origem lógico-filosófica a todo instante. No caso da voz medial, por exemplo, a frase-símbolo dessa mentalidade lógica é "reflexiva só com sujeitos animados", responsável, em grande parte, pela emergência da chamada passiva pronominal, segundo já comentamos.

Exemplos podem ser encontrados sem muito esforço nas nossas gramáticas, a confirmar o que dissemos acima. Bechara, por exemplo, diz o seguinte:

O sujeito do verbo na voz passiva pronomi-

---

<sup>228</sup> ROBINS, R. H. Op. cit., pp. 24-25.

nal é geralmente um nome **de** coisa, um ser inanimado, incapaz de praticar a ação expressa pelo verbo.<sup>229</sup>

A postura de nossas gramáticas reproduz, neste particular, a visão antropocêntrica da prosa clássica greco-romana. A reflexiva com sujeitos inanimados, embora usada, não era muito freqüente nos autores clássicos. É que para a mentalidade clássica, antropocêntrica, só o homem, só o ser humano deveria ser o agente da ação verbal (exceção feita aos deuses, é claro). Confirmam o que escrevemos estas palavras do romanista H. F. Muller:

The relative scarcity of this construction in the classical prose writers is due in part to the humanistic interest of most of their works: man and man alone being the subject of their concern; but as F. Gaffiot says in the Mélanges Havet, p. 153, in regard to certain usages of old Latin which are more or less avoided in classical times, they are rather a question of style than of language.<sup>230</sup> (grifos nossos)

Muller, citando Gaffiot, afirma que o emprego da voz reflexiva com sujeitos inanimados (não-humanos) era pouco fre

---

229 BECHARA, E. *Lições de português pela análise sintática*, p. 86.

230 MULLER, H. F. Artigo cit., p. 89.

quente na prosa clássica (na poesia, naturalmente, havia mais liberdade), e quando isto acontecia, era mais "a question of style than of language". E por que era mais uma questão de estilo do que de língua? Porque esta, a língua, ao contrário do estilo, onde se permite um certo espaço de liberdade e de intuição individual, era passível de um cerceamento maior da disciplina gramatical modelada segundo o figurino da lógica filosófica. Esta disciplina, por sua vez, reproduzia em certo sentido, ao nível da gramática, o espírito da ideologia antropocêntrica clássica.

Ora, o corolário do antropocentrismo, em termos rigorosamente lógico-gramaticais, reza que "voz reflexiva só com sujeitos animados". Não é essa a lição que se lê até hoje nas nossas gramáticas? Sendo assim, o que for diferente disso, isto é, reflexiva com sujeitos inanimados só pode ser interpretado como voz passiva, ou em outras palavras, passiva pronominal, para falarmos em termos de filologia românica.

Nessa linha de raciocínio lógico, a gramática filosófica coloca a questão em termos de animismo x anti-animismo, ou, como prefere Mattoso Câmara, impressionismo x anti-impressionismo. É o que afirma, por exemplo, Cláudio Brandão, cujo livro Sintaxe clássica portuguesa (1963) reproduz em suas linhas básicas o mesmo perfil da gramática filosófica. Brandão contrapõe ao animismo linguístico o racionalismo sintático-filosófico representado, no caso, pela tese da chamada passiva pronominal:

Parece plausível explicar-se o aparecimento de tais construções pelo animismo que domina a linguagem. Quando se torna difícil ou sem interesse declarar-se o verdadeiro autor da ação ou quando não convém, por qualquer motivo, fazê-lo conhecido, tende-se naturalmente, por uma ficção instintiva, espontânea, a figurar o ser, logicamente objeto da ação, como ativo, praticando-a por si mesmo e em si mesmo, embora na realidade seja o sentido passivo, por exemplo: "Abri-ram-se as portas de par em par".<sup>231</sup>

As palavras do Autor ressentem-se de um certo dogmatismo quando, por exemplo, enquadram a frase abriram-se as portas de par em par na moldura estreita da passiva pronominal. Diz Brandão: "embora na realidade seja o ~~sentido~~ passivo". Mas que realidade serve de referência para o Autor? A realidade lingüística ou a da razão pura? Não parece ser a primeira, uma vez que esta se entretetece não de "realidade" mas de realidades, quase sempre no plural. E, ~~além~~ disso, não comporta dogmas. Quanto à segunda, a da razão pura, por transcendente, caberia (com todo o respeito ao ~~saber~~ humanístico do Autor) num tratado de sintaxe?

Mais à frente, na parte referente ~~às~~ críticas, retomaremos a questão acima. Por ora, voltemos ~~às~~ causas da passiva pronominal. Referíamos-nos à reação anti-animista ou anti-impressionista, que abriu as portas para a interpretação passiva das construções mediais seguidas de ~~nomes~~ designativos

<sup>231</sup> BRANDÃO, Cláudio. Op. cit., p. 375.

de coisas inanimadas. Esta reação é, em parte, responsável pelo advento da chamada passiva pronominal.

A forte influência da mentalidade clássica antropocêntrica se reproduz no séc. XVI durante o Renascimento. E a tese anti-animista tem a ver também com o humanismo (no sentido lógico, e não no sentido ético) renascentista. Segundo essa tese, só o homem pode ser sujeito-agente da ação verbal. Seres inanimados ou não-humanos só podem ser pacientes, só podem sofrer passivamente o resultado da ação verbal neles, ou sobre eles, praticada por outrem, ou por um agente desconhecido ou que não interessa mencionar. Não é por acaso que a chamada passiva pronominal tão presente está na língua literária e nas gramáticas do séc. XVI, século que retoma a tradição clássica greco-romana com todas as suas implicações estético-filosóficas. No caso da passiva pronominal, como sabemos, chegava-se ao extremo do artificialismo, hoje visto como estranho, de se usar inclusive o agente da passiva (ama-se a virtude dos bons, como descreve Duarte Nunes). Não foi por acaso também que a passiva pronominal românica do tipo ama-se a virtude, dita impessoal, já que sem agente, ficou restrita ao português, espanhol e italiano. Portugal, Espanha e Itália foram países onde o movimento renascentista se apresentou mais forte, tendo sido a Itália o berço do Renascimento.

Com isso, não se pretende negar a importância das especulações a respeito da origem e do funcionamento da linguagem por parte dos filósofos gregos. Em obra anterior, reconhecendo o valor e o peso da contribuição grega para o desenvolvimento da ciência linguística, já o afirmávamos:

O mérito dos estudiosos gregos é imenso , nesse sentido, pelo seu caráter precursor. Na verdade, as raízes do pensamento lingüístico ocidental mergulham profundamente na Grécia Antiga.<sup>232</sup>

No caso específico da chamada passiva pronominal, a influência grega vingou e se perpetuou pela força e pelo peso da tradição clássica e da cultura helênica em geral, que permeiam, direta ou indiretamente, praticamente todas as atividades do homem ocidental, sejam elas ligadas à matéria, sejam as relacionadas com o espírito, com a inteligência humana. Helenismo, judaísmo e cristianismo constituem os três pilares sobre os quais se assenta a civilização cristã ocidental, fixados pelo cimento de Roma, que operou uma espécie de amálgama entre esses três arquétipos do universo ocidental, principalmente no que diz respeito a nós outros, latinos.

O que pretendemos, na verdade, não é negar, mas acrescentar, ampliar horizontes. Esta nossa modesta contribuição se alinha e se soma às vozes de outros pesquisadores brasileiros, estes sim ilustres, como Sotero dos Reis, Said Ali, Cândido Jucá (filho), Antenor Nascentes, vozes que, no que diz respeito à análise crítica da chamada passiva pronominal, não tiveram ressonância no seio da doutrina gramatical em vigor. A própria lingüística moderna, com todos os seus indiscutí-

---

<sup>232</sup> CARVALHO, Castelar de. *Para compreender Saussure*, p. 20.

veis e inegáveis avanços e progressos, tem se revelado tímida na aplicação de suas teorias à chamada gramática tradicional, no âmbito da língua portuguesa. E algumas dessas teorias são o resultado de pesquisas sérias e viáveis de aplicação prática, por estarem respaldadas em fatos lingüísticos que correspondem ao sentimento geral de gramaticalidade das camadas sociais urbanas consideradas cultas.

Se os resquícios das origens filosóficas ainda interferem na descrição gramatical do português, pensamos que isto não se deve apenas ao peso da tradição clássica, mas também a uma certa inércia dos contemporâneos. O alheamento mútuo existente entre gramáticos e lingüistas contribui para perpetuar verdades já superadas e para entravar a renovação do ensino de português. E é nessa linha de pesquisa e de renovação que se insere esta nossa contribuição. Fomos ao passado para melhor compreender o presente. Projetamo-nos no futuro para bem servir à língua portuguesa.

Afinal, até quando, em termos de doutrina gramatical, continuaremos a bradar, impotentes, contra os clássicos, como fez o poeta francês Jean-Marie Clément: Qui nous délivrera des grecs et des latins?

Isto posto, passemos agora ao estudo das causas imanentes da chamada passiva pronominal, as quais se superpõem à causa transcendente.

## 2) causas imanentes

Estas causas situam-se no âmbito da própria língua e

são de natureza morfossintática, por isso nós a chamamos de imanentes.

Certas construções mediais apresentam ambigüidade interpretativa, oscilando, à semelhança de um pêndulo, entre o pólo verbal ativo e o passivo, sem deixarem, contudo, de ser mediais. Ou justamente por serem mediais.

Essa ambivalência potencial se registra tanto nas orações de sujeito inanimado, como nas de sujeito animado. Por exemplo, uma frase como a porta se abriu comporta duas leituras: a porta se abriu por si própria, com a personificação do sujeito inanimado porta, num exemplo típico da voz medial dinâmica, caso em que a interpretação da frase se define pelo valor ativo.

Outra leitura possível, esta recomendada pela norma gramatical, vê o sujeito porta como inanimado, do ponto de vista lógico, e, portanto, incapaz de praticar a ação. Sendo assim, a frase deve ter uma interpretação passiva, com o sujeito porta sofrendo a ação verbal, o que leva à seguinte leitura: a porta foi aberta, a chamada voz passiva pronominal. Isto sem se falar numa terceira leitura: com a posposição do substantivo - abriu-se a porta -, instala-se a possibilidade da interpretação ativa e impessoal da referida frase, a par da interpretação passiva exigida pela doutrina gramatical.

A mesma ambivalência se nota em construções mediais de sujeito animado, para as quais se irradiou o sentimento da

passiva pronominal com sujeitos inanimados. Por exemplo, em José se operou ontem, o sujeito José, embora animado e humano, é encarado semanticamente como incapaz de praticar a ação verbal, o que leva a tradição gramatical a recomendar para a frase acima a seguinte leitura: José foi operado ontem.

Já uma outra possibilidade de interpretação, fora do rigorismo lógico-gramatical, enxergaria em frases como José se operou, o menino se vacinou, a criança se batizou, etc. exemplos da voz medial dinâmica, sendo o sujeito visto linguisticamente como o tema ou o ponto de partida de uma ação verbal da qual ele é, ao mesmo tempo, o centro. Ação essa que, acontecendo por circunstâncias fortuitas ou alheias à vontade do sujeito, pode acabar repercutindo sobre ele como se dele partisse, numa espécie de reflexividade involuntária na qual o sujeito pode se ver envolvido. O reflexivo usado junto a esses verbos eventualmente pronominais é considerado como um objeto direto figurado ou metafórico. Há também quem o chame de pseudo-reflexivo, vendo o pronome como parte integrante do verbo (se-PIV).

Vale lembrar que, na prática, na sintaxe viva e dinâmica do dia-a-dia, frases como a porta se abriu ou José se operou vêm sofrendo de há muito um processo de despronominalização (a porta abriu, José operou) que acaba por defini-las como portadoras de valor ativo e intransitivo. A despronominalização dos verbos pronominais (ou pronominalizados) elimina os resíduos da ambivalência medial, assim como a possibilidade de interpretação passiva dessas construções reflexivas ou

pseudo-reflexivas. Faremos a seguir um elenco das causas iminentes que levam à interpretação passiva dessas construções mediais, a chamada passiva pronominal.

a) Do ponto de vista diacrônico, diríamos que essa ambigüidade tem causas embrionárias que remontam ao próprio latim. Relembremos que a passiva sintética latina teve sua origem na voz medial do indo-europeu, a qual era, ao mesmo tempo, meio ativa e meio passiva, sem deixar de ser reflexiva. Lembremos igualmente que, se essa passiva sintética clássica podia ter também um sentido medial (daí ser chamada de médio-passiva, ou medial sintética, para Said Ali), nada mais natural, em consequência, do que a forma reflexiva (ou medial analítica, ainda segundo Said Ali), sucedâneo vulgar da medial sintética clássica, abrigar a potencialidade de se prestar eventualmente a uma interpretação passiva nas línguas românicas, principalmente em orações de sujeito inanimado. Com a medial voltando a ser passiva, no âmbito da norma gramatical, nada mais apropriado ao caso do que a epígrafe bíblica: Revertere ad locum tuum.

b) Lembremos, por outro lado, que, do ponto de vista morfossintático, a categoria verbal da voz média ou reflexiva incorpora traços sêmicos tanto da voz ativa, como da voz passiva. Nesse sentido, a interpretação passiva da voz medial dinâmica pode ser explicada pelo fato de, nessas construções, ser tão forte, tão intensa a participação do sujeito-agente no processo verbal, tão intensamente integrado está ele no predicado, que o seu caráter de agente acaba neutralizado pe-

lo papel de paciente desse mesmo processo verbal. Daí é que se abre a possibilidade de interpretação passiva de construções mediais do tipo o menino se vacinou, José se operou, a criança se batizou, etc., que, embora de sujeito animado, são tidas como equivalentes de o menino foi vacinado, José foi operado, a criança foi batizada, respectivamente.

A participação passiva em um ato, em um acontecimento verbal não deixa de ser uma participação - embora passiva - nesse ato, tanto do ponto de vista gramatical, como do ponto de vista psicológico.

Esta explicação morfossintática tem, naturalmente, imbricações mútuas com a visão lógico-filosófica do fato linguístico, a causa transcendente a que já nos referimos.

c) A terceira causa imanente para justificar a existência da chamada passiva pronominal é de natureza sintática stricto sensu. Neste caso, o argumento utilizado pela doutrina gramatical apela para a predicação verbal, alegando que a impessoalidade verbal expressa pela estrutura [suj. Ø + vb. 3ª p.s. + se-IIS + (nome)] só se aplica aos verbos intransitivos, transitivos indiretos e de ligação. Quanto aos verbos transitivos diretos, estes, quando usados na estrutura acima descrita e seguidos de nomes designativos de seres inanimados, adquirem valor passivo. Neste caso, o reflexivo deve ser tratado como um pronome apassivador do verbo, o se-PA, objeto deste capítulo.

Por esse raciocínio, a doutrina gramatical admite o valor ativo e impessoal de um verbo transitivo direto como es-

tudar, desde que usado intransitivamente, como, por exemplo, em estuda-se muito nesta casa. Mas rejeita esse mesmo valor em estuda-se latim nesta casa, preferindo ver nesta segunda frase um valor passivo, isto é, latim é estudado nesta casa, apesar do paralelismo de formas (vb. 3<sup>a</sup> p.s. + se) e de conteúdo (noção de atividade) comum a ambas.

Ora, não é por acaso que os verbos transitivos diretos são excluídos da interpretação ativa impessoal na estrutura [suj. Ø + vb. 3<sup>a</sup> p.s. + se-IIS + (nome)]. É que, "por coincidência", eles são os únicos que têm um objeto direto na voz ativa passível de ser transformado em sujeito na conversão para a passiva analítica. Voltaremos a este ponto na parte referente às críticas à tese da chamada passiva pronominal.

d) Outro argumento de natureza sintática stricto sensu, neste caso, é aquele que se situa na esfera da sintaxe de concordância. Argumenta-se com a concordância obrigatória entre o sujeito da passiva pronominal e o verbo na 3<sup>a</sup> pessoa, que aparece nessas construções.

Segundo esse argumento, configura-se o valor passivo dessas construções pronominais no momento em que o falante culto da língua se vê obrigado a dizer e a escrever, por exemplo, alugam-se casas em vez de aluga-se casas. A ausência de concordância, no caso, é considerada inaceitável, por ferir os ditames da lógica gramatical. Afinal, se casas, sujeito-paciente, já que inanimado, se encontra no plural, o verbo deve com ele concordar em número e pessoa, indo também para o plural.

Trata-se de um argumento de natureza imanente, já que sintático, e que mantém nítida imbricação recíproca com o argumento de natureza transcendente, o da lógica antropocêntrica, uma vez que este serve de reforço àquele e vice-versa. Quanto à crítica a essa questão da concordância entre o sujeito e o verbo na chamada passiva pronominal, dela já nos ocupamos ao estudar o se-IIS . Também aqui voltaremos ao assunto em lugar apropriado.

Enfim, as duas causas acima, a transcendente e a imanente, se conjugaram historicamente dando origem à chamada passiva pronominal em português (além do espanhol e do italiano), assim como ao nosso se-PA, um reflexivo, em sua origem, e que acabou adquirindo valor apassivante no âmbito da norma culta.

Passemos agora ao estudo dos desdobramentos decorrentes da interpretação passiva das construções pronominais.

#### b) desdobramentos

A passiva pronominal é uma criação românica e, como tal, implica dizer que as línguas românicas tornaram patente aquilo que estava latente na medial analítica herdada do latim vulgar. Não há exemplos no latim clássico de construções pronominais com valor passivo, e as construções reflexivas do latim vulgar às quais a filologia românica atribui valor passivo são discutíveis, são passíveis de questionamento, segundo já demonstramos anteriormente.

A par de seus valores medial stricto sensu e medial lato sensu, categorias da língua corrente e usual e, ao mesmo tempo, da língua culta e formal, a medial analítica acabou por se prestar também a uma interpretação passiva, no âmbito da teoria gramatical, pelas razões já expostas. A emergência da chamada passiva pronominal possibilitou à sintaxe portuguesa os seguintes desdobramentos:

1) Aprofundou e ampliou a possibilidade de interpretação passiva latente na medial analítica herdada do latim vulgar.

2) Fixando como boa norma de linguagem a interpretação passiva das construções mediais com sujeito inanimado, acabou por irradiar essa interpretação às construções mediais com sujeito animado, em detrimento, neste caso, do valor medial dinâmico, mais consentâneo com a natureza dessas construções pronominais.

3) Criou uma categoria verbal - a passiva pronominal ou sintética - restrita ao âmbito gramatical preceptivo, em oposição à passiva analítica geral, sistemática e coerente com a índole das línguas românicas enquanto prolongamento do latim vulgar. Nesse sentido, a chamada passiva pronominal ou sintética, ao contrário da analítica, não encontra ressonância no sentimento de gramaticalidade dos falantes em geral. Dir-se-ia tratar-se de uma categoria verbal engendrada por gramáticos e para gramáticos.

4) Aprofundou, neste particular, o divórcio entre a sintaxe culta formal e a sintaxe viva. Em termos práticos,

contribuiu para aprofundar a contradição existente no ensino escolar de português entre o discurso gramatical (norma) e a realidade lingüística vivida pelos falantes (uso). Convive-se assim com dois registros diametralmente opostos:

- a) o da sintaxe formal, normativa, consolidada e institucionalizada gramaticalmente, lastreada na tradição literária clássica. Preceitua-se, no caso, que frases como, por exemplo, à porta se abriu, alugam-se casas ou José se operou são portadoras de valor passivo e, como tal, equivalentes a a porta foi aberta, casas são alugadas e José foi operado, respectivamente. Os argumentos invocados para sustentar o privilegiamento da interpretação passiva são de origem lógica (transcendente) e sintática (iminentes), já comentados por nós.
- b) o da sintaxe viva, espécie de registro elevado, digamos assim, praticado pelos falantes pertencentes às camadas sociais urbanas consideradas cultas do ponto de vista lingüístico-cultural. Nesse nível de língua, o que se ouve e o que já se lê na literatura modernista e na imprensa escrita do país são construções do tipo aluga-se casas, aceita-se encomendas, reconhecidas como gramaticais pelos falantes em geral, que nelas identificam um sentido ativo e impessoal, e não passivo como determina a doutrina gramatical em vigor.

Ao se depararem com esse tipo de construção pronomi-

nal - mesmo aquelas em que o verbo concorda com o nome plural que se lhe segue, tipo alugam-se casas -, não passa pela cabeça dos falantes a presumida noção de passividade que lhes atribui a doutrina gramatical. Ao contrário, o que sentimos nessas construções, de forma muito nítida, é a noção de atividade e de impessoalidade. E igualmente ativo é o valor que os falantes atribuem a frases pessoais como a porta se abriu e José se operou, principalmente quando despronominalizadas, a porta abriu e José operou, fato que já comentamos.

5) Conferiu ao pronome se uma atribuição nova, românica, estranha à sua índole reflexiva original em latim. Essa atribuição recebeu de nossas gramáticas o nome de pronome apassivador ou partícula apassivadora, o se-PA, entidade sintática restrita ao universo gramatical. A esse respeito, Clóvis Monteiro observa com muita propriedade:

A função subsidiária que, neste caso, se atribui ao se, é circunscrita à esfera dos eruditos. É ignorada pelo povo, que, instintivamente, rejeita, por contrário à índole da língua, aquilo que, muitas vezes, é ouro de lei para os gramáticos.<sup>233</sup>

6) Reintroduz o dilema especulativo em torno de uma velha questão semântica, a de saber quais os limites entre ati-

---

<sup>233</sup> MONTEIRO, Clóvis. *Português da Europa e português da América*, p. 70.

vidade, reflexividade e passividade.

A nosso ver, trata-se de uma questão supérflua, no que diz respeito à voz medial. Para os usuários da língua, alheios às elucubrações e às loquelas gramaticais, a noção de reflexividade se confunde com a noção de atividade. O pêndulo da voz medial tende a oscilar, neste caso, para o pólo verbal ativo. Dá conta deste fato o longo, o secular processo de despronominalização dos verbos pronominais, representantes típicos da voz medial dinâmica, o que configura uma deriva da língua portuguesa. Esses verbos livram-se do pronome reflexivo como de "um trambolho", como diz Sousa da Silveira, e nesse processo definem-se pelo valor ativo e intransitivo, e não pelo valor passivo. Lembremos, a propósito, que o lado mais produtivo da medial analítica herdada do latim vulgar aponta justamente na direção da noção de atividade, e não na de passividade, sendo raros os casos de verbos pronominais em que sobressai a idéia de passividade, como nos casos específicos de sepultar-se e enterrar-se. Basta examinar as funções e as atribuições sintáticas do pronome reflexivo em português, nas quais predomina a noção de atividade: objeto e sujeito de infinitivo (medial stricto sensu); se-PIV, se-PR e se-IIS (medial lato sensu). A de se-PA (medial passiva) é atribuição isolada e restrita ao âmbito gramatical da língua, "circunscrita à esfera dos eruditos", como diz Clóvis Monteiro.

7) Ao ensinar que aluga-se uma casa é sinônimo de uma casa é alugada, a doutrina gramatical estimula no estudante, indiretamente, o vezo de fazer a análise sintática por meio

de substituições, de sucedâneos e equivalências, prática desaconselhável e artificial, quando partindo de premissas falsas. O método da análise por comutação é válido e tem sido usado pela lingüística moderna, mas desde que ele parta de premissas verdadeiras, o que não ocorre neste caso. Retomaremos este ponto mais adiante.

Passemos agora ao último item deste nosso estudo sobre o se-PA: as críticas à tese da chamada passiva pronominal, as sim como as tendências dessa construção na sintaxe viva do português do Brasil.

### c) críticas / tendências

As críticas à tese da passiva pronominal existentes no âmbito da filologia portuguesa já foram mais ou menos delineadas ao longo deste trabalho. Queremos apenas sistematizar resumidamente o que já foi dito e acrescentar algumas observações pessoais.

Quando estudamos as origens da chamada passiva pronominal, fizemos referência a argumentos de natureza transcendente e imanente usados pela doutrina gramatical para justificar a existência dessa categoria verbal da língua culta. Apresentaremos agora um elenco de contra-argumentos lingüísticos a cada um dos referidos argumentos.

#### 1) argumento transcendente:

Vimos que, ao animismo (ou impressionismo) lingüístico

que conduz à personificação de sujeitos inanimados nas construções mediais dinâmicas, a doutrina gramatical contrapõe a tese anti-animista segundo a qual, "reflexiva sô com sujeitos animados", espécie de dogma lógico-gramatical, que tem como corolário a teoria da passiva pronominal.

- contra-argumentos:

a) Ora, do ponto de vista estritamente lingüístico, pensamos que a questão não deve ser colocada em termos de animismo x anti-animismo, mas de razão x intuição.

Um tipo de gramática em que o certo é sinônimo do lógico parece antes um tratado de filosofia. Os aspectos "irracionais", intuitivos e subjetivos da linguagem também devem ser levados em conta pela boa descrição gramatical. Comentando o exagero dessa postura logicista da gramática filosófico-normativa, Sílvio Elia observa o seguinte:

Até o século XVIII, e principalmente nele, dominou o tipo de gramática que poderíamos chamar de "normativa". A sua função era distinguir o certo do errado, (...). Em princípio tal desiderato é legítimo; onde, porém, se iludiram os gramáticos dos setecentos foi na fixação do critério de correção gramatical. Para eles o certo em linguagem devia corresponder ao lógico em filosofia e, assim pensando, chegaram a construir uma arquitetura gramatical cerebrina e, em grande parte, divorciada da realidade.<sup>234</sup> (grifos do Autor)

<sup>234</sup> ELIA, Sílvio. *Orientações da lingüística moderna*, p. 75.

As palavras do linguista em que nos louvamos dizem respeito às chamadas gramáticas filosóficas, assunto já comentado por nós, mas, em certo sentido, valem também para determinados pontos da doutrina gramatical em vigor. No caso específico da interpretação passiva das construções pronominais seguidas de nomes referentes a coisas inanimadas, pensamos que devem ser levados em consideração alguns pontos importantes a saber:

- a existência da medial dinâmica desde tempos imemoriais, já que essa voz remonta ao grego e ao latim, e é a medial dinâmica que possibilita a personificação de sujeitos inanimados de 3ª pessoa, recambiados pelo pronome reflexivo se, que, no caso, funciona como uma espécie de objeto direto figurado ou metafórico;
- é a medial dinâmica também que se encontra na origem de construções ativas e impessoais do tipo vende-se esta casa, interpretadas como voz passiva pela gramática tradicional;
- a personificação de objetos inanimados através da linguagem é um recurso estilístico-sintático tão legítimo quanto qualquer outro: metáforas, sinédoques, catacreses, etc.
- sujeito, fora da lógica, é uma categoria da sintaxe, assim como, mutatis mutandis, gênero é uma categoria morfológica, e não biológica, não devendo ser confundido com a noção de sexo, como ensinam as nossas gramáticas, apesar da memorável lição de Mattoso Câmara (v. Dispersos e Estrutura da língua portuguesa).

Afinal, as línguas não são feitas apenas de razão, mas

também de emoção e afetividade, como, aliás, é feito o ser humano que as fala. Nesse sentido, a enunciação torna-se mais importante que o enunciado, e à comunicação se sobrepõe a expressão, devendo a boa descrição gramatical dar conta dessa tensão entre o lado prático, racional da linguagem (intercomunicação social de idéias) e o seu lado psicológico e criativo (estilo). Como, em termos humanos, o psicológico predomina sobre o lógico, em termos lingüísticos, propter hoc, encontra-se a mesma relação de prevalência. Como adverte o Prof. Sílvio Elia,

(...) é o estilo que governa a gramática e não o contrário, como vulgarmente se pensa.<sup>235</sup>

Fazemos nossas as palavras do ilustre mestre. E mais: formulamos votos para que elas tenham ressonância na doutrina gramatical, onde ainda vigoram afirmações "cerebrinas" do tipo: "reflexiva só com sujeitos animados".

b) Em decorrência da visão lógica do fato lingüístico, a doutrina gramatical encara o sujeito como causa em relação ao predicado, que é o seu efeito, e se esse sujeito for um ser inanimado, ele não pode funcionar como causa ou agente de encadeador do efeito (predicado). Sendo assim, ele só poderá funcionar como paciente em relação ao processo verbal.

---

<sup>235</sup> ELIA, Sílvio. *Orientações*, p. 77.

Acontece que, em termos lingüísticos, o sujeito deve ser encarado como um ponto de partida, como um tema para o predicado, independente de considerações extra-sintáticas tais como animado/inanimado. Principalmente no que diz respeito à voz medial dinâmica, onde podem ocorrer motivações de ordem estilística e afetiva. E nem estamos nos referindo aqui exclusivamente à estilística do autor, do escritor individual. Pensamos em termos mais gerais e mais prosaicos, ou melhor, em termos de Charles Bally, pensamos nos próprios recursos estilísticos da langue existentes à disposição dos falantes em geral. E um desses recursos - tão legítimo quanto qualquer outro - pode ser a personificação de sujeitos ditos inanimados.

Aliás, essa mesma lógica que aceita frases mediais dinâmicas como o rio cobre-se com seu manto de névoas, a palmeira ergue-se altiva ou a flor se abriu rejeita esta outra: a porta se abriu, sinônimo da passiva a porta foi aberta para a lógica gramatical, mas, na verdade, tão medial dinâmica quanto as outras três. É ainda esse mesmo rigorismo lógico que admite a personificação de sujeitos inanimados em frases mediais de valor ativo como o mar se agita, e nega esse mesmo valor em esta casa se vende facilmente, vendo nesta última um valor passivo = esta casa é vendida facilmente.

Convenhamos que, em termos de coerência, trata-se de uma lógica bem pouco lógica.

## 2) argumentos imanentes:

Vimos que os argumentos imanentes para justificar a passiva pronominal são de natureza sintática, a saber, a predicação e a concordância verbais, ambos marcadores sintáticos em português. Começemos pela predicação.

A doutrina gramatical ensina que só existe passiva pronominal com verbos transitivos diretos.

### - contra-argumentos:

Ora, sabendo-se que a voz passiva é uma transposição da voz ativa transitiva, a afirmação acima soa a tautologia, quase um truísmo. Só que, no caso, um falso truísmo, já que o mesmo, na verdade, não se aplica à passiva pronominal, para a qual não existe a contraparte ativa e transitiva correspondente.

Nesse ponto, a doutrina gramatical se revela contraditória mais uma vez. O argumento usado para justificar a passiva pronominal é sintático (a predicação verbal), no entanto, a interpretação dessas construções pronominais é sempre semântica. Ou seja, vende-se esta casa só é passiva porque pode ser substituída por esta casa é vendida, equivalência esta imperfeita tanto do ponto de vista sintático (são duas estruturas diferentes) quanto do ponto de vista semântico (na primeira, noção de atividade impessoal; na segunda, noção de passividade pessoal).

Lembremos que, há relativamente pouco tempo, frases im

pessoais de nítido valor ativo, tais como vive-se bem, morre-se de fome, vai-se à praia eram tratadas pelas nossas gramáticas como exemplos de passiva impessoal como se tal categoria verbal existisse em português. Passiva impessoal só em latim, onde havia a ausência de sujeito, ou melhor, o sujeito era  $\emptyset$ . Em português, o que pode eventualmente estar omisso é o agente da passiva, mas não o sujeito-paciente. Portanto, em nossa língua, a construção passiva, seja a analítica geral, seja a chamada sintética ou pronominal, será sempre e necessariamente pessoal.

Alertadas para a incoerência sintática de tal afirmação, já que frases intransitivas são inconvertíveis para a voz passiva, as gramáticas centraram a sua teoria apenas nas frases transitivas do tipo aluga(m)-se casa(s) = casa(s) é(são) alugada(s). Só que aqui a conversão não é ativa > passiva, mas passiva > passiva, sob o argumento da equivalência semântica. Aliás, essa questão da equivalência mereceu de Said Ali uma resposta definitiva. Voltemos ao ilustre filólogo.

Condenando a tendência escapista, hoje enraizada no ensino escolar brasileiro, para se analisar por substituições e equivalências, rejeita Said Ali o artifício, para ele, falacioso e leviano, segundo o qual alugam-se casas é a mesma coisa que casas são alugadas. Oportunas e atualíssimas as palavras do Autor:

Analisar indiretamente, por meio de substi-

tuições, é dar asas à fantasia.<sup>236</sup>

E, mais adiante, enfático:

Substituir não é analisar; e ou se há-de fazer a análise das formas tais quais se apresentam, deixando de parte os possíveis equivalentes estilísticos, ou a gramática não existe.<sup>237</sup> (grifos nossos)

Profundo conhecedor da língua portuguesa, homem, portanto, de convicções sólidas, com um saber próprio e de reflexões feito, consegue Said Ali, ao mesmo tempo, ser didático e irônico, sem que o seu estilo deixe de se apresentar, um momento sequer, saboroso e clássico, coisa rara nos geralmente áridos, quando não impenetráveis, manuais de lingüística de nossos tempos.

A citação que se segue é longa, mas indispensável. Atente-se para o estilo: didático e clássico, a par de vivo e mordaz, com um certo sabor machadiano. A argumentação de Said Ali, em termos lingüísticos, provavelmente seria classificada hoje de semântico-pragmática:

Tem-se dito que a nossa forma reflexiva se identifica com a voz passiva. Apesar das

---

<sup>236</sup> SAID ALI, M. *Dificuldades*, p. 96.

<sup>237</sup> Idem, *ibidem*, p. 103.

restrições que todos concedem, que são forçados a conceder, tenho a afirmação por leviana, a começar pelos exemplos banais com que a esteiam. Aluga-se esta casa e esta casa é alugada exprimem dois pensamentos, diferentes na forma e no sentido. Há um meio muito simples de verificar isto. Coloque-se na frente de um prédio um escrito com a primeira das frases, na frente de outro ponha-se o escrito contendo os dizeres esta casa é alugada. Os pretendentes sem dúvida encaminham-se unicamente para uma das casas, convencidos de que a outra já está tomada. O anúncio desta parecerá supérfluo, interessando apenas aos supostos moradores, que talvez queiram significar não serem eles os proprietários. Se o dono do prédio completar, no sentido hipergramatical, a sua tabuleta deste modo: esta casa é alugada por alguém, não se perceberá a necessidade da declaração e os transeuntes desconfiarão da sanidade mental de quem tal escrito expõe ao público.<sup>238</sup>

Sem comentários.

Quanto ao se existente em tais torneios, este é, para Said Ali, originalmente um pronome reflexivo esvaziado. Hoje o classificariamos de índice de indeterminação do sujeito. Rejeita o Autor, portanto, em coerência com a sua tese, o rótulo de partícula apassivadora para esse pronome. Afirma o mesmo:

---

<sup>238</sup> SAID ALI, M. *Dificuldades*, pp. 100-101.

A argúcia de um gramático [quem?] inventou o rótulo "partícula apassivante", como se o pronome fora partícula e a linguagem se identificara com a das combinações do auxiliar ser e verbo principal no particípio do pretérito.<sup>239</sup>

Ainda a respeito do pronome se como partícula apassivadora (se-PA), também merecem citação as palavras de Sotero dos Reis, que se antecipa ao raciocínio de Said Ali. São palavras escritas em 1868, quarenta anos antes do posicionamento saidiano (a 1<sup>a</sup> ed. do Dificuldades é de 1908) contrário à tese da passiva pronominal, e revelam que o velho filólogo maranhense também devia ser voz destoante entre os seus pares. As idéias "lingüísticas" de Sotero, em meados do século XIX e no Brasil, podem ser consideradas avançadas para a época (já comentamos este ponto em outra parte deste trabalho) e demonstram, além disso, que a polêmica questão da chamada passiva pronominal vem de longe, de há muito divide os filólogos brasileiros. Mas vejamos o que diz o Autor a respeito do se-PA:

Querem alguns grammaticos que, se, quando não é reflexivo, seja uma simples partícula empregada para apassivar os verbos; mas sem fundamento solido; porque, se, neste caso sempre se refere a pessoa indeterminada, e

---

<sup>239</sup> SAID ALI, M. *Investigações filológicas*, p. 151.

tem a sua virtude de pronome, posto que então seja indefinido, como outros pronomes da mesma natureza.<sup>240</sup>

Naturalmente, o se que o Autor chama de pronome indefinido corresponde ao que hoje nós classificamos de símbolo ou índice de indeterminação do sujeito, o se-IIS.

Mas retomemos a questão da indeterminação sintática do sujeito e da impessoalidade verbal, uma vez que esta, no caso dos verbos transitivos diretos, se contrapõe à tese da passiva pronominal. Aqui também a argumentação doutrinária da gramática se revela contraditória pelas seguintes razões:

a) quando define o que é sujeito indeterminado, a doutrina gramatical o faz semanticamente, segundo já vimos na Introdução. Entretanto, na hora de interpretar as frases de valor ativo e impessoal, ela o faz sintaticamente, apelando para a predicação verbal. Desse modo, vê impessoalização verbal em uma frase ativa e intransitiva como estuda-se muito nesta casa. Por outro lado, atribui valor passivo e pessoal à frase estuda-se latim nesta casa, já que transitiva. O que, na verdade, é um objeto direto (latim) converte-se, no caso, em sujeito-paciente da chamada passiva pronominal, apesar do gritante paralelismo de forma e de conteúdo comum a ambas as frases, tanto a intransitiva quanto a transitiva.

---

<sup>240</sup> REIS, Sotero dos. *Postillas de grammatica geral*, p. 64.

A incoerência salta aos olhos, e é para tentar neutralizá-la que entra em cena o argumento lógico-transcendente: "reflexiva sô com sujeito animado". Como latim é inanimado (para alguns, é até língua morta), considerado incapaz de praticar a ação verbal reflexiva, trata-se de um caso explícito de passiva pronominal. Logo, onde está estuda-se latim, com a clara noção de atividade e de impessoalidade, leia-se latim é estudado, passiva e pessoal.

Como se o substantivo latim fosse de fato sujeito no caso acima. E mais: caberia ainda falar em voz reflexiva tratando-se de frases como estuda-se muito / estuda-se latim?

Já comentamos esse ponto ao tratarmos do se-IIS e reiteramos aqui o que dissemos a respeito do valor do pronome como reflexivo vazio, reflexivo  $\emptyset$ , retroativo a um sujeito também  $\emptyset$ . O se, ao fixar-se, no caso, como índice de indeterminação do sujeito e, ao mesmo tempo, como parte integrante e indissociável do predicado, numa espécie de sincretismo sintático, já se encontra gramaticalizado, não cabendo mais aqui o rótulo de voz reflexiva. Trata-se, na verdade, de construções ativas e impessoais, já fossilizadas, já gramaticalizadas na língua, cujos resíduos de reflexividade são percebidos apenas por filólogos e lingüistas. O que existe é a estrutura sintática impessoal [suj.  $\emptyset$  + vb. 3<sup>a</sup> p.s. + se-IIS].

Além disso, se a própria doutrina gramatical admite a realização da referida estrutura com verbos intransitivos, transitivos indiretos e de ligação (75% da predicação verbal),

Quando se tem saúde, tudo vai bem.

Quando se possui dinheiro, sobram amigos.

Em quimbundo se diz "minhoca".

Após a conversão para a passiva analítica, o resultado são frases inaceitáveis e desfiguradas, irreconhecíveis em relação ao protótipo original, com o qual não apresentam nenhuma identificação sintática ou semântica. Eis as "equivalências":

\*Quando saúde é tida, ...

\*Quando dinheiro é possuído, ...

\*Em quimbundo "minhoca" é dita.

O que aí se lê não é voz ativa e muito menos passiva. Não é nada. É apenas uma algaravia sintática, sem nenhum sentido.

Ocorre-nos um outro exemplo, este com o verbo pôr. Imaginemo-lo com valor ativo e impessoal, como ocorre na oração subordinada abaixo: o governo brasileiro não permitiria que se pusessem as mãos na Amazônia. Como para o registro formal da língua culta trata-se de passiva pronominal, façamos a conversão para a passiva analítica e teremos a seguinte "equivalência": o governo brasileiro não permitiria que as mãos fossem postas na Amazônia. Sem comentários.

Em casos como os acima, a doutrina gramatical se vê em um beco sem saída. Se mantiver a tese de que o pronome reflexivo dessas construções é se-PA, por tratar-se de passiva pro

nominal, estará endossando um absurdo; e se admitir que o reflexivo desempenha a atribuição de se-IIS, estará reconhecendo o valor ativo e impessoal das referidas construções, o que será, no mínimo, uma incoerência doutrinária.

Como vemos, o critério da predicação verbal, no caso específico da passiva pronominal, é mais uma regra de interpretação ad hoc e, como tal, contraditória e discutível.

c) Agora, a questão do objeto direto preposicionado.

Como sabemos, a doutrina gramatical reconhece o valor ativo e impessoal de frases pronominais com verbo transitivo direto, desde que o objeto direto das referidas frases se apresente preposicionado: admira-se a Vieira, ama-se a Bernardes.

Aqui, neste caso, a incoerência é ainda mais gritante. O fato de a doutrina gramatical aceitar como portadora de valor ativo e impessoal uma frase como ama-se ao Brasil, enquanto atribui valor passivo e pessoal a ama-se o Brasil (= o Brasil é amado), usando como critério de análise apenas a conversibilidade passiva pronominal > passiva analítica, impossível na primeira frase e possível na segunda, revela, mais uma vez, a falência das regras de interpretação sintática ad hoc.

Tanto numa frase como noutra, estamos diante da mesma estrutura sintática impessoal, ou seja: [ suj.  $\emptyset$  + vb. 3<sup>a</sup> p.s. + se-IIS + (nome) ]. A presença eventual do objeto direto preposicionado em uma delas é, na verdade, um acidente estilístico-

sintático e, como tal, não deveria ser usado como regra geral para justificar a discrepância de interpretação existente no caso.

Aliás, essas regras engendradas ad hoc, por casuísticas e contraditórias, geralmente contêm em si o seu próprio anódoto. Em outras palavras, também neste caso, o feitiço pode virar contra o feiticeiro. A potencialidade latente de o nome que se segue ao verbo transitivo direto nessas construções pronominais poder aparecer preposicionado só faz confirmar a sua condição de objeto, pois não há a mais remota possibilidade na sintaxe portuguesa de um substantivo regido de preposição funcionar como sujeito, seja na voz ativa, seja na passiva, a não ser em raríssimos casos de uso estilístico (cf. "Destes raros e fortes caracteres aparecem sempre na agonia das grandes instituições ...", Garrett, Viag., 15, p. 64).

Em nome da não-contradição, da coerência e da exaustividade, a interpretação que vale para um caso deveria valer para todos os outros semelhantes. Passemos agora à questão da concordância verbal.

Este é outro argumento sintático usado pela doutrina gramatical para justificar a tese da passiva pronominal. Sabemos que a concordância entre o sujeito e o verbo funciona como marcador sintático na frase portuguesa, isto é, trata-se de uma marca, de uma confirmação sintática de que o nome que se antepõe ou eventualmente se pospõe ao verbo é de fato o sujeito desse mesmo verbo.

- contra-argumentos:

Quando estudamos o se-IIS nas construções ativas e im-

peçoais, já elaboramos a crítica a esse ponto. Gostaríamos apenas de reiterar que a concordância, no caso, por ser atrativa, é, na verdade, um falso traço de um falso sujeito. Trata-se de uma "concordância" que escamoteia, ao nível formal da língua culta, o verdadeiro valor ativo e impessoal de frases como alugam-se casas, vendem-se apartamentos, tratadas com propriedade por Pottier como "impessoais com concordância"<sup>242</sup>. E tão impessoais e ativas quanto a sua contraparte neutra, não-marcada, isto é, com verbo na 3ª pessoa do singular: aluga-se casas, vende-se apartamentos.

Esta é também a opinião de Antenor Nascentes. O saudoso filólogo, referindo-se à questão da concordância atrativa de que estamos tratando aqui, afirma o seguinte:

Nas frases de sujeito **indeterminado** indicado pela partícula **se**, nas quais haja objeto direto no plural, o verbo por atração concorda com o objeto direto. Ex.: Vendem-se casas. (O idioma nacional, pp. 145-146)

Nascentes também assume posição contrária à tese da chamada passiva pronominal, preferindo ver nessas construções valor ativo e impessoal. A nosso ver, trata-se de uma opinião de peso no âmbito da filologia portuguesa. As palavras de Nascentes, pela autoridade de que se revestem, merecem citação integral:

242 Um bom exemplo do uso "impessoal com concordância" é o que se lê no seguinte passo de Machado de Assis: "Não se perdem cinco contos, como se perde um lenço de tabaco." (Mem. Póstumas de Brás Cubas, LII). Note-se o perfeito paralelismo sintático-semântico existente entre as duas orações, ambas de valor ativo e impessoal, apesar da "concordância" atrativa da forma verbal perdem com o objeto direto cinco contos.

Tais frases me parecem de sentido ativo e não passivo. A idéia é que alguém, que não se sabe quem seja, vende casas e não que casas sejam vendidas por alguém. A prova é que na linguagem vulgar o verbo vai para o singular. É esta uma das construções típicas da indeterminação do sujeito. O substantivo vem depois do verbo, na colocação natural do objeto direto.<sup>243</sup>

(grifos nossos)

Conclui-se que o Autor se refere à estrutura sintática impessoal [suj. Ø + vb. 3<sup>a</sup> p.s. + se-IIS + (nome)]. O único reparo que tomamos a liberdade de fazer às palavras de mestre Nascentes é que não é apenas na "linguagem vulgar" que "o verbo vai para o singular". Isto também pode ocorrer na linguagem literária do português antigo e do moderno, onde nem sempre a concordância culta é observada. Dá testemunho deste fato no português do Brasil a sintaxe praticada pela literatura modernista. Na melhor imprensa escrita do país também já se pode notar, com uma certa frequência, que "o verbo vai para o singular", mesmo seguido de nome plural, o que parece configurar uma tendência no português do Brasil.

Acrescente-se, a propósito, que a concordância a que se refere a doutrina gramatical não é garantia segura do valor passivo dessas construções pronominais. Embora típica da língua literária, nem por isso deixa de aparecer na pena de

---

243 NASCENTES, A. Op. cit., pp. 145-146.

autores clássicos. Atente-se para os seguintes exemplos, nos quais o verbo transitivo direto no singular aparece seguido de objeto direto no plural:

E como por toda a África se soa,  
Lhe diz, os grandes feitos que fizeram.  
(Camões, Lus., II, 103)

Nas terras novamente descobertas primeiro  
se nota os perigos do mar.  
(João de Barros, Déc., 3, 2, 1)<sup>244</sup>

Com outras obras se consegue... estes nomes.  
(Idem, ibidem, 1, 9, 2)<sup>245</sup>

Para que se veja os poderes que tinha no  
peito de Cristo.  
(Vieira, Sermões, V, VI, 167)<sup>246</sup>

O nosso Machado de Assis oferece os seguintes exemplos:

Chamaram-se os socorros e prestou-se ao en-  
fermo todos os cuidados necessários.<sup>247</sup>

(...) o crítico vendeu-se, ou por outra, não  
passa de um ignorante a quem por compaixão  
se deu algumas migalhas de aplauso.<sup>248</sup>

244 Apud SAID ALI, M. *Dificuldades*, p. 98.

245 Idem, ibidem, p. 98.

246 Apud MELLO, Pedro de. *Ainda o pronome "SE"*, p. 55.

247 MACHADO DE ASSIS. "Frei Simão", in *Contos fluminenses*,  
p. 200.

248 \_\_\_\_\_ . "José de Alencar: mãe", in *Obra completa*, III,  
p. 837.

No português do Brasil também se encontram exemplos da referida ausência de concordância na pena dos nossos escritores, embora o modelo mais freqüente ainda seja o da norma gramatical (alugam-se casas), como o demonstra, em pesquisa cuidadosa, Raimundo Barbadinho Neto, especialista na língua literária do modernismo brasileiro. O Autor, aliás, também se inclina pela interpretação ativa e impessoal de construções pronominais do tipo aluga-se casas. Afirma Barbadinho:

No traduzir tais orações, estou com aqueles que entendem serem elas de voz ativa, pois que, na realidade, o espírito de uma frase como "aluga-se casas" não é outro senão este: "alguém que não se sabe quem seja, aluga casas".<sup>249</sup>

O Autor reitera o seu ponto de vista e oferece o seguinte exemplo:

O exame deste lance de Euclides da Cunha (onde uma construção indeterminadora com verbo intransitivo se opõe a outra com verbo transitivo) parece confirmar que o sentimento da língua inclina para a interpretação que abraçamos:

"Salta-se do trem; transpõe-se cente-

---

<sup>249</sup> BARBADINHO NETO, R. *Tendências e constâncias da língua do modernismo*, p. 54.

nas de metros entre casas deprimidas..."

(Os Sertões, 25<sup>a</sup> ed., Rio de Janeiro, 1957, p. 461) <sup>250</sup> (grifos nossos)

Chamamos a atenção para o perfeito paralelismo de forma e de sentido existente entre ambas as orações. Trata-se de um exemplo talhado para jogar por terra os dois argumentos imanentes da doutrina gramatical em favor da passiva pronominal: o da predicação e o da concordância verbal.

É ainda Barbadinho que nos apresenta extensa lista de exemplos semelhantes ao tipo aluga-se casas, nos quais a ausência de concordância entre o verbo transitivo direto singular e objeto direto plural (sujeito para a doutrina gramatical) configura o valor ativo e impessoal (e não passivo) da referida construção, tal como o sentem os nossos escritores modernistas. Reproduzimos na íntegra a exemplificação apresentada pelo Autor<sup>251</sup>:

(...) imagine-se as lendas que [o rapaz] não suscitava (Rachel de Queirós, BP, 164).

E [que] brotem flores das dragonas militares e não mais se assuste os larejs com esses tiros de canhão. (Vinícius de Moraes, PMF, 120).

E se o povo não pode tomar leite e comer carne e ovos

<sup>250</sup> BARBADINHO NETO, R. Op. cit., p. 54.

<sup>251</sup> Apud BARBADINHO NETO, R. Op. cit., pp. 55-56.

diariamente, como deveria, culpe-se antes ós governos. (id., ibid., 154).

Os fifões apagavam, não se ouvia vozes na cidade. (Jorge Amado, Jubiabá, 43).

Ouvia-se já bem distante as campainhas do cabriolé. (J. Lins do Rego, FM, 12).

Ainda se ouvia como do fim do mundo as campainhas tocando. (id., ibid., 26).

Lá fora se acendeu todos os combustores. (Érico Veríssimo, Clarissa, 134).

Só se vendia fazendas entre parentes. (Oswald de Andrade, MZ II, 258).

Agora o doutor Stahl concordava que se havia cometido muitos erros e muitos crimes. (Viana Moog, RIR, 141).

(...) o natural ressentimento que em geral provocam as pessoas que se mostram diferentes das imagens e conceitos que delas geralmente se faz. (id., Tóia, 111).

No recesso da obra indígena tinha-se desmoronado os ídolos pagãos e as categorias mentais das passadas culturas. (id., ibid., 198).

(...) as criaturas mais puras / Que no outro mundo se vê. (Murilo Mendes, Poesias, 74).

Mas não se vê mais... "grupos de pessoas de baixa classe diante das imagens da Virgem". (Manuel Bandeira, CPB, 26).

Não é fácil nas cidades arranjar local para a tão saudável cura do sol, a menos que se procure os estabelecimentos especiais. (id., AA, 355).

Fazia-se vaticínios perante o pai de calva gramática.  
(Oswald de Andrade, JM, 71).

Outro especialista no tema língua portuguesa e modernis-  
mo brasileiro é Luiz Carlos Lessa, que também apresenta exem-  
plos da referida construção sem concordância, embora ressalvan-  
do que a construção preferida pelos nossos modernistas ainda  
seja aquela recomendada pelas gramáticas. Diz Lessa o seguin-  
te:

(...) em proposições desse tipo os nossos  
modernistas preferem, nitidamente, empregar  
o verbo no plural. (...) De quando em quan-  
do, porém, deparou-se-nos a construção in-  
criminada pelos gramáticos.<sup>252</sup>

Segue-se o exemplário apresentado pelo Autor<sup>253</sup>:

... iriam parar mais tempo e se abrirá as janelas para  
arejar o vagão... (M. de Andrade)

A gente escapa da vontade./Se sente prazeres futuros,/  
Chegar em casa,/Reconhecer-se em naturezas-mortas...

Isto não são águas que se beba, conhecido... (Idem)

---

<sup>252</sup> LESSA, L. C. *O modernismo brasileiro e a língua portu-  
guesa*, pp. 303-304.

<sup>253</sup> Apud LESSA, L. C. *Op. cit.*, p. 305.

Ainda se ouvia (...) as campainhas tocando. (J. L. do Rego)

Ouvia-se (...) as campainhas do cabriolé, (Idem)

Muito se comentou (...) os amores de Noemi e Roberto, (Raquel de Queirós)

Fiz tantos versos a Teresinha...

Versos tão tristes, nunca se viu! (M. Bandeira)

Não houve tempo para se reparar os estragos da fazenda. (Diná Silv. Queirós)

Vira se fazer os ensaios, os trabalhos do velho Maciel. (J. L. do Rego)

Lessa aproveita para fazer um vaticínio sobre o futuro da referida construção no português do Brasil, prevendo, à se melhança de outros estudiosos do assunto, que a interpretação ativa e impessoal dessas construções acabará prevalecendo sobre a interpretação passiva de base lógico-gramatical. As palavras de Lessa:

Esses lanços com o verbo no singular são flagrante minoria em face do extraordinário número de exemplos que havemos colhido com o verbo no plural. Não há dúvida, porém, de que atestam a presença, nos próprios mestres da língua literária, de um sentimento de indeterminação do sujeito que estas frases conteriam. Ademais, acreditamos que de mostram, também, estar latente uma tal ou qual propensão da língua escrita em ceder, mais cedo ou mais tarde, à influência popu-

lar de dizeres do tipo "aluga-se quartos", "compra-se móveis usados", vende-se lotes", "cobre-se botões", "aceita-se encomendas", etc., etc., que estamos fartamente acostumados a ler em tabuletas de propaganda comercial.<sup>254</sup>

A previsão de Lessa não está muito longe de se tornar realidade. A própria pesquisa empreendida pelo Autor e por Raimundo Barbadinho Neto, pioneiros no estudo dos aspectos lingüísticos do modernismo brasileiro, confirmam a "tal ou qual propensão da língua escrita em ceder (...) à influência popular" neste caso. Confirmam-na também os textos da literatura brasileira mais recente, assim como os da imprensa escrita, a par das pesquisas sobre o assunto empreendidas nas universidades brasileiras nos últimos anos, dentre as quais se insere esta contribuição nossa.

Gostaríamos de acrescentar às palavras de Luiz Carlos Lessa que, se "a influência popular" soube e pôde conservar a interpretação ativa e impessoal de construções pronominais do tipo aluga-se casas, consoante a índole e o espírito dessas perífrases verbo-pronominais, foi justamente por estar infensa às elucubrações e aos artifícios da lógica gramatical. Tanto assim que a tese da chamada passiva pronominal só prosperou na "esfera dos eruditos", como diz Clóvis Monteiro. E se hoje a língua escrita já admite, de alguma forma, essa cons-

---

<sup>254</sup> LESSA, L. C. Op. cit., p. 305.

trução "incriminada pelos gramáticos", tal fato é motivo de regozijo. Significa que a deriva da língua, impulsionada pelo povo que a fala, é sempre mais forte do que gramáticas e gramáticos. Neste caso específico, aplicam-se com propriedade as palavras de Serafim da Silva Neto:

A única espécie de língua que realmente existe é a falada. A língua culta, literária, é artistificação dessa matéria prima.<sup>255</sup> (grifo do Autor)

O reconhecimento, por parte da língua escrita, do valor ativo e impessoal das referidas construções significa, afinal (antes tarde do que nunca), que se irá fazer justiça às vozes pioneiras e solitárias, em sua época, de Sotero dos Reis e Said Ali. Não nos esqueçamos das polêmicas e dos ataques que suas posições desbravadoras suscitaram então. E se, mais próximos de nós, Jucá (filho), Nascentes, Mattoso Câmara, Luft, Barbadinho, Lessa e outros (grupo em que nos incluímos, com este trabalho) puderam expôr, à luz do dia, as suas idéias contrárias às da doutrina gramatical em vigor, devemos não só aos novos ventos que sopram na área dos estudos gramaticais (espécie de perestroika linguística), mas também às posições arrojadas daqueles que os antecederam. E entre os contemporâneos, podemos incluir ainda o nome do saudoso filó-

---

<sup>255</sup> SILVA NETO, Serafim da. *História do Latim vulgar*, p.

logo e estilicista lusitano Rodrigues Lapa.

Comentando a ambigüidade criada pela falsa concordância verbal no caso específico da frase abriram-se as janelas, Lapa afirma o seguinte:

A oração pode admitir duas significações: a) as janelas apareceram abertas por si, com a ajuda de algum elemento que se ignora - talvez o vento (significação reflexa); b) ou foram abertas por alguém, que não é determinado (significação passiva). Dava-se pois uma confusão, que a língua tratou de evitar muito simplesmente: em vez de pôr o verbo no plural, como mandam as regras, empregou-o no singular como impessoal: Abriu-se as janelas. O pronome reflexo foi considerado equivalente a um pronome indefinido: "alguém", "uma pessoa". O processo é engenhoso e nada repugna à índole da língua.<sup>256</sup>

E, à semelhança de Lessa e Barbadinho, Lapa também faz o seu vaticínio a respeito da construção "errada" abriu-se as janelas:

Simplesmente, a construção, usada nas esferas populares, não está abonada pelos gramáticos, que a condenam. Um dia certamente entrará na Gramática: será o triunfo da cla

---

<sup>256</sup> LAPA, M. Rodrigues. *Estilística da líng. port.*, p. 146.

reza sobre a confusão. Por ora, ainda lá não chegamos.<sup>257</sup> (grifos nossos)

O "triunfo da clareza sobre a confusão" a que se refere Rodrigues Lapa, significa aquilo que sustentamos neste trabalho: o pêndulo da voz medial tende a oscilar para o pólo verbal ativo nesse tipo de construção. Impessoal, com o verbo sempre na 3<sup>a</sup> pessoa do singular + se-IIS, seguido de nome singular ou plural posposto ao verbo, na posição românica de objeto: abriu-se a(s) janela(s); pessoal, com a personificação do substantivo janela anteposto ao verbo pronominal, na posição românica de sujeito, modelo típico da voz medial dinâmica: a janela se abriu/as janelas se abriram; ou, ainda, com o verbo despronominalizado e com valor intransitivo: a janela abriu/as janelas abriram. Esta segunda construção, em oposição à pronominal a janela se abriu, faz-nos pensar se o pronome não estaria desempenhando, neste caso, como em outros semelhantes, uma atribuição antes expletiva ou de realce (se-PR), como a que ocorre com certos verbos intransitivos: ir-se, rir-se, etc. Seja como for, o que predomina nessas construções pronominais, quer a pessoal, quer a impessoal, é a idéia de atividade, e não a de passividade.

Retomando os comentários a respeito da ausência de concordância nas construções do tipo aluga-se casas, gostaríamos de acrescentar que a mesma tendência detectada na língua lite

---

257 LAPA, M. Rodrigues. Op. cit., p. 146.

rária modernista também se encontra presente na imprensa escrita de nossos dias, nas publicações consideradas sérias e de maior circulação no país. E, o que é mais importante, trata-se de jornais e revistas aos quais só tem acesso um público selecionado e de elevado nível sócio-econômico, cujos indivíduos poderiam ser classificados como informantes típicos do nosso Projeto NURC.

O exemplário extraído da imprensa escrita é extenso, e preferimos acrescentá-lo a este trabalho sob a forma de apêndice. Trata-se de uma coleção de recortes de jornais e revistas acumulados por nós nos últimos dois anos, representativos, portanto, da sintaxe mais viva e mais atual do português do Brasil. Destacamos apenas alguns exemplos:

Dentro das escolas discute-se assuntos especializados. (frase pronunciada pelo reitor da Universidade de São Paulo, prof. José Goldemberg, em entrevista ao Jornal do Brasil (JB) de 7/6/89)

Assim, não se danifica as córneas. (Afinal, 20/12/88, p. 76)

Aqui caçava-se escravos no mato. (Wilson Coutinho, JB, 20/8/89, "Idéias")

Roubava-se, realizava-se falcatruas. (Idem, ib., 10/9/89)

Critica-se os seus acervos apressados. (Id., ib., 28/10/89)

Telefonou-se, agitou-se, pediu-se cabeças. (Id., ib., 13/8/89)

Troca-se dólares por perfumes. (Luciano Trigo, JB, 28/10/89, "Idéias")

Note-se o perfeito paralelismo de forma e de sentido comum aos verbos ensinar (intransitivo, no caso) e fazer (transitivo direto) nas duas orações ativas e impessoais abaixo, pronunciadas pelo reitor da USP, José Goldemberg, em entrevista à revista Veja de 13/9/89, pág. 87:

A universidade tem que ser vista como o lugar onde se ensina e se faz pesquisa.

E até o gramático tradicional Napoleão Mendes de Almeida, considerado conservador em questões de linguagem, deixou-se trair pela espontaneidade ao cunhar a frase abaixo, certamente condenada pela sua gramática:

No Brasil, faz-se reformas ortográficas.  
(Isto É/Senhor, 24/1/90, p. 7)

Naturalmente, o que Lessa e Barbadinho escreveram a respeito da referida construção na língua literária modernista vale também para a língua da imprensa escrita. Nesta, como naquela, ainda predomina a concordância com o verbo no plural (alugam-se casas), como manda a tradição gramatical. Mas, tanto na sintaxe literária como na da imprensa, já se notam claros sinais de afastamento dessa tradição. Comentando essa deriva sintática da língua portuguesa, Mattoso Câmara faz a seguinte descrição:

Já na língua corrente, quer em Portugal , quer no Brasil, a tendência, combatida pela disciplina gramatical e o ensino escolar, é outra. O padrão espontâneo é de um verbo fixado no singular, para designar uma atividade sem ponto específico de partida, ou sujeito, mas com um ponto de chegada, ou objeto: já se escreveu muitas cartas, vê-se ao longo nuvens ameaçadoras, etc.<sup>258</sup>

É. Lapa tinha razão: "por ora, ainda lá não chegamos". Mas já estivemos bem mais distantes. E para "lá" é que estamos caminhando. Assim como as gramáticas já abandonaram, de há muito, a terminologia passiva impessoal, inaplicável à sintaxe portuguesa, mas que era usada para descrever construções com verbos intransitivos (vive-se), transitivos indiretos (precisa-se de) e de ligação (é-se, está-se), reconhecendo nessas construções pronominais o seu valor ativo e impessoal, a doutrina gramatical em vigor acabará por estender essa mesma interpretação às construções com verbos transitivos diretos, tipo aluga-se casas, tão impessoais e ativas quanto as suas congêneres. A gramática será forçada a essa concessão para se manter em consonância com o sentimento latente, e já agora patente, na sintaxe viva praticada pelos falantes cultos do português do Brasil.

A essa altura, gostaríamos de encerrar este item refe-

---

<sup>258</sup> CÂMARA JR., J. Mattoso. *Hist. e estr. da líng. port.*, p. 176.

rente às críticas à chamada passiva pronominal, acrescentando alguns comentários e observações pessoais.

Começemos pelos argumentos engendrados ad hoc pela doutrina gramatical para justificar a tese da passiva pronominal. Pensamos que os mesmos argumentos transcendentais e imanentes usados pela doutrina gramatical em seu favor podem, invertendo-se o ponto de vista, ser empregados contra ela e, desse modo, justificar-se o valor ativo e impessoal de frases como aluga-se casas, aceita-se encomendas, etc. É que o falante, ao se deparar com essas frases, não vê nelas o agente humano responsável pela ação verbal. Ora, como casas não pode praticar a ação (afinal, não é um ser inanimado?) e, além disso, se encontra depois do verbo (a posição é um marcador sintático em português), então casas só pode ser o objeto sobre o qual se projeta uma ação verbal desencadeada por um agente humano anônimo e indeterminado. Daí viria a interpretação ativa e impessoal que o falante atribui a esse tipo de construção pronominal.

Quanto à discutível equivalência alugam-se casas = casas são alugadas, podemos contra-argumentar com o seguinte: equivalência por equivalência, onde está aluga-se casas leia-se alguém aluga casas. Afinal, contra argumento ad hoc, argumento ad hoc e meio.

É fácil verificar que, por esse caminho, nunca chegaremos a uma análise coerente. Pensamos que o que existe de comum entre as frases aluga(m)-se casas (ativa impessoal) e ca-

casas são alugadas (passiva analítica pessoal) é a inexistência de agente (talvez fosse o caso de se falar em agente indeterminado). No mais, elas são sintaticamente desiguais. Trata-se de duas estruturas diferentes e, como tais, é que devem ser analisadas. O critério de descrição, portanto, só pode ser o sintático. O mais correto então seria descrever que a língua omite o agente em ambos os casos, mas por meio de recursos sintáticos diferentes:

a) em aluga-se casas (eventualmente, alugam-se), através da indeterminação do sujeito na estrutura ativa e impessoal [sujeito.  $\emptyset$  + vb. 3<sup>a</sup> p.s. + se-IIS + (nome) ];

b) em casas são alugadas, através de uma outra estrutura, esta passiva e pessoal, a saber, [sujeito. lexical + ser + partic. passado + agente  $\emptyset$ ].

Ensinar, como fazem as nossas gramáticas, que a construção pronominal aluga(m)-se casas tem valor passivo porque casas é sujeito inanimado e, além disso, porque a referida construção equivale semanticamente a casas são alugadas é misturar critérios de interpretação. Se a doutrina gramatical usasse critérios exclusivamente sintáticos de definição para interpretar cada uma das frases, a descrição gramatical seria então coerente (porque não-contraditória) e generalizante, condições imprescindíveis para uma descrição dita científica.

Passemos agora às lições do corpus e às conclusões finais desta nossa tese sobre o pronome se.

### Resumo

A medial analítica do latim vulgar passou ao português

com três valores: reflexivo stricto sensu, medial dinâmico e passivo, este último restrito à modalidade culta formal da língua.

Do reflexivo stricto sensu o se português herdou as funções sintáticas de objeto direto (se-OD), objeto indireto (se-OI) e sujeito de infinitivo (se-SI).

Do valor medial dinâmico (medial lato sensu) herdou o nosso pronome reflexivo as atribuições sintáticas de parte integrante dos verbos pronominais (se-PIV), partícula expletiva ou de realce (se-PR), com certos verbos intransitivos, e índice de indeterminação do sujeito (se-IIS), este último em construções ativas e impessoais com verbos intransitivos, transitivos e de ligação, expressos através da estrutura sintática [suj.  $\emptyset$  + vb. 3<sup>a</sup> p.s. + se-IIS + (nome)].

Quanto ao valor passivo da medial analítica, este ocorre nas construções pronominais com verbos transitivos diretos e de sujeito inanimado, a chamada passiva sintética ou pronominal, uma criação românica, já que as construções mediais em latim não tinham valor passivo.

A passiva pronominal é tida pela tradição gramatical como sucedâneo da passiva analítica. Trata-se de construção cuja interpretação passiva se restringe ao registro culta formal da língua, e seu protótipo está representado pela frase-arquétipo alugam-se casas, equivalente à passiva analítica casas são alugadas, segundo ensina a doutrina gramatical. Nessas construções o reflexivo recebe a atribuição sintática de

partícula apassivadora ou pronome apassivador (se-PA).

À chamada passiva pronominal se contrapõem, no sentimento de gramaticalidade dos falantes, as construções ativas e impessoais com se-IIS, cuja frase-arquétipo é aluga-se ca-  
sas, condenada pela tradição gramatical, mas já presente na língua escrita, tanto na literária quanto na da imprensa. A tendência evolutiva (deriva) dessas construções aponta para a sua consolidação na língua escrita e posterior assimilação pe  
la doutrina gramatical, como têm previsto lingüistas e filólog  
os brasileiros e portugueses.

## 4. DAS LIÇÕES DO CORPUS

### 4.1. Funções Sintáticas

a) se-OD

b) se-OI

c) se-SI

### 4.2. Atribuições Sintáticas

a) se-PIV

b) se-PR

c) se-IIS

### 4.3. Fronteiras ambíguas

Resumo

#### 4. DAS LIÇÕES DO CORPUS

Este capítulo foi reservado para a análise dos Inquéritos NURC. Pelas suas características de corpus representativo de uma modalidade específica de língua — o português oral do Brasil praticado por falantes considerados linguisticamente cultos —, esses Inquéritos mereceram este capítulo à parte, destacado do corpo da tese (capítulo 3), espaço em que dedicamos atenção ao arcabouço teórico do trabalho, assim como a textos representativos do português escrito (o literário e o da imprensa). Será, portanto, também uma espécie de síntese do que estudamos até aqui, uma vez que o material linguístico dos referidos Inquéritos confirma reflexões pessoais e aponta tendências de comportamento de pronome se no português do Brasil. Tendências que vêm de longe, conforme demonstramos neste trabalho, detectadas também aqui com a descrição sincrônica realizada pelas pesquisas do Projeto NURC.

O corpus pesquisado significa um total de 391 frases com 414 ocorrências de uso do reflexivo se, extraídas de 30 Inquéritos, nos quais estão representadas as falas de informantes de ambos os sexos, na proporção de 15 Inquéritos para cada sexo, abrangendo três faixas etárias: 25/35 anos; 36/55 anos e 56 anos em diante. Este material

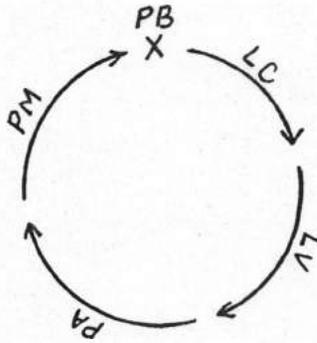
corresponde a cerca de 20 horas de gravação, e como se vê pelos números apresentados, trata-se de um corpus bastante representativo da sintaxe viva do português atual do Brasil, praticado por falantes tidos como linguisticamente cultos.

As frases estão distribuídas segundo a função ou a atribuição sintática desempenhada pelo pronome se, cuja classificação está em coerência com os critérios estabelecidos ao longo da tese. Levamos em conta também as fronteiras ambíguas mencionadas, e, sempre que conveniente, há comentários lingüísticos e observações pessoais, consoante o espírito de introspecção pancrônica que orienta este trabalho. Desse modo, neste capítulo, não temos a menor intenção de ceder à sedução fácil da enumeração mecânica de dados ou à quantificação estatística. Numerologia não é o nosso forte. Se números tiveram de ser mencionados, sua presença se justifica em relação aos objetivos maiores desta nossa empresa: o conhecimento rigoroso da trajetória evolutiva e do comportamento sincrônico do pronome se.

Com este capítulo 4, reatam-se as pontas da história do nosso reflexivo, e voltamos ao ponto de partida deste trabalho: o português do Brasil (PB), iniciado no capítulo 2. Aliás, ponto de partida e ponto de chegada. Fecha-se assim o círculo, depois de termos estudado a nossa palavra oblíqua e dissimulada no latim clássico (LC), latim vulgar (LV), português arcaico (PA) e português moderno (PM).

Para representar figuradamente a intenção pancrônica

deste trabalho sugeriríamos a imagem seguinte, à guisa de simbolização didática:



No elenco de frases abaixo, o primeiro número remete ao Inquérito NURC; o segundo, à página respectiva.

#### 4.1. Funções sintáticas

##### a) se-OD

Incluem-se aqui os casos do se como objeto direto vivo ou propriamente dito na voz reflexiva ou medial stricto sensu. São frases em que o reflexivo aparece junto a verbos transitivos diretos não-pronominais e, a princípio, pode ser substituído por a si mesmo ou por outros objetos diretos não-reflexivos.

Exs.:

- 1) a gente começa a se questionar, 251/24
- 2) você se acusa de suas faltas 244/21
- 3) todo mundo se conhecia 264/19

(Aqui, como objeto direto de reciprocidade:  
se = um ao outro.)

- 4) os que comparecem, que se julgam dignos  
de receber 244/22
- 5) o público recebia a comunhão e se achava  
digno dela 244/23

(Nestes dois últimos exemplos, preferimos considerar o reflexivo se-OD, e não se-PIV, embora os dicionários de referência consultados apresentem os verbos julgar-(se) e achar-(se), no sentido de considerar a si mesmo, como pronominais. Nos exemplos acima, pensamos estar ainda nítida a consciência do valor reflexivo stricto sensu do pronome se, substituível, em ambos os casos, por a si mesmo. Raciocínio idêntico se aplica ao verbo considerar-(se) + predicativo.)

- 6) [na Semana Santa] alguns jejuavam o dia inteiro. Privavam-se de qualquer alimento 76/37

(O critério sintático adotado para a frase anterior vale também para este exemplo em que o reflexivo nos parece estar mais para se-OD do que para se-PIV.)

- 7) as famílias se aproximavam de um e outro la  
do pra se conhecerem mutuamente  
(Aqui, o se como obj. dir. de reciprocidade.)

b) se-OI

Não encontramos exemplo do se como objeto indireto nos Inquêritos NURC pesquisados. Provavelmente por se tratar de uso característico da língua escrita formal.

c) se-SI

A frase abaixo representa o único exemplo em que o se aparece como sujeito de infinitivo.

- 1) as interrogativas têm um sotaque característico,  
que se faz notar

244/1

4.2. Atribuições sintáticasa) se-PIV

Estão relacionados aqui os casos representativos da voz medial dinâmica ou medial lato sensu. Trata-se de frases em que o se ora aparece como uma espécie de objeto direto fossilizado, ora como uma espécie de objeto direto figurado ou metafórico. Em ambos os casos, o pronome se apresenta desprovido de função sintática, daí ser considerado como parte integrante do verbo: se-PIV propriamente dito (com verbos privativamente pronominais) ou, ainda, uma espécie de se-PIV ad hoc (com verbos eventualmente pronominais). Neste último caso, podem ocorrer situações-limites em que o comportamento sintático do reflexivo pode oscilar, por vezes, entre se-OD e se-PIV. Por sentirmos o pronome, nesses casos, como uma espécie de mutante, em processo de fossilização, preferimos tratá-lo aqui como se-PIV. Desse modo, incluímos neste elenco as ocorrências do pronome se junto a verbos pronominais, segundo Nascentes) ou pronominalizados e que não podem ser considera-

dos como exemplos de voz reflexiva stricto sensu. Junto a esses verbos podem aparecer sujeitos animados ou inanimados, esses sob o artifício da personificação metafórica, fato típico da voz medial dinâmica, aquela que melhor se presta a expressar a integração e o envolvimento intensos do sujeito na ação verbal. Tivemos também o cuidado de confrontar cada caso com o que consta dos dicionários de regência verbal disponíveis (Francisco Fernandes, Celso Luft). Exs.:

- |  |        |
|--|--------|
| 1) o nosso trabalho está <u>se centralizando</u> sobre isto            | 373/ 5 |
| 2) eles também <u>se perdem</u>  | 373/29 |
| 3) a humanidade está <u>se distanciando</u> muito                      | 373/36 |
| 4) pra você não <u>se perturbar</u> com tudo                           | 264/33 |
| 5) as pessoas <u>se candidatam</u>                                     | 346/20 |
| 6) qualquer pessoa pode <u>se candidatar</u>                           | 346/35 |
| 7) com o tempo, ele vai <u>se especializando</u>                       | 346/35 |
| 8) todo mundo <u>se sentia</u> à vontade                               | 5/ 1   |
| 9) eram poucas aquelas que <u>se rebelavam</u>                         | 5/ 3   |
| 10) porque você <u>se ajoelha</u>                                      | 5/41   |
| 11) pra você <u>se ajoelhar</u>  | 5/41   |
| 12) eles <u>se espantam</u>  | 92/ 6  |
| 13) esse traje está <u>se modificando</u>                              | 92/21  |
| 14) a maioria <u>se veste</u>  | 222/12 |
| 15) aqui a gente <u>se desliga</u> completamente                       | 222/27 |
| 16) [a gente] é capaz de entender o fenômeno como <u>se passa</u> aqui | 251/ 1 |
| 17) a gente vai <u>se dissociar</u>                                    | 251/ 3 |
| 18) o que você botar ali no meio não <u>se dissolve</u> mais           | 251/16 |

- 19) à proporção que a gente vai se aproximando  
do inimigo 251/24
- 20) eles estão se perpetuando 251/25
- 21) a gente precisava se aproximar um pouco do  
Museu 22/ 6
- 22) ele vai se engajar no negócio político 22/34
- 23) o indivíduo se prepara espiritualmente 132/40
- 24) se aquele negócio for quebrado, ele se desor-  
ganiza 132/42
- 25) tem alguém que se aproxima dele 244/25
- 26) ninguém se animou a comer o gambã 75/33
- 27) quando o cidadão se preocupa com isso 75/47
- 28) o Senhor se lembra? 76/ 6
- 29) ninguém se preocupava com isso 76/ 7
- 30) um indivíduo qualquer se fazia professor 76/ 9
- 31) como ele se fazia professor? 76/16
- 32) um indivíduo não procurava nunca u'a mulher  
médica para se tratar 76/16
- 33) outras interessavam-se por coisas de leitura 76/16
- 34) estados psíquicos especiais que se criam em  
conseqüência disso 76/30
- 35) foi uma maneira que a religião teve de conse-  
guir que o povo se dedicasse 76/32
- 36) o conceito de pecado também se diversifica 76/41
- 37) muitos [judeus] se converteram ao catolicismo 76/43
- 38) um indivíduo se converteu a uma religião 76/43
- 39) alguns indivíduos se tornaram budistas 76/44
- 40) nós usamos tudo para que ele se sinta bem 186/ 1
- 41) ele está se tratando 186/ 6
- 42) porque a pessoa se tratando... 186/ 6

- 43) nós conseguimos que um paciente nunca mais se internasse 186/ 8
- 44) a gente se acomoda muito 186/39
- 45) ele se recolhe cedo 99/ 3
- 46) é um momento que você se sente até mal 99/ 5
- 47) cada um seguiu sua vida e se afastou 99/23
- 48) tratavam desumanamente uma moça que se perdia 99/29  
(Aqui, a construção pronominal se perdia está por se desvirginava; nesse sentido, perder-se é um caso de especialização de sentido, com nítido valor disfêmico.)
- 49) até na Igreja a gente se decepcionava 99/36
- 50) eu acho que lá se alimentavam melhor 29/26
- 51) parece que a gente se abstrai disso 55/185
- 52) a gente está se desligando de casa 152/ 5
- 53) a gente pode se intoxicar com eles 152/ 6
- 54) meus colegas se deram mal 59/ 8  
(Aqui, dar-se - mal ou bem - no sentido de "adaptar-se - ou não - a uma situação", "ter sucesso - ou não - em um empreendimento".)
- 55) obrigava você a se interessar pela língua 59/10
- 56) e todo mundo se negou a socorrer 59/14
- 57) todo mundo se recusou terminantemente 59/15
- 58) você então se sentia livre 59/19
- 59) você tem que se virar mesmo 59/21
- 60) tinha outros que se limitavam só a dar aulas 59/25
- 61) há a oferta do vinho, quando o vinho se converte 59/28
- 62) há a elevação do cálice, que aí se torna o sangue de Deus 59/29

- 63) a hóstia, que se torna o corpo de Deus 59/29
- 64) as cadeiras chamam-se genuflexórios 5/41
- 65) a criança desde pequenininha... eles já se  
criam frente à TV 373/ 1
- 66) elas [as crianças] estão se formando 373/ 1
- 67) as classes se misturam mais em relação a algu  
ma coisa 104/19
- 68) você se lembra dos pratos que você pediu? 104/28
- 69) não se animou nem a provar? 104/36
- 70) quer dizer que [a lei] não se aplica só ao  
banco? 104/37
- 71) o ratinho... às vezes ele se salva 251/25
- 72) como é que as pessoas se vestem? 96/ 1
- 73) se a gente se abstrai disso, ele é relativa-  
mente barato 55/ 6
- 74) então a coisa se inverte 22/ 1
- 75) tem alguma coisa pra criança se divertir 22/ 5
- 76) tem dias que ela se antecipa 22/ 8
- 77) [havia] uma hora que a gente se livrava das  
aulas 22/23
- 78) então [ele] se engajou aí numa briga 22/28
- 79) então a religião veio se acoplar em esquema  
de pressão 22/33
- 80) a crença religiosa vai se desligando de ou-  
tros aspectos 22/33
- 81) você se esqueceu de mim, certo? 181/ 4
- 82) Getúlio não se conformando com esse estado  
de coisas, ... 182/ 1
- 83) nós temos a UDN, que era um partido onde to-  
dos se filiavam 182/ 4

- 84) o juiz julga, e o perdedor se não se conformar,  
ele recorre 182/ 4
- 85) na eleição direta, os candidatos se apresentam  
(Esta frase serve de exemplo da situação-limite – ou fronteira ambígua – a que nos referimos, na qual o comportamento sintático do reflexivo oscila entre se-OD e se-PIV. Pelas razões expostas, inclinamo-nos por considerá-lo como se-PIV.) 182/ 6
- 86) após a eleição dos deputados e senadores, as  
duas Casas se reuniram 182/ 7
- 87) os que comandavam o Governo não se conformaram  
com a idéia 182/ 7
- 88) e o João Goulart se sentindo totalmente seguro,  
... 182/12
- 89) para que o aluno se dirigisse para uma sala 132/ 5
- 90) professores e alunos se uniam em torno de alguma  
coisa 132/16
- 91) a classe alta, ela se contenta com aquilo que  
agrada aos olhos 152/ 3  
(Aqui, a topicalização do sujeito - classe alta - e sua reiteração através do pronome ela - são consequência do anacoluto.)
- 92) eles acabam se convencendo 152/20
- 93) ela se transforma em banana amarelinha 152/23
- 94) ... apesar de a carne não se deteriorar por  
causa do gelo 152/27
- 95) como é que o engenheiro faz para se sindicalizar? 244/ 2
- 96) eles [os problemas] se tornaram mais numerosos 244/ 3
- 97) e o engenheiro afastava-se da profissão 244/ 6
- 98) e daí [você] vai se desenvolvendo por um período  
de 5 anos 244/ 9

- 99) essa reação manifestava-se da seguinte forma 244/21
- 100) é você se dar aos outros 264/27
- 101) estas mulheres se davam ao luxo 373/ 8
- 102) a intenção de que todos se integrassem na cerimônia 244/22
- 103) quando o cidadão se preocupa com isso 75/48
- 104) ela virou-se pra ele com a cara acesa 75/52
- 105) eles se casaram com a diferença de seis dias 75/51
- 106) a função da mulher limitava-se a receber em casa 76/17
- 107) isso hoje se diversificou 76/17
- 108) até deu-se um fato curioso 76/19

(Aqui, um bom exemplo de como os verbos pronominais não se prestam à indeterminação do sujeito através da estrutura sintática impessoal [sujeito vazio + v. 3ª p.s. + se-IIS + (nome)].

Dar-se, enquanto verbo pronominal, tem o sentido específico e intransitivo de acontecer, ocorrer. Nessa condição, adquire características de verbo essencialmente pronominal e, mesmo acompanhado de nome em posição pós-verbal, não se presta a uma interpretação impessoal, exercendo o reflexivo, nestas circunstâncias, a atribuição sintática de se-PIV e não de se-IIS. Ocorreria o valor impessoal caso o verbo dar estivesse sendo usado com sua predicação original de biobjetivo, como, por exemplo, em deu-se importância ao fato ou não se deu valor ao trabalho, a nosso ver, orações de sujeito indeterminado, com se-IIS e verbo impessoal com nome posposto na função de objeto. Em deu-se um fato curioso, o nome (fato) posposto ao verbo exerce a função de sujeito e não de objeto, e a leitura da oração só pode ser uma,

independentemente da posição pré ou pós-verbal do referido nome, ou seja: deu-se um fato curioso = um fato curioso (sujeito) se deu (ocorreu).)

- 109) como se desenrola uma missa? 76/20  
 (O comentário sintático anterior vale também para esta frase em que desenrolar-se, verbo pronominal e com o significado intransitivo de fluir, transcorrer, está sendo usado com valor pessoal e tendo como sujeito o nome posposto (uma) missa.)
- 110) os próprios padres afastaram-se da Igreja 76/23
- 111) e eles estão se insurgindo contra esta proibição 76/24
- 112) o padre está se modificando inteiramente 76/24
- 113) se o padre não se limita, não realiza um certo ideal 76/25
- 114) o próprio Papa se manifestou contra o fumo 76/25
- 115) essas noções se difundiram extraordinariamente 76/28
- 116) isso se desenvolveu extraordinariamente 76/28
- 117) a vida se originou de um processo bioquímico 76/47
- 118) eles [os alemães] não se recuperaram com o dinheiro de fora 141/15
- 119) a pessoa pra ser eleitor tem que se habilitar 141/27
- 120) depois o rádio começou a se desenvolver 209/ 7
- 121) o meu irmão formou-se em engenharia 209/11
- 122) você vai ter tempo pra se preparar pra segunda época 209/12
- 123) minha filha foi lá se inscrever 209/18
- 124) [são] filhos de famílias abastadas que se revoltam 47/ 1

- 125) por que essa moeda vem se desvalorizando assim? 47/ 9
- 126) então o ensino se mostrava totalmente inoperante 356/ 5
- 127) a disciplina que se chamava Português passa a se chamar Comunicação e Expressão 356/ 8
- 128) lingüística e gramática se misturam 356/13
- 129) o tempo está se esgotando 356/19
- 130) [a nossa vida] não se assemelha tanto [à americana] 99/ 2
- 131) ... pra você se locomover à noite 99/16
- 132) às vezes a medida custa a se efetuar 99/17
- 133) é uma coisa incrível, que eles se queixam muito 99/22
- 134) então você se preocupa em abrir quinhentas matrículas 99/26
- 135) a de doce de leite se confunde com essa 29/12
- 136) nessa época, o Tribunal se transfere para um local bem amplo 346/17
- 137) o eleitor se inscreve pra receber o título 346/14
- 138) o Presidente não pode se afastar do país 346/19
- 139) ele pode se integrar ao partido 346/22
- 140) só depois dele se recuperar daquela dívida violenta 346/32
- 141) eram poucas aquelas que se rebelavam 5/ 2
- 142) elas se dedicavam ao ensino 5/ 5
- 143) ele está se curando 186/ 6
- 144) nós conseguimos que um paciente nunca mais se internasse 186/ 8

- 145) eles vão se sentindo em ambiente diferente 186/29
- 146) eles vão se descontraindo 186/29
- 147) elas se puseram em campo 373/18
- 148) pode haver um estado de simpatia tal que um  
não queira se sobrepor ao outro 373/19
- 149) porque se você se atrasa, vai pagar juros 373/23
- 150) ela se mostrava muito bondosa com a gente 264/ 3
- 151) se a gente não ler muito para se (sic)  
evoluir, não sabe nada, né? 264/20
- (Aqui, a informante tornou pronominal o verbo intransitivo evoluir, provavelmente por atribuir-lhe o sentido de instruir-se.)
- 152) havia professores que se punham à disposição  
da pessoa 264/22
- 153) mas havia outros que se limitavam a dar as  
aulas 264/22
- 154) na escola superior, os professores não se  
interessam pelo que os alunos fazem 264/23
- 155) você fez a primeira comunhão pra você se  
conscientizar 264/27
- 156) tornou-se mais cômoda a moda 222/ 2
- 157) os homens se preocupam com a moda 222/23
- 158) [a criança] só teve uma preocupação: saber  
como as vacas se sujavam sem usar fraldas 391/ 9
- (Neste passo, um caso interessante de verbo pronominalizado com valor eufêmico, já que

sujar-(se) está aqui por defecar ou, na linguagem infantil e popular, fazer cocô.)

- 159) o legorne é uma raça toda branquinha e se caracterizam (sic) por serem as galinhas muito boas poedeiras 391/15
- (Aqui, chama a atenção a silepse de número: a informante deve ter concebido o substantivo singular legorne (= raça), de natureza coletiva, como plural e com ele fez concordar o verbo pronominal - se caracterizam.)
- 160) mas o fato é que elas [as mães] habituum-se à vida fora 210/18
- 161) depois, a ela [a criança] vai se desligar da mãe 210/20
- 162) mas eles [os namorados] se sentavam no jardim 210/27
- 163) as famílias se aproximavam de um e outro lado 210/27
- 164) [se] havia qualquer coisa, [ela] tornava-se uma mulher infeliz 210/31
- 165) quando um vai fazer uma coisa, se entende com o outro 210/33
- 166) todas as moças antigamente tinham ~~mu~~ita vontade de se casar 210/37

b) se-PR

Não encontramos nenhum exemplo do se como partícula de realce, o que parece confirmar o fato de ser este emprego do reflexivo mais próprio da língua literária.

c) se-IIS

Estão listadas aqui frases em que o pronome reflexivo aparece como índice de indeterminação do sujeito (se-IIS) junto a verbos não-pronominais essenciais usados impessoalmente na 3ª pessoa do singular. Trata-se da estrutura sintática impessoal [suj. Ø + vb. 3ª p.s. + se-IIS], seguida ou não de nome (caso dos verbos transitivos e de ligação), a que nos referimos no capítulo anterior. As variantes da referida estrutura também foram consideradas, isto é, com verbo no infinitivo [suj. Ø + vb. infinitivo + se-IIS], assim como com verbo auxiliar + verbo principal em locuções verbais: [suj. Ø + verbo auxiliar 3ª p.s. + se-IIS + verbo principal].

Estão incluídos também os casos de verbo transitivo direto usado impessoalmente na 3ª pessoa do singular + nome plu

ral (tipo aluga-se casas). Os casos de verbo transitivo direto na 3ª pessoa do plural em concordância atrativa com o nome plural que se lhe segue (tipo alugam-se casas, impessoal com concordância, segundo Pottier) foram igualmente considerados. Naturalmente, os verbos essencialmente pronominais (queixar-se, arrepender-se, etc.), por não se prestarem à indeterminação do sujeito através da referida estrutura sintática impessoal, não constam do elenco de frases abaixo.

Exs.:

- |  |        |
|--|--------|
| 1) no mundo inteiro, <u>está se trabalhando</u> assim                              | 373/ 5 |
| 2) agora que <u>vai-se...</u>  | 373/ 6 |
| 3) e não se <u>pode negar</u> que é uma necessidade                                | 373/13 |
| 4) <u>nota-se</u> aí que a mulher que trabalha...                                  | 373/16 |
| 5) isto <u>vê-se</u> logo nas conversas  | 373/16 |
| 6) não <u>se tem</u> certeza   | 373/21 |
| 7) na sociedade brasileira <u>vivia-se</u> mais folgadamente                       | 373/25 |
| 8) se <u>se</u> marcar uma palestra sobre isso, será que <u>vai-se ter</u> público | 373/29 |
- (Reiteramos aqui nossas críticas à tese da equivalência passiva sintética (pronominal) = passiva analítica; as frases acima, com o verbo ter, se consideradas como exemplos de passiva pronominal, criariam as seguintes "equivalências" :
- "não se tem certeza" = "\*certeza não é tida";
- "será que vai-se ter público?" = "será que \*público vai ser tido?")
- |  |        |
|--|--------|
| 9) <u>contrata-se</u> uma pessoa                   | 373/31 |
| 10) <u>vai-se ensinar</u> isso tudo muito bem, né? | 373/31 |

- 11) Tinha a Amelinha Lacombe, que essa é hoje, po-  
de-se dizer, junto com a irmã, são as direto-  
ras do Colégio 264/14
- 12) e aí, fazia-se uma prova oral 264/17
- 13) quem entrava no primeiro ano até o **quinto**, da-  
va pra se conhecer 264/19
- 14) a ciência evoluiu de tal maneira que não se  
sabe nada 264/21
- 15) aquela parte que se fazia 264/25
- 16) forma-se um grupo 264/29
- 17) como é que se diz? 264/33
- 18) como é que se apura? 346/17
- 19) aqui não se mede açúcar 346/27
- 20) mas como é que se procura? 346/39
- 21) não se dizia nada 5/ 1
- 22) sorteava-se um ponto 5/15
- 23) não se abria a boca 5/18
- 24) na Igreja não, não se deve [rezar o terço] 5/42
- 25) cachecol, que também se usa muito 92/13
- 26) ali se dança, se bebe cerveja 92/13
- 27) atualmente, está se usando em Copacabana 92/16
- 28) calça de seda não é um traje que se use normal-  
mente 92/19
- 29) é muito difícil se ir a um lugar simples 92/19
- 30) como se vai a poucos lugares elegantes... 92/19
- 31) ele tem quatro casacos e como se usa muito pou-  
co... 92/20
- 32) quando se levanta um braço 92/24

- 33) ah! a combinação? acho que não se usa mais, né? 92/26
- 34) no inverno, usa-se mais um tipo de lã 222/ 4
- 35) como é que se diz isso? 222/ 4
- 36) aqui também se usa mais longo no verão 222/ 7
- 37) era um restaurante que se entrava 222/ 7
- 38) eu acho que ainda se usa assim 222/ 9
- 39) o que se usa normalmente no verão 222/ 9
- 40) usava-se anãgua bem engomada 222/13
- 41) antigamente, usava-se permanente 222/18
- 42) peguei o tempo em que se usava "pancake" 222/19
- 43) o que se usou... 222/21
- 44) não se usou bastante? 222/22
- 45) agora está se usando uma porção de améis 222/22
- 46) agora está se usando sacolinha de palha 222/26
- 47) aquele grão de bico que se come com aquela broa 104/ 8
- 48) como é o nome daquilo que se coloca em cima do repolho? 104/16
- 49) aqui no Rio não se usa isso, né? 104/26
- 50) quando se vai à Bahia, nunca se diz "quente" , né? 104/34
- 51) quando se alcança grau de solubilidade,... 251/22
- 52) só quando se perceber que as coisas estão se perpetuando 251/25
- 53) quando se começa a chegar muito perto 251/25
- 54) está-se aí no campo de ensino 22/28
- 55) você tem uma tendência a aceitar tudo o que se faz 22/35
- 56) então se pode combater isso 22/37

- 57) como é que se faz para se aplicar? 106/ 2
- 58) ... e paga-se um tipo de aluguel 106/11
- 59) quando se compra um apartamento... 106/17
- 60) como é que se paga? 106/20
- 61) quando se pede empréstimo, ... 106/25
- 62) o Senhor acha bom esse tipo de formulário que se faz para imposto de renda? 106/30
- 63) ou acha que se deve fazer um novo formulário? 106/30
- 64) e que é que se faz? 106/36
- 65) não havia uma eleição que se pudesse ter uma certeza de honestidade 182/ 1
- 66) como é que se diz... 132/ 9
- 67) nas provas, exigia-se bastante 132/13
- 68) como é que se diz? 132/13
- 69) hoje está se começando a se tentar fazer alguma coisa 132/19
- 70) o que se fez de novo é muito pouco 132/20
- 71) supõe-se que ele tenha... 132/34
- 72) e com isso se iniciava na vida 244/ 5
- 73) então, criou-se o Instituto dos Arquitetos 244/ 7
- 74) nós fazíamos naquela época o que se chamava exames parcelados 244/ 9
- 75) e aí você concluía o que se chamava de exames parcelados 244/ 9
- 76) hoje chama-se artigo 101 ou 99, mas naquele tempo chamava-se exatamente parcelados 244/10  
(Atenção: verbo sing. - chamava-se - + nome plural - parcelados)
- 77) então você tinha a escola, que hoje você chama, como é que se chama? 244/10

- 78) a biologia que se chama hoje era chamada de história natural 244/11  
 (Note-se o paralelismo semântico existente entre as duas orações, já que em ambas falta a figura do agente responsável pela ação verbal. Isto, apesar (ou justamente por causa) da assimetria sintática existente entre as duas construções: a 1ª com valor ativo e impessoal [suj. Ø + v. 3ª p.s. + se-IIS]; a 2ª de valor passivo e pessoal [suj. lex. + ser + part. pas. + ag. Ø]. Por isso, e em coerência com as nossas reflexões (v. cap. 3), pensamos ser correta a classificação de (que) se chama como uma oração de sujeito indeterminado (cf. "[ o ] que se chama hoje biologia"), exercendo o pronome, neste caso, a atribuição sintática de se-IIS.)
- 79) com seis ou sete anos se ingressava nesta escola 244/11
- 80) bom... depois daquela escola se fazia o ginásio 244/11
- 81) não se exigia escolaridade nenhuma 244/11
- 82) para se ensinar nos colégios particulares de uma maneira semelhante ao que se ensinava lá 244/12
- 83) aquelas eram as matérias que se tinha pra ensinar 244/13  
 (Atente-se para: 1º) verbo singular - se tinha - e nome plural - matérias; 2º) se passiva pronominal, ter-se-ia a seguinte "equivalência": "às matérias que eram tidas...")
- 84) era bastante limitada a instrução que se dava 244/13
- 85) sempre que se fala, quando se fala em ensino de alguns anos atrás, sempre se critica muito esse ensino 244/14

- 86) como é que se chamava mesmo quando as pessoas faltavam à aula? 244/16
- 87) agora é que está se abrindo um pouco mais em matéria de ensino 244/18
- 88) porque se tinha uma hora 244/18  
(Cf. a "equivalência": "porque \*uma hora era tida")
- 89) fazia-se só um exame final 244/19
- 90) essa era a nota com que se era aprovado ou não 244/19
- 91) se fazia toda propaganda possível 244/20
- 92) ... e pode-se ir embora pra casa 244/ 2
- 93) hoje modificou-se o rito 244/22
- 94) há missas que evocam mais, reza-se mais 244/23
- 95) há missas mais simples, se faz menor número de apelos 244/24
- 96) há missas que têm maior beleza, canta-se, to-ca-se música e evoca-se mais 244/24
- 97) eu sou briguento pra comida como se diz 75/ 6
- 98) na minha casa se comia, se comprava um quilo e meio de alcatra 75/14
- 99) aos domingos, comprava-se lá em casa um peso maior de lagarto e fazia-se a carne assada 75/14  
(Interessante este passo. Chamamos a atenção para os seguintes pontos:

- 1) o paralelismo sintático-semântico existente entre as duas orações de verbo transitivo direto + se-IIS ("comprava-se um peso" / "fazia-se a carne assada"), ambas de valor ativo e impessoal;
- 2) em "fazia-se a carne assada", o artigo definido a como que reforça a idéia de sujeito indeterminado. Neutralizando a

possibilidade de interpretação passiva da referida oração (algo como "a carne assada era feita"), a presença do artigo desfaz ambigüidades, ao especificar e marcar com nitidez as respectivas funções sintáticas: carne = obj. direto ; assada = predicativo do objeto. O artigo explicita, portanto, o valor ativo e im pessoal da referida oração, a qual, aliás, teria idêntico valor mesmo sem a presença do artigo: "fazia-se carne assada". Neste caso, mudaria apenas a função sintática do adjetivo assada, que passaria a adjunto adnominal do obj. dir. carne, substantivo que, por sua vez, sem a presença do artigo, adquiriria o sentido impreciso e generalizante de "qualquer carne", e não especificamente de "lagarto", conforme detalha o informante.)

- |  |       |
|--|-------|
| 100) não se matava gado aos domingos                                       | 75/14 |
| 101) gostava-se muito de galinha   | 75/15 |
| 102) quando se fazia arroz com legume, ...                                 | 75/15 |
| 103) quando se consegue um sapato bom                                      | 75/19 |
| 104) falou-se em jabuticaba  | 75/20 |
| 105) havia aquele cuidado de se preparar a galinha                         | 75/23 |
| 106) o que se põe na feijoada  | 75/23 |
| 107) diferente do feijão que se faz normalmente                            | 75/24 |
| 108) primeiro, toma-se o caldo   | 75/25 |
| 109) e então, servia-se o cozido   | 75/25 |
| 110) eu gosto muito da batata doce, quando a batata é, diz-se que é enxuta | 75/25 |
- (Supondo-se a construção pronominal diz-se co

mo de valor passivo, ter-se-ia a seguinte "equivalência": "\*que [a batata] é enxuta é dito".)

- 111) come-se com arroz e bife 75/26
- 112) o estrogonofe que se come aqui é abrasileirado 75/30
- 113) o refogado eu não sei o jeito que se faz  
(Aqui, o objeto direto - refogado - se apresenta topicalizado; é um caso de prolepse do objeto, o que não retira a construção pronominal o seu valor ativo e impessoal.)
- 114) papo de anjo, madalena, tudo isso se faz lá em casa  
(tudo, aposto resumitivo na função de OD de se faz.)
- 115) joga-se uma lata de leite condensado 75/39
- 116) ensina pra ela como se faz 75/39
- 117) não havia essa coisa de se pensar em jogar bomba em ninguém, em se matar, se assassinar 75/41  
(Aqui, sente-se bem o valor de reflexivo vazio ou reflexivo Ø do pronome se na atribuição sintática de índice de indeterminação do sujeito (se-IIS) e, ao mesmo tempo, de parte integrante e indissociável do predicado, numa espécie de sincretismo sintático. Seria absurdo atribuir ao pronome, nestes casos, valor reflexivo: se matar, se assassinar não são, em absoluto, sinônimos de matar/assassinar a si próprio, equivalência inaceitável em casos como estes.)
- 118) não se faltava com o respeito 75/41
- 119) a correção das provas faz-se até com computadores 76/5  
(Outro caso de prolepse do objeto direto.)
- 120) não se dizia "reprovado", não é? 76/6
- 121) [o indivíduo] podia fazer num exame, 12 matérias, depois limitou-se isto 76/8

- 122) naquele tempo, a Psicologia nem se falava dela 76/15  
(Aqui, um caso de anacoluto com o objeto indireto - Psicologia - topicalizado.)
- 123) hoje, fala-se exageradamente da Psicologia 76/15
- 124) isso foi um problema que se observou sempre aqui 76/28
- 125) quando não se devia comer carne, não se comia carne 76/36
- 126) excluía-se a carne da alimentação, né? 76/36
- 127) posteriormente é que se deixou de fazer isso 76/36
- 128) ... e criou-se a religião protestante 76/40
- 129) hoje em dia está se exportando muita coisa 141/ 2
- 130) tem esse minério de ferro que se exporta aí em Mato Grosso 141/ 2
- 131) [o Brasil] ainda importa muita coisa. Muita coisa que não se tem aqui 141/ 3  
(Admitida a conversão para a passiva pronominal, teríamos a seguinte "equivalência": "\*muita coisa que não é tida aqui".)
- 132) se exportava café e se importava o quê? 141/ 4
- 133) aquele dinheiro todo que se tinha em depósito no exterior 141/ 4  
(Aqui, a "equivalência" se revelaria ainda mais absurda: "\*aquele dinheiro todo que era tido ...")
- 134) hoje em dia, se fabrica muito por aqui 141/ 5
- 135) ainda se importa muita coisa 141/ 6
- 136) se faz um encontro de contas 141/ 6
- 137) mas como é que se faz esse controle? 141/ 6
- 138) qual é o mecanismo que se utiliza nesse controle? 141/ 6

- 139) como é que se conserta aquela máquina? 209/ 2
- 140) como é que se limpa aquela máquina? 209/ 2
- 141) como é que se põe o rolo de papel? 209/ 2
- 142) a pouca consideração que se dá a profissionais de determinadas profissões 209/ 6
- 143) a consideração que se terá por esses profissionais irá aumentando 209/ 8
- Façamos a dita "equivalência": "\*a consideração que será tida..."
- 144) enquanto houver essa diferença de classe , não se pode de maneira nenhuma se pensar que se alcançou o progresso 209/ 8
- (O segundo se é redundante em relação ao primeiro e dá a impressão de ter sido usado pelo informante com finalidade expletiva ou enfática.)
- 145) não se pode nunca nivelar por baixo 209/ 9
- 146) ao contrário do que era de se esperar... 209/ 9
- 147) porque uma moça de família não se faltava com o respeito 209/15
- 148) não se pode abrir uma regra 209/22
- 149) não adianta se comprar uma aparelhagem 209/24
- 150) Tenta-se fazer uma análise do ensino de portugueses 356/ 2
- 151) no capítulo sobre fonética, definiam-se a disciplina 356/ 5
- 152) dizia-se que havia vogais e consoantes 356/ 6
- 153) procurou-se evidenciar a atitude dos escritores 356/ 7
- 154) em vez de se ampliar o âmbito do ensino, ... 356/10

- 155) a crítica geral que se pode fazer é esta: há uma mistura geral de conceitos 356/13
- 156) que se motive o aluno, que se proponha um tema 356/14
- 157) que não se sugira o do MEC, mas que se sugira um outro 356/16
- 158) e uma outra sugestão é que se faça um curso de redação 356/17
- 159) as vantagens de se colocar a redação no vestibular 356/18
- 160) com base em textos apropriados, procura-se medir os conteúdos programáticos 356/21
- 161) atenuou-se a carga de memorização 356/21
- 162) não se perguntou o que é uma concessão 356/22
- 163) os costumes exógenos, como se costuma dizer hoje em dia 391/13
- 164) no subúrbio se roubava muita galinha antigamente 391/15
- 165) via-se mais a parte de silos 391/18
- 166) não se ataca, não se coíbe 391/26
- 167) estudava-se muito no primário 210/ 2
- 168) o que era que se usava? 210/17
- 169) Ela está fazendo, como se diz, uma passagem da quele contato 210/19
- 170) conversava-se no portão 210/26
- 171) procurava-se saber, né? 210/26
- 172) já se passeava na rua 210/27
- 173) aí, as moças, como se dizia, fugiam, né? 210/28
- 174) Dava-se parte à polícia 210/28

- 175) e não se podia comentar esse tipo de coisa 210/36
- 176) até quando se viajava, levava (sic) aqueles  
baú (sic) de folha 210/38  
(Há uma assimetria sintática entre se viajava  
e levava, com a omissão neste último do pronome  
(se-IIS Ø ?). Seria de se esperar o paralelismo  
se viajava/se levava, já que ambos os  
verbos estão sendo usados impessoalmente. Te-  
ria sido pressentida a reiteração do pronome  
como redundância pela informante?)
- 177) quais as dificuldades que há de se preparar  
uma galinha? 29/24
- 178) ainda se usa combinação? Não sei... 96/3
- 179) com saia, não deve se usar 96/3
- 180) como se chama essa malha? 96/4
- 181) ruge não se usa mais 96/10
- 182) eu quero saber o que normalmente se come na  
sua casa 152/5
- 183) às vezes, come-se mais de um ovo 152/6
- 184) agora, compra-se muito iogurte 152/15
- 185) não é que não se brincasse, brincava (sic) sim 152/19  
(Aqui, a omissão do se-IIS em brincava (cf.  
brincava-se, como seria de se esperar), parece  
também obedecer a uma certa terapêutica lin-  
güística intuitiva por parte do informante: o  
pronome já havia sido usado em se brincasse,  
para quê torná-lo redundante em se brincava? A  
cada passo, deparamos com a terapêutica lin-  
güística descrita e definida por Gilliéron.)
- 186) os textos eram escolhidos sobretudo até Camilo  
Castelo Branco, até Camilo se ia 356/8

- Verbo singular + nome plural

Ainda nesta parte referente ao se-IIS, apresentaremos a seguir um elenco de frases representativas do modelo aluga-se casas (vb. sing. + nome plural), isto é, representativas da estrutura sintática impessoal [suj. Ø + vb. 3<sup>a</sup> p.s. + se-IIS + nome pl.].

Aparecem aqui também as variantes dessa estrutura, a saber:

a). [Suj. Ø + infinit. imp. + se-IIS + nome pl.]

ex.: Trabalhava-se para se obter fundos.

b) [Suj. Ø + v. aux. 3<sup>a</sup> p.s. + se-IIS + v. princ. + nome pl.]

ex.: Está se usando casaquinhos hoje em dia.

As frases dos Inquéritos NURC são as seguintes:

- |  |        |
|--|--------|
| 187) eu já trabalhei em campanhas financeiras para <u>se obter fundos</u>                | 47/ 3  |
| 188) quando <u>se levanta</u> um braço, <u>se vê as cuecas em</u> baixo                  | 92/24  |
| 189) levei calças compridas, casaco, mantô e uns costumes <u>que se usava</u> na ocasião | 222/ 5 |
| 190) <u>se usava</u> aqueles mantôs  | 222/ 6 |
| 191) casacas assim, brasileiras, <u>que se usou</u>                                      | 222/ 8 |
| 192) <u>se usa meias</u> aqui também   | 222/13 |
| 193) eu ainda peguei o tempo em que <u>se usava calça,</u> <u>sutiã e combinação</u>     | 222/13 |
| 194) antigamente, <u>fazia-se cachinhos</u>  | 222/18 |

195) não se pintava muito os olhos	222/19
196) antigamente, se usava mais jóias	222/22
197) agora, está-se usando também esses casaquinhos	222/25
198) nós fazíamos naquela época o que se chamava exames parcelados	244/10
199) sempre se critica certos métodos de castigos que hoje em dia não se admite de maneira nenhuma	244/14
200) ao vagabundo não se vai dar as mesmas oportunidades que ao trabalhador	209/ 9
201) não se exportava os minérios	141/ 1
202) nós estudávamos assuntos que hoje se estuda no ginásio	210/ 3
203) forma-se grupos de oito a dez pessoas	264/29
204) naquela época, não se usava as pernas da calça tão largas	222/ 4

#### - Impessoal com concordância

Deste elenco constam frases do tipo alugam-se casas: verbo transitivo direto na 3<sup>a</sup> pessoa do plural em concordância atrativa com o nome plural que se lhe segue. Trata-se da falsa concordância a que já nos referimos neste trabalho, o que não retira a essas frases o seu valor ativo e impessoal (cf. aluga-se casas), tanto assim que Bernard Pottier as classifica de "impessoal com concordância", terminologia que adotamos neste subtítulo.

Chamamos a atenção para a presença dessas frases nos Inquéritos NURC. Elas revelam que, mesmo na língua oral, os resquícios do ensino gramatical-escolar não deixam de impreg-

nar a fala de informantes cultos.

Dissemos informantes, e não falantes. É que, no caso, os falantes cultos, objeto das pesquisas lingüísticas do Projeto NURC, encontram-se na condição de informantes. E, tendo um microfone diante de si, compenetram-se de sua importância e responsabilidade e, nessas circunstâncias, procuram "caprichar" no vernáculo. Ora, a primeira área da sintaxe a ser "caprichada" é, naturalmente, a da concordância, tanto a nominal quanto a verbal. Entretanto, a contraparte desse zelo sintático um tanto artificial é o fato de, às vezes, um mesmo informante emitir frases impessoais com concordância (aluga-se casas) em certos trechos da gravação e, alguns minutos depois, em condições de elocução mais espontânea, "escorregar" na sintaxe e repetir essas mesmas frases impessoais sem a referida concordância (aluga-se casas). Quer dizer, em circunstâncias distensas de elocução, os resquícios do autopatrolhamento gramatical se neutralizam e dão lugar à intuição de falante nativo existente em cada informante, cujo sentimento de gramaticalidade e competência os faz sentir semelhantes frases como portadoras de valor ativo e impessoal, esteja o verbo seguido de nome singular (aluga-se casa) ou plural (aluga-se casas).

Seja como for, o repertório de exemplos abaixo confirma o que dissemos em outra parte deste trabalho com relação à referida construção no âmbito da língua escrita: o modelo impessoal com concordância é o que ainda predomina no português culto do Brasil, embora concorrendo com a sua contraparte sem

concordância. Mas vamos às frases retiradas dos Inquiridos NURC:

205) como é que se classificavam as pessoas? 5/29

206) é um tipo de papagaio daqueles que se vendem  
em Copacabana 92/9

207) quando eu estive nos EUA, estavam-se usando a-  
queles calças bem largas 222/4

(Aqui, um exemplo da vacilação a que nos referíamos há pouco. Esta mesma informante responsável pela frase impessoal com concordância acima, minutos depois, saiu-se com esta, igualmente impessoal, mas sem concordância: "naquela ocasião, usava-se aqueles mantôs" (222/5). E mais adiante reitera várias vezes o "erro", ao dizer: "então eu levei calças compridas, ca saco, mantô e uns costumes que se usava na ocasião". (222/6); "casacas assim, brasileiras, que se usou" (222/8); "se usa meias aqui também" (222/13); "antigamente fazia-se cachinhos" (222/18); "não se pintava os olhos" (222/19); "antigamente, se usava mais jóias" (222/22); "agora está-se usando também esses casaquinhos" (222/25). Seria o caso de se perguntar: onde a informante é ela mesma? Ou melhor, onde a informante coincide com a falante? Pensamos que a resposta se encontra em todas as frases acima, com exceção da primeira. Esta ("estavam-se usando aquelas calças", em nítida contradição com "está-se usando esses casaquinhos") parece antes um caso de síndrome do gravador, comum nos primeiros minutos de gravação, período em que o informante ainda se encontra meio tenso e então toca a "caprichar" na sintaxe.)

208) é preciso (sic) consultores para verificar jun-

- to ao governo as leis que se promulgam ou se pretendem promulgar 244/4
- 209) são orações que se fazem novamente 244/22  
 (Mais exemplos da vacilação a que nos referimos. Este mesmo informante do Inquérito 244, que se formalizara na concordância nas frases acima, em outro passo, mais espontâneo, deixou escapar as frases seguintes, igualmente impessoais, porém sem concordância: "hoje se subdividiu as atividades" (p. 4); "sempre se critica certos métodos" (p. 14); "nós fazíamos o que se chamava exames parcelados" (p. 10). Parece-nos que nestas três últimas frases é que o informante e o falante se reconciliam, em sintonia com a sintaxe viva do português do Brasil.)
- 210) como é que se chamam os membros desse Tribunal? 346/8
- 211) se respeitavam os dias de jejum e abstinência 75/15
- 212) quando se criaram as faculdades, começou-se a criar isso, não é? 76/11  
 (Atente-se para o paralelismo sintático-semântico existente entre as duas orações, ambas de valor ativo e impessoal, apesar da "concordância" presente na 1ª oração.)
- 213) hoje se dá um nome, e se oferecem atividades 76/11  
 (Vide comentário acima, válido também para este caso.)
- 214) classificavam-se as vogais e as consoantes 356/6
- 215) davam-se informações não só de literatura, mas da realidade brasileira 356/8
- 216) que se promovam concursos na Faculdade de Letras 356/18
- 217) hoje em dia já se usam sapatos esportivos 96/6

#### 4.3. Fronteiras ambíguas

Para ilustrar este item selecionamos alguns casos que poderiam, dentre outros, ser argüidos como exemplos típicos da ambigüidade inerente à voz medial.

A maioria das frases abaixo já foi classificada neste capítulo em seu espaço próprio, tendo em vista a função ou a atribuição sintática desempenhada pelo pronome se, e em coerência com as razões e convicções expostas ao longo deste trabalho. Contudo, por entender que a classificação a elas atribuída pelo nosso entendimento não lhes retira a possibilidade de outras interpretações, achamos conveniente pinçar de nosso inventário alguns espécimens representativos das possibilidades de dissimulação e obliquidade do nosso pronome reflexivo.

Abrir semelhante subtítulo — fronteiras ambíguas — não significa, ipso facto, abrir mão de nossas convicções. Queremos, isto sim, demonstrar, em coerência com o espírito científico sobre o qual este trabalho procura se estruturar, que, para além de um certo grau de ambigüidade inerente à voz medial, o estado atual das pesquisas sobre sintaxe, no português do Brasil, ainda não nos permite dispor, no caso específico do pronome se, de descrição precisa, tanto quanto possível, do comportamento sintático desse reflexivo.

Referimo-nos, no caso, a pesquisas que pudessem retratar, na medida do possível, já que o terreno da voz medial é semovente por natureza, o sentimento dos falantes em relação a certas frases mediais. Nesse sentido, pensamos ter ofereci

do nossa contribuição com este trabalho, o qual, além de expressar os pontos de vista lingüísticos do pesquisador, procura refletir também o nosso sentimento de falante nativo diante das frases reflexivas aqui apresentadas.

Vale lembrar, a propósito, certa passagem do Dificuldades de Said Ali. Referindo-se à ambivalência própria da voz medial, o ilustre filólogo menciona uma frase citada por Bréal no seu Sémantique: Les grands poids se transportent mieux par la voie maritime. Esta frase pronominal, dependendo do ponto de vista adotado, poder-se-ia prestar a uma dupla interpretação, conforme observa Said Ali:

A meu ver, na frase citada (e mutatis mutandis nas outras que não vale a pena de aqui reproduzir), tanto se pode enxergar a idéia passiva, Les grands poids sont transportés mieux par la voie maritime, como a idéia ativa On transporte mieux les grands poids par la voie maritime.<sup>1</sup>

Mais adiante, cuidadoso, o Autor adverte para os riscos de se analisar essas frases mediais através de substituições e equivalências, nem sempre partidas de premissas corretas:

(...) analisar indiretamente, por meio de

---

<sup>1</sup> SAID ALI, Op. cit., p. 96.

substituições, é dar asas à fantasia.<sup>2</sup>

Interpretamos a advertência de Said Ali como, na verdade, uma tentativa de chamar a atenção para a necessidade de pesquisas que consigam detectar, com um grau razoável de fidelidade, o sentimento dos falantes em relação a certos tipos de frase medial. No caso específico de uma frase pronominal como Os grandes pesos se transportam por via marítima, pensamos que a tendência atual do português do Brasil é interpretar a mesma como portadora de valor ativo e impessoal. Trata-se, no caso, de uma variante da frase de sujeito indeterminado Transporta-se os grandes pesos..., com a prolepse (cf. topicalização) do objeto direto grandes pesos e a concordância atrativa do verbo - se transportam - com o referido objeto plural (impessoal com concordância, como diz Pottier).

Não obstante os parâmetros de análise desenvolvidos ao longo deste trabalho, e sem pretender "dar asas à fantasia", vejamos a seguir alguns casos representativos das chamadas fronteiras ambíguas, todos extraídos dos Inquéritos NURC. Após os exemplos, há um breve comentário sobre as possibilidades de interpretação de cada frase, assim como sobre as respectivas funções/atribuições sintáticas do pronome se.

Exs.:

1) como se chama essa malha?

55/4

---

<sup>2</sup> SAID ALI, Op. cit., p. 96.

- a) chamar como transitivo direto, na acepção de denominar, dar nome a, designar → voz ativa impessoal, sujeito indeterminado, obj.direto = essa malha, se-IIS;
- b) chamar-(se) como verbo acidentalmente pronominal, no sentido de ter nome (port. arc.: haver nome) → voz passiva pronominal (= "como é chamada essa malha?") para a norma culta formal, suj.: essa malha, se-PA.

Por uma questão de coerência, inclinamo-nos pela primeira interpretação. Além de nos parecer a mais consentânea com a sintaxe viva do português do Brasil em situações como esta em que aparece o verbo chamar no sentido de dar nome a, denominar. Não sentimos o verbo, na frase acima, como pronominal, no sentido de ter nome. Parece-nos que o valor da frase em questão é nitidamente ativo e impessoal, isto é, "como se denomina = como denominam essa malha?". A informação semântica parece-nos centrada no predicado verbal, mais precisamente no seu núcleo (se chama), com o pronome reflexivo desempenhando a atribuição sintática de se-IIS e, ao mesmo tempo, de parte integrante e indissociável do predicado. A posposição do substantivo malha em relação ao verbo, na posição românica de objeto, reforça a interpretação que demos à frase e, por outro lado, faz com que se consuma nesse nome-objeto o acontecimento verbal transitivo e impessoal centrado no predicado.

Naturalmente, para a doutrina gramatical vigente, a referida frase será interpretada como um exemplo de voz passiva pronominal, quer se considere o verbo chamar como transitivo direto no sentido de denominar, quer se lhe atribua a acepção de ter nome, específica de seu emprego pronominal. No âmbito gramatical da língua, portanto, uma frase do tipo "como se chama essa malha?" será vista como equivalente a "como é chamada essa malha?" ou "como é denominada essa malha?", tendo o reflexivo, neste caso, a atribuição sintática de se-PA.

Outros exemplos há nos Inquéritos NURC em que o verbo chamar (= denominar, dar nome a), não-pronominal é usado impessoalmente, com o pronome reflexivo funcionando, nestes casos, como se-IIS e não como se-PA, segundo o nosso entendimento. Vejamos alguns casos:

- 2) como é que se chamava isso? 5/22
- 3) hoje, chama-se artigo 101 ou 99, mas naquele tempo chamava-se exatamente parcelados 244/10  
(Atenção aqui: verbo impessoal na 3<sup>a</sup> pess. do sing. + nome plural.)
- 4) e aí você concluía o que se chamava de exames parcelados 244/9  
(Aqui, com o predicativo do objeto preposicionado.)
- 5) então você tinha a escola, que hoje você chama, como é que se chama? 244/10
- 6) a biologia que se chama hoje era chamada de história natural 244/10

Note-se o paralelismo semântico existente entre as duas orações – se chama, era chamada –, já que em ambas está ausente a figura do agente responsável pela ação verbal, apesar (ou justamente por causa) da assimetria sintática existente entre as duas construções: a 1ª com valor ativo e impessoal; a 2ª de valor passivo e pessoal, mas ambas com agente  $\emptyset$ . Por isso, e em coerência com nossos pontos de vista, pensamos ser correta a classificação de se chama como uma oração de sujeito indeterminado (cf.: "chama-se [isto] hoje biologia"), exercendo o pronome reflexivo, neste caso, a atribuição sintática de se-IIS; quanto a isto e biologia desempenhariam, respectivamente, as funções de objeto direto e predicativo do objeto.

Parece-nos que somente o uso pronominal (ou pronominalizado) do verbo chamar-se + substantivo próprio, no sentido específico de ter nome (haver nome, no port. antigo), retire a possibilidade de emprego impessoal, como de resto acontece com os verbos pronominais em geral. Por exemplo, em "como se chama esse menino?" ou "como se chama essa cidade?", estamos diante do uso pessoal do verbo, funcionando os substantivos menino e cidade como núcleos do sujeito, tanto na frase interrogativa quanto na afirmativa: "esse menino se chama Pedro", "essa cidade se chama Petrópolis". A nosso ver, nestes casos, o pronome reflexivo desempenha a atribuição sintática de se-PIV, e não de se-IIS ou de se-PA. Naturalmente, os limites entre as duas acepções do verbo chamar-(se) são sutis e fugidios, devido às imbricações mútuas existentes entre os dois usos, o pronominal e o não-pronominal, daí a frontei-

ra ambígua que faz oscilar a classificação do reflexivo entre se-IIS e se-PA de um lado ("como se chama isto?"), e se-PIV e se-PA de outro ("como se chama esse menino?")<sup>3</sup>.

Mas passemos adiante, estudando outros casos de fronteira ambígua na classificação do nosso se, essa palavrinha oblíqua e dissimulada.

7) caruru é um prato que se mantém em respeito  
de Santa Bárbara

29/16

Este é um exemplo dos mais representativos da ambigüidade própria da voz medial. A frase acima prestar-se-á, segundo a leitura que dela se fizer, a três interpretações, a saber:

- a) valor ativo e impessoal, manter = conser  
var, vb. trans. direto, prato = obj. di-  
reto, se-IIS;
- b) valor medial dinâmico, manter-se = con-  
servar-se, vb. pronominal acidental ,  
prato = sujeito (personificado), reflexi-  
vo funcionando como uma espécie de obj.  
direto figurado ou se-PIV ad hoc, já que  
o verbo não é essencialmente pronominal;

---

<sup>3</sup> Sobre a sintaxe do verbo chamar-(se), ver BARRETO, Mário. *Fatos da língua portuguesa*, pp. 37-42.

- c) valor passivo pessoal, manter = vb.  
trans. dir. apassivado, prato = sujeito  
paciente, passiva pronominal ("... um  
prato que é mantido..."), se-PA.

A 3<sup>a</sup> interpretação é, naturalmente, a recomendada pela doutrina gramatical.

De nossa parte, pensamos que, pelas características sintáticas da frase acima (nome - prato - anteposto ao verbo + verbo acidentalmente pronominal), a 2<sup>a</sup> interpretação talvez seja a que mais fielmente corresponde ao sentimento linguístico dos falantes em geral.

Quanto à 1<sup>a</sup> interpretação, embora viável sintaticamente, pensamos ser menor o seu grau de aceitação. A nosso ver, trata-se de um problema de semântica pragmática, a ser dirimido contextualmente.

- 8) é mais ou menos dessa maneira que se compõe  
o governo do país

182/17

Este passo presta-se, a princípio, a duas interpretações:

- a) valor medial dinâmico, compor-se, verbo acidentalmente pronominal = constituir-se, suj. = governo (personificado), se-PIV;

b) valor passivo, compor, verbo transitivo direto apassivado = constituir, suj. paciente = governo, passiva pronominal (se compõe = é composto), se-PA.

Aqui, o reflexivo oscilaria entre as atribuições sintáticas de se-PIV e se-PA, esta última, a preferida pela doutrina gramatical.

Uma 3ª possibilidade de interpretação seria a de se ver na frase acima valor ativo e impessoal, já que o verbo compor, interpretado como transitivo direto + nome, se enquadraria na estrutura sintática impessoal [suj. Ø + v. 3ª p.s. + se-IIS]. Interpretação viável sintaticamente, seu grau de aceitação é até maior que o da frase anterior ("prato que se mantém"), uma vez que no presente caso o nome (governo) achase posposto ao verbo, na posição normalmente reservada ao objeto. Parece-nos, contudo, que o caráter contextualmente pronominal do verbo compor-se = constituir-se remeteria antes à 1ª interpretação, recebendo o reflexivo, neste caso, a atribuição sintática de se-PIV.

- 9) elas [as crianças] já se criam frente à TV 373/1
- 10) [são] estados psíquicos especiais que se criam em consequência disso 76/30

No 1º exemplo acima, a classificação do pronome reflexivo oscilaria entre as atribuições sintáticas de se-PIV (valor medial dinâmico, interpretação mais imanente, mais lin-

güística, criar-se, verbo pronominal no sentido específico de crescer, tornar-se adulto, educar-se, elas = sujeito) e se-PA (valor passivo, interpretação transcendente, mais lógica, criar-se = são criados, são educados, elas [as crianças] = suj. paciente).

Já na 2ª frase, o verbo criar-se tem o sentido de originar-se, formar-se. Se visto como pronominal, numa frase típica da voz medial dinâmica, o reflexivo pode ser classificado como se-PIV; se interpretado o verbo como transitivo direto apassivado (se criam = são criados), o pronome pode ser encarado como se-PA. Naturalmente, pelas razões analisadas neste trabalho, a doutrina gramatical vê o reflexivo como se-PA tanto na 1ª quanto na 2ª frase. De nossa parte, e ainda pelas razões por nós apresentadas, preferimos, em casos como este, ver o reflexivo como um objeto direto figurado, integrado ao verbo, com o qual forma uma unidade morfossintática indissociável, exercendo portanto, a atribuição de se-PIV, ainda que uma espécie de se-PIV ad hoc, já que o verbo criar-se não é privativamente pronominal.

### Resumo

Encerrando este capítulo, diremos que os exemplos de fronteira ambígua, de vacilação na classificação sintática do pronome reflexivo se, poder-se-iam multiplicar ad libitum e ad infinitum, por isso procuramos selecionar apenas os casos re-

almente representativos da ambivalência medial, sem o quê nos alongaríamos desnecessariamente.

Nesse sentido, não consideramos como fronteira ambígua a classificação do reflexivo em frases do tipo aluga(m)-se casa(s), aceita(m)-se encomenda(s), com verbo transitivo direto + se. Segundo o nosso entendimento, e que é também o de parte importante dos filólogos brasileiros e portugueses, os falantes sentimos essas frases como portadoras de valor ativo e impessoal, exercendo o pronome, desse modo, a atribuição sintática de se-IIS, e não de se-PA, como preconiza a doutrina gramatical em vigor. Nesses casos, portanto, nada de fronteira ambígua, pensamos nós.

Também estão excluídos da interpretação ambígua os casos de voz medial dinâmica com se-PIV, isto é, sujeito + verbo pronominal, do tipo "o paciente se internou", "as crianças se criam", etc. Pela lógica da tradição gramatical, essas frases são vistas igualmente como portadoras de valor passivo ("o paciente foi internado", "as crianças são criadas", etc.),<sup>4</sup> recebendo o reflexivo a classificação de se-PA. Também nestes casos, portanto, nada de fronteira ambígua, já que entendemos estar o reflexivo exercendo a atribuição de se-PIV.

Enfim, procuramos classificar o pronome se nas frases pesquisadas nos Inquéritos NURC em coerência com os pontos de vista teóricos desenvolvidos no corpo desta tese, por entendermos que tais pontos de vista refletem, com a fidelidade possível e com honestidade de propósitos, a evolução diacrônica e o comportamento sincrônico do nosso reflexivo.

<sup>4</sup> Kury chama esses casos de reflexiva aparente. Cf. KURY, A.G. *Para falar e escrever melhor o português* (1989), p. 186.

Antes de passarmos às conclusões finais desta tese , gostaríamos de apresentar um quadro-síntese do comportamento do pronome se, tal como este se apresenta nos Inquéritos NURC ora analisados.

Total de ocorrências do reflexivo se — 414  
 Total de frases pesquisadas ————— 391  
 Total de horas de gravação ————— 20h

Total de <u>ocorrências</u> com		em %
a) <u>se</u> -OD	7	1,70
b) <u>se</u> -OI	0	0
c) <u>se</u> -SI	1	0,24
d) <u>se</u> -PR	0	0
e) <u>se</u> -PIV	167	40,33
f) <u>se</u> -IIS	239	57,73
	414	100,00

Como se constata pelos dados acima, o número de ocorrências em que o reflexivo exerce a atribuição sintática de se-IIS é, em relação às demais, proporcionalmente muito grande: 57,73% do total<sup>5</sup>. Em segundo lugar, aparece o se-PIV com

<sup>5</sup> Chamamos a atenção para esse predomínio da estrutura sintática impessoal com se-IIS, detectada nos Inquéritos NURC por nós pesquisados. A intensificação desse processo de mascaramento sintático do sujeito, revelada no discurso dos informantes, teria alguma relação com o período autoritário de governo sob o qual vivia o país na década de 70, época em que as gravações do Projeto NURC foram realizadas? Ter-se-ia aí um exemplo do que acontece com o inconsciente linguístico coletivo sob circunstâncias políticas adversas e de cerceamento das liberdades democráticas? Ou tudo não passará apenas de u'a mera coincidência? Trata-se de indagações pertinentes, no caso, às quais só cuidadosas pesquisas sociolinguísticas pudessem talvez oferecer respostas esclarecedoras.

40,33%. Em número de ocorrências, essas duas atribuições sintáticas representam 98,06% do total, u'a maioria significativa. Tínhamos consciência (devido aos estudos teóricos desenvolvidos neste trabalho) de que a voz medial dinâmica (medial lato sensu) representa o lado mais produtivo da medial analítica herdada do latim vulgar pelo português, mas os números aqui retratados nos surpreenderam: o total de ocorrências com se-PIV e se-IIS, ambos representantes típicos da medial dinâmica, é de fato surpreendente.

Gostaríamos de acrescentar ainda mais um dado que julgamos da maior relevância: a predicação dos verbos usados impessoalmente junto aos quais aparece o se-IIS. São os seguintes os números:

<u>se-IIS</u> → <u>ocorrências com verbo:</u>		<u>em %</u>
a) intransitivo	52	21,76
b) de ligação	1	0,42
c) trans. direto	177	74,06
d) trans. indireto	7	2,93
e) trans. dir./ind. (biobjetivo)	<u>2</u>	<u>0,83</u>
	239	100,00

Como se vê pelos dados acima, os verbos transitivos diretos foram justamente os mais usados na estrutura sintática impessoal [suj.  $\emptyset$  + v. 3<sup>a</sup> p.s. + se-IIS + (nome)]: 74,06% do total de ocorrências.

Esse resultado só faz confirmar os pontos de vista desenvolvidos neste trabalho no que diz respeito à inclusão ,

por parte da doutrina gramatical (DG), dos verbos transitivos diretos na referida estrutura sintática impessoal (aqui, no caso, a DG veria nesse resultado 74,06% de se-PA). A nosso ver, aceitar como passível de interpretação ativa e impessoal, através da mencionada estrutura sintática, os verbos intransitivos, transitivos indiretos e de ligação - 75% da predicação verbal - e deixar de fora os 25% restantes, isto é, os transitivos diretos, justamente o lado mais produtivo da predicação verbal portuguesa, revela dissonância com o entendimento que dessa construção fazemos os falantes em geral de portugueses do Brasil.

Chamamos a atenção também para outro ponto importante: o fato de a construção impessoal stricto sensu - impessoal sem concordância, digamos assim - com verbo transitivo direto na 3<sup>a</sup> p. sing. + nome plural (tipo aluga-se casas) ocorrer 19 vezes contra 14 ocorrências da construção impessoal com concordância (tipo alugam-se casas). Ou seja, em termos percentuais, o tipo aluga-se casas representa a maioria das ocorrências, com 57,58% do total contra 42,42% do tipo alugam-se casas. Esses dados confirmam e projetam a tendência observada no português do Brasil, mesmo entre falantes cultos, para considerar impessoal a referida construção. A ausência de concordância entre o verbo e o nome plural que se lhe segue - a par do modelo impessoal com pseudoconcordância, como diria Said Ali - configura uma realidade da sintaxe viva do português do Brasil, conforme o previram eminentes estudiosos do assunto como Sotero dos Reis, Said Ali, Nascentes, Lessa, Barbadinho, Rodrigues Lapa e Celso Luft, dentre outros, ao la

do dos quais modestamente nos colocamos com este trabalho.

De nossa parte, continuamos, agora mais do que no início desta tese, a acreditar em nossos pontos de vista e em nossas convicções. Para nós, a exclusão dos verbos transitivos diretos da referida estrutura sintática impessoal se apresenta, no estágio atual da evolução sintática da língua, como uma postura ultrapassada e contraditória em relação ao sentimento de gramaticalidade dos falantes em geral de português do Brasil.

E já que se falou em português do Brasil, pensamos que, nesse sentido, o material lingüístico oferecido pelos Inquiridos NURC deveria merecer maior atenção por parte dos pesquisadores. Trata-se de material riquíssimo e que abre perspectivas ilimitadas na área de pesquisas em língua portuguesa. No caso da sintaxe, para ficarmos em nossa seara, temos a curiosidade de saber, dentre outras coisas, qual a proporção de emprego do processo sintático de indeterminação do sujeito através do se -IIS em comparação com outros processos, como o lexical, por exemplo.

Esta e outras indagações nos fascinam, nos espicaçam a curiosidade lingüística e — quem sabe? —, um dia, talvez, posamos delas nos ocupar.

Por ora, passemos às conclusões finais desta tese, que já vai longa e penosa esta peregrinação cansada nossa pelos meandros sintáticos do pronome se.

## 5. CONCLUSÕES

5.1. Relativas ao latim

5.2. Relativas ao português

5.3. Reflexões finais

## 5. CONCLUSÕES

Ao fim e ao cabo de pesquisas, reflexões pessoais e a preciações críticas dedicadas ao estudo da evolução histórica e do comportamento sintático do pronome se, chegamos às conclusões ora apresentadas.

Para um bom entendimento do que se vai ler a seguir, procuramos elaborar uma síntese dos pontos principais relativos aos assuntos aqui tratados, e em coerência com o título-tema desta tese.

Em vista disso e diante do exposto ao longo deste trabalho de introspecção pancrônica do nosso reflexivo, apresentamos as conclusões seguintes, discriminadas por partes, a saber:

### 5.1. relativas ao latim

#### a) clássico

1) Começemos pela categoria gramatical das vozes verbais.

O latim herdou do indo-europeu as vozes ativa e medial, esta última com três valores, transmitidos ao latim, que posteriormente os transmitiu ao português: medial refle-

xiva, medial recíproca e medial dinâmica.

2) Detenhamo-nos na questão da voz medial.

No latim clássico (LC), o pronome se tinha valor unicamente reflexivo ou medial, usado apenas no caso acusativo como complemento de verbo transitivo direto e refletindo sempre uma ação praticada por um sujeito de 3ª pessoa.

3) Nesse sentido, o pronome se podia ser usado para expressar os três valores da voz medial:

a) medial reflexiva: Petrus se laudat.

b) medial recíproca: Petrus et Maria se amant.

c) medial dinâmica, com verbos tornados pronominais indicadores de cuidados corporais (se vestire), estados de espírito (se indignare), movimento (se exercere), ocultamento (se abscondere), afastamento (se eximire), etc.

4) É a voz medial dinâmica que possibilita o emprego do pronome se com valor expletivo (medial expletiva) junto a verbos intransitivos de movimento.

5) É também a medial dinâmica que irá permitir o uso do reflexivo com sujeitos inanimados, fato não muito comum na literatura clássica, numa espécie de personificação metafórica do referido sujeito e, ipso facto, do pronome-acusativo se.

6) Havia também a possibilidade de o pronome ser usado referindo-se a um sujeito vago e indefinido, sintaticamente não expresso na oração; esse emprego podia ocorrer com verbos tanto na voz ativa como na passiva sintética impesso-

al (cf. no português, a indeterminação sintática do sujeito com se-IIS).

7) No latim clássico, o pronome se não tinha valor passivo ou apassivante, nada que fizesse lembrar o nosso pro nome apassivador (se-PA) na chamada passiva pronominal, esta, uma criação românica.

8) No que se refere à indeterminação do sujeito, o LC usava para esse fim tanto a voz ativa quanto a passiva, explorando, desse modo, recursos morfossintáticos e sintáticos.

9) Das construções ativas impessoais algumas passaram ao português: dicunt (dizem), dicit (diz (que)), etc.

10) Na voz passiva, a impessoalidade verbal era expressa pela:

a) passiva analítica (passiva stricto sensu, criação latina, tempos do perfectum): scriptum est, scriptum erit;

b) passiva sintética (originária da voz medial do indo-europeu, também chamada de médio-passiva, tempos do inflectum): v. intr.: itur, vivitur; trans. ind.: invidetur potentibus.

11) Vale lembrar que:

a) essas construções passivas – tanto as analíticas quanto as sintéticas – tinham, na verdade, valor ativo, a par do impessoal;

b) nenhuma das construções passivas impessoais do LC passou ao português.

12) Temos, portanto, que no LC o pronome se era empregado exclusivamente com valor reflexivo ou medial, desempenhando a função sintática de acusativo (obj. direto) e eventualmente, em circunstâncias sintáticas específicas, a de sujeito de infinitivo (accusativus cum infinitivo).

b) vulgar

1) No latim vulgar (LV), as três vozes verbais sofreram alterações.

A voz ativa foi ampliada pela inclusão dos verbos depoentes, que, com a perda das desinências de passiva, passaram para a conjugação ativa; a medial não só se conservou como teve seu emprego ampliado pela possibilidade de os ex-depoentes, tornados ativos, serem usados pronominalmente; além disso, o deslocamento do valor médio contido na passiva sintética (médio-passiva) para construções pronominais contribui potencialmente para uma ampliação do emprego da voz medial. Quanto à voz passiva, esta sofreu uma completa reformulação, a saber:

2) A busca de clareza, representada sintaticamente pela natureza analitizante do LV, realocou os valores médio e passivo contidos na passiva sintética clássica,

a) deslocando o valor médio (medial sintética) para construções pronominais (medial analítica): me moveo (cf. moveor);

b) transferindo in totum o valor passivo propriamente dito para a passiva analítica, revalorizada sinta-

ticamente, nela incluindo os tempos do infectum: amatus sum (cf. amor) = "sou amado", e não "fui amado".

3) Quanto ao valor impessoal da passiva sintética, este encontra correspondência no português em construções pronominais impessoais do tipo vive-se, aluga-se casa, obedece-se aos pais, etc., uma extensão da medial dinâmica vulgar em nossa língua através da estrutura sintática impessoal fossilizada [ sujeito Ø + v. 3<sup>a</sup> p.s. + se-IIS + (nome) ], cuja origem remota talvez possa se situar no próprio LV tardio em um possível desdobramento de formas passivas impessoais (medial sintética) + acusativo (fit orationem, cf. Peregr.) em perífrases verbo-pronominais (medial analítica) de valor igualmente impessoal (\*facit se oratio(nem)).

4) Essa nova medial analítica ampliada pelo LV irá fixar-se em português com os valores reflexivo propriamente dito e medial dinâmico, dando origem às atuais funções e atribuições sintáticas do nosso pronome se.

5) Com relação ao nosso se-PA, resultado da interpretação passiva de construções mediais dinâmicas com sujeito inanimado (a chamada passiva pronominal), pensamos tratar-se de criação românica, visto que, em latim, as construções mediais não tinham valor passivo. Os exemplos apontando a existência da passiva pronominal já no LV são discutíveis.

## 5.2. - relativas ao português

1) Na língua portuguesa, o pronome se, sob o aspecto reflexivo propriamente dito, conservou, em suas linhas gerais, a fisionomia sintática herdada do latim vulgar:

2) da medial reflexiva (medial stricto sensu), as funções de:

a) obj. direto (se-OD): Pedro se feriu; Pedro e Maria se amam;

b) obj. indireto (se-OI): Ela se arroga esse direito;

c) suj. de infinitivo (se-SI): Pedro deixou-se ficar em casa.

3) A função de obj. indireto se justifica pelo facto de a forma arcaica si (LV si < sibi, por analogia com mi < mihi), em posição átona, ter acabado evoluindo para se; em posição tônica, si não sofreu alteração.

4) Quanto à medial dinâmica (medial lato sensu), esta sim, representa para a língua portuguesa o lado mais produtivo e inovador da medial analítica vulgar. Dela receberá o nosso pronome se as atribuições sintáticas de:

a) parte integrante do verbo (se-PIV), com verbos:

- pronominais (ditos essenciais): queixar-se, arrepender-se, etc.;

- pronominalizados<sup>1</sup> (ditos acidentais): sentar-se, casar-se, etc.

b) pronome expletivo ou partícula de realce (se-PR), com certos verbos intransitivos: rir-se, chegar-se, ir-se, etc.;

c) índice de indeterminação do sujeito (se-IIS), em construções impessoais (de agente humano indeterminado) com verbos intransitivos, transitivos e de ligação, nas quais o pronome, esvaziado de seu valor reflexivo, se apresenta cumulativamente como parte integrante e indissociável do predicado, numa espécie de sincretismo sintático: vai-se à Itália, vive-se bem, estuda-se latim, precisa-se de empregada, é-se feliz, etc.

Nas construções mediais em que o pronome se exerce as atribuições acima descritas, o que prevalece é a noção de atividade verbal.

5) No registro culto formal da língua, a medial analítica, empregada com verbos transitivos diretos + sujei-

---

<sup>1</sup> Gladstone Chaves de Melo denomina os pronominais acidentais de pronominais (*Gram. fundamental da ling. port.*, p.103). Nessas circunstâncias, o pronome assume características de reflexivo fossilizado, à feição de se-PIV, o que pode, em certos casos, criar uma fronteira ambígua na interpretação do comportamento sintático do reflexivo, oscilante entre se-OD e se-PIV. Neste trabalho, referimo-nos a esses verbos como pronominalizados.

tos inanimados (estuda-se latim), ou animados tidos pela lógica gramatical como incapazes de praticar a ação verbal (Pedro se vacinou), prestar-se-ã também a uma interpretação passiva – a chamada passiva pronominal (ou sintética). Essa modalidade de passiva é considerada pela doutrina gramatical (DG) como equivalente à passiva analítica geral românica: estuda-se latim = latim é estudado; Pedro se vacinou = Pedro foi vacinado.

É nessas circunstâncias, condicionadas por motivações transcendentais (lógica gramatical) e imanentes (predicação/concordância verbais), ambas passíveis de contestação sintática, que o reflexivo recebe da DG a classificação de pronome apassivador (se-PA).

6) À interpretação passiva das referidas construções pronominais, recomendada pela DG, se contrapõem, no entendimento lingüístico dos falantes:

a) uma interpretação ativa e impessoal: estuda-se latim (cf. alguém estuda latim); se = IIS;

b) uma interpretação medial dinâmica: Pedro se vacinou (ã semelhança de Pedro se casou); se = PIV.

7) Essa oscilação interpretativa (se-IIS/se-PA , se-PA/se-PIV) do comportamento sintático do pronome reflexivo constitui uma das fronteiras ambíguas mais intrigantes e polêmicas da sintaxe portuguesa. Desse modo, tem sido objeto de estudo de filólogos brasileiros e lusitanos, na companhia dos quais nos colocamos com esta tese, que busca, a par

da detecção de tendências, de reflexões pessoais e apreciações críticas, elaborar uma síntese dos contra-argumentos sintáticos à tese da chamada passiva pronominal, no âmbito da filologia portuguesa.

### 5.3. reflexões finais

Após esta síntese geral, gostaríamos de encerrar este trabalho destacando certos pontos importantes e que despertaram a nossa atenção durante a pesquisa. Referimo-nos ao comportamento sintático oblíquo e dissimulado do pronome se, sobretudo no que diz respeito ao português do Brasil.

1) Começamos pelos verbos pronominais. Sua divisão em essencialmente pronominais e acidentalmente pronominais deixa transparecer algumas das dissimulações do nosso pronome.

Pensamos que no eixo paradigmático, o reflexivo tem potencialmente a capacidade de exercer tanto a função de se-OD (medial reflexiva) como a atribuição de se-PIV (medial dinâmica). No eixo sintagmático, contudo, onde relações "in praesentia" deveriam definir concretamente a questão, podem surgir problemas na interpretação do comportamento sintático do pronome.

Entendemos que a diferença entre um se-OD e um se-PIV reside no fato de neste, mais do que naquele, o reflexivo, como expressão da medial dinâmica, representar o mais alto grau de integração do sujeito no processo verbal, uma espécie de integração irreversível, expressa sintaticamente pe-

la fossilização do pronome-objeto e sua integração à conjugação do verbo, dito, neste caso, essencialmente (ou privativamente) pronominal, como, por ex.: arrepender-se, abster-se, ater-se, atrever-se, apiedar-se, afeiçoar-se, dignar-se, queixar-se, suicidar-se, ufanar-se, etc.

Já no caso dos acidentalmente pronominais (pronominalizados), o que se nota é um comportamento ambíguo por parte do pronome, resultado de situações-limite, a saber:

a) Em alguns casos, o pronome se apresenta, à feição de um se-PIV, como que já integrado ao verbo ou em vias de fossilização, como, por ex., em ele vive se lamentando (= se queixando), a par do uso não-pronominal do verbo como transitivo direto: ele lamentou (= lastimou) o fato. Trata-se de situações em que o verbo, por um lado, apresenta um emprego pronominalizado específico e semelhante ao dos essencialmente pronominais; e por outro, um uso transitivo não-pronominal, fato que não ocorre com os privativamente pronominais. Servem de exemplo: angustiar-(se), amedrontar-(se), apaixonar-(se), dar-(se), desabafar-(se), entusiar-se, esforçar-(se), impacientar-(se), orgulhar-(se), preocupar-(se), sentir-(se), etc.

b) Em outros casos, o pronome oscila, oblíqua e dissimuladamente, entre a medial reflexiva (stricto sensu) e a medial dinâmica (lato sensu), isto é, entre se-OD e se-PIV, ou melhor, uma espécie de se-PIV ad hoc. Por ex.: apresentar-(se), convencer-(se), desvalorizar-(se), descontrair-(se), conscientizar-(se), preparar-(se), recuperar-(se), etc. Seria o caso de chamar o pronome, nestas situações de um se mu-

tante? Esta oscilação parece sugerir que o grau de integração do sujeito na ação verbal (representada pela presença do reflexivo) não é tão intenso quanto o que ocorre na situação anterior, a qual, por sua vez, configura uma situação muito próxima da integração extrema e irreversível presente nos verbos privativamente pronominais.

c) Há também a situação oposta: é o caso dos verbos despronominalizados, que, na condição de ex-pronominais, passam a intransitivos, afastando-se do uso medial e definindo-se pelo pólo verbal da voz ativa. Nesses casos, a presença do pronome parece se revestir de um caráter eventual e fortuito, à semelhança do uso expletivo (cf. ir-(se), rir-(se), etc.), levando-o a oscilar entre as atribuições de se-PIV ad hoc e se-PR, como, por ex., em ela (se) sentou, ele (se) levantou, Pedro (se) casou, etc. Sousa da Silveira e Barbadinho apresentam extensas listas desses verbos.

Em resumo, no eixo sintagmático, em alguns casos, define-se e consuma-se o comportamento sintático do pronome; em outros, permanecem as fronteiras ambíguas a que fizemos referência, devidas, em última instância, à origem medial comum tanto ao se-OD como ao se-PIV (e até mesmo ao se-PR na medial expletiva), facetas oblíquas, e por vezes dissimuladas, de u'a mesma moeda: a voz medial. Não percamos de vista que, no fundo, todo se-PIV é um se-OD fossilizado.

Infelizmente, os dicionários de regência verbal disponíveis não dão conta dessas ambigüidades e sutilezas, registrando tais verbos, indistintamente, como pronominais.

Neste trabalho, tivemos oportunidade de chamar a atenção para o problema, tentando sugerir critérios de classificação do pronome, em alguns casos; e, em outros, ressaltando que somente o uso poderá definir certas ambivalências e idiossincrasias próprias do comportamento sintático do nosso reflexivo.

2) Gostaríamos agora de relacionar estas reflexões a respeito dos verbos pronominais com o uso da estrutura sintática impessoal [suj. Ø + v. 3ª p.s. + se-IIS]. É que dissemos alhures que os referidos verbos não se prestam ao emprego impessoal. Por isso, não aparecem na mencionada estrutura. Cumpre, a esta altura, aprofundar este ponto.

Além das restrições mencionadas no capítulo 3 (incompatibilidade fônica, sintática e de uso), podemos acrescentar que nos verbos essencialmente pronominais, o se, na condição sintática de PIV, reflete, mais do que em qualquer outra circunstância de uso medial, a integração intensa do sujeito na ação que dele emana. É por isso, também, que esses verbos não se prestam ao emprego impessoal, não ocorrem em orações de sujeito indeterminado. As construções de verbo essencialmente pronominal na 3ª pessoa, seja com nome anteposto, seja posposto ao verbo, serão sempre e necessariamente pessoais. Vejamos alguns exemplos:

"o povo se queixa" / "queixa-se o povo"

"o culpado se arrepende" / "arrepende-se o culpado"

"o aluno se suicidou" / "suicidou-se o aluno"

Estejam antes ou depois dos verbos pronominais acima, os nomes povo, culpado e aluno desempenharão sempre a fun

ção de sujeito. A nosso ver, trata-se de frases representativas da voz medial dinâmica, com o reflexivo desempenhando exclusivamente a atribuição sintática de se-PIV. E isto independentemente da presença, nos referidos sujeitos, dos traços semânticos humano e animado. Lembremos que na medial dinâmica existe a possibilidade de personificação de sujeitos não-humanos ou inanimados (v., por ex., o soneto A vingança da porta, de Alberto de Oliveira).

Já com os verbos acidentalmente pronominais, podem ocorrer situações de ambigüidade, devido à natureza sintática ambivalente desses verbos. Dispensamo-nos de exemplificar neste caso, já que no capítulo 4 tivemos oportunidade de analisar detalhadamente este ponto.

3) Ainda com referência à estrutura sintática impessoal [suj.  $\emptyset$  + v. 3<sup>a</sup> p.s. + se-IIS], gostaríamos de enfatizar a constatação desta tese, segundo a qual a referida estrutura tem, na sintaxe viva do português do Brasil, caráter generalizante. Ela comporta toda a gama da predicação verbal portuguesa, inclusive os verbos transitivos diretos, em construções reconhecidas pelos falantes como portadoras de valor ativo e impessoal, como por exemplo, aluga(m)-se casa(s), estuda-se latim, etc. Tais construções identificam-se com outras de igual valor, formadas com verbos intransitivos (vai-se à escola, dorme-se bem no inverno), transitivos indiretos (necessita-se de tempo) e de ligação (é-se feliz). Em todas, o pronome, esvaziado da função reflexiva, exerce a atribuição sintática de se-IIS. Em todas, o que existe é a noção de atividade e impessoalidade verbais.

4) Quanto à interpretação passiva dessas construções pronominais impessoais com verbo transitivo direto (tipo aluga-se casa, aceita-se encomendas, etc.), a linha de visada do futuro, com base na tendência atualmente observada, aponta no sentido de ficar a referida interpretação confinada ao âmbito gramatical da língua, "à esfera do eruditos", como diz Clóvis Monteiro. A não ser que a doutrina gramatical em vigor sobre o assunto acabe assimilando o sentimento, a esta altura patente na sintaxe viva, do valor ativo e impessoal das referidas construções. Como já fez, aliás, em outros pontos igualmente controversos da sintaxe portuguesa (cf. a polêmica e célebre questão da colocação de pronomes, para citar apenas um exemplo).

Conforme diz Rodrigues Lapa, "por ora, ainda lá não chegamos". Apesar das sábias e doudas ponderações de ilustres estudiosos brasileiros, como Sotero dos Reis, Said Ali, Antenor Nascentes, Celso Luft; e portugueses, dentre os quais se destaca o nome do próprio Rodrigues Lapa.

Com efeito, "ainda lá não chegamos", mas certamente para lá caminhamos, pois como ensina o Prof. Sílvio Elia,

(...) a norma culta não é obra de especialistas, fabricada em gabinetes. Ela se constitui através dos tempos, graças à profícua atividade das pessoas cultas, em gerações sucessivas. (...) Ela pré-existe e não pós-existe à análise e investigação dos doutos.<sup>2</sup>

<sup>2</sup> ELIA, Sílvio. *A língua portuguesa no mundo*, p. 21 (grifos do Autor).

E no momento atual da língua portuguesa no Brasil, "as pessoas cultas", aquelas que forjam a nossa norma culta, em sua grande maioria, sentimos e entendemos como portadoras de valor ativo e impessoal construções pronominais do tipo aluga-se casa, aceita-se encomendas. E essa conjugação de sentimento e entendimento lingüísticos certamente "pré-existe" à interpretação passiva que dessas construções faz a doutrina gramatical ainda em vigor.

Como palavras finais, encerraremos com algumas considerações pessoais sobre este trabalho, que, como toda humana obra, deve certamente conter acertos e falhas, méritos e deméritos.

Dentre os seus possíveis méritos, enquanto tentativa de contribuição pessoal e original para um melhor conhecimento da história e do comportamento sintático do pronome se, permitimo-nos a imodéstia de destacar os seguintes pontos:

1) A reunião, num esforço de síntese, do que já se escreveu de mais importante, no âmbito da filologia românica, sobre a categoria das vozes verbais, com destaque para a voz medial; e, especificamente, na esfera da filologia portuguesa, sobre o reflexivo se. Particularmente no que diz respeito aos verbos pronominais e à controversa questão da chamada passiva pronominal e seu confronto com a interpretação ativa e impessoal das construções em apreço.

2) A apreensão das principais fronteiras ambíguas, sob as quais, por vezes, se escamoteia à análise, de forma

oblíqua e dissimulada, o nosso pronome se,

3) Entendendo a língua como um sistema de modos de fazer e não de coisas feitas, empreendemos a detecção de tendências, em determinados casos; em outros, fizemos sugestões de análises possíveis, ambas com o sentido de contribuição pessoal a um conhecimento mais seguro do comportamento sintático do reflexivo.

4) O método adotado, que, ao articular os pontos de vista diacrônico e sincrônico, numa espécie de perspectiva panorâmica, pôde nos proporcionar, pela sua amplitude panorâmica, maior segurança para lidar com o assunto.

5) O enfoque lingüístico-filológico que adotamos possibilitou, por um lado, lançar mão das contribuições recentes da chamada lingüística moderna; e, por outro, permitiu o resgate da velha e boa tradição filológica brasileira, ultimamente relegada ao esquecimento nesses tempos atuais de gerativismos e transformacionalismos. Nesse sentido, procuramos fazer justiça aos nossos mestres do passado, sem os quais ainda estaríamos na idade da pedra em matéria de conhecimento lingüístico.

6) A conjugação, a partir de detecção de tendências, dos esforços de avaliação crítica e reflexão pessoal, a serviço da renovação do ensino da língua portuguesa no Brasil, especificamente no que diz respeito à sintaxe do pronome se, objetivo que nos propusemos, para além da finalidade acadêmica imediata desta tese.

Lamentamos não ter podido empreender pesquisa de campo que pudesse detectar o verdadeiro sentimento dos falantes considerados lingüisticamente cultos diante de certas construções pronominais suscetíveis de interpretação ambígua ou polêmica. Premido por prazos inadiáveis, infelizmente não pudemos levar a cabo tal empresa que fazia parte de nossas intenções primeiras.

De qualquer forma, o que aí se acabou de ler é fruto de obstinação e paciência. E principalmente de muito amor à língua portuguesa. A despeito das limitações pessoais e circunstanciais, inerentes a um trabalho desta natureza ( e que os mais doutos poderão apontar), esperamos, de consciência tranqüila e dentro de nossas humanas possibilidades, ter atingido os objetivos propostos. Afinal, quando não se pode fazer o que se deve, deve-se fazer o que se pode.

## 6 . BIBLIOGRAFIA

## 6. BIBLIOGRAFIA

1. AGUIAR, Martins de. *Notas e estudos de português*. 2. ed., Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1971.
2. ALMEIDA, Napoleão M. de. *Gramática latina*. 19. ed., São Paulo, Saraiva, 1983.
3. ANDRADE, Carlos Drummond de. *O poder ultra-jovem*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1973.
4. ARAUJO, A. Martins de & POMBO, Dinamérico P. *Português* 2. Rio de Janeiro, Universidade de Cultura Popular/Imprensa Nacional, 1966.
5. ARROYO, Leonardo. *A Carta de Pero Vez de Caminha*. São Paulo, Melhoramentos; Rio de Janeiro, INL, 1971.
6. AULETE, Caldas. *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa*. 2. ed. bras. Rio de Janeiro, Delta, 1964.
7. BARBADINHO NETO, Raimundo. *Sobre a norma literária do modernismo*. Rio de Janeiro, Ao Livro Técnico, 1977.
8. \_\_\_\_\_. *Tendências e constâncias da língua do modernismo*. Rio de Janeiro, Acadêmica, 1972.
9. BARBOSA, Jerônimo Soares. *Grammatica Philosophica da Língua Portuguesa*. Lisboa, Typographia da Academia das Sciencias, 1822.
10. BARRETO, Mário. *Fatos da língua portuguesa*. 3. ed., Rio de Janeiro, Presença/Casa de Rui Barbosa; Brasília, INL, 1982.

11. BASSOLS DE CLIMENT, Mariano. *Sintaxis latina*. 1. ed., Madrid, Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1956. (2 vols.)
12. BECHARA, Evanildo. *Lições de Português pela análise sintática*. 12. ed., Rio de Janeiro, Padrão, 1983.
13. \_\_\_\_\_. *Moderna gramática portuguesa*. 25. ed., São Paulo, Ed. Nacional, 1980.
14. \_\_\_\_\_. *Estudos sobre a sintaxe nominal na Peregrinação*. Tese de concurso para provimento da cátedra de Filologia Românica da Faculdade de Letras da UERJ (mimeo). Rio de Janeiro, 1963.
15. BENVENISTE, Émile. *Problemas de lingüística geral*. Trad. de Maria da Glória Novak e Luiza Neri. São Paulo, Ed. Nacional, 1976.
16. BLATT, Franz. *Précis de syntaxe latine*. Versão francesa pelo Autor. 1. ed., Paris Imprimerie Artistique en Couleurs, 1952.
17. BOURCIEZ, E. *Eléments de linguistique romane*. Paris, Klincksieck, 1956.
18. BRANDÃO, Cláudio. *Sintaxe clássica portuguesa*. 1. ed., Belo Horizonte, Imprensa UFMG, 1963.
19. CAMARA JR., J. Mattoso. *Princípios de lingüística geral*. 4. ed., Rio de Janeiro, Acadêmica, 1972.

20. CAMARA JR., J. Mattoso. *História e estrutura da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, Padrão/Prolivro, 1975.
21. \_\_\_\_\_. *Dicionário de lingüística e gramática*. 8. ed., Petrópolis, Vozes, 1978.
22. CAMÕES, Luís de. *Lírica completa*. Prefácio e notas de Maria de Lurdes Saraiva. Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1980.
23. \_\_\_\_\_. *Os Lusíadas*. Ed. organizada por António José Saraiva. Porto, Figueirinhas; Rio de Janeiro, Padrão, 1978.
24. CARDOSO, Wilton & CUNHA, Celso. *Estilística e gramática histórica*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1978.
25. CARRETER, F. Lázaro. *Diccionario de términos filológicos*. 3. ed., Madrid, Gredos, 1968.
26. CARVALHO, Castelar de. *Para compreender Saussure*. 5. ed., Rio de Janeiro, Presença, 1987.
27. \_\_\_\_\_. *Ensaio graciliano*. Rio de Janeiro, Ed. Rio, 1978.
28. CHEDIK, Antonio J. (org.). *NGB e sua elaboração*. Rio de Janeiro, Diretoria do Ensino Secundário, MEC, 1960.
29. COUTINHO, Ismael de Lima. *Pontos de gramática histórica*. Rio de Janeiro, Ao Livro Técnico, 1976.

30. CUNHA, Celso. *Gramática da língua portuguesa*. 2. ed., Rio de Janeiro, FENAME, 1975.
31. \_\_\_\_\_. *Gramática do português contemporâneo*. Belo Horizonte, Bernardo Álvares, 1970.
32. \_\_\_\_\_ & CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1985.
33. DIAS, A. Epifanio da Silva. *Sintaxe histórica*. 5. ed., Lisboa, Livraria Clássica Ed., 1970.
34. DÍAZ Y DÍAZ, Manuel C. *Antología del latín vulgar*. 2. ed., Madrid, Gredos, 1962.
35. DUBOIS, Jean. *Dicionário de lingüística*. Trad. coordenada por Izidoro Blikstein. São Paulo, Cultrix, 1978.
36. ELIA, Sílvio. *Orientações da lingüística moderna*. 2. ed., Rio de Janeiro, Ao Livro Técnico, 1978.
37. \_\_\_\_\_. *Preparação à lingüística românica*. 2. ed., Rio de Janeiro, Ao Livro Técnico, 1979.
38. \_\_\_\_\_. *A língua portuguesa no mundo*. São Paulo, Ática, 1989.
39. \_\_\_\_\_. "Em defesa da Velha Senhora". In: *Língua & texto* (revista do Círculo Lingüístico do Rio de Janeiro e da Academia Brasileira de Filologia). Rio de Janeiro, Salamandra, s/d.

40. ERNOU, A. et RIEMANN, O. *Syntaxe latine*. 7. ed. ,  
Paris, Klincksieck, 1942.
41. \_\_\_\_\_ et THOMAS, F. *Syntaxe latine*. 2. ed., Paris ,  
Klincksieck, 1984.
42. FARIA, Ernesto. *Dicionário escolar latino-português* .  
4. ed. .Rio de Janeiro, CENAME/MEC, 1967.
43. FERNANDES, Francisco. *Dicionário de Verbos e Regimes*.  
4. ed. Porto Alegre, Globo, 1971.
44. FERREIRA, Aurélio B. de Holanda. *Novo dicionário da  
língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro, Nova  
Fronteira, 1986.
45. GAFIOT, Félix. *Dictionnaire illustré latin-français*.  
Paris, Hachette, 1934.
46. GARRETT, Almeida. *Viagens na minha terra*. Ed. de An-  
tônio Soares Amora, texto por Helena de Figueiredo e  
Amora. Rio de Janeiro, Ediouro, s/d.
47. GAYA, Samuel Gili. *Curso superior de sintaxis españo-  
la*. 15. ed. Barcelona, Biblograf, 1987.
48. GIL VICENTE. *Obras completas*. 2. ed. Lisboa, Sá da  
Costa, 1951.
49. GRANDGENT, C. H. *Introducción al latín vulgar*. Trad.  
de Francisco de B. Moll. 2. ed. Madrid, Consejo Su-  
perior de Investigaciones Científicas, 1952.

50. HOFMANN, Johann Baptist. *El latín familiar*. Trad. e notas por Juan Corominas. Madrid, Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1958.
51. HUBER, Joseph. *Gramática do português antigo*. Trad. de Maria Manuela G. Delille. Lisboa, Calouste Gulbenkian, 1986.
52. JUCÁ (filho), Cândido. *Novo método de análise da linguagem*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1936.
53. KURY, Adriano da Gama. *Novas lições de análise sintática*. 2. ed. São Paulo, Ática, 1986.
54. \_\_\_\_\_. *Para falar e escrever melhor o português*. 2. ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1989.
55. LAPA, M. Rodrigues. *Estilística da língua portuguesa*. 6. ed. Rio de Janeiro, Acadêmica, 1970.
56. LAPESA, Rafael. *História de la lengua española*. 9. ed. Madrid, Gredos, 1981.
57. LEÃO, Duarte Nunes de. *Ortografia e origem da língua portuguesa*. Introdução, notas e leitura de Maria Leonor Carvalhão Buescu. Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1983.
58. LESSA, Luiz Carlos. *Modernismo brasileiro e a língua portuguesa*. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1966.

59. LLORACH, Emilio Alarcos. *Estudios de gramática funcional de español*. 3. ed. Madrid, Gredos, 1980.
60. LUFT, Celso Pedro. *Moderna gramática brasileira*. 3. ed. Porto Alegre, Globo, 1979.
61. \_\_\_\_\_. *Dicionário prático de regência verbal*. São Paulo, Ática, 1987.
62. MACEDO, Walmírio. *Dicionário de gramática*. Rio de Janeiro, Ediouro, 1979.
63. \_\_\_\_\_. *Método moderno e simples de análise sintática*. Rio de Janeiro, Ediouro, 1980.
64. MACHADO DE ASSIS. *Obra completa*. 5. ed. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1985.
65. \_\_\_\_\_. *Contos fluminenses*. Rio de Janeiro, Garnier, 1989.
66. MADVIG, J. R. *Grammaire latine*. Trad. de N. Theil. 4. ed. Paris, Librairie de Firmin - Didot et cie, 1881.
67. MAGNE, Augusto. *Grammatica latina*. 2. ed. Rio de Janeiro, Livraria Pimenta de Mello & Cia., 1930.
68. MAURER JR., Theodoro Henrique. *Gramática do latim vulgar*. Rio de Janeiro, Acadêmica, 1959.

69. MEILLET, Antoine. *Esquisse d'une histoire de la langue latine*. 5. ed. Paris, Hachette, 1948.
70. MELLO, Pedro de. *Ainda o pronome "se"*. Piracicaba , Typographia do "Jornal de Piracicaba", 1927.
71. MELO, Gladstone Chaves de. *Gramática fundamental da língua portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro, Ao Livro Técnico, 1978.
72. MEYER-LÜBKE, W. *Introdução ao estudo da glotologia românica*. Redacção portuguesa de Antonio da Guerra Júdice. Lisboa, Clássica, 1916.
73. MONTEIRO, Clóvis. *Português da Europa e português da América*. 3. ed. Rio de Janeiro, Acadêmica , 1959.
74. MULLER, Henri F. "The passive voice in vulgar latin". In: *The romanic review*, vol. XV. New York, Columbia University Press, 1924.
75. NARO, Anthony J. "The genesis of the reflexive impersonal in Portuguese: a study in syntactic change as a surface phenomenon". In: *Language*, vol. 52, nº 4, Baltimore, Linguistic Society of America, dezembro de 1976. pp. 779-810.
76. NASCENTES, Antenor. *O idioma nacional*. 3. ed. Rio de Janeiro, Acadêmica, 1960.

77. NASCENTES, Antenor. *O problema da regência*. 3. ed.  
Rio de Janeiro, Freitas Bastos, 1967.
78. NUNES, José Joaquim. *Crestomatia arcaica*. 8. ed. Lisboa, Livraria Clássica Ed., 1981.
79. \_\_\_\_\_. *Compêndio de gramática histórica portuguesa*.  
5. ed. Lisboa, Livraria Clássica Ed., 1956.
80. OITICICA, José. *Manual de análise (léxica e sintática)*.  
10. ed. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1953.
81. PEREIRA, Eduardo Carlos. *Gramática expositiva*. 86.  
ed. São Paulo, Ed. Nacional, 1926.
82. \_\_\_\_\_. *Grammatica historica*. 8. ed. São Paulo, Ed.  
Nacional, 1933.
83. PERINI, Mário A. *Para uma nova gramática do português*.  
1. ed. São Paulo, Ática, 1985.
84. PONTES, Eunice S. Lima. *Sujeito: da sintaxe ao discurso*.  
São Paulo, Ática; Brasília, INL, 1986.
85. POTTIER, Bernard. *Linguística geral*. Trad. e adaptação  
portuguesa de Walmírio Macedo. Rio de Janeiro, Presença/USU, 1978.

86. REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. *Esbozo de una nueva gramática de la lengua española*. 11. ed., Madrid, Espasa-Calpe, 1986.
87. REBECCA, Posner. *The romance languages (a linguistic introduction)*. Gloucester, Peter Smith, 1970.
88. REDONDO, J. A. de Molina. *Usos de "se"*. 3. ed., Madrid, Sociedad General Española de Librería, 1974.
89. REIS, F. Sotero dos. *Postillas de gramática geral*. 2. ed., São Luís, Tipografia Belarmino de Mattos, 1868.
90. RIBEIRO, Ernesto Carneiro. *Serões gramaticas*. 5. ed., Salvador, Livraria Progresso Ed., 1950.
91. ROBINS, R. H. *A short history of linguistics*. London, Longmans, 1969.
92. ROCHA LIMA, C. Henrique da. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 19. ed., Rio de Janeiro, José Olympio, 1978.
93. SAID ALI, M. *Gramática secundária da língua portuguesa*. 8. ed., São Paulo, Melhoramentos, 1969.
94. \_\_\_\_\_. *Dificuldades da língua portuguesa*. 5. ed., Rio de Janeiro, Acadêmica, 1957.
95. \_\_\_\_\_. *Gramática histórica da língua portuguesa*. 7. ed., Rio de Janeiro, Acadêmica, 1971.

96. SAID ALI, M. *Investigações Filológicas*. Rio de Janeiro, Grifo/MEC, 1975.
97. SAPIR, Edward. *A linguagem, introdução ao estudo da fala*. Trad. de J. Mattoso Camara Jr., 2. ed., Rio de Janeiro, Acadêmica, 1971.
98. SEQUEIRA, F. M. Bueno de. *A ação da analogia no português (sintaxe)*. Rio de Janeiro, Org. Simões, 1954.
99. SILVA NETO, Serafim da. *História do latim vulgar*. Rio de Janeiro, Ao Livro Técnico, 1977.
100. SOUSA DA SILVEIRA. *Fonética Sintática*. 2. ed. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1971.
101. \_\_\_\_\_. *Trechos seletos*. 8. ed., Rio de Janeiro, Briquet, 1966.
102. \_\_\_\_\_. *Textos quinhentistas*. 2. ed., Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1971.
103. \_\_\_\_\_. *Lições de português*. 7. ed., Rio de Janeiro, Livros de Portugal, 1964.
104. SOUZA, Paulino de. *Grammaire portugaise raisonnée et simplifiée*. Paris, Garnier, 1870.
105. TEYSSIER, Paul. *La langue de Gil Vicente*. Paris, Klincksieck, 1959.
106. TORRINHA, Francisco. *Dicionário português-latino*. 2. ed., Porto, Domingos Barreira Ed., s/d.

107. VAAANANEN, Veikko. *Introducción al latín vulgar*. Versão espanhola de Manuel Carrión. Madrid, Gredos , 1968.
108. VALLE, Rosalvo do. *Considerações sobre a "Peregrinatio Aetherial"*. Tese de livre-docência. Instituto de Letras, UFF (mimeo). Niterói, 1975.
109. VASCONCELLOS, J. Leite de. *Textos arcaicos*. 5. ed. , Lisboa, Livraria Clássica Ed., 1970.
110. VIEIRA, Antônio. *Sermões* (org. por Antônio Soares Amora). 2. ed., São Paulo, Cultrix, 1981.
111. WERNECK, Eugenio. *Anthologia brasileira, selecta em prosa e verso*. Rio de Janeiro, Francisco Alves , 1918.
112. WILLIAMS, Edwin B. *Do latim ao português*. Trad. de Antônio Houaiss. Rio de Janeiro, INL, 1961.
113. ZORRAQUINO, Maria Antonia Martín. *Las construcciones pronominales en español*. Madrid, Gredos, 1979.

## 7. APÊNDICE

## 7. APÊNDICE

Constam deste Apêndice recortes dos principais jornais e revistas do eixo Rio-São Paulo, reunidos durante os últimos dois anos. Neles ocorrem exemplos da estrutura sintática impessoal sem concordância (subj. Ø + v. 3ª p. sing. + se-IIS + nome plural), tipo aluga-se casas, aceita-se encomendas, etc.

Para não sobrecarregar o texto teórico, preferimos situá-los à parte, em espaço próprio.

ISTO É - 6/6/90  
 Nos ministérios, a rotina burocrática foi virada pelo avesso. Literalmente. O ambiente no Ministério do Trabalho e Previdência Social é emblemático. Perdem-se papéis e documentos. Gasta-se horas para se localizar pastas e a xerox está permanentemente congestionada. Os funcionários que há dois meses, quando houve a fusão dos

## MINISTÉRIOS MILITARES

Não foi preciso gastar munição. Uma simples operação matemática resolveu o impasse: o governo pediu que se demitisse mais funcionários civis do que existiam. O Exército, por exemplo, teria de demitir 18 mil de um quadro de 15 mil funcionários. Refeitas as contas, a Aeronáutica é que deverá perder mais gente: cinco mil funcionários.

ISTO É SENHOR 081 6/6/90

ISTO É Nº 1080  
 30/5/90

SOCIEDADE

Primeiro a "geladeira". Congele-se os funcionários temporariamente inativos. Deixe-os em disponibilidade. Em seguida, o descanso através de "dias fruitivos", como é chamado um talão de cupons de folga. A hierarquia dos cargos pode ser delimitada por janelas. Para cada função, uma quantidade proporcional de janelas - três para gerentes, quatro para chefes de departamento e seis para superintendentes. É possível, ainda, manter um estoque de "astronautas": funcionários cedidos que vão e voltam ao sabor dos ventos políticos. Em tempos de austeridade, o número deve ser reduzido: 23 no máximo.

JORNAL DO BRASIL - 30/5/90

VILLAS-BÔAS CORRÊA

Não é preciso mais do que verificação superficial, complementada por depoimento dos que trabalham no ramo, para confirmar a impressão de que a máquina burocrática enguiçou, está paralisada, como que acometida do estupor da surpresa. Tensa, com nervos em pandarecos, busca adivinhar as desgraças em caminho.



Convenhamos que não é para menos. Sobre a cabeça do servidor público, trata-se de maneira desdenhosa e com preconceituoso desrespeito, pendura-se ameaças em série, desde a desativação dos órgãos a demissão inapelável e sumária.

Perambular pela capital chilena não é uma tarefa difícil para os turistas. A cidade é praticamente cortada por uma avenida, que vai trocando de nome à medida em que se atravessa as comunas. Começa com o nome de Bernardo O'Higgins, passa a ser Providência na chique comuna do mesmo nome, até chegar a Apoquina, na elegante e moderna comuna de Lascondes. Paralela à avenida está a linha vermelha do metrô, extremamente rápido e funcional. Uma opção para quem cansar no meio do caminho.

1 9-5-90 - JB

ISTO É, 18/4/90

### Frase para sempre

**“Não se ajuda os pobres arruinando os ricos”**

Abraham Lincoln,  
Declaração ao Congresso, 1860

O golpe militar de 1964 fez de Prestes um de seus alvos. Para escapar com vida, mergulhou na clandestinidade. Sua influência incontestável na história do PCB afastou o partido de engajamento na luta armada, empreendida por setores da esquerda, no final dos anos 60. A decisão acertada não livrou companheiros do partido de tombarem diante da brutal repressão política do regime militar. Em 1971 o cerco em torno do próprio Prestes se fechava e numa operação bem-sucedida, da qual não se conhece detalhes, ele foi retirado do País. Viveu em Moscou até o retorno ao Brasil em 1979, nas asas da anistia. Os conflitos com os companheiros do PCB já tinham se tornado insuperáveis. Em 1983 Prestes acabou destituído da secretaria geral do partido. Ele passou a denunciar o PCB como um partido que “traiu a classe operária”. Sem Prestes, o PCB livrou-se do dogmatismo mas perdeu, irremediavelmente, sua maior lenda e seu vigor partidário.

ISTO É, 14/3/90

**“Não se pode alimentar expectativas entusiastas ou apocalípticas. O Congresso não pode mexer no essencial do plano, porque ele tem uma lógica própria.”**

— Deputado federal José Serra (PSDB-SP) no JORNAL DO BRASIL. Quinta-feira, dia 5.

• 8/4/90

ISTO É 14/3/90

# MULHER

**Se dá nomes latinos às plantas quando não se sabe o nome delas em português.**

2 -  1º caderno  domingo, 18/3/90

## Coluna do Castello

**Só o resultado pode justificar o pacote**

**S**e eu bem entendi, os cruzados novos que se tinha em contas bancárias, overnight e poupança estão congelados e transformados em poupança compulsória por 18 meses, salvos Cr\$ 50 mil que se pode tirar para despesas correntes. Já o



ISTO É, 28/2/90

POLÍTICA E ECONOMIA

cracia fardada. Daí, estar concentrando todo seu poder de fogo num alvo hoje frágil e sem força na tropa: o SNI.

Essa face da reforma do Estado fica nítida quando se deixa os gabinetes militares e se passa para os gabinetes civis. Um dado colhido pela Secretaria de

JB, 9/2/90

Caminhadas nas matas combinam esporte e prazer

Ghioldi Jacinto

da que se anda em grandes grupos e não se leve objetos de valor. "Infelizmente, fotografia é um hobby quase proibido em alguns locais", alerta.

Outro problema é a lixa: há o

ISTO É - 31-1-90

chega a custar US\$ 2 – os metais tradicionais custam a metade. As indústrias americanas produzem cerca de 30 milhões de toneladas de plásticos anualmente – aproximadamente a metade da colheita americana de trigo por ano –, pretendem investir mais nesse velho e sempre novo material. Essa produção não se destina apenas à indústria automobilística – entre outras aplicações, é usada na fabricação de sacos, garrafas, formas para freezer ou microondas. Discute-se, apenas, os efeitos ambientais dos plásticos.

da degradação. Outro processo seria, assim, a reciclagem. Destruído ou reciclado, o certo é que os plásticos se firmam cada vez mais na linha dos materiais avançados. Há nos Estados Unidos protótipos de residências construídos em 30% com plásticos. Cogita-se para um futuro não distante protótipos em que as várias formas de plásticos estejam presentes em 75% de uma casa.

Outro material que se destaca no início dos anos 90 tem uma receita de elaboração: uma resina de polímero, nela

ISTO É SENHOR/1063 - 3/1/90

ISTO É

EN

Hº 1062  
24/1/90

## O caçador de erros

O professor paulista Napoleão Mendes de Almeida explica por que se maltrata tanto o Português

P – Pode-se falar sobre participação estatal na língua?

R – Sim. Mas o governo não tem que se meter na língua. Na França, o último homem a lidar com a ortografia foi Voltaire. O que ele introduziu na Língua Francesa? O acento circunflexo para indicar que o "s" não é pronunciado. Então em vez de colocar "hospital" e pronunciar "hospital", tirou-se o "s" e colocou-se o circunflexo. No Brasil, faz-se reformas ortográficas para efeito de caixa.

## Censura na avenida

Ao longo da história dos desfiles na avenida ocorreu uma série de vetos. Alguns deles:

- Em 1939, a escola de samba Vizinha Faladeira foi desclassificada por utilizar o enredo *Branca de Neve e os Sete Anões*, considerado "pouco nacional". Naquela época, exigia-se temas estritamente brasileiros.
- Em 1969, os compositores Sílas de Oliveira e Mano Dácio foram chamados ao 1.º Exército para prestar depoimento sobre o uso da palavra "revolução" no samba-enredo. Ao saírem da sala do comandante, revolução se transformou em "evolução".
- No ano passado, a Beija-Flor de Joazeiro Trinta foi para a avenida com um Cristo Redentor coberto, por imposição da Igreja Católica.

VEJA, 10/10/1990

17/9/89

12 □

JB / O tan  
da me

**Fernando Pedreira\***

E, entre essas minorias gulosas, pode-se incluir (sem favor nenhum) os próprios parlamentares, com suas mordomias, seus trens da alegria, suas aposentadorias, seus honorários milionários e seus retorcidos sistemas eleitorais.

Na região do médio São Francisco, entre Bahia e Pernambuco, as águas do rio estão sendo usadas para fertilizar uma área onde se planta desde uvas e mangas até aspargos — uma cultura que chama a atenção em meio à caatinga. "Não é exagero dizer que pa", conta ele, que investiu 1 milhão cruzados novos no projeto.

VEJA, 22 DE NOVEMBRO, 1989

Médico e dentista JB  
treinam Amyr Klink  
para viagem no gelo 10/12/89

**Ines Knaut**

Doenças e outros males físicos que porventura conspiram contra Klink também foram previstos. Fraturas, infecções e até um enjôo no mar, ao qual mesmo experimentados navegadores estão sujeitos, serãoebelados com a ajuda de um kit médico-farmacêutico preparado pelo também amigo e velejador Edison Mantovani Barbosa, 41 anos, ex-chefe do pronto-socorro do Hospital Jabaquara, da rede pública, na capital paulista. Entre vários medicamentos, incluiu-se agulha e linha para suturar cortes e também uma massa plástica especial, moldável sob a ação do calor (50 graus centígrados do aquecedor de Klink), destinada a fazer canaletas de imobilização de eventuais membros fraturados.

JB Wilson Coutinho 28-10-89

souvenir de uma cidade, que desde da torre Eiffel odeia e depois venera o desregramento. Na Alemanha, cada cidade, que atinge um certo grau de modernização, luta para ter o seu museu, muitas vezes pouco se importando com o que vão betar lá dentro. Critica-se — e muito — os seus acervos apressados, alguns entulhados de obras pós-modernas caras, e, talvez, desnecessárias. O que é fundamental é que o museu esteja fincado numa cidade como outrora er.

**Uma revolução está em  
marcha na ilha de Fidel Castro.  
Troca-se dólares por  
perfumes, sapatos e camisetas**

JB - 28/10/89

Luciano Trigo

O GLOBO  
10/11/89



**PROCURA-SE JOVENS**

Ricardo Amaral procura moças e rapazes para recepção, garçons e barmen com muita animação e vontade de trabalhar no Banana Café.

Banana Café é mais que um café.  
É um estilo de vida.  
Local de trabalho: Ipanema

Apresentar-se a partir de hoje entre 11 e 14 horas e 17 e 19 horas.  
Rua Barão da Torre, 368

JB Wilson Coutinho 10/9/89

Quem gosta da realidade acaba descobrindo trechos emocionantes de fábulas no próprio cotidiano. Foi o que aconteceu, domingo passado, com o fato que começou com o sinalizador atirado por Rosemary Melo na partida de futebol entre o Brasil e o Chile. Não é preciso reclamar de uma Isak Dinesen, a Sherazade do norte, e autora de *A festa de Eabette e História imortal*, essa filmada por Orson Welles. Basta um olhar epifânico. Eis a história: era uma vez um país miserável, onde não havia nenhum senso de Justiça. Roubava-se, realizava-se furtivas, acordava-se e dormia-se na impunidade. O desenrolar

JB Wilson Coutinho 13/8/89

Por causa de cerca de duzentos bonecos, ofertados pela bela senhora Lily de Carvalho ao Museu Histórico Nacional, a cultura nacional entrou em alta atividade. Atividade demais para poucas verbas. Telefonou-se, agitou-se, pediu-se cabeças. O ministro José Aparecido, que na cultura não chegou a ser do

quando ele assinará a demissão de Iole e nomeará oficialmente sua substituta. Não se prevê surpresas, apenas o que já foi combinado na aliança política entre janismo e stalinismo. Por enquanto, como manda a praxe, Anna Letycia economiza palavras: "Prefiro esperar pelo rumo dos acontecimentos", diz. "Na gestão do ministro Aluísio Pimenta eu também cheguei a ser convidada para assumir a direção do instituto, mas pressões dos meios militares me discriminaram por ser de esquerda e não pude ser empossada."

VEJA, 27/9/89

Uma novidade surge na França. Uma cirurgia que não exige o congelamento de córneas extraídas para transplantes.

Assim, não se danifica as córneas

AFINAL

20/12/88

**Na região de Maringá, a 428 quilômetros de Curitiba, 95% da agricultura é mecanizada. Ali se planta trigo, soja, milho e algodão com níveis de produtividade semelhantes aos dos países desenvolvidos. Os 15 000 trabalhadores rurais da região recebem em média 600 cruzados novos por mês**

VEJA, 1.º DE NOVEMBRO, 1989

JB

Wilson Coutinho 20/8/89

O Brasil, é pena, sempre viveu a três doses abaixo da modernidade nunca dispensando a sua embriaguês. Fica fanfarrão por estar a passos de ser moderno e sofre da abstinência por não sê-lo. É uma síndrome estranha, porque no próprio moderno embute-se o arcaico, que já vem carimbado por datas históricas. Quando Baudelaire cunhou, em 1855, a expressão "arte moderna", aqui caçava-se escravos no mato, com a desenvoltura de heróis de butins. A elite

VEJA 13/4/89

As universidades passaram a escolher, através do voto de seus professores, funcionários e alunos, seus dirigentes. No primeiro momento, o resultado foi positivo. Aquelas lideranças que ganharam prestígio durante a ditadura militar foram alçadas ao poder. Um exemplo: o físico José Goldemberg, atual reitor da USP. "A universidade tem que ser vista como o lugar onde se ensina e se faz pesquisa. Estudantes e funcionários devem participar da vida acadêmica, mas não podem ter o mesmo poder de decisão dos professores, que são líderes,

29/4/89 Etevaldo Dias JB

Em outro momento da discussão, Dorothea questionou porque na Lei de Greve impunha-se as penas de prisão, e na medida provisória de defesa do consumidor, apenas aplicava multas. Saulo sentiu-se ofendido com a pergunta, porque entendeu que a ministra o colocava sob suspeita de favorecer empresários, e respondeu utilizando-se dos argumentos jurídicos.

**José Goldemberg** (reitor da Universidade de São Paulo) - "Sou contrário às eleições diretas para reitores de universidades. Essa idéia de cada cabeça um voto só é válida para governadores e prefeitos. Dentro das escolas discute-se assuntos especializados e o voto não tem cabimento. Seria como eleger o cirurgião que vai realizar uma operação dentro de um hospital. Acho, sim, que deve haver representantes da comunidade nos conselhos universitários. O da USP, por exemplo, tem representação de alunos e funcionários e, lá, eles podem manifestar seus pontos de vista. Eleições diretas para reitor são uma idéia equivocada de democracia.



JB-7/6/89

# COMPRA-SE OBJETOS ROUBADOS.

Na madrugada da última quarta-feira, a Assessor recebeu a visita dos amigos do alheio.

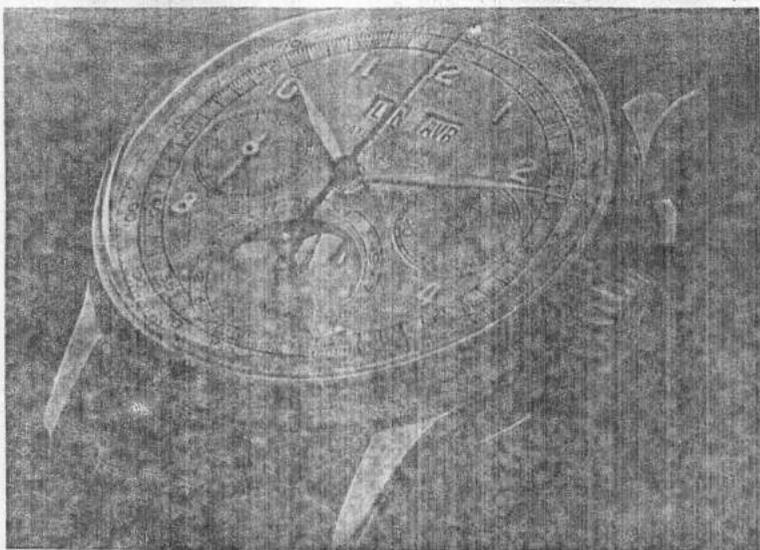
Na calada da noite, eles entraram em nossa empresa, arrombaram portas e gavetas, levando tudo que puderam.

fim a impunidade e o des- caso das autoridades. Que aos cidadãos possa ser ga- rantido, realmente, o direito de ir e vir com segurança. E que seja dado um basta a esta onda de criminalida-

Q GLOBOS - 18/11/88

SABE QUAL É  
O MELHOR  
JEITO DE SE  
COLOCAR  
A GELADEIRA  
E O FREEZER  
EM SUA  
COZINHA?

# PROCURA-SE



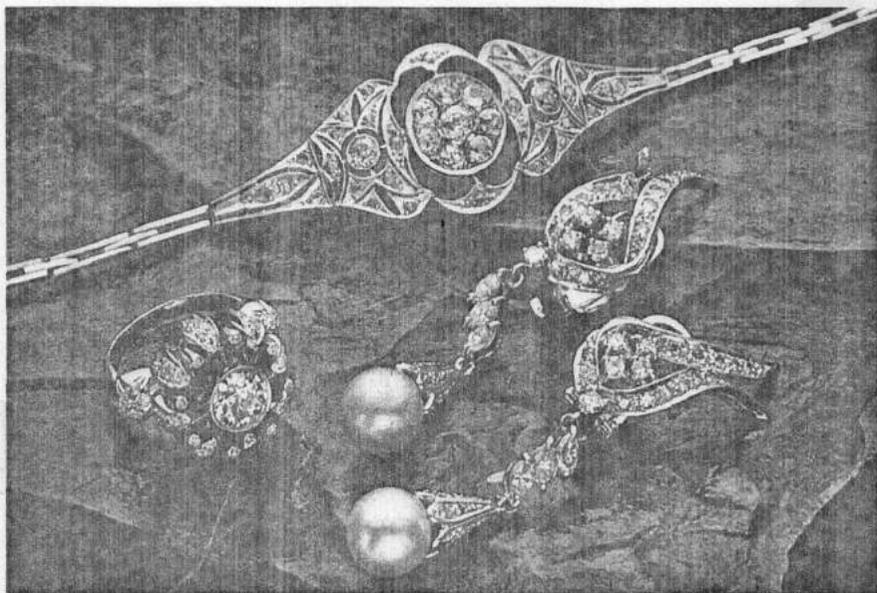
Relógios de pulso e de bolso antigos - 1920 a 1960.



Prataria estrangeira e antigüidades de alto nível.



Quadros estrangeiros antigos de qualidade.



Jóias antigas em platina ou ouro e brilhantes acima de 2 quilates.

Aldo Marchand paga os mais altos preços internacionais por relógios de pulso e de bolso de 1920 a 1960 das marcas Patek Philippe, Audemars Piguet, Cartier, Vacheron et Constantin, Rolex, Girard Perregaux, Movado, Jeager Le Coultre e Longines. Em ouro, aço e platina. Jóias antigas importantes, de classe, com brilhantes, safiras, esmeraldas, rubis e pérolas. Brilhantes de todas as cores acima de 2 quilates, prataria estrangeira e antigüidades de alto nível, quadros de pintores estrangeiros de qualquer época pintados sobre tela ou madeira, de alto nível. Atendemos somente com hora marcada. Enviar fotos coloridas com as especificações.

VEJA  
31/5/89



**ALDO MARCHAND**

Rua Haddock Lobo, 1327 - 3º andar  
CEP 01414 - Tel.: (011) 883-5066 - SP  
Estacionamento próprio com manobrista

CARVALHO, Castelar de. O pronome se: uma palavra oblíqua e dissimulada. Tese de Doutorado em Língua Portuguesa apresentada à Coordenação dos Programas de Pós-Graduação da Faculdade de Letras da UFRJ. Rio de Janeiro, 1990. x, 373 fls.

#### ABSTRACT

Linguistic-philological research about the historic evolution and syntatic performance of the reflexive pronoun se.

Diachronic and synchronic (panchronic) study of the syntatic functions and attributions of the pronoun se in Classic Latin, Vulgar Latin and Portuguese.

Analysis and interpretation of the corpus represented by texts of Brazilian and Portuguese writers, written press and by the NURC Project inquiries (dialectal research on the high level urban linguistic usage) of the Faculty of Letters of Rio de Janeiro Federal University (UFRJ).

Tendencies detection, critical appreciation and personal reflections about the subject in the field of Grammar, Romanic and Portuguese Philology and Linguistics.

CARVALHO, Castelar de. O pronome se: uma palavra oblíqua e dissimulada. Tese de Doutorado em Língua Portuguesa apresentada à Coordenação dos Programas de Pós-Graduação da Faculdade de Letras da UFRJ. Rio de Janeiro, 1990. x, 373 fls.

## RÉSUMÉ

Recherche linguistique-philologique sur l'évolution historique et le comportement syntaxique du pronom réfléchi se.

Étude diachronique et synchronique (panchronique) des fonctions et attributions syntaxiques du pronom se dans le Latin Classique, Latin Vulgaire et Portugais.

Analyse et interprétation du corpus représenté par des textes d'auteurs brésiliens et portugais, de la presse écrite et par les enquêtes du Projet NURC (recherche dialectologique de l'Usage linguistique Urbaine Culte), de la Faculté de Lettres de l'Université Fédérale de Rio de Janeiro (UFRJ).

Détection de tendances, appréciations critiques et réflexions personnelles sur le sujet dans la sphère de la Grammaire, Philologie Romane et Portugaise et Linguistique.